

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA**

LUGARES E TERRITÓRIOS NA CULTURA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Venilson Luciano Benigno Fonseca

**BELO HORIZONTE
AGOSTO DE 2014**

VENILSON LUCIANO BENIGNO FONSECA

LUGARES E TERRITÓRIOS NA CULTURA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais
como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço
Linha de Pesquisa: Teoria, Métodos e Linguagens em Geografia
Orientação: Professor Cássio Eduardo Viana Hissa

**IGC – UFMG
Belo Horizonte
Agosto de 2014**

VENILSON LUCIANO BENIGNO FONSECA
LUGARES E TERRITÓRIOS NA CULTURA DO FUTEBOL BRASILEIRO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Para Davi

AGRADECIMENTOS

Por diversas vezes tentei escrever esta seção: “Agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram com este trabalho”. Ora, este é o texto padrão, a singela frase que usamos para dizer que foram muitas as pessoas que deram sua contribuição ao longo do tempo. De fato, no meu caso, devo muitos “Obrigados” a tanta gente, que realmente é impossível conseguir escrever o nome de todos aqui. Mas, se a impossibilidade de nomear a todos existe, por outro lado existe o meu reconhecimento, a minha gratidão e, principalmente, a minha dívida – impagável! – com todas estas generosas pessoas.

Existem, então, três grupos de pessoas a honrar, sem hierarquias tolas: aquelas tantas que contribuíram mesmo sem o perceber, nas conversas informais, nos diálogos fortuitos, quase ao acaso. Alguns estudantes da Graduação em Geografia do IFMG Ouro Preto que se propuseram a pensar comigo algumas questões e foram bons ouvintes das minhas ideias iniciais. O segundo grupo é o familiar: esposa, filho, pais, irmãos... esses contribuíram com a paciência, com o carinho, com a conversa franca, amiga, apaixonada! O terceiro são aquelas pessoas que participaram ativamente da minha caminhada, com seus elogios, com suas críticas duras (de início com sabor amargo, mas depois do meu amadurecimento, tornaram-se gradativamente mais doces) e a indicação de caminhos, das armadilhas e perigos da aventura da tese.

Desta forma, do primeiro grupo, elejo alguns nomes, através dos quais externo a minha gratidão para com todos os outros: Sr. Laurito Resende & Maria Resende, pelo empréstimo de sua adorável chácara, na comunidade de Carreiras, em Ouro Branco – MG, onde encontrei a paz necessária para a escrita do texto, na companhia de patos, beija-flores, girassóis, galinhas, bois, grilos e sapos, vaga-lumes e corujas. No segundo, Carla & Davi, esposa e filho, amiga e irmão.

Do terceiro: Cássio Hissa, orientador, amigo, pai. Os membros da banca: Dora, André, José: generosos e parceiros. Meus colegas de estudos no IGC: Carla, Malu, Marimar, Simone, Adriana, Júlia, Fabiana, Bruno, Amador, todos os outros, tantos outros.

Por fim, agradeço ao Instituto Federal Minas Gerais, Campus Ouro Preto, pela concessão do necessário afastamento das atividades docentes. Ao Instituto de Geociências da UFMG, minha segunda casa desde 1997, quando iniciei minha graduação em Geografia. Aos funcionários da Secretaria da Pós Graduação: desde a saudosa Paula, até aos atuais. Ao Colegiado de Pós Graduação em Geografia, que sempre acolheu meus pedidos e súplicas com bondade e compreensão. Enfim, todos os funcionários do IGC, da cantina, da biblioteca, da portaria, da limpeza.

Para todos: um abraço carinhoso!

RESUMO

Discute-se e questiona-se, aqui, a existência de um centro e suas margens na cultura do futebol brasileiro; e tais reflexões se dão sob a referência de conceitos indispensáveis à compreensão dos clubes de futebol e de sua existência: lugar e território. Para tanto, buscou-se investigar a idealização, construção ideológica e cristalização deste centro — representado pelas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo — ao longo do século XX, através da imprensa escrita, do rádio e da televisão, além da busca pelos primórdios do futebol no Brasil e o seu posterior desenvolvimento. A relação dos clubes com seus lugares de origem e a mundialização do futebol moderno enquanto espetáculo de massas também merece destaque. Em outra frente de trabalho aberta pelo desenvolvimento da tese, pesquisou-se a participação dos principais clubes brasileiros no decorrer de quatro das maiores competições de futebol no Brasil: Taça Brasil: 1959-1968; Torneio Roberto Gomes Pedrosa: 1967-1970; Campeonato Brasileiro: 1971-2013; e Copa do Brasil: 1989-2013. Um mosaico de clubes e suas participações tem lugar central na discussão sobre o imaginário cultural comum, que localiza nas cidades do Rio e de São Paulo o centro do futebol nacional, redundando na criação, em paralelo, de suas margens e, algumas delas, já adquirem — nos gramados — a condição de centralidade. A hegemonia do centro nas conquistas destas competições nos mostrou claramente o papel fundamental da mídia, da ideologia e do poder econômico, que atuam explícita ou implicitamente na fabricação de resultados de partidas, tanto na alteração de regulamentos das competições após o seu início, bem como na atuação decisiva de árbitros e seus erros inadmissíveis, quase sempre contra os clubes exteriores ao eixo Rio/São Paulo, sem contar as vezes em que determinada competição foi decidida na Justiça Comum. Concluiu-se que este centro, fabricado e cristalizado na cultura do futebol nacional, não se sustenta após o escrutínio geral levado ao cabo pela pesquisa, e que, mais do que nunca, mostra-se como um produto, uma mercadoria vendável e adaptável às necessidades daqueles que comandam, direta ou indiretamente, os rumos do futebol no Brasil.

Palavras-chave: Lugar. Território. Cultura. Futebol. Rádio. TV.

ABSTRACT

The existence of a center versus periphery relationship in the realm of Brazilian football culture is dealt with in the present thesis. Such a reflection is carried out in light of some essential concepts for the understanding of football teams and their existence, such as place and territory. An investigation into the idealization, ideological construction and crystallization of such a center – represented by the cities of Rio de Janeiro and São Paulo – through the written press, radio and television along the 20th century is carried out. We also analyze the beginnings and further developments of football in Brazil as well as the relationship among teams with their places of origin and the internationalization of modern football as a form of mass entertainment. Another focus of analysis relates to the participation of the major Brazilian teams in the four main Brazilian football competitions: the Taça Brasil: 1959-1968; the Torneio Roberto Gomes Pedrosa: 1967-1970; the Campeonato Brasileiro: 1971-2013; and the Copa do Brasil: 1989-2013. A mosaic of teams and their contribution take a central role in the ensuing discussion about a common popular imagery which locates the cities of Rio and São Paulo as the centers of national football, leading to the creation, in parallel and in the playing field, of the periphery and the center statuses. The hegemony of the center in winning the aforementioned competitions has clearly shown us the fundamental role of the media, of ideology and the economic power in, explicit or implicitly, fabricating match results through the changing of game rules along the tournaments, as well as through the referees' unacceptable and decisive mistakes almost always made against teams outside the Rio-São Paulo axis, not to mention the times a competition was won at a Common Court. In concluding, it is claimed here that such a fabricated and crystallized national football center does not bear the research scrutiny, revealing itself just a commodity which effectively serves, direct or indirectly, the interests of those who control the course of football in Brazil.

Keywords: Place. Territory. Culture. Football. Radio. TV.

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo discutir y cuestionar la existencia de un centro y sus periferias en la cultura del fútbol brasileño, por medio del uso de categorías de análisis geográfico, tales como lugar y territorio y sus nociones de pertenencia y control. Con este fin, hemos tratado de investigar la idealización, la construcción y la cristalización de este centro –en particular las ciudades de Río de Janeiro y São Paulo – a lo largo del siglo XX, a través de la prensa escrita, la radio y la televisión, además de la búsqueda de los orígenes del fútbol en Brasil y su posterior desarrollo. La relación de los Clubes con sus lugares de origen y la mundialización del fútbol moderno como espectáculo de masas también mereció destaque. En otro frente de trabajo que se abrió en el desarrollo de la tesina, se investigó la participación de los principales Clubes brasileños en el transcurso de cuatro de los mayores torneos de fútbol de Brasil: la Copa Brasil: 1959-1968; el Torneo Roberto Gomes Pedrosa: 1967-1970; el Campeonato Brasileño: 1971-2013; y la Copa de Brasil: 1989 a 2013. Este mosaico de Clubes y sus participaciones tienen un lugar central en la discusión sobre el imaginario cultural común, que localizó en las ciudades de Río de Janeiro y Sao Paulo el centro del fútbol nacional, lo que resulta en la creación, paralelamente, de sus subcentros y periferias. La hegemonía del centro en las conquistas de estos torneos nos mostró claramente el papel fundamental de los medios y el poder económico, que actuó explícita o implícitamente en la fabricación de resultados de partidos, tanto en la alteración de reglamentos de los torneos después de que hubieran empezado, como también en la actuación decisiva de árbitros y sus errores inadmisibles, sin contar las veces en las que determinado partido fue decidido en la Justicia Común. Se concluye que este centro, fabricado y cristalizado en la cultura del fútbol nacional, no se sostiene después del escrutinio general llevado a cabo por la investigación y que, más que nunca, se muestra como un producto, una mercancía vendible y adaptable a las necesidades de aquellos que comandan, directa o indirectamente, los rumbos del fútbol en Brasil.

Palabras clave: Lugar. Territorio. Cultura. Fútbol. Radio. TV.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

FIGURA 1 - AS PRÉ-CONDIÇÕES PARA UM SUPERCLUBE SEGUNDO A PLURI CONSULTORIA ...	121
FIGURA 2 - CLASSIFICAÇÃO FINAL: BRASILEIRO 2012, SEGUNDO CBF E PLACAR REAL	247
FIGURA 3 - MAIORES FAVORECIDOS E PREJUDICADOS EM NÚMERO DE PONTOS E POR POSIÇÃO: BRASILEIRO DE 2012	248
QUADRO 1 - ANO E LOCAL DE INSTALAÇÃO DE ALGUNS CANAIS DE TELEVISÃO NO BRASIL: 1950-1967	11
QUADRO 2 - CAMPEÕES E VICES DA TAÇA BRASIL – 1959-1968	177
QUADRO 3 - QUATRO PRIMEIRAS POSIÇÕES NO ROBERTÃO – 1967/1970	188
QUADRO 4 - BRASILEIRO DE 2013: CLASSIFICAÇÃO ALTERADA	252
QUADRO 5 - CAMPEÕES E VICE-CAMPEÕES DA COPA DO BRASIL – 1989/2013	263
QUADRO 6 - CLASSIFICAÇÃO DO TRIANGULAR ANTES DE BOTAFOGO X ATLÉTICO EM 1971	279
TABELA 1 - NÚMERO DE TELEVISORES P&B E A CORES EM USO NO BRASIL	91
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TÍTULOS DO CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A POR ESTADO	191
TABELA 3 - CAMPEÕES DO BRASILEIRÃO 1971/2002: CRITÉRIO APROVEITAMENTO	275
TABELA 4 - OS CAMPEÕES SÃO OS MELHORES?	286

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
INTRODUÇÃO	15
PARTE 1 - QUEM MANDA NO FUTEBOL BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO DO PODER	28
AS PRIMEIRAS DÉCADAS E A INVENÇÃO DO CENTRO DO FUTEBOL BRASILEIRO: QUEM MANDA NO FUTEBOL DO PAÍS?	29
O FUTEBOL BRASILEIRO PELA IMPRENSA ESCRITA DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO: 1930-1960	42
O FUTEBOL BRASILEIRO PELAS ONDAS DO RÁDIO	55
APONTAMENTOS SOBRE O INÍCIO E DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FORA DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO	66
PARTE 2 - TELEVISÃO E FUTEBOL	84
A IMPORTÂNCIA DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DISSEMINADA DO CENTRO DO FUTEBOL BRASILEIRO	85
NOVAS TECNOLOGIAS E A TELEVISÃO EM REDE	92
O FUTEBOL BRASILEIRO E A TV	103
INTEGRAÇÃO NACIONAL PELA IMAGEM E O FUTEBOL NAS NOVELAS: UMA DUPLA DE CORAGEM	111
A COMERCIALIZAÇÃO E A ERA MODERNA DO FUTEBOL: NA TELEVISÃO E FORA DELA	116
PARTE 3 - CLUBES, LUGARES E TERRITÓRIOS	128
CLUBES E LUGARES	129
OS CLUBES NOS SEUS LUGARES	133
CLUBES, LUGARES E TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA	150
RIVALIDADES NOS LUGARES E TERRITÓRIOS	162
PARTE 4 - FUTEBOL BRASILEIRO: UMA LEITURA DAS COMPETIÇÕES	172
TORNEIOS E TROFÉUS	173
TAÇA BRASIL: 1959 – 1968	176
DO TORNEIO RIO/SP — ROBERTO GOMES PEDROSA — AO ROBERTÃO: 1950 – 1970	187
CAMPEONATO BRASILEIRO: 1971 – 2013	188
COPA DO BRASIL – 1989/2013	260
PASSO A PASSO: ENTRE OS OITO, ENTRE OS QUATRO, ENTRE OS DOIS - A FABRICAÇÃO DE CAMPEÕES EM UMA ESTRUTURA VICIADA	272
PARTE 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	290
REFERÊNCIAS	300

PRÓLOGO: FRAGMENTOS DE LEMBRANÇAS QUE SOBREVIVEM

*Me vejo no que vejo
Como entrar por meus olhos
Em um olho mais límpido
Me olha o que eu olho
É minha criação
Isto que vejo
Perceber é conceber
Águas de pensamento
Sou criatura
Do que vejo.*

Blanco, poema de Octavio Paz.

A primeira recordação que consigo extrair da memória, sobre algum fato relacionado ao futebol, vem da Copa de 1982, no jogo entre Brasil x URSS: mais precisamente o gol de Éder Aleixo no considerado melhor goleiro do mundo à época, Dassaiev: a bola veio da direita do ataque brasileiro, num passe da lateral do campo, próxima a área, em diagonal, para trás. Um jogador — possivelmente Falcão — simplesmente abre as pernas e deixa a bola passar para Éder, que domina com a perna direita, levantando a bola para um dos chutes mais espetaculares que já vi na vida, de esquerda, estufando as redes de um Dassaiev¹ que sequer se mexeu na jogada.² A pequena sala da minha casa estava tomada de gente, talvez meus irmãos e pais, todos vestidos de verde e amarelo, combinando com as bandeirolas das ruas, com as pinturas dos muros, dos passeios e casas do meu bairro, em Conselheiro Lafaiete, interior de Minas

¹ Dassaiev, naquele momento, era considerado um dos melhores goleiros do mundo.

² É curioso que tenham ficado vivas na memória todas essas lembranças, ressaltando o jogador que deixou, em corta-luz, passar a bola para Éder Aleixo. Era mesmo Falcão, é o que se pode ver, após a consulta dos vídeos disponíveis.

Gerais. Aos gritos de *Brasil! Brasil! Brasil!* saí correndo para o jardim de casa, até o muro, onde estava fincada a bandeira do... Galo! Do alto dos meus seis anos de idade, a bandeira do Galo era a bandeira do Brasil, pois, afinal, Éder era jogador do Atlético e havia feito o gol da vitória para todos os atleticanos e brasileiros.

Aquele jogo, contudo, começou muito mal, com Valdir Peres falhando miseravelmente, levando um *peru*³ histórico, em um chute de fora da área que abriu o marcador para os soviéticos: senti muita raiva dele — sentimento de menino —, em especial porque o goleiro que *deveria* estar ali não estava e se chamava João Leite. Era o que eu pensava, ali, naquele momento de criança que, mesmo assim, já caminhava na direção da adolescência atleticana. Mas o Brasil virou e venceu a partida por 2 a 1, gols de Sócrates e Éder.

Mas toda essa alegria só se compararia em magnitude ao choro convulsivo após a derrota para a Itália, por 3 a 2, no Estádio Sarriá. Essa dor de menino foi tão grande que, durante os seguintes trinta anos da minha vida, não consegui assistir novamente os gols daquela partida sem me emocionar; o que me fez confundir os jogos, misturar os lances e acreditar, erroneamente, que Valdir Peres havia tomado o seu *peru*⁴ no jogo contra a Itália e Éder havia feito o único gol da partida contra a URSS.

Lembro-me bem do *Laranjito* — na verdade, se chamava *Naranjito* — desenhado no muro da minha casa, que, após a derrota do Brasil, parecia rir da gente toda vez que utilizávamos a parede como o gol de nossas brincadeiras com bola; além do Araquém, que também foi pintado no muro, só que na Copa de 1986. Todas essas lembranças parecem se fundir em uma só imagem, mas que acabaram sendo suplantadas por outra, mais forte, porque experimentada por mim, ao vivo, com cores, sons e cheiros: a primeira partida de futebol que vi no Mineirão.

³ Um *peru* ou um *frango*... Um *frangueiro* ou um *peruzeiro*: é como dizem todos sobre o goleiro que deixa passar uma bola que, aparentemente, é fácil de ser interceptada.

⁴ Digo, aqui, que o goleiro Valdir Perez levou o seu *peru* ou o seu *frango* no jogo contra a Itália, pois o que focalizo, nesse início de reflexão, é aquele jogo naquela Copa do Mundo. Entretanto, Valdir Perez, em 1982, estava longe de ser uma unanimidade entre todos. Muitos diziam, sobre ele: é um *frangueiro*. Portanto, aquele não foi o *frango* de Valdir Perez, mas apenas um dentre vários outros. Está correto, entretanto, quem diz que todos os goleiros, inclusive os grandes e melhores, aceitam as bolas mais fáceis. Mas existem aqueles nos quais todos podem confiar. Não era o caso de Valdir Perez, naquele lance, pois não foi apenas uma eventualidade, ou uma obra do acaso.

Foi em um jogo do Atlético contra o Esportivo de Passos, pelo Campeonato Mineiro de 1986: mesmo tendo ido ao Mineirão outras dezenas de vezes nos anos seguintes, acho que nunca o vi tão grande, tão soberbo, com a grama tão verde e com uma torcida tão magnífica, quanto naquela tarde/noite. O Galo tinha João Leite, Luisinho, Oliveira, Sérgio Araújo, Nelinho, Zenon, Éverton, Edivaldo, Elzo, Nunes, dentre outros, e vencemos por 6 a 0; e o Galo comemorou mais um Título Mineiro — na época em que os Campeonatos Estaduais eram conquistas muito importantes e duravam quase o ano inteiro⁵. Parecia que todo mundo torcia pelo Atlético e não havia razões para duvidar disso ou para imaginar que alguém pudesse torcer por outro time, já que o Galo me parecia o melhor dos melhores.



Por outro lado, cresci ouvindo dizer que o Atlético havia sido *garfado* em diversos jogos, mormente contra o Flamengo, em jogos que, para uma criança, eram como outros quaisquer, mas que decidiram campeonatos. Ouvia histórias maravilhosas de um tal de Reinaldo e de como os adversários só o paravam na base da pancada. Mas, já em 1987, pude ter, ao vivo, uma grande decepção, quando perdemos um jogo de semifinal do Campeonato Brasileiro por 3 a 2, em pleno

Mineirão.⁶ De lá pra cá, muita coisa aconteceu no futebol do Brasil e do mundo, mas o que não mudou foi a minha paixão pelo Galo.

Fiz questão deste preâmbulo apenas para dizer que aquelas histórias sobre *roubos*, *tramóias* e *maracutaias* que, depois passaram a ser chamadas cinicamente de *choro de*

⁵ Eu poderia utilizar a internet agora, para ver detalhes da partida, dos jogadores, dos lances, mas, aqui, preferi optar pela utilização apenas da memória e das suas construções, engodos e invenções tendenciosas que ela, certamente, fez ao longo de tanto tempo.

⁶ Naquele ano de 1987, a decepção não foi apenas minha, mas de todos os atleticanos. Afinal, o Atlético havia vencido, de forma invicta, todos os turnos da competição. Invicto e favorito, o alvinegro jogou com um atleta a menos e, mesmo assim, não se sabe dizer se foi justo ou injusto o resultado, tamanha era a pressão que exerceu sobre os cariocas. Entretanto, em jogo — uma simulação de guerra —, não conta, como deveria, o que é justo ou injusto e, menos ainda, o que é correto ou não.

perdedor, começaram a fazer sentido e a me incomodar. Não somente isso, mas o meu envolvimento com o futebol, sempre crescente, me levou a gestar uma ideia de pesquisa, uma forma de aliar toda essa vontade e necessidade de futebol com uma busca que pudesse ser desenvolvida na Universidade: uma tese que se propusesse a desvendar um aparente mistério que envolve o futebol brasileiro. O desafio da pesquisa se construiu dentro desta perspectiva, de que seria possível pensar o futebol a partir da Universidade, sem ficar preso em seus muros e, mais precisamente, *dentro* daquilo que se convencionou chamar de Geografia.

Mas, também, este prefácio serve de alerta: um alerta simples, porém sincero. Esta tese, tal qual traduz o poema de Octavio Paz, só pode ser assim compreendida: vejo-me no que os meus olhos vêem. No fim, acabo sendo uma criação daquilo que meus olhos enxergam. Poderá também ser o inverso: muito do mundo que vejo e experimento é, também, feito dos meus olhos. O que aqui se apresenta nada mais é do que a minha própria versão a respeito daquilo que pesquiso e busco.⁷ Nada poderia ser mais incerto: nada poderia ter sido mais difícil. Lancei-me, mesmo, à aventura da pesquisa!

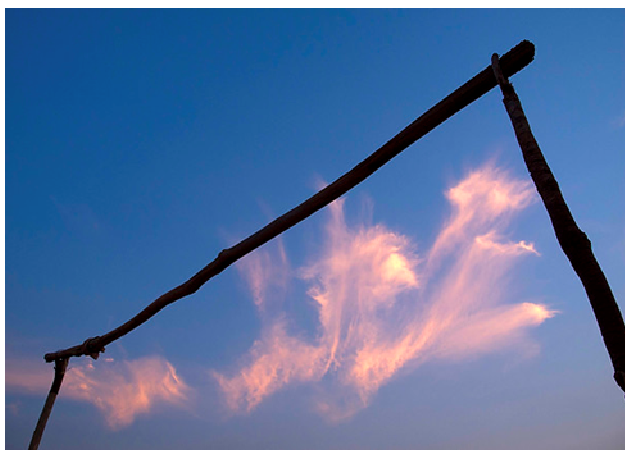
⁷ Afinal, não será assim, nesses mesmos termos, conforme observa Cássio Hissa (2013), o modo de o sujeito assumir a sua presença na sua própria interpretação? Como poderia ser diferente?

INTRODUÇÃO

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que 'futebol é a bola'. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: retira do futebol tudo o que ele tem de misterioso e de patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num corner mal ou bem batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural. Eu diria ao ilustre confrade ainda o seguinte: — em futebol, o pior cego é o que só vê a bola... Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: — a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão.

Nelson Rodrigues

Dentre tantas formas de enxergar o mundo, de escrever nele sua própria história, o futebol parece ser visto como uma das menos importantes. Durante um longo tempo, o futebol é tomado como o *mundo marginal* — no sentido mais pejorativo da palavra e da expressão — e dele se afastam os intelectuais, cientistas sociais, pesquisadores. Ver o mundo através do futebol: é uma frase sedutora, mas também sorrateira. O ato de ver talvez pressuponha a presença de imagens iluminadas e, neste sentido, o futebol serviria como óculos, uma lupa ou uma luneta, que nos permitisse enxergar o mundo — ou partes dele! Podemos, por assim dizer, que toda pesquisa



também é uma forma de dizer o mundo, de tentar dar sentido a uma ilusória realidade multifacetada, esquizofrênica, que todos os dias se desnuda a nós em seu cotidiano mais comum. Mas, ao mesmo tempo em que esta realidade se mostra a nós, não a enxergamos por inteiro e não temos como captá-la em sua totalidade. Logo, nos utilizamos de exercícios como a interpretação da cultura, da arte, dos exercícios da ciência para tentar retratá-la minimamente. Tais exercícios, por sua vez, encontram legitimidade e credibilidade em nossa cultura e em nossa sociedade, menos ou mais intensamente, na consideração, também, de quem os reescrevem, reinterpretam.

Embora tenha dito que existam muitas formas de ver o mundo, elas muitas vezes tornam-se contraditórias, concorrentes ou paralelas. Quase não há comunicação entre elas. É como se falassem — e em certo sentido falam mesmo! — línguas diferentes, se utilizassem de linguagens e imagens explicativas distintas entre si, fazendo com que as traduções de uma a outra — e de uma em outra — se tornem precárias e ainda muito obscuras. No interior das universidades também não é diferente, apesar dos discursos que apontam para uma congruência de ideias entre diversas formas de saber. Ainda que existam, essas iniciativas, quase todas — e cada vez mais muitas a fazer o completo todo — acabam sendo capturadas pela lógica de mercado ou mantendo o sentido da hierarquização de saberes, alocando o saber científico no topo e enxergando a Universidade como farol.

Futebol: uma temática em que se misturam enredos das mais variadas expressões culturais com *análises* ditas científicas, amarradas em uma trama que envolve o saber popular, interesses econômicos e, no caso brasileiro, uma mescla de valores que vão desde certa identidade nacional contida no esporte até um sentimento de pertencimento. O futebol, em seu cotidiano, presente, direta ou indiretamente, na vida da maioria das pessoas e, particularmente, no Brasil: a sensação que se tem é que o mundo, em suas diferentes formas de manifestação, nos é jogado em nossos rostos. O que se pretende dizer, de modo a sublinhar a importância da temática em questão? É possível enxergar, no futebol, e em tudo o que gravita em torno dele, diversos paradoxos sociais, conflitos econômicos, lutas de todos os tipos, violência, corrupção, além de dor, sofrimento, paixão e envolvimento popular. Talvez não haja nenhuma outra manifestação popular tão

característica quanto o futebol que, ao mesmo tempo, desperte uma ignorância cega e um preconceito injustificado.

Visto assim, do alto, ou muito de longe, o futebol parece ser apenas o jogo e suas regras: um mero espetáculo, como outro qualquer. Talvez atraia mais multidões, mas nem por isso mais charmoso ou digno de estudos. Ou como afirmou o confrade de Nelson Rodrigues “o futebol é a bola”. Mas quando nos aproximamos dele, quando se envolve com ele, despidos de ideias pré-concebidas e dispostos a compreendê-lo, começamos a perceber o seu impacto em muitos e diversificados setores da sociedade. É mais do que provável a existência de alguém que não goste de futebol, mas, certamente, é improvável que alguém esteja imune a ele, fora do seu alcance, seja enquanto mercadoria ou ritual mágico de torcedores. Sempre há um vizinho, um canal de TV, uma rádio e agora a internet, a nos lembrar de sua existência.

O futebol: como descrevê-lo, diante de tantas possibilidades que se abrem para sua compreensão? Arte e jogo de esporte. Simulação de guerra. Mercado. Corrupção. Representação de territórios e de identidades; representação de culturas e sociedades. Paixão. Na contemporaneidade, pela magnitude do que passou a representar — pelos milhões de envolvidos com o esporte em todo o mundo, direta e indiretamente; pelo volume de dinheiro que faz circular; pelo imenso espaço conquistado nas diversas mídias —, o futebol é uma das mais expressivas representações do mundo. Ele expressa o mundo, mas é, também, uma das formas de sua interpretação. É uma das formas de escrever o mundo (HISSA, 2012, p. 01-02).

Diante de tantas possibilidades de compreensão de seu impacto social e importância é bastante curioso perceber que durante muito tempo esta temática tenha passado distante da Universidade. Seria difícil dar uma só razão ou motivo para este distanciamento, mas algumas pistas podem ser listadas: a prática do futebol, no Brasil, se iniciou em fins do século XIX e início do XX e em seu percurso até os dias atuais ele já foi considerado um esporte de elite e até mesmo *ocupação de malandro*. De ignorado quase que totalmente por jornalistas e a imprensa em geral, passou a ser o carro-chefe de muitas redações de programas de TV, rádio e jornais impressos. De futebol amador até o profissionalismo e à mercantilização extremada, referimo-nos ao esporte mais popular do mundo. Praticado em quase todos os lugares por homens, religiosos de quaisquer credos,

velhos, crianças, presos, ricos, pobres, e, mais recentemente, até por mulheres. O mundo do futebol: do extremo sul-americano ao norte-americano, atravessando os continentes, África, Europa, Ásia, Oceania; do Brasil ao Afeganistão; do Equador à China; da África do Sul à Suécia. Talvez por ser tão presente em nossas vidas, na vida do brasileiro, ele tenha de tal forma se tornado parte de nosso dia a dia que deixamos de vê-lo como algo a ser estudado e mais como uma atividade inerente à nossa própria vida, já dado, lugar comum. Como agravante, no Brasil da Ditadura Militar — e, dizem alguns, também no Estado Novo de Getúlio Vargas — este esporte tenha sido capturado como expressão do poder brasileiro, da capacidade do povo e do Governo do Brasil de se tornarem grandes e protagonistas no cenário econômico mundial: a conquista do Tri Campeonato de Futebol pela mágica Seleção de 1970 foi usada inteligentemente pelo Executivo Federal como propaganda ideológica do regime. Esta talvez tenha sido a *pá de cal* em cima de estudos que pudessem ter o futebol como foco ou lente de interpretações.

Pouca gente se dá conta do que se exige de um jogador de futebol. Ele tem de representar um clube, uma cidade, um Estado, a Pátria. [...] No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador representa-o, representa o seu clube, a sua cidade, o seu Estado, a sua Pátria. A derrota do jogador é a derrota do torcedor. Quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou. (FILHO, 2003, p. 16-17).

Esta passagem de Mário Filho é de 1964, no Prefácio à 2ª edição de seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado pela primeira vez em 1947. Este livro continua sendo leitura obrigatória de todos aqueles que se enveredam pelos estudos sobre o futebol. Passados sessenta e cinco anos de sua publicação, não parece ter surgido nada que emparelhe com esta obra em termos de significado, capacidade de interpretação e importância. Poucos foram os estudos publicados até meados da década de 1980, quando Roberto Da Matta escreveu *Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?* Antes disso, poucas publicações, entre elas os textos de Anatol Rosenfeld.

A fala de Mário Filho nos remete a questões que hoje estão muito em evidência na Geografia: os conceitos de lugar e de território. Nada mais certo do que dizer que o jogador — e, mais do que ele, o clube e seus símbolos — representem uma comunidade, uma cidade ou um bairro. Diversos são os clubes — mundo afora — que carregam em

seus nomes a sua identificação com suas origens: Real Madrid, Barcelona, Milan, Manchester United, Glasgow Rangers, Atlético de Bilbao, Porto, Vitória de Setúbal, Botafogo, Fluminense, São Paulo, Clube Atlético Mineiro, Clube Atlético Paranaense, Bahia, Vitória da Bahia, Coritiba, enfim, os exemplos são numerosos. Até mesmo o Sport Club Internacional servirá de exemplo, pois é mesmo conhecido como *Inter de Porto Alegre*; ou seja, mesmo quando não há o nome do lugar gravado no nome oficial do clube, trata-se logo de se ajeitar uma espécie de alcunha que se põe a substituir o que é de fato o nome. Quantos sabem — ressaltando os torcedores do Inter de Porto Alegre e os seus rivais da mesma cidade, os tricolores gremistas — da existência de certo Sport Club Internacional? Mas todos conhecem o Inter de Porto Alegre. Esses lugares de origem dos clubes de futebol tornam-se territórios de poder principalmente através das rivalidades que se construíram ao longo do tempo. Na história específica de cada clube brasileiro de futebol, vemos a necessidade de superar o outro, de buscar características definidoras do seu time em contraposição ao *outro*. O outro aqui compreendido como o adversário, o torcedor do outro time, do outro bairro, da outra cidade e do outro estado. Mesmo hoje, em tempos da chamada globalização, os clubes ainda são conhecidos por suas características locais, ainda que boa parte desta particularidade tenha se perdido através dos diversos escândalos de corrupção que assolam o meio esportivo. Além disso, pelo que se percebe, alguns clubes estão se tornando mais globais¹ e, nem por isso, deixam de sempre fortalecer os seus laços de pertencimento com os seus lugares. Isso vale, por exemplo, para clubes como o Barcelona que, em tempo algum, mesmo nos tempos de grandíssima visibilidade internacional — com importantes impactos positivos em sua capacidade de realização de grandes negócios no mercado global — jamais deixou de ser catalão e, sobretudo, barcelonês. Aqui, estamos fazendo referência ao centro econômico do mercado global no que se refere ao mercado de futebol que movimentava gigantescos negócios. Há hierarquias, entretanto, no próprio âmbito do referido mercado. Há o

¹ Alguns clubes estão se tornando mais globais: o que isso significa? Antes de tudo, significa a sua inserção no mercado do futebol. É certo que a inserção mais forte dos clubes no mercado global do futebol é, também, decorrente de suas conquistas, mas, ainda, do poder que converge para os seus lugares de origem: cidade, mas, também, estado, região, continente. As conquistas, por exemplo, do Real Madrid no âmbito europeu — 10 títulos na Champions League —, além da sua estrutura que envolve milhares de sócios, e considerando a sua localização, fazem do clube uma potência desportiva de âmbito global.

mercado latino-americano de futebol, por exemplo, assim como o asiático e o africano. No mercado latino-americano, os grandes clubes brasileiros, com o decorrer da história, vão adquirindo uma capacidade competitiva de maior porte. Tal situação está relacionada com o próprio mercado econômico brasileiro, mas, também, com a visibilidade adquirida pelos referidos grandes clubes nas competições latino-americanas.

Por outro lado, no âmbito do próprio país, o futebol reproduz hierarquias baseadas em critérios econômicos já existentes. No Brasil, por exemplo, isso é plenamente visível, principalmente quando se observam as disputas de campeonatos estaduais e nacionais. Mais do que isso, são explícitas as diferenças de investimentos efetuados por clubes da região sudeste em seus times se comparados com o nordeste e norte do País. Ainda assim, ao sairmos das grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, em direção ao interior do País, as desigualdades ou assimetrias entre clubes da *capital* e do *interior* são marcantes. A própria presença dos clubes na competição mais importante já nos mostra as referidas diferenças que, aqui, deverão ser tratadas como desigualdades. Para se encaminhar, com precisão, tal ideia, no Campeonato Brasileiro de 2009, com vinte participantes, estava assim distribuída a presença, na referida competição, dos clubes conforme os seus estados: seis clubes eram do estado de São Paulo; três do Rio de Janeiro; dois de Minas Gerais; dois do Rio Grande do Sul; dois do Paraná; dois de Pernambuco; um da Bahia, um de Goiás e um de Santa Catarina. Os outros estados não tinham, em 2009, qualquer representante nesta competição. Se avaliarmos a relação capital x interior, a desproporção se expande: apenas três clubes eram oriundos de cidades interioranas e, mais do que isso, eram originários de municípios paulistas: os clubes de Santo André, Barueri e Santos — que, praticamente, estão sediados em municípios vizinhos à capital².

Para além das cristalizações de centralidades, operadas através de critérios econômicos, existe outra, mais perversa porque ocultada, baseada na corrupção: de

² No Campeonato Brasileiro de 2010: seis clubes de São Paulo; quatro do Rio de Janeiro; dois de Minas Gerais; dois do Rio Grande do Sul; um do Paraná; um da Bahia; dois de Goiás; um de Santa Catarina; um do Ceará. Em 2011: quatro de SP; quatro do RJ; três de MG; dois do RS; dois do PR; um da BA; um de GO; dois de SC; um do CE. Em 2012: seis de SP; quatro do RJ; dois de MG; dois do RS; um do PR; um da BA; um de GO; um de SC; dois PE. 2013: cinco de SP; quatro do RJ; dois de MG; dois do RS; dois do PR; dois da BA; um de GO; um de SC; um de PE. Praticamente em todos os anos, os clubes do RJ e de SP representam cerca 50% do total de Clubes da Série A.

valores, da ética, do exercício do poder. Muitas vezes, são ignorados os regulamentos das competições. Arbitragens fraudulentas são confundidas, deliberadamente, com erros de arbitragem: é o que parecem ser, diante dos eventuais escândalos que emergem e que dão margem às suspeições ou mesmo confirmam o que se suspeita. Além disso, há casos de julgamentos fraudulentos nos Tribunais de Justiça Desportiva, dentre vários outros possíveis exemplos. Temos, a partir daqui, elementos que possibilitam o início das discussões daquilo que chamaremos de *centralidades cristalizadas* na cultura do futebol brasileiro. Estas centralidades se cristalizaram ao longo da história do futebol no Brasil, movidas pelas desigualdades sociais e econômicas, pela ideologia originária dos centros econômicos e de poder que se difunde pelo país através das mídias, pela própria capacidade dos clubes-lugares de conquistar territórios através do mercado.

O pressuposto a partir do qual se inicia a pesquisa é a existência no Brasil de um centro historicamente questionado como centro, mas que se afirma como tal a partir do seu poderio econômico e político e através da sua própria ideologia. Entretanto, apesar de questionado, através da própria prática do esporte, o centro se cristaliza. Com isso, o centro, em benefício próprio, concede existência aos demais territórios do mundo do futebol brasileiro: que se aproximam ou se distanciam — inclusive espacialmente do centro — no âmbito do referido esporte. O centro seria, assim, representado pelas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, enquanto sub centros se expressariam através de algumas poucas capitais. Por sua vez, os territórios periféricos do futebol estariam representados pelo imenso restante do país. Entretanto, centralidades, sub centros — ou semi-periferias — e periferias estão permanentemente sob questionamento. Esta centralidade, explicitada pela hegemonia dos seus clubes de futebol na quantidade de conquistas ou títulos, contrasta com a realidade da periferia: historicamente os seus clubes vêm sendo prejudicados nas competições, seja por força de regulamentos alterados ao longo dos torneios, seja pelas atuações desastrosas e suspeitas de árbitros.

A própria ideia de conquista, entretanto, aqui, merece um forte questionamento introdutório. Em nossas sociedades de mercado — tributárias da própria economia de mercado — prevalece, evidentemente, o espírito da competição: pertencente à própria ideia de mercado. O que importa é ser o primeiro. Este, sim, é que conquista. Em nossas sociedades, não faz sentido festejar um vice-campeonato ou um terceiro lugar — ainda

que se ocupe um lugar no pódio —, mesmo em competições de grande repercussão internacional. Assim, o dia 16 de julho de 1950, no mundo do futebol, é conhecido como o dia de incomparável comoção social originária de algo considerado vexatório: a derrota da seleção brasileira para a seleção uruguaia na primeira Copa do Mundo sediada pelo Brasil. Brasil: vice-campeão mundial: um vexame! O mesmo pode ser dito para os clubes, é evidente. O Internacional de Porto Alegre e o Clube Atlético Mineiro subiram ao pódio — subir ao pódio em competições importantes não deveria significar no esporte, por si só, uma conquista? —, respectivamente em 2010 e em 2013, no Campeonato Mundial de Clubes, conquistando o 3º lugar. A despeito da sua presença no pódio, os brasileiros consideram um vexame dado pelos gaúchos e pelos mineiros. Portanto, não se considera, aqui, a rica e difícil trajetória de cada um e os obstáculos pelos quais tiveram que passar. Chegaram até a mais importante competição sul-americana — Libertadores da América — por uma das vias mais difíceis: o campeonato brasileiro, um dos mais competitivos, senão o mais competitivo do mundo. Ambos venceram a Libertadores e, assim, foram credenciados, pela FIFA, para disputa do Mundial de Clubes. Entretanto, ambos perderam a oportunidade de serem campeões mundiais, naqueles referidos anos, pois esbarraram em fortes franco-atiradores³ africanos: Mazembe e Raja Casablanca. Subiram ao pódio, mas, no conceito dos brasileiros, não representaram o país como deveriam. Poderíamos ainda enfatizar a contradição, no que diz respeito aos méritos e às conquistas, ao conferirmos a presença dos paulistas representados pelo Santos Futebol Clube no Mundial de 2012: um vice-campeão arrasado pelo Barcelona: 4x0. Não seria tanto um vexame, pois, afinal, era o Barcelona! Poucos meses depois, uma revanche: Barcelona 8x0 Santos. Quem não se lembrará disso? O curioso, digno de nota, é que a

³ Para os brasileiros, ainda parece estranho o adjetivo de africanos fortes, ainda que franco-atiradores; mesmo com as derrotas da seleção brasileira para seleções africanas. Nas Olimpíadas de 1996, em Atlanta, a seleção brasileira foi derrotada, por 4x3, pela seleção nigeriana que, naquela competição, ao derrotar a seleção argentina na final por 3x2, se tornou campeã. Nas Olimpíadas de 2000, na Austrália, Brasil foi derrotado por 2x1 pela Seleção de Camarões, mesmo com dois jogadores a mais. Naquela oportunidade, a seleção camaronesa se tornou campeã olímpica, ao derrotar a seleção espanhola nos pênaltis. Na Copa das Confederações de 2003, a seleção brasileira ainda veio a ser derrotada pela camaronesa por 1x0. A despeito da evidente evolução do futebol africano, com vínculos muito fortes com o futebol europeu, até mesmo a imprensa brasileira considera vexame a derrota para seleções e clubes africanos que, no âmbito das táticas de jogo, estão muito mais próximos dos clubes europeus.

repercussão foi pequena, apesar dos 12 gols contra nenhum dos paulistas do Brasil. O vexame ficou por conta dos gaúchos e dos mineiros.

Por sua vez, parecerá sempre estranha, para os brasileiros, por exemplo, a recepção calorosa que tiveram os jogadores alemães vice-campeões da Copa do Mundo de 2002. Em circunstâncias muito esporádicas, contudo, movidas também pelo desejo de construir um currículo vencedor, mesmo que a vitória se expresse exclusivamente pelo 1º lugar, alguns clubes entendem o vice-campeonato como uma conquista, como um título. É o caso, por exemplo, do Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte. Dentre a lista de conquistas, estão elencados, no mesmo nível, vice-campeonatos internacionais, considerados como títulos: Torneio Tereza Herrera (1976), Torneio Costa de Valência (1978), Libertadores da América (1977), Recopa Sul-Americana (1992, 1993), Supercopa (1996), Copa MERCOSUL (1998): toda essa lista compreende a conquista do 2º lugar: um título, tal como explicitado por trecho da obra de Plínio Barreto e Luiz Otávio Barreto (2000, p. 122), intitulada *De Palestra a Cruzeiro*.⁴

A construção de uma cartografia política das territorialidades expressas pela cultura do futebol, necessariamente, deverá considerar a posição dos clubes nas competições. Entretanto, para que se obtenha uma maior precisão acerca da referida posição, será importante não considerar apenas a posição representada pelo primeiro posto: o de campeão. Dadas as circunstâncias inerentes ao próprio negócio do futebol no Brasil, é estratégico, no âmbito da metodologia de pesquisa — que expressa um modo de ver o mundo sob leitura —, considerar todo o mapa de posições. Somente assim, teríamos alguma condição de interpretar a presença das ideologias, das mídias disseminadoras do discurso proferido pelo centro — eixo Rio de Janeiro / São Paulo —, e as variadas sutilezas de diferentes espécies presentes nos interiores das competições e na própria história das competições.

⁴ Não há, na obra, entretanto, qualquer menção aos vice-campeonatos mineiros conquistados pelo Cruzeiro. Afinal, os campeonatos estaduais, com o tempo, perderam vigor e a importância que tiveram no passado. Além disso, a maioria desses vice-campeonatos faria lembrar os rivais, da mesma cidade, maiores vencedores da história da competição. Entretanto, no passado — não muito distante —, os campeonatos estaduais eram os mais importantes na história das competições futebolísticas do país. Ainda perduram argumentos fortes que sugerem a resistência das competições estaduais no Brasil. Em Minas Gerais, por exemplo, todos reproduzem a máxima, inclusive a imprensa: não é mais tão importante conquistar o título (1º lugar), mas sempre será terrível perder (conquistar o vice-campeonato).

Entretanto, as questões não são reduzidas apenas a tais situações. Ao longo dos anos, desde a implantação e popularização do futebol no Brasil, os esquemas de corrupção, os acordos entre entidades gestoras do esporte e interesses outros, que vão desde a participação da televisão na transmissão de determinadas partidas, o silêncio — muitas vezes constrangedor de boa parte da imprensa — e o interesse de patrocinadores deixam claro o favorecimento a determinados clubes. O objetivo da pesquisa é discutir tais questões e construir argumentos que permitam o desenvolvimento de uma cartografia territorial das desigualdades e dos processos a elas articulados.

Portanto, a tese consubstancia-se no tecido de uma cartografia destas espacialidades no território brasileiro: ao longo de décadas, o futebol nacional — e porque não dizer, internacional — é atingido por toda a espécie de arranjos escusos, corrupção de toda ordem e esquemas fraudulentos que beneficiaram alguns clubes, não casualmente pertencentes aos centros hegemônicos. Esta cartografia das centralidades e periferias do futebol brasileiro explicitará os limites e fronteiras de uma territorialidade construída ao longo do tempo: limites da atuação de uma centralidade endurecida e reafirmada ao longo do tempo e as fronteiras, fechadas desde o início, às influências da periferia, também confundida ou denominada de restante do País. Sugere-se, então, equivocada e perversamente, que o Brasil se resumiria ao seu centro: indiretamente é o que nos diz, por exemplo, a própria mídia capaz de circular nacionalmente. O que sobra, o restante do território brasileiro, é a periferia: neste caso, um mapa do Brasil, construído sob esta ótica ou perspectiva, não seria mesmo diferente de cartografias outras, tecidas com base em critérios econômicos, de renda ou mesmo padrões de desenvolvimento. O que percebemos com clareza na sociedade, repete-se, sob outros tons e matizes, no mapa da cultura do futebol nacional: com cores vívidas, mas sombreadas por esquemas obscuros, a corrupção se espalha pelo Brasil afora.

Para tanto, divide-se a pesquisa em quatro conjuntos principais de questões que procuram dar conta das ideias levantadas. Assim, o primeiro deles trata da formação deste centro, já que podemos dizer que, ao longo do século XX, foi construído e fortalecido o que chamamos de eixo centro-territorial do futebol brasileiro. Ele está na Região Sudeste. Contudo, percebemos também que este eixo centro-territorial está, predominantemente, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. O referido centro se

fortaleceu historicamente, através de diversos processos, cristalizando-se na cultura do futebol brasileiro. Um destes processos se expressa através de contradições: algumas poucas competições são conquistadas por clubes exteriores ao centro e, com isso, legitimam a posição política supostamente isenta dos órgãos produtores das hierarquias territoriais. Procuramos vasculhar o papel da imprensa escrita e o rádio, especialmente nas décadas de 1940 – 1960, pois entendemos que eles foram preponderantes no espraiamento de uma cultura e de uma ideologia carioca e paulista para o restante do Brasil, como se elas fossem representações maiores e únicas de uma nação brasileira que se construía. De igual maneira, julgamos pertinente definir espacialmente os sub centros, dando destaque para algumas capitais, como Belo Horizonte, Goiânia, Recife, Porto Alegre, Curitiba e Salvador, através de pequenos apontamentos sobre o início e desenvolvimento do futebol nestas praças. Ademais, a localização histórica e espacial dos sub centros contribui para o entendimento de que, por exemplo, a paternidade do futebol, requerida para São Paulo, não resistiu a poucas horas de aprofundamento na pesquisa.

O segundo conjunto de questões tem como marco fundador a chegada e desenvolvimento da televisão brasileira, nos idos de 1950. Se com o rádio a promessa de uma integração nacional através de um amplo mercado consumidor — de ideias, de cultura, de mercadorias — se iniciou, com a TV isto foi exponencialmente efetivado. Acompanhamos também um pouco do desenvolvimento da tecnologia de transmissão, aliado ao desejo integrador do Governo Militar, que possibilitou a emissoras, como a TV Globo, atingir mais de 90% do território nacional. Este alcance se deu através de atuação em rede, levando não só a notícia fabricada, como um amálgama de informação com entretenimento, através da fusão entre ficção e realidade, proporcionada pela sua programação diária, com destaque para as transmissões de partidas de futebol, jornalismo e novelas. Concomitantemente assinalamos o crescente poder desta mídia na compra de direitos de transmissão de competições e partidas, dos Clubes e das Seleções, ao ponto de definirem os regulamentos, dias e horários dos jogos e qual o valor monetário de cada camisa, de cada clube, seja no Brasil ou exterior. Entretanto, além de tudo, e principalmente, o que se percebe, a partir de então — para nos referirmos ao processo de expansão do alcance das emissoras de televisão, particularmente da TV Globo —, é o processo de disseminação da ideologia originária dos centros de transmissão. É evidente

que isso vale, também, fortemente, para o mundo do futebol no âmbito do território nacional.

No terceiro procuramos tecer as relações que unem os clubes aos seus lugares e torcedores e que, em alguns casos, mesmo em tempos de globalização econômica (na qual os chamados superclubes estão totalmente inseridos), ainda conseguem fortalecer e criar seus territórios de resistência. Em alguns casos, como veremos, os clubes sucumbiram a esta nova dinâmica econômica — alguns dos quais centenários — caindo no ostracismo, a despeito da presença simbólica de muitos torcedores. Por outro lado, existem aquelas agremiações que se deram muito bem nesta nova fase, tornando-se clubes internacionalizados e vendáveis a qualquer parte do globo: para estes, existe até mesmo a fundação de outros clubes, pelos seus próprios torcedores, inconformados com o rumo empresarial levado a cabo pelos seus proprietários, buscando reaver sua identidade perdida, mais comumente na Europa. Detivemo-nos na questão: clube do lugar x clube fora de lugar, na medida em que os laços de pertencimento de um clube e seus torcedores se dão agora muito mais pela sua capacidade de obter taças e troféus, participar desta ou daquela competição internacionalizada: o torcedor transformado em cliente e consumidor, o clube em empresa e, para resumir — diante de tantos produtos comercializados — os títulos a entrega da mercadoria vendida.

Por fim, no último conjunto de textos tratamos de momentos posteriores à construção do centro, ou seja, a sua cristalização e perpetuação no imaginário coletivo. Isso se deu através da mídia, da divulgação de competições — como o Torneio Rio/São Paulo — projetadas para se realizarem com exclusividade (percebe-se, aqui, a exclusão) no âmbito do referido eixo. Há patrocínios voltados exclusivamente (percebe-se, aqui, mais uma vez, a exclusão) para a repetição anual dessas competições. Toda a mídia convencional (jornais e revistas especializadas) está voltada para cobertura dessas competições (que são tomadas como a expressão da territorialidade nacional), como a Taça Brasil, que nos próprios chaveamentos explicita o caráter e os interesses do eixo centro-territorial. Há uma evidência, aqui, a ser sublinhada: trata-se de um torneio supostamente de âmbito nacional que tem o objetivo de legitimar, politicamente, o caráter exclusivamente regional da competição. Algumas das perguntas de pesquisa que, necessariamente, deverão ser respondidas neste segundo conjunto de textos: Como era a

Taça Brasil? Qual era a cartografia das inserções dos clubes do eixo centro-territorial na Taça Brasil? Não somente ela, mas também o Campeonato Brasileiro (1971/2013): quais foram os principais escândalos que se deram ao longo de todo esse período histórico? Por fim, faz-se uma leitura da Copa do Brasil (1989/2013), em que a assimetria se faz presente com bastante relevo, ainda que (alguns Clubes) vários clubes exteriores ao centro — eixo constituído por Rio de Janeiro de São Paulo — tenham conseguido vencer, reforçando nosso argumento.

PARTE 1



QUEM MANDA NO FUTEBOL BRASILEIRO:
A CONSTRUÇÃO DO PODER

AS PRIMEIRAS DÉCADAS E A INVENÇÃO DO CENTRO DO FUTEBOL BRASILEIRO: QUEM MANDA NO FUTEBOL DO PAÍS?

A história conhecida do futebol no Brasil, a sua popularização e a sua disseminação pelo território brasileiro são marcadas por fatos inusitados, folclore, anedotas e passagens quase sempre inacreditáveis. O que se nota com frequência é a necessidade, não escondida por aqueles que contam essa história, de demarcar o futebol de Rio de Janeiro e de São Paulo como representantes legítimos — e, surpreendentemente, quase exclusivos — do que poderia se chamar de *futebol brasileiro*.

A despeito de outros registros que dão conta da introdução do futebol no Brasil, ainda em fins do século XIX, por parte de marinheiros ingleses em diversos portos do nordeste e do sul do Brasil, a história *oficial* do futebol brasileiro elegeu o paulista Charles William Miller como o pioneiro e o pai do futebol em nossas terras¹. A lenda e a história, que se misturam quase sempre neste contexto, dão conta de que, após voltar da Inglaterra para um período de estudos, trouxe consigo na bagagem dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar, um livrinho de regras “[...] e o desejo quase apostólico de desenvolver o esporte entre seus pares.” (FRANCO JR., 2007, p. 60). Anatol Ronsenfeld, um dos poucos a escrever sobre futebol no país na década de 1970, assim se referiu a Charles Miller:

O futebol foi transplantado para o Brasil por Charles W. Miller, um brasileiro de origem inglesa. Aos dez anos de idade, Miller foi enviado à terra de seus pais para freqüentar a escola. Quando voltou a São Paulo, em 1894, trouxe em sua mala uma bola de futebol. Para difundir o futebol entre os ingleses, que viviam em São Paulo e jogavam cricket, Miller entregou-se a uma fervorosa atividade de missionário. O primeiro círculo que cultivou o jogo numa forma organizada foi formado por sócios de

¹ Segundo Hilário Franco Jr., no Brasil existe uma visão oficial, que privilegia as elites como protagonistas da história: “A história do futebol não fugiu a tal preceito. Entre 1880 e 1890, bem antes, portanto, [do paulista] Charles Miller retornar da Inglaterra, jesuítas haviam introduzido jogos como o *ballon anglais*. No colégio São Luís, de Itu, jovens de elite disputavam um jogo aparentado ao *football association*, denominado ‘bate bolão’ [...]: onze jogadores para cada lado, traves de madeira e times uniformizados. Outros colégios [...] de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul praticavam futebol desde a década de 1880. [...] Assim, estabelecer paternidades quase heroicas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira.” (FRANCO JR., 2007, p. 61-62).

um clube inglês — o São Paulo Athletic Club, que havia sido fundado para a prática do cricket e ao qual Miller se associou. O clube reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. (RONSEFELD, 1973, p. 62-63)

A partir daí, a popularização deste esporte deu-se rapidamente através da fundação de diversos clubes — de início, todos de elite, é bom frisar — dedicados a esta prática esportiva². O caráter elitista deste novo esporte foi marcante, principalmente nas primeiras três décadas do século XX, quando diversos clubes não aceitavam negros, trabalhadores braçais, operários e analfabetos em seus quadros: eram convidados ou



aceitos apenas os jovens estudantes, ricos, com tempo livre de sobra para se dedicarem, entre uma aula e outra da faculdade, de maneira amadora, a esta e a outras práticas esportivas. Essa é uma passagem da história do futebol no Brasil recheada de conflitos, racismo e disputas pelo poder, seja

nos clubes ou nas federações esportivas que nasciam e se multiplicavam, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Para uma melhor compreensão do fato e de sua importância, será preciso compreender, ainda que em parte, a sociedade e a cultura brasileira dos anos de 1910, 1920 e início dos anos de 1930, além de nos concentrarmos nos fatores econômicos, políticos e socioespaciais da época. Passemos, pois, a eles.

² De acordo com Waldenyr Caldas, o primeiro grande jogo de futebol foi realizado em São Paulo, em 1899, na presença de sessenta torcedores, tendo de um lado o time formado pelos empregados da Empresa Nobiling e, do outro, os ingleses que trabalhavam na Companhia de Gás, na Estrada de Ferro e no Banco. Como resultado final registrou-se a vitória dos ingleses por 1 x 0. (CALDAS, 1990, p. 23). Por outro lado, Hilário Franco Jr. afirma que a primeira partida de futebol foi disputada em 14 de abril de 1895, entre o São Paulo Athletic Club e o São Paulo Railway Company. Os times eram compostos por brasileiros e ingleses, de ambos os lados, mas a equipe do Railway, com Charles Miller, venceu por 4 x 2. (FRANCO JR., 2007, p. 60). Esse é apenas mais um, dentre dezenas de outros exemplos de registros conflitantes, sobre diversas datas e autorias, presentes nos textos que tratam da história do futebol brasileiro.

Do ponto de vista econômico, o Brasil de fins do século XIX e início do século XX era um país agrário exportador e recém-saído de um sistema escravocrata de trabalho. As regiões brasileiras praticamente não tinham relações próximas entre si, mas, sim, independentemente umas das outras, exportavam seus produtos diretamente para o exterior. É quase escusado comentar sobre a inexistência óbvia de um mercado consumidor interno forte o bastante para sustentar quaisquer iniciativas de promoção de um desenvolvimento capitalista de dentro para fora e capaz de atingir grande parte do território nacional. Talvez, o maior parceiro comercial do Brasil, desde a Independência, tenha sido a Grã Bretanha³, que vendia para o Brasil itens como carvão, maquinaria, cimento, ferro, ferramentas e artigos de ferro. Já a pauta de exportações continha itens como açúcar, café, borracha, cacau, ouro, diamantes, com seus ciclos econômicos próprios, em momentos distintos e por demais conhecidos por todos nós. Sendo assim, o desequilíbrio da balança comercial brasileira, em claro déficit entre nossas exportações de matérias primas e produtos agrícolas e a importação de bens manufaturados evidenciava um dos graves problemas a serem enfrentados pela jovem nação independente.

O cultivo do café e toda a sua cadeia produtiva foram, sem sombras de dúvidas, os grandes motores da economia brasileira no início do século XX. Concentrado a princípio no Vale do Paraíba (entre Rio de Janeiro e São Paulo) e depois nas zonas de terra roxa do interior de São Paulo e do Paraná, transformou diversos fazendeiros em verdadeiros *Midas do Café*, com dinheiro farto e suficiente para, em momentos posteriores, financiar a primeira onda de industrialização do País⁴. As chamadas primeiras manufaturas ou indústrias — ou algo próximo de indústrias que pudessem ser chamadas assim — datam mesmo de início do século XIX. Contudo, poderíamos mais denominá-las de oficinas artesanais do que de fábricas, mas produziam, principalmente, sabão e velas de sebo,

³ O que nos ajuda, em parte, a entender a maciça presença de ingleses no País por esta época e a facilidade com que os jogos de futebol praticados por eles eram vistos pelos brasileiros nas mais diversas situações e lugares, bem como o despertar do interesse pelo esporte.

⁴ É importante notar que era no estado de São Paulo que se concentrava o capital necessário para a transformação da economia brasileira, pós República Velha, nos idos de 1930, bem como a maior malha ferroviária do País, em decorrência, evidentemente, da atividade cafeeira. Essas condições quase indispensáveis irão favorecer todo o processo de industrialização deste Estado e sua hegemonia e centralidade econômica, até hoje explícitas e facilmente verificáveis. Pelo lado do futebol, percebe-se a intrínseca relação entre: a presença dos ingleses; a hegemonia econômica e política (no caso do Rio de Janeiro); a fundação dos clubes; o início da urbanização brasileira, a relação do futebol com as elites e a sua posterior popularização.

rapé, fiação e tecelagem, alimentos, fundição de ferro e metais, lã e seda. (SZMRECSÁNY; AMARAL, 2002). O início de um processo de industrialização brasileiro é melhor alocado historicamente a partir dos anos de 1930, bem como a conhecida urbanização brasileira e seus percalços.

Quando deslocamos nosso olhar para outros pontos do território nacional, como a Região Norte, notaremos que os ciclos econômicos, apesar de distintos, também marcaram época e produziram diversos espaços e paisagens, como é o caso da borracha. No sul do País, marcado por diversos conflitos regionais como a Farroupilha (1835) e a Guerra Cisplatina (1825), e nacionais, como a Guerra do Paraguai (1864) deve boa parte de sua colonização a alemães e italianos. Mesmo com diversas atividades agro-pastoris, o Rio Grande do Sul já contava com mais de um milhão de habitantes em 1900 e cidades de médio porte, como Uruguaiana, Bagé, Rio Pardo além de Porto Alegre. Neste cenário, a manufatura também inicia, ainda que timidamente, suas atividades na região que contava com a proeminente presença de marinheiros ingleses, principalmente navegando através da Baía do Prata, em direção a Buenos Aires e Montevideo. Deste modo, especificamente sobre a cidade de Uruguaiana-RS, nos diz Gilmar Mascarenhas de Jesus (2000, p. 5):

Há, portanto, claros indícios de que o futebol tenha se introduzido na vida urbana uruguaianense bem antes do que se imagina. A presença de ingleses e as elogiosas notas na imprensa de época sinalizam que a prática esportiva transcorria plenamente no interior de círculos sociais privilegiados. Podemos ainda visualizar um movimento de popularização do futebol em Uruguaiana na década seguinte à sua introdução na cidade, e o exemplo do Esporte Clube Ferro Carril, fundado em 1916, nos parece sugestivo. [...] Conhecendo esta forte tradição uruguaia inaugurada pelo popularíssimo Peñarol no início do século, adicionada às conexões platinas de Uruguaiana e o nome escolhido para o clube (em castelhano), sugerimos que o ato de fundação do Ferro Carril uruguaianense se remete à tradição uruguaia em questão, sendo possivelmente mais um desdobramento da influência platina no futebol gaúcho.

Do ponto de vista político, de 1900 a 1930, aproximadamente, o Brasil vivenciou diversos momentos de crise da Política Cafeeira e seus mecanismos de recuperação, principalmente com os Planos de Valorização do Café em 1906, 1917 e 1921, culminando com a elaboração da Política de Defesa Permanente do Café, a partir de 1922, por parte do

Governo Federal (CANO, 1999). Além disso, o país era dominado pelas oligarquias agrícolas que se alternavam no poder, em especial aquelas produtoras de café e leite, ou São Paulo e Minas Gerais: “As oligarquias detinham o poder do Executivo central e dos estados, controlando eleições, a justiça e o aparelho repressivo.” (CANO, 1999, p. 159). Costumeiramente denominada de República Velha (1889-1930), neste período, o Brasil, dos seus 35 milhões de habitantes, apresentava ainda cerca de 75% de analfabetos e com menos de 30% desses residindo em áreas urbanas.

Sem dúvida, o futebol desta época era bastante influenciado pela política: a maioria dos clubes era formada por jogadores da elite brasileira. Essa mesma elite que dominava o circuito político atuava em favor de seus clubes e de suas ideias, principalmente na defesa do amadorismo, da proibição aos jogadores negros, pobres ou trabalhadores braçais, considerados de segunda e terceira classes. A tentativa de manter esse esporte apenas dentro dos circuitos fechados da aristocracia verde e amarela — mas, certamente, uma aristocracia que se percebia pintada, sobretudo, de cores européias. Vale ressaltar a interferência direta do poder Executivo nas questões exclusivas do futebol. Exemplos que se referem à observação: em 1921, o Presidente da República Epitácio Pessoa proibiu a convocação de jogadores negros para a disputa do Campeonato Sul Americano de Seleções (FRANCO JR., 2007, p. 74); a CBD — Confederação Brasileira de Desportos —, através de seu presidente Oscar Costa⁵, exigiu a ausência de jogadores negros para o Sul Americano de 1925. A alegação para tal disparate deve-se ao fato de que, em 1923, no Uruguai, os brasileiros foram chamados de “macaquitos” pela torcida local, já que a Seleção era vista como sendo composta por “mulatos e pretos demais” (FILHO, 2003, p. 144); por causa de um incidente no Campeonato de 1925, na Argentina, quando os brasileiros foram espancados, também aos gritos de *macaquitos*, “[...] o Itamarati chegou a conclusão de que o futebol não aproximava os povos, pelo contrário, o melhor era o Brasil não disputar mais nenhum campeonato sul-americano” (FILHO, 2003, p. 147); por fim, em 1927, no campo do Vasco-RJ, até então o maior estádio da América do Sul, num jogo entre paulistas e cariocas, o Presidente da República Washington Luís foi ovacionado, porém, com final tragicômico:

⁵ Que também era presidente do Fluminense Futebol Clube, do Rio de Janeiro.

Cinquenta mil pessoas, comprimidas nas arquibancadas, nas gerais, de pé, batendo palmas para o Presidente da República. Era gostoso receber uma ovação daquela, nada preparado, tudo espontâneo. Washington Luís descobria, ao mesmo tempo, a força e a beleza do esporte. Subitamente o jogo pára, não continua, o juiz tinha marcado um pênalti contra os paulistas, os paulistas iam abandonar o campo. Washington Luís fica sério, dá uma ordem a um oficial de gabinete. É a ordem para o jogo continuar, uma ordem do Presidente da República. [...] O oficial de gabinete vai até Amílcar e Feitiço [jogadores do time paulista]. E de cara amarrada dá o recado: o Presidente da República ordenava o reinício do jogo. A resposta de Feitiço, mulato disfarçado, que nem era capitão do escrete paulista, foi que o doutor Washington Luís mandava lá em cima – lá em cima sendo a tribuna de honra – cá embaixo – cá embaixo sendo o campo – quem mandava era ele. [...] Por causa disso o Brasil não foi às Olimpíadas de 1928. Washington Luís negou a subvenção à CBD. (FILHO, 2003, p. 159).

De acordo com Hilário Franco Jr. (2007), a divisão das oligarquias brasileiras consumada em 1921 também se refletia no futebol. As críticas à política do café-com-leite e a situação econômica do pós-guerra alimentavam as rivalidades entre paulistas e cariocas: “O clima de desavenças entre paulistas e cariocas, a crise econômica já pronunciada e as turbulências políticas manifestadas desde 1924 com a deflagração da Coluna Prestes impossibilitaram a realização de jogos da seleção brasileira em 1924, 1926 e 1927”. (FRANCO JR., 2007, p. 74-75.)

As cidades de São Paulo e de Rio de Janeiro, desde o início do século XX, assumiram papéis de destaque nas questões que envolvem o futebol: amparadas, de uma parte, pelo protagonismo econômico e político no País e, de outro, pela imprensa escrita, num primeiro momento, e pelo rádio e televisão, em momentos posteriores. O *Brasil*, pois, ou um início de representação de um ideal de *Brasil*, resumia-se nas características daquelas duas cidades. Logo, não é de se estranhar que as primeiras entidades criadas para gerir o futebol brasileiro tenham sido fundadas nestes lugares, como a Federação Brasileira de Futebol, em São Paulo, e a Federação Brasileira de Esportes, no Rio de Janeiro⁶. Através de certo poder político e econômico exercido ou protagonizado por

⁶ “No dia 25 de setembro de 1915, os paulistas criaram a Federação Brasileira de Futebol. Quase em seguida, cinquenta dias depois, a 15 de novembro do mesmo ano, os cariocas fundaram a Federação Brasileira de Esportes. Começa aqui, realmente, uma das maiores disputas entre paulistas e cariocas pela hegemonia do

determinadas pessoas, nestas cidades, experimentamos o fato de que, talvez com raríssimas exceções e não registradas, não houve contestação da legitimidade destas entidades fora daquilo que convencionamos chamar de *centro do futebol brasileiro* — e, ao longo da pesquisa, também de eixo Rio/São Paulo — como representantes do futebol do Brasil. As contestações aconteciam apenas de parte a parte, ou seja, paulistas e cariocas rivalizando entre si e contestando-se mutuamente. Naquele momento, por volta dos anos de 1915-1916, a ideia era que uma só entidade pudesse, não só representar o futebol brasileiro internacionalmente, mas também ditar as regras e se consolidar como legítima no cenário esportivo nacional. Para isso, era necessário obter o amparo da FIFA — *Fédération Internationale de Football Association*⁷ — que havia determinado que só reconheceria uma única entidade como representante do futebol brasileiro e, para isso, recomendava a unificação do futebol no País. De acordo com Waldenyr Caldas:

Como os outros Estados, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e demais, eram ainda inexpressivos em futebol, de nada adiantaria o apoio de um deles à São Paulo ou Rio de Janeiro. Estava, assim, criado o primeiro grande impasse no futebol brasileiro. [...] não havia, naquela época em nosso país nenhuma outra entidade suficientemente expressiva para apoiar uma das duas e ‘desequilibrar’ a disputa em favor de uma delas. [...] A força do futebol girava mesmo em torno de São Paulo e Rio de Janeiro. (CALDAS, 1990, p. 38-39).

O impasse vai perdurar por quase um ano até a criação da Confederação Brasileira de Desportos, como entidade máxima do futebol do Brasil. De acordo com Adolpho Sherman,

futebol brasileiro. Na verdade, essas entidades congregavam, respectivamente, o que havia de mais expressivo em futebol nos dois maiores Estados da Nação. Por isso, tornaram-se oficiais. Os cariocas foram um pouco além do futebol. Sua entidade pretendia (mas isso não ocorreu) administrar todos os esportes do Estado. Essa disputa, no entanto, tinha um objetivo maior. Ambas lutavam pelo direito e privilégio de representar o futebol brasileiro no cenário internacional.” (CALDAS, 1990, p. 38)

⁷ Fundada em 1904, na França, com sede em Zurique, a FIFA surgiu como uma resposta à necessidade de se uniformizar as regras do *Football Association* e descolá-lo das regras e imposições do *Rugby Football Union*, dois esportes diferentes que nasceram da mesma matriz inglesa, mas que se misturavam e se confundiam, à época. Contudo, a FIFA, como se sabe, veio a se tornar a *proprietária* do futebol no mundo todo — extrapolando em muito uma função meramente de guardiã das regras do jogo e juíza de conflitos — e uma grande empresa que detém o monopólio, inclusive, da Copa do Mundo de Futebol e quaisquer menções públicas a esta competição internacional. Recentemente, vários de seus dirigentes e ex-dirigentes, como o brasileiro João Havelange, e seu atual presidente Joseph S. Blatter, foram alvos de denúncias de corrupção e desvio de dinheiro para paraísos fiscais. Sobre isso, consultar JENNINGS, 2006.

Assim, a 6 de novembro de 1916 foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos, projeto aprovado pelas Federações de Remo da Bahia, Capital Federal e São Paulo, e ainda dos desportos terrestres dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Minas, Capital Federal e Pará; e os delegados da Associação Paulista de *Sports* Atléticos e da Federação Brasileira de Futebol. A instalação definitiva da CBD ficou para o dia 5 de dezembro de 1916, o que foi feito com representantes da maioria dos Estados brasileiros, numa prova eloqüente do seu poderio. (SHERMAN, 1958, p. 25).

Mas a fundação da Confederação Brasileira de Desportos – CBD – que, mais tarde, viria a se tornar CBF – Confederação Brasileira de Futebol –, solucionaria os impasses? Além disso, ao longo da história, poder-se-ia afirmar, com toda a convicção, de que o referido órgão seria mesmo representativo dos interesses ligados ao esporte em todo o Brasil?

IMPASSE: AMADORISMO VERSUS PROFISSIONALISMO

Outro impasse permaneceria durante toda a década de 1920, culminando com novo racha em 1933: a questão do amadorismo *versus* profissionalismo no futebol. Como dissemos anteriormente, nas primeiras décadas do século XX, o futebol foi concebido como um esporte de elite e era vedada a sua prática, nos grandes clubes, por parte de negros, pobres e trabalhadores braçais. Uma das armas mais eficazes contra uma possível popularização do futebol era a ideia do esporte e do jogador amador. Isso significava, basicamente, que nenhum jogador receberia qualquer tipo de pagamento para atuar em determinado clube. Se observarmos, com atenção, os primeiros jogadores do futebol no Brasil eram, também, na maioria das vezes, sócios dos clubes pelos quais atuavam. Logo, estes clubes de elite montavam equipes de futebol através dos seus quadros de sócios e como, em larga escala, eram jovens abastados, e o tempo dispensado para o exercício desta atividade não implicava em nenhuma perda financeira por parte do jogador. Ora, como imaginar um trabalhador pobre que pudesse dedicar tempo à prática do futebol se esta atividade não era remunerada e muito menos reconhecida como um ofício ou

profissão? Fica evidente o caráter elitista da proposta de manter o futebol como esporte amador. Além disso, ainda há o que ressaltar: para os clubes da época, a presença de pessoas de pele negra era absolutamente proibida, ainda que de forma velada e/ou implícita. Isso vale, em especial, para os clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, como o São Paulo Athletic, Sport Club Germânia, Club Athletic Paulistano, Clube de Regatas Flamengo, Fluminense Futebol Clube, Botafogo Futebol e Regatas, América Futebol Clube, *The Bangu Athletic Club*.⁸

Quais foram as razões, então, para a mudança, ou seja, por que o profissionalismo acabou vingando em detrimento do amadorismo dos clubes?⁹ Diversas são as respostas possíveis que, aqui, poderiam ser assim resumidas:

i) Com o aumento da rivalidade entre os clubes, seja no Rio de Janeiro ou em São Paulo, através da participação em competições e campeonatos organizados pelas respectivas federações estaduais ou locais, vencer uma determinada competição tornava-se cada vez mais imperioso. Dos primeiros clubes que praticavam o futebol, nem todos nasceram especificamente para a prática desta modalidade esportiva: no caso do Rio de Janeiro, em fins do século XIX e início do XX, eram mais comuns os clubes dedicados ao Remo¹⁰. Em São Paulo, ao *Cricket*¹¹. Em Belo Horizonte, ao Turfe e ao Atletismo¹².

Contudo, em pouco tempo, o futebol desbancou outras modalidades esportivas e se tornou o esporte favorito das massas, passando a ganhar destaque na imprensa escrita, antes silenciosa em relação a ele. Alijados, em determinado momento, da prática do futebol, centenas de pessoas pobres se aglomeravam próximos aos campos para assistirem — ou o melhor seria dizer: torcerem? — aos treinos e aos jogos dos clubes, ocupando

⁸ É curioso perceber clubes que, atualmente se vangloriam de sua condição *popular*, que se autodenominam “do povo”, nasceram como clubes de elite e somente fizeram concessões a jogadores pobres e/ou negros quando o profissionalismo enfim prevaleceu no futebol do Brasil; são os casos do Flamengo-RJ e do Botafogo-RJ, em que o caráter elitista, exclusivista e amador foi defendido até a década de 1930 e a presença de negros e/ou pobres em seus times duramente combatida.

⁹ Estudo detalhado sobre este assunto foi efetuado por (CALDAS, 1990). Também estudado por (FILHO, 2003); (FRANZINI, 1997); (FRANCO JÚNIOR, 2007); (CREPALDI, 2009); (ROSENFELD, 2000); (ROSENFELD, 1973).

¹⁰ Cf. CALDAS, 1990; FILHO, 2003; FRANCO JR., 2007.

¹¹ Cf. CALDAS, 1990.

¹² Cf. RIBEIRO, 2007. Talvez em função da juventude da cidade, o futebol só irá se tornar, de fato, importante modalidade esportiva entre os anos de 1908 e 1912, a despeito de alguns clubes dedicados ao futebol terem surgido em anos anteriores.

espaços diferentes, nos estádios, dos locais ocupados pelas pessoas de *boa família*. Nasce, cresce, emoldura-se nos rostos e nos corações das pessoas e expandem-se para fora de si mesmo os sentimentos de pertencimento e identidades, aflorando nas assistências às partidas do jogo. Mesmo não podendo atuar neste ou naquele clube, o cidadão comum, o negro, o pobre, se identificava com ele, seja por ter nascido no mesmo bairro ou na mesma cidade, e passava a torcer, a enxergá-lo como sendo *seu* ou como *parte sua*. Não raro, negros e pobres se vangloriavam por uma vitória do seu clube — o mesmo que lhe negava a participação como jogador — aos gritos de *Sou Flamengo*. *Sou Flamengo* era diferente de *Sou do Flamengo*: este último, reservado aos sócios e não ao torcedor comum¹³.

Estas rivalidades que surgem e que se cristalizam com o passar dos anos dão origem, também, à fundação de outros clubes, diretamente ligados à prática do esporte, mas, também, unidos por características que os diferenciariam uns dos outros: podiam ser simplesmente bairros diferentes — Flamengo e Botafogo —, mas também era a comunidade portuguesa, no caso do Vasco da Gama, ou o *clube dos trabalhadores da fábrica* — como o Bangu — e comunidades pobres inteiras, como Bonsucesso ou São Cristóvão¹⁴. O sentimento de pertencimento, de identidade, que o cidadão emprestava ao clube, daria o tom da rivalidade e, principalmente, da necessidade de ser o vencedor, o campeão: logo, era inevitável *democratizar* os times, ter como jogadores não somente o *bom rapaz* da família tradicional, branca e rica, mas também todo e qualquer homem que fosse *bom de bola*. Para atrair esses jogadores, vários artifícios foram usados, ainda na época do amadorismo, como o pagamento aos jogadores, de maneira disfarçada, através de jargões comuns como *dar o bicho*, à margem da legalidade ou da formalidade.

De direito, o jogador continuava a ser um mero praticante amador do esporte. De fato, pelo menos os melhores, eram pagos para jogar¹⁵. Esta situação perpetuava a exploração do jogador pelo clube, mas forçava a entrada de negros e de pobres,

¹³ Cf. RODRIGUES FILHO, 2003.

¹⁴ Em São Paulo, a comunidade italiana reunida através do Palestra Itália — hoje Palmeiras —, e a elite dominante, no *Club Athletic* Paulistano. Em Belo Horizonte, no início, estudantes e posteriormente a comunidade sírio-libanesa, em torno do Atlético, a italiana em torno do Yale-Ypiranga, depois Palestra, hoje Cruzeiro; e estudantes e garotos, depois a elite, envolvidos com o América. Cf. CALDAS, 1990; RODRIGUES FILHO, 2003; FRANCO JR., 2007; RIBEIRO, 2007.

¹⁵ Este momento do futebol no Brasil, do Rio e de São Paulo, é também chamado de “amadorismo marrom”, conforme CALDAS (1990) e RODRIGUES FILHO (2003).

principalmente, nas arenas de jogo, haja vista que era impossível, obviamente, montar um time competitivo, em condições de vencer os campeonatos, apenas com brancos e ricos: coube ao Vasco da Gama-RJ o pioneirismo¹⁶ de aceitar quaisquer jogadores em seus times, independente da sua condição social e financeira ou de sua cor e atraindo-os com a promessa de bons pagamentos por vitórias e conquistas¹⁷.

ii) O futebol brasileiro não estava isolado do mundo. Diversas delegações de clubes estrangeiros realizavam torneios amistosos por aqui. Além disso, a Seleção Brasileira disputava os torneios Sul Americanos e a Copa Roca¹⁸, o que expunha a realidade do futebol do Brasil para outros países e vice-versa. Contudo, a profissionalização do futebol já era realidade na Europa e, também, na Argentina e Uruguai. Em outras palavras, jogador de futebol, em diversos lugares do mundo, era considerado um profissional como outro qualquer, remunerado e com garantias trabalhistas. Enquanto no Brasil ainda se praticava o tal “amadorismo marrom” nos clubes, diversos países já haviam passado pela profissionalização do futebol, o que levou a inúmeras investidas de times estrangeiros, na tentativa de levar jogadores brasileiros para seus clubes. Seduzidos por muito dinheiro e toda a sorte de promessas, vários jogadores abandonavam seus clubes locais e se aventuravam em outros países, com destaque para a Itália, Argentina e Uruguai¹⁹. Também são famosos os casos de jogadores brasileiros naturalizados italianos que

¹⁶ A literatura que trata da referida questão aponta, sempre, o Vasco-RJ como o pioneiro. Entretanto, já existem hipóteses — a serem confirmadas em pesquisas mais específicas — de que o Bangu-RJ já reunia operários, em suas equipes, antes do Vasco-RJ.

¹⁷ O Vasco se tornaria o campeão carioca em 1923 com um time de “pretos e mulatos”, nas palavras de Mário Filho (2003). Em 1924, através de uma manobra, os outros grandes clubes do Rio de Janeiro fundaram uma nova entidade organizadora do futebol carioca, deixando o Vasco de fora e impondo condições para os jogadores. Condições essas que acabavam novamente por impedir o acesso de negros e pobres como jogadores. O registro é também mencionado em CALDAS (1990) e em FRANCO JR. (2007).

¹⁸ É uma competição de futebol instituída em 1913 pelo presidente argentino Julio Argentino Roca. É disputada entre as seleções nacionais de Brasil e Argentina. Interrompida desde 1976, a competição voltou a ser disputada em 2011, após acordo entre a Confederação Brasileira de Futebol e a Associação do Futebol Argentino, com jogos de ida e volta na Argentina e no Brasil.

¹⁹ Jogadores lendários para o futebol brasileiro, que atuavam no Rio de Janeiro, também jogaram em clubes de outros países, como: Fausto dos Santos, no Nacional do Uruguai, além de Barcelona e *Young Boys*, na Suíça; Domingos da Guia, no Boca Juniors da Argentina; Leônidas da Silva, o *Diamante Negro*, no Peñarol do Uruguai. De São Paulo, apenas para o San Lorenzo da Argentina, perdeu os jogadores Petronilho, Vani, Ramon, Teixeira e Tufi. Todos esses ainda nas décadas de 1920 e 1930, conforme FILHO (2003) e CALDAS (1990).

chegaram a disputar, inclusive, a Copa do Mundo de 1930 pela Itália. Nas palavras de Mário Filho:

Um craque podia ficar rico em pouco tempo. Era a visão do *El Dorado* que se abria para os jogadores brasileiros. Com nome italiano, bem entendido. O jogador brasileiro com nome italiano não hesitava, arrumava a mala [...]. Para a Itália de Mussolini, os emigrantes do futebol eram italianos que voltavam à pátria. [...] E lá se foi para Roma, para Gênova, para Turim, muito argentino, muito uruguaio, muito brasileiro. [...] A onda do profissionalismo se alastrando, aproximando-se do Rio, de São Paulo. [...] O caso de Amphilóquio Marques, o Filó do escrete paulista, do escrete brasileiro. Quem não sabia em São Paulo, os jornais cansados de publicar biografias dele, que Filó era filho de portugueses? Pois chegou na *Azurra*²⁰, posando para fotógrafos de braços levantados. (FILHO, 2003, p. 182-183).

iii) A importância que o futebol conquistou, principalmente nos meios de comunicação e sua dimensão social. Nas palavras de Anatol Ronsefeld (2000, p. 85): “Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação”. No período de cerca de menos de vinte anos, o futebol assumirá cada vez mais destaque na imprensa escrita, acompanhando a tendência das ruas e dos lugares, onde o esporte, sua prática e tudo o que dele emana, angaria cada vez mais adeptos e importância. É inegável que a força demonstrada pelo futebol não poderia passar imune às letras atentas dos jornais e revistas, sempre prontos a participarem de festas não organizados por eles: de um desdém quase absoluto e um *dar de ombros*, do início do século XX, a imprensa escrita especializada do Rio de Janeiro

[...] alcança um crescimento estrondoso, saltando de cinco, em 1912, para cinquenta e oito, em 1930. Um bom exemplo de toda essa atenção dispensada é dado pela [...] Gazeta, que lança em 1928 sua ‘Edição Esportiva’ semanal; pouco a pouco, este semanário acabou por englobar sua própria origem: em fins dos anos 1930, circulava três vezes por semana, já rebatizada de ‘A Gazeta Esportiva’; em 1947 tornou-se diário (FRANZINI, 1997, [s.p.]).

²⁰ A cor tradicional da camisa da seleção italiana é em homenagem à antiga casa real italiana de Savoia, cuja família reinou o país de 1861 até 1946 e tinha no brasão imperial a cor predominante azul claro (*azzurro*) e, portanto, os membros da seleção são apelidados *Azzurri* e a seleção de *Squadra Azzurra*.

A totalidade da imprensa escrita²¹ tomou partido, no Rio e em São Paulo, contra e a favor do profissionalismo, mas com clara predileção por este último. Sendo assim, os eventos desenrolados nos jogos de futebol eram repercutidos nos dias posteriores, pelos jornais, retroalimentando as polêmicas, exacerbando as rivalidades e vendendo mais jornal — nada muito diferente do que temos hoje, contudo, em diversas mídias diferentes. No caso específico da disputa entre amadorismo *versus* profissionalismo, jornalistas como Mário Filho e José Lins do Rego postaram-se favoravelmente à profissionalização do futebol, e argumentando em suas colunas e textos publicados, o que, de certa forma, ajudava a criar certa *opinião* favorável dos seus leitores: esta opinião pública também contribuiu para a aceitação do profissionalismo no futebol, a partir de 1933, no Rio de Janeiro e em São Paulo²². De certa forma, o profissionalismo já ocorria, na prática, desde 1928 em São Paulo, mas a oposição a ele era bastante forte no Rio de Janeiro, com grandes clubes e seus presidentes — Botafogo-RJ e Flamengo-RJ — atuando politicamente junto à CBD, presidida pelo carioca Oscar da Costa, para impedir a sua implantação. Este é um momento tão conturbado na história do futebol no Brasil, que muitos descontentes com a Confederação fundam a nova Federação Brasileira de Futebol, através da APEA – Associação Profissional dos Esportes Atlético, de São Paulo — e LCF – Liga Carioca de Futebol, rompendo com a CBD. Waldenyr Caldas assim se refere a este momento:

Assim é que, assumindo definitivamente seu rompimento com a CBD, APEA e LCF reúnem-se a 26 de agosto de 1933, em São Paulo, no salão nobre do Palestra e fundam a FBF — Federação Brasileira de Futebol. Depois do acontecimento no Rio de Janeiro que fundou a LCF e oficializou o profissionalismo, a reunião de São Paulo, para criar a FBF,

²¹ É importante considerar que os jornais de circulação nacional, à época, quase todos tinham origem em São Paulo e Rio de Janeiro, o que nos ajuda a considerar a sua importância para a popularização do futebol no País, mas, principalmente, na popularização do futebol carioca e paulista, através de seus clubes, para o restante do Brasil. Como exemplos, podemos citar: Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, Correio Paulistano, Folha da Manhã, Jornal dos *Sports*, Jornal do *Commercio*. O jornal ‘Crítica’ de Mário Rodrigues, pai de Mário Filho, foi um grande exemplo de poder da imprensa carioca para o resto do país: o Governador de Minas Gerais, em 1925 era Fernando Melo Viana, figura praticamente inexpressiva no cenário político nacional. Pois a atuação do jornalista e de seu jornal, em favor de Melo Viana, quase desencadeou uma crise política no seu partido, já que a ‘Crítica’ encampou uma campanha para que o Governador de Minas Gerais saísse candidato à Presidente da República. Ora, a jogada de Mário Rodrigues e a influência de seu jornal foram tão certas e grandiosas, que Fernando Melo Viana acabou sendo alçado à condição de vice na chapa de Washington Luís, desbancando Miguel Calmon (CASTRO, 2012, p. 55-56).

²² Segundo CALDAS (1990), o profissionalismo em São Paulo aconteceu de maneira mais tranqüila do que no Rio de Janeiro.

passou a ser, talvez, o acontecimento mais importante do futebol em 1933 (CALDAS, 1990, p. 220).

Durante um breve período — 1933/1937 — a FBF foi bastante atuante, organizando, inclusive, o 1º Campeonato Brasileiro de Clubes, que contava com a participação dos Campeões Estaduais da Região Sudeste, filiados à FBF, em 1936²³. Este racha do futebol brasileiro somente será superado em 1937, através de um acordo entre os envolvidos, obrigando a CBD a aceitar o profissionalismo de maneira oficial e em contrapartida a FBF extingue-se, passando os seus clubes filiados imediatamente à CBD, agora única representante oficial do futebol no país.

O FUTEBOL BRASILEIRO PELA IMPRENSA ESCRITA DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO: 1930-1960

De uma maneira geral, até aqui, nos voltamos para os primórdios daquilo que poderia ser chamado de futebol brasileiro e o início da construção de seu *centro*: Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo com as informações que davam conta do surgimento da prática do futebol em diversos pontos do território nacional, em momentos distintos e até mesmo anteriores a sua prática naquelas cidades, conservou-se a ideia de que o futebol brasileiro nasceu e se irradiou através deste *centro*. Em parte, tentamos evidenciar a nossa visão — ou interpretação — de que é uma cultura do futebol brasileiro que criará, inventará, construirá e cristalizará a centralidade de Rio e de São Paulo de uma maneira naturalizada. A questão pode ser anunciada de outra maneira. Observamos, hoje, clubes como o Flamengo-RJ e Corinthians-SP recebendo cerca de cem milhões de dólares cada

²³ Participaram da sua fase final os seguintes clubes: Atlético, Campeão Mineiro; Fluminense, Campeão do Distrito Federal (os jogadores deste time foram, inclusive, comprados a peso de ouro em São Paulo, e constituíram a base da Seleção Paulista, Campeã Brasileira no ano anterior); Rio Branco, Campeão do Espírito Santo; Portuguesa de Desportos, Campeã Paulista. O clube mineiro sagrou-se vencedor. Registre-se que a Federação Brasileira de Futebol convidou clubes de todo o território nacional para a participação da competição, conforme o Dossiê em prol da unificação dos títulos nacionais que ainda beneficia clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo. Entretanto, apenas os campeões de Minas Gerais, Distrito Federal, São Paulo e Espírito Santo aceitaram o convite. O Atlético, através da sua presidência, se recusou a reivindicar a oficialização da conquista.

um, por ano, de cota paga pela televisão. Tais valores representam mais de vinte por cento do total devido a todos os clubes que disputam o Campeonato Brasileiro da Série A. Evidencia-se, com isso, a importância relativa destes clubes no contexto geral²⁴. Evidencia-se, também, que as referidas desigualdades relativas às cotas não correspondem aos critérios de distribuição mais equitativa de recursos. Por exemplo, o Clube Atlético Mineiro é, em 2012, a quarta maior *imagem-marca* “vendedora” de *pay-per-view* do Brasil e, no entanto, está muito distante de Corinthians-SP, Flamengo-RJ e São Paulo-SP. Assim, não raro percebemos que diversas pessoas envolvidas com este esporte no País defendam esta inexplicável divisão de recursos entre os clubes, apelando para a suposta maior *importância* de alguns em relação a outros; ou para um suposto número maior de torcedores, ou, ainda, para uma maior quantidade de campeonatos conquistados. Não há nada de natural nessa distribuição de cotas. Há ausência de critérios, em última instância. Mas há, certamente, há a prevalência do critério-benefício destituído de argumentos que fortalece a ideologia hegemônica. As verdades são forjadas e o processo cultural banaliza a história — aqui naturalizada — e ainda reforça a ignorância geral e comum. Não se consideram as bases históricas, geográficas e sociais que fizeram surgir o *centro* e levaram a sua consolidação: a assimetria entre clubes ou a desigualdade entre eles é entendida como natural, normal ou óbvia.²⁵

²⁴ Em reportagem da Folha de São Paulo, o jornalista Bernardo Itri assim relatava: “O novo contrato de TV (2012-2015) com a Globo aumentou a receita de todos os clubes, mas Corinthians e Flamengo, que já recebiam valores superiores aos outros, distanciaram-se mais ainda. A diferença das quantias pagas às duas equipes para seus adversários, na maioria dos casos, chega a dobrar. Para se ter uma ideia, em 2011, pelo atual contrato, o Corinthians receberá cerca de R\$ 41 milhões, e o São Paulo, perto de R\$ 36 milhões. No próximo ano, quando o novo contrato passará a valer, entrarão nos cofres do Parque São Jorge ao menos R\$ 100 milhões. E, no do clube Morumbi, R\$ 85 milhões. A diferença entre as receitas de TV dos dois clubes, que era de R\$ 5 milhões, triplicou, passando para R\$ 15 milhões. ‘É **natural** que isso aconteça. Pensa quanto pode ser cobrado de um patrocinador em um jogo do Corinthians ou em um jogo de outro clube. Se eu fosse dirigente de outro clube, talvez reclamaria. Mas, como sou do Corinthians, acho justo’, afirma Roberto de Andrade, diretor de futebol do clube alvinegro”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/960265-corinthians-e-flamengo-ampliarao-distancia-financeira.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2011. Grifo nosso.

²⁵ O mais importante, entretanto, é compreender que se trata da venda de imagem para a mídia centralizadora. Trata-se, portanto, de um negócio em que as partes não negociam sob a referência de critérios e de regras visando o fortalecimento de uma *liga nacional*, por exemplo. A regra é o mercado, mas, nesse caso, fortemente contaminado por ideologias que minam a própria lisura das negociações. A Rede Globo de Televisão não representa os interesses de todas as partes e, de modo algum, poderia submeter todas as partes aos interesses de quem ela está representando: sobretudo os principais clubes de Rio e de São Paulo. Em decorrência desse processo, há um evidente beneficiamento, pela Rede Globo de Televisão, às partes que ela diretamente representa e com as quais explicitamente se identifica. É inimaginável, por exemplo, que a Rede Globo sente-se à mesa com o Coritiba-PR e com o Flamengo-RJ com o propósito de negociar com lisura e

Já discutidos pela vasta literatura²⁶, os poderes econômicos e políticos estiveram sediados em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, desde início do Século XX. Entretanto, além do poder econômico e político, há outro fator fundamental para a construção de uma simbologia própria, bastante peculiar e nociva à própria ideia de nação integrada, de uma centralidade paulista e carioca na propagação dos valores culturais e simbólicos destes lugares para o restante do País: a imprensa escrita²⁷. Os grandes jornais de circulação nacional eram sediados nestas cidades e as notícias do futebol carioca e paulista também atingiam todas as cidades brasileiras aonde eles chegavam. Como exemplo, a cidade de Belo Horizonte, nos idos de 1900, recebia jornais de Rio e de São Paulo, bem como as notícias do seu futebol, mas a recíproca não era verdadeira: salvo alguma assinatura aqui e outra ali, de mineiros residindo em outros estados ou de Bibliotecas, os jornais de Belo Horizonte não alcançavam outras partes do território nacional, ficando na maioria das vezes circunscritos às cidades próximas à jovem capital²⁸. Logo, as informações sobre os clubes belorizontinos também não alcançavam grandes distâncias o que, sobremaneira, contribuiu para sua pouca popularidade fora da cidade:

imparcialidade. Isso significa que, antes de se iniciar a competição, já se estabelece uma tendência que poderá, ao longo da história, no curto prazo, ser ampliada. Todos perderiam, pois não caberia mais, nesse Brasil já tão melhor difundido para todos os brasileiros, uma competição nacional de futebol em que todos são excluídos, previamente, em prol de alguns poucos. Não caberia mais a concepção de uma competição como a Taça Brasil, em que clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo eram beneficiados sem qualquer movimento político importante: eram inseridos apenas na semifinal e enfrentavam, com isso, somente dois adversários para a conquista do título. No século XXI, no Brasil, isso seria inimaginável.

²⁶ CANO, 1985; SUZIGAN, 1986; PEREIRA, 1985; FURTADO, 1982 [1959], 1981; PRADO JÚNIOR, 1977 [1942], 1978 [1945]; CASTRO, 1977.

²⁷ Na verdade toda a imprensa, de um modo geral, contribuiu para o fortalecimento do *centro*. Contudo, a importância de outros veículos de comunicação é explicitada, diminuída ou concentrada, dependendo do momento histórico analisado. Assim é que em meados de 1935-1936, o rádio assume importância gradativamente maior na difusão do futebol pelo Brasil em comparação aos jornais e revistas, como veremos mais a frente.

²⁸ Segundo Raphael Ranjão Ribeiro (2007, p. 107): “Mesmo estando afastados de um meio esportivo mais ativo, os adeptos do futebol nos primeiros anos da modalidade em Belo Horizonte contavam com razoável gama de informações fornecida pelos jornais da capital mineira [através de traduções de jornais e revistas internacionais ou transcrições de outros jornais]. Tomando contato com notícias acerca do desenvolvimento, em outros centros, da atividade atlética da qual eram entusiastas, eles criavam parâmetros para o futuro desenvolvimento das agremiações, como pôde ser verificado na formação da primeira liga da cidade, ainda em 1904, cuja inspiração em outras experiências foi destacada, por exemplo, pela *Folha Pequena*, que ressaltou a similaridade que ela teria em relação às congêneres do Rio de Janeiro e São Paulo. [...] De certa forma, a capital mineira colocava-se como periférica em relação aos grandes centros nacionais, tomados, a todo momento, como referencial para seu desenvolvimento. Seguir o que aquelas cidades faziam era ideia apresentada em vários discursos, dentre os quais os dos esportistas”.

Mesmo tendo chegado a exercer influência no desenvolvimento do futebol em algumas localidades de Minas Gerais, Belo Horizonte não se afirmou como pólo difusor do esporte. Evidência disso foi o fato de que, durante o declínio da modalidade na cidade, o qual culminou com o desaparecimento das agremiações pioneiras, outros centros do estado, como Poços de Caldas e Ouro Preto mantiveram sua atividade atlética. Assim, em confronto realizado em 1906, entre os selecionados da nova e daquela que havia sido a antiga capital mineira, o segundo time mostrou maior superioridade, fruto, como informou a imprensa, de seus treinamentos mais constantes. (RIBEIRO, 2007, p. 109).

É evidente que o que se põe para Belo Horizonte, deve ser posto, também, para as outras cidades e capitais de todo o território brasileiro. Entretanto, outra questão se mostrava extremamente importante para o País, em meados da década de 1930 e que se ligava diretamente ao futebol: a criação de uma identidade nacional. Como vimos, ainda que de forma ligeira, o Brasil de início do século XX enfrentava problemas estruturais muito graves, seja na sua gestão política e social, seja em sua esfera econômica. A *abolição* da escravatura em 1888 não havia sido assimilada totalmente pelos setores mais conservadores e reacionários da elite brasileira, a mesma que ditava os rumos da política e da economia do País²⁹. Logo, o País enfrentava problemas que iam desde a dificuldade de aceitação das pessoas negras no seio da sociedade e das famílias *brancas*, bem como todo um ideário cultural e simbólico a ser criado, na tentativa de dar sentido e forma à nova nação soberana. Apesar de tornar-se independente de Portugal em 1822, o Brasil manteve praticamente intocadas as características do padrão de desenvolvimento nacional anterior: trabalho escravo, monoculturas e dependência econômica, cultural e política de outros países, em especial a Grã-Bretanha. Mesmo com a proclamação da República em 1889, quase nada foi alterado, a não ser a mentalidade de que se fazia necessária a criação de um sentimento de nação, de pertencimento, enfim, a criação dos *brasileiros*, com vistas ao fortalecimento do País e preservação de suas fronteiras. Diversos símbolos nacionais serão criados, esquecidos, re-trabalhados, desde a Bandeira até os Hinos Nacionais, bem como o

²⁹ A data de 13 de Maio de 1888 tem importância histórica significativa. Contudo, sabemos que diversos grupos de defesa dos direitos da pessoa negra priorizam a comemoração do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Para efeito desta pesquisa, não entramos no mérito da discussão sobre questões de gênero ou raciais: atemo-nos, tão somente, às questões histórico-espaciais de ordem prática, que nos auxiliam no entendimento do País em início do Século XX e o papel do futebol nesta trama.

ideal expresso no pavilhão adotado até hoje: Ordem e Progresso, de inspiração positivista e proposto por Rui Barbosa.

O futebol teve papel de destaque na tentativa de se *inventar* um povo, de se criarem características próprias a este povo. Ainda assim, durante esses mais de cem anos de futebol no País, ele foi elitizado e amador, passou a ser do populacho e profissional, deixou de ter *glamour* e ainda foi considerado ocupação de malandro. Para outros, como Mário Filho e Gilberto Freyre³⁰, se tornou meio para uma certa “emancipação do preto”. Além disso, foi — e em alguns casos ainda é! — tomado por muitos como *ópio do povo*, capturado, por exemplo, pela Ditadura Militar nos anos 1970. Nos dias atuais, é um negócio globalizado altamente rentável para dirigentes, clubes e jogadores, que se tornam celebridades instantâneas e milionárias da noite para o dia, e que conhecemos muito bem, através da televisão e outras mídias menos convencionais. Diante de sua condição mutante, inefável, leve e muitas vezes ameaçadora e opressora, não é de estranhar que não possamos traçar uma *linha do tempo*, reta, tangível, que dê conta de todas as nuances do envolvimento deste esporte com a política e com a sociedade, em diversos momentos históricos distintos. A trajetória do futebol em nosso País mais se assemelharia a uma espiral, um tornado de possibilidades, onde o centro deste tornado é a memória coletiva impregnada pelas diversas oscilações cíclicas deste redemoinho. Nesta memória coletiva jaz a ideia de resultado sem processo, de fatos pontuais que somente levam a um corolário óbvio: desconhece-se, em geral, o poder e toda a gama de entroncamentos, esquinas, equivalências, assimetrias que gravitam em torno do futebol, que tratamos aqui como algo que transcende apenas o mero jogo.

³⁰ No prefácio do livro de Mário Filho (2003, p. 24-25), *O Negro no Futebol Brasileiro*, Gilberto Freyre, em 1947, assim se referia ao esporte: “O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parassociológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente — pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa — de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol — ou de algum equivalente de futebol — na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade. [...] O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. [...] Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço”.

Contudo, nada disso ainda estava presente ou consolidado até meados da década de 1930. A imprensa escrita esportiva se esforçava para dar seus primeiros passos e várias foram as tentativas de cobertura de determinado evento. De pequenas notas, quase escondidas em pés de páginas dos grandes jornais, o futebol passa a ocupar cadernos inteiros, com informações detalhadas das partidas futuras, bem como resultados e resenhas dos jogos acontecidos, desde o placar até o público presente. Encaminham-se, aqui, dois exemplos, de dois jornais, sendo um de São Paulo, o *Correio Paulistano* e outro do Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* (publicação nacional totalmente dedicada aos esportes em geral)³¹, em 1937. Os exemplos servem, inclusive, para a reflexão acerca da contraditória hegemonia do centro – constituído por Rio e por São Paulo – que, por vezes, era superado, surpreendentemente (para ambos), por forças potentes que lhes ameaçava a condição de centralidade; esta centralidade concebida e forjada por eles próprios. Vários desses processos não se restringiram ao início do século, aos anos de 1930 e, além disso, atravessaram o século XX:

O Certame máximo do futebol das especializadas dando início ao Campeonato Nacional

A F.B.F. determinou para domingo, nesta Capital, o encontro entre a Portuguesa de Esportes e o Fluminense

Cumprindo a tabella organizada pelo Departamento Technico da Federação Brasileira de Futebol, iniciam-se no próximo domingo, em S. Paulo, os jogos em que vae tomar parte a Associação Portugueza de Esportes, Campeã Paulista de 1935, em disputa do III Campeonato Brasileiro de Futebol, patrocinado pela entidade especializada. Este anno o Torneio tem a novidade de ser disputada por Clubes e não por combinados, o que vae offerecer uma oportunidade ás torcidas para melhor expandirem as suas predilecções. Será adversario do Clube da Cruz de Aviz o valoroso Fluminense F.C., Campeão da Liga Carioca, que, como se sabe, possui um esquadrão completo e no qual figuram os principais "azes" do futebol paulista. Batataes, Machado, Orozimbo, Hercules, Romeu, Lara e Guimarães são os elementos que vão medir forças contra Rodrigues, Duillio, Oswaldo, Barros, Joãozinho, Carioca, Laercio, Serafini, Pascoalino e Aurelio. Eis a tabella dos jogos:

Parte preliminar (Eliminatoria) – Janeiro, 8, Alliança F.C. vs. Liga de Esportes da Marinha, á noite, em Campos; Janeiro, 10 – Rio Branco F.C.

³¹ Nestas transcrições, optamos por manter a grafia da época.

vs. Vencedor do 1º jogo, em Victoria. Parte final (turno e retorno). [...] Correio Paulistano (07.01.1937).

Pela Primeira Vez o Athletico Triumpho Sobre o Fluminense

O Club mineiro assumiu a liderança do Certamen dos Campeões, sendo o mais provável vencedor do Torneio da F.B.F.

Quatro a um, contagem alcançada pelos montanhezes numa partida caracterizada pela violencia – Batataes ferido durante um “sururú” aos ultimos minutos da peleja.

Significação do Triumpho

O Athletico é, agora, o “leader” do Certamen dos Campeões, com a victoria de hoje e a derrota sofrida pelo Rio Branco, em S. Paulo, o Club mineiro assumiu a frente dos concorrentes, bastando vencer o Club capichaba para se tornar o Campeão Brasileiro. Mesmo que o Athletico perca para a Portugueza (no caso de sahir vencedor sobre o Rio Branco) terá garantido o honroso título. Jornal dos Sports (02.02.1937)

Este tipo de reportagem de jornal não era a única maneira encontrada pela imprensa escrita para falar sobre futebol aos seus leitores e, principalmente, para as massas. Iniciada talvez por Mário Filho, as chamadas *crônicas esportivas* faziam enorme sucesso, desde a década de 1930 até meados dos anos 1960. Além deste, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues³², dentre outros, também se especializaram em escrever textos carregados de sentimentos e de simbolismos. Se voluntariamente ou não, se propositadamente ou não, é difícil saber, mas suas crônicas também levaram para o restante do Brasil muito daquilo que eles próprios compreendiam de mundo, dos lugares, de territórios, de futebol e de paixão por determinado time: era a noção carioca — principalmente, mas não apenas! — de mundo estendida ao País como sinônimo de uma nação. Era a compreensão do Rio de Janeiro como a expressão da nação brasileira em processo de construção. Eles viam o Brasil e o mundo através da janela, que ficava de frente para o mar de Copacabana ou Flamengo. Assim, o Brasil, a nação brasileira poderia ser resumida e retratada através de um simples trajeto do Maracanã à Ipanema: o jeito de ser, as formas, os lugares, as preferências, os abusos, os exageros, a simplicidade, o

³² O futebol também teve os seus detratores entre a intelectualidade brasileira: Lima Barreto, por exemplo, chamava o futebol de modismo estrangeiro e esporte de pontapés. Graciliano Ramos profetizava: “O football não pega, tenham certeza”. Cf. ANTUNES, 2004, p. 24.

futebol, enfim, do Rio de Janeiro era a expressão do futebol brasileiro. Mais: o Rio, afinal de contas, era o Brasil. De acordo com Fátima Antunes (2004, p. 20),

Atentos à emoção que caracterizava o envolvimento dos torcedores por seus clubes de futebol preferidos, esses cronistas teciam suas considerações inclusive sobre esse fato, tentando desvendar suas razões, provavelmente inspirados ou influenciados pelo desejo de conhecer a *realidade nacional* que, de certa forma, virara moda e mania entre os intelectuais brasileiros a partir dos anos 30.

Portanto, ainda que pequena parte da população brasileira do período fosse alfabetizada e tivesse acesso aos jornais, a importância dos cronistas esportivos, em particular, e da imprensa escrita, em geral, foi determinante para a construção do *centro* do futebol brasileiro, a que sempre nos referimos. Neste sentido, São Paulo e Rio, historicamente, rivalizam e lutavam — e ainda o fazem — pelo poder e pelo controle do futebol no Brasil: talvez, também, pela inexistência de uma rede urbana altamente complexa e conectada, como temos hoje — pelo menos, muitíssimo superior àquela que tínhamos antes —, parece-nos claro que outras cidades ou regiões brasileiras eram, desde o início, periféricas e com importâncias hierarquicamente inferiores ao referido *centro*. Contudo, as disputas de RJ-SP eram encorajadas, fortalecidas, multiplicadas e repercutidas pelos cronistas de ambos os lugares e, de certa forma, trazia a opinião pública de seu reduto comungando das mesmas ideias ou fobias. Esta passagem de Fátima Antunes (2004, p. 64) merece relevo:

José Lins do Rego falava dos paulistas como se fossem bairristas, provincianos, enquanto os cariocas, mais cosmopolitas por viverem no Distrito Federal, estariam livres desse sentimento. O Rio de Janeiro seria uma síntese do Brasil; representava-o integralmente e em sua diversidade, e o *jeito de ser* carioca resumia o caráter nacional. Era assim que Zé Lins explicava e justificava o seu *carioquismo*.

Este escritor, flamenguista fervoroso, atuou incansavelmente para marcar o seu clube como o *mais querido do Brasil*. Como tinha relações pessoais importantes com os dirigentes do Flamengo-RJ e na condição de seu secretário-geral, foi escolhido, em 1951, para chefiar a delegação do time em uma excursão internacional. Assim, a excursão rubro-

negra tomou ares de uma missão diplomática brasileira ao exterior e isso era inteligentemente impresso nas páginas do *Jornal dos Sports* em que escrevia regularmente.³³ Em uma matéria intitulada de “Itamarati do *football*”, assinada por Mário Júlio Rodrigues, lia-se: “A imprensa francesa afirma, categoricamente e sinceramente também — que depois da chegada de Lindenberg e da Exposição *International*, nada havia abalado Paris mais do que o *team* do Flamengo. Do que a exibição da equipe do Flamengo!” (*Jornal dos Sports apud ANTUNES, 2004, p. 93*).

Não obstante, seis meses antes, o Clube Atlético Mineiro, em pleno inverno europeu, também realizou jogos naquele continente, passando pela mesma Paris, além de Alemanha, Áustria, Bélgica, Luxemburgo e Holanda³⁴. Das dez partidas disputadas contra grandes equipes, foi derrotado apenas em duas, vencendo outras seis. Salvo a cobertura feita pelos jornais de Belo Horizonte e uma ou outra nota em jornais cariocas e paulistas, nem de longe essa viagem foi tratada com o charme e a magnitude da excursão carioca. Não se trata de exigir, sessenta anos depois, o mesmo tratamento para ambos os clubes e, do mesmo modo, o tratamento equivalente para todos: o poder político e a força ideológica — que, naquele momento, são originários de Rio e de São Paulo — são propulsores da imagem de hierarquia e de desigualdade; mas não apenas disso: são propulsores das próprias hierarquias e desigualdades que se reproduzem. O que está em discussão, portanto, é o que nos ajuda a reforçar a nossa tese de construção ideológica do *centro* do futebol no Brasil. Essa construção teve como importante arquiteto a mídia impressa que circulava por todo o território nacional e que fazia — e ainda faz! — com que as cores, os símbolos, as crenças e ideais de mundo do *centro* se converta em ideais de todo o resto, inclusive do entorno deste mesmo *centro* que se transforma, nestes termos, praticamente invisível.

³³ A excursão do Flamengo-RJ à Europa praticamente limitou-se à Suécia, onde disputou 08 partidas. Além disso, a equipe do Rio de Janeiro fez uma partida em Paris, contra o Racing Paris, e uma em Lisboa, contra uma equipe portuguesa: Belenenses. Venceu as 10 partidas. Além de ter um ótimo time, os cariocas enfrentaram equipes consideradas muito fracas no cenário futebolístico europeu.

³⁴ “Dia 12 de novembro de 1950. O telefone toca na redação da Rádio Continental, no Rio de Janeiro. Do outro lado da linha, um jornalista da sucursal brasileira da agência France Press lê o cabograma que acabara de chegar da Alemanha. Pelo placar de 3 a 1, o Clube Atlético Mineiro derrotara o líder do campeonato alemão, o Schalke, na cidade de Gelsenkirchen. [...] O confronto com o Schalke foi a quarta partida feita pelo Galo sob temperaturas de trincar os dentes naquela jornada em território europeu.” (GALLUPPO, 2003, p. 19).

Mário Rodrigues Filho — ou simplesmente Mário Filho —, ao seu modo, também contribuiu enormemente para a construção de uma visão carioca do Brasil — ou, mais precisamente, para certa construção do Brasil a partir de uma visão carioca: em sua obra clássica *O Negro no Futebol Brasileiro*, de 1947, procurou desnudar, através da trajetória social do negro no futebol, algumas importantes questões, como a identidade nacional do brasileiro, o seu preconceito, as suas alegrias, os seus medos e as suas valentias. Conforme já se observou, havia uma espécie de prática, nos anos de 1940 e de 1950, que até mesmo se elevava à condição de moda: diversos intelectuais debatiam a identidade nacional do brasileiro; e, mais do que isso, para Mário Filho, o futebol era o melhor lugar para se encontrarem as respostas para todas essas questões, já que nele se misturavam todos os ingredientes necessários e, de novo, utilizou-se do futebol e da sociedade carioca como espelho — ou até mesmo paradigma — para o restante do Brasil.

Desta forma, foram em suas crônicas publicadas nos jornais, a abordar temas diversos ligados ao futebol, que sua escrita se revelava aos seus leitores, formando opiniões e sedimentando ideias. De acordo com Fátima Antunes (2004), Mário Filho foi o responsável pela mudança conceitual de tratamento dado ao futebol pela imprensa escrita. Dono de uma escrita invejável e que incorporava elementos tradicionais da língua falada nas ruas e nas arquibancadas, Mário Filho inovou em suas crônicas e impactou diretamente o público acostumado com o tom formal das reportagens. Assim, rapidamente, expressões e palavras peculiares que surgiam nos jogos de futebol eram brilhantemente captadas por ele e reproduzidas em seus textos e integraram, pouco a pouco, o gosto e a cultura popular.

As inovações introduzidas por Mário Filho na cobertura de eventos esportivos consolidar-se-iam com o tempo e, aos poucos, também seriam adotadas por outros jornais, acompanhando, sobretudo, o aumento da popularidade do futebol, o crescimento do público leitor e a mobilização favorável à oficialização do futebol profissional. (ANTUNES, 2004, p. 125-126).

Assim é que a importância do futebol para os jornais e o destaque de seus cronistas transformavam as ideias particulares de cada um — que eram, sem sombra de dúvida, ideias gerais daqueles que residiam no Rio — em ideias gerais de uma nação. À força de

sua escrita se juntava a força das ideias contidas nos textos e, ao atingir grande parte do território nacional, transplantava consigo valores, culturas e símbolos típicos de um lugar – neste exemplo, o Rio de Janeiro – que se convertiam, na cultura do futebol brasileiro, em características *nacionais*³⁵. Merece destaque, pois, a passagem de Fátima Antunes (2004, p. 175):

O torcedor brasileiro não teria uma única forma de proceder. Mesmo quando se tratava da seleção nacional, a identidade do torcedor deparava com os vieses regionais. Paulistas e cariocas eram os brasileiros que mais se destacavam no futebol, donos dos maiores clubes, das maiores torcidas e dos maiores estádios. Pela posição em que se encontravam, o confronto entre eles era inevitável. Mário Filho não fez vistas grossas ao fato e, como Lins do Rego, procurou analisar as diferenças de atitude entre cariocas e paulistas em relação ao futebol.

Apesar de não se debruçar exatamente sobre este tema, Fátima Antunes (2004) toca diretamente em nossa questão: era exatamente a luta de forças entre São Paulo e Rio de Janeiro que deu origem a formação do *centro* do futebol brasileiro e sua posterior cristalização, relegando todo o resto, ou seja, o restante do País, à condição de margem que alternava breves oscilações entre a visibilidade efêmera e a invisibilidade quase-definitiva. Acompanhemos, ainda, a reflexão da autora:

Em 1949, os debates em torno das convocações para a seleção brasileira [...] levaram Mário Filho a questionar o *regionalismo* no futebol brasileiro. O bom desempenho dos clubes paulistas nos confrontos com os da capital federal [RJ] seria inegável. Contudo, Mário Filho, assegurava que, na militância por provar sua superioridade, os paulistas se uniam em apoio a qualquer um de seus clubes que se confrontasse com um carioca e via nessa atitude uma demonstração do *bairrismo* paulista. Contrastando esse sentimento, estaria a *tendência brasileira* do futebol carioca, mais cosmopolita e representante mais maduro de um *futebol nacional*. [...] A preocupação latente de Mário, a exemplo de Zé Lins, seria com a promoção da unidade nacional por meio do futebol. (ANTUNES, 2004, p. 176).

³⁵ Com exceção de São Paulo, que obviamente rivalizava com o Rio, não se tem notícia de debates, críticas ou oposições a esta linguagem, a esta cultura, que se cristalizará com o tempo, sendo reforçada, ainda, pelo rádio e pela televisão, como veremos mais adiante.

Curiosamente, a nosso ver, a imprensa escrita do Rio de Janeiro padecia do mesmo mal que Mário Filho acusava São Paulo: o bairrismo ou o provincianismo³⁶: apesar de lutar por uma seleção verdadeiramente nacional, com os melhores jogadores de cada lugar, para que o torcedor brasileiro pudesse se identificar com uma Seleção *Brasileira*, ele ainda enxergava na cultura e no povo carioca — e por que não dizer, no futebol do Rio — a melhor expressão, ainda que incompleta, de uma identidade nacional. Logo, mesmo criticando o bairrismo dos paulistas em algumas de suas crônicas, que tratavam diretamente deste assunto, em outros textos, em que o assunto não era diretamente esse, deixava transparecer as suas preferências e crenças num modelo *carioca* de Brasil. Por outro lado, talvez a força do seu texto e a abrangência nacional dos jornais em que trabalhava não fosse tão bem conhecida e relativizada por ele, ou seja, apesar de escrever em um jornal carioca, feito por cariocas e para os cariocas, ele circulava em todo o território brasileiro³⁷.

Outro importante cronista dos anos 1950-1960 foi Nelson Rodrigues que praticamente inventava o futebol em seus textos de uma maneira muito particular e muito mais saborosa do que as próprias partidas em si. Autor de diversas frases e expressões de efeito que até hoje se encontram nas bocas de jornalistas, pesquisadores e da população em geral³⁸, e dono de uma escrita inconfundível, ajudou a elevar o futebol a um patamar ainda nunca visto antes. Juntamente com seu irmão Mário Filho, também buscava uma compreensão da sociedade brasileira e do próprio brasileiro através de seu comportamento frente às vitórias e derrotas do seu time ou do selecionado nacional. A derrota do Brasil para o Uruguai por 2 x 1, de virada, na final da Copa do Mundo de 1950, disputada no Maracanã, deu margem a diversas interpretações sobre a qualidade, a fibra, a masculinidade, a (falta de) pureza da raça brasileira, por dezenas de intelectuais e jornalistas que, obviamente, expressavam suas opiniões nos grandes jornais de circulação nacional. Nelson Rodrigues e Mário Filho procuraram encontrar não só as razões para o

³⁶ Se quisermos trazer para um conceito mais próximo de nós, a ideia de pertencimento, de torcer para um clube do *lugar*, sendo mais importante do que torcer para uma seleção dita *nacional*.

³⁷ O Jornal dos *Sports*, por exemplo, estampava na primeira página o seu famoso *slogan*: “O matutino de maior circulação na América do Sul”.

³⁸ Termos como “A pátria de chuteiras”, “À sombra das chuteiras imortais”, “Narcisismo as avessas do brasileiro”, “Complexo de vira-latas”, “Sobrenatural de Almeida”, “Toda unanimidade é burra”.

fracasso brasileiro na fatídica partida, mas a verdadeira essência de um povo através de sua relação com o futebol. Como a época ainda não se contava com o recurso de vídeo teipe, ou *replay* das partidas e de lances, a ida ao estádio tornava o cronista uma testemunha ocular dos acontecimentos e era através dos textos escritos pós-jogos que o cidadão comum, de diversas partes do país, tinha acesso às informações relativas às partidas. Ora, temos diante de nós uma evidência inequívoca do peso das crônicas, do seu impacto nas massas e, principalmente, da *verdade* impressa nas páginas dos jornais³⁹.

Por tudo isso, enfim, julgamos que a imprensa escrita, em especial os grandes jornais de circulação nacional, foi fundamental para consolidar e reafirmar a importância do *centro* do futebol brasileiro que, nas palavras da mais sutil crônica, se expressava, sobretudo, através do Maracanã e da cidade do Rio de Janeiro. Como veremos na próxima seção, o rádio também teve papel de protagonista nesta longa trajetória social de surgimento, consolidação e cristalização do *centro* e de suas margens. Entretanto, não será demais reafirmar que a imprensa escrita, assim como o rádio, e, nos tempos contemporâneos, progressivamente, as denominadas mídias novas, ainda fortalecem a referida trajetória de consolidação e de cristalização e, além disso, de legitimação das ideologias que, para todo o Brasil, *dizem o centro, dizem o que é bom e o que é melhor* para todos. Nesses termos, poder-se-ia compreender a história presente como uma manifestação de ideologias que se projetaram na direção do futuro. Nos mesmos termos, poder-se-ia dizer quanto ao futuro: sempre experimentando o que há de presente, esse tempo que, por vezes, na cultura do futebol — uma das fortes expressões da cultura brasileira —, parece não se mover e, ao se mover, direciona-se para um mesmo *espaço-território* político. Um futuro igual para todos, em que a diversidade não poderia se desenvolver sem grandes transformações de natureza política e ideológica. De consolidação à cristalização: poder-se-ia dizer que caminhamos sempre, desde o passado iniciado no século XX, para o mesmo *lugar-tempo*?

³⁹ A ausência da imagem, da possibilidade de comprovar com os próprios olhos, de contestar ou não o que se lia ou ouvia (no caso do rádio, ainda mais explícito) aliados à beleza e perspicácia dos textos escritos por estes cronistas, ajuda a nos situar quanto ao caráter quase *sobrenatural* do teor destas crônicas e seus impactos nos leitores. Jogos aparentemente simples e enfadonhos tornaram-se batalhas épicas e clubes e jogadores medianos tornaram-se gloriosos e quase semideuses através da pena e da voz destas pessoas.

O FUTEBOL BRASILEIRO PELAS ONDAS DO RÁDIO

Outro importante veículo de informação — talvez o mais importante de todos até a chegada da televisão — foi o rádio. É ponto pacífico entre diversos pesquisadores do assunto que ele chegou ao Brasil na década de 1920 e a primeira transmissão oficial foi um discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, a 07.09.1922⁴⁰. Os técnicos da



Westinghouse Eletric instalaram uma estação de 500 W e uma antena no Morro do Corcovado e a transmissão foi captada em Niterói, Petrópolis e também em São Paulo, onde haviam sido instalados receptores. Já a primeira emissora no Brasil foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 20.04.1923, por Roquette Pinto e Henry Morize⁴¹. No mesmo ano são criadas: a Rádio Clube do Brasil (RJ) e a Rádio Clube de Pernambuco. Em 1926, a Rádio Educadora Paulista⁴² e a Rádio Mayrink Veiga. Em São Paulo, surgiu a

⁴⁰ Cf. CREPALDI, 2009; ALMEIDA; MICELLI, 2004.

⁴¹ Francês naturalizado brasileiro, geógrafo, engenheiro e primeiro presidente da Academia Brasileira de Ciências.

⁴² De acordo com Almeida e Micelli (2004, p. 7), “[...] a primeira narração detalhada de um jogo de futebol, [foi] a 19 de julho de 1931, em São Paulo. A partida entre as seleções de São Paulo e Paraná foi narrada pelo locutor Nicolau Tuma, na Rádio Educadora Paulista, primeira emissora de São Paulo e pioneira das transmissões na cidade. O jogo, no campo da Chácara da Floresta, valia pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol e terminou 6 a 4 para os paulistas”.

Rádio Cruzeiro do Sul em 1927⁴³, das Organizações *Byington* que abriria filiais em diversas partes do País e transmitiu, tempos depois, a Copa do Mundo de 1938 (CREPALDI, 2009). É preciso compreender que essas primeiras rádios não eram comerciais, por conta da inexistência de uma lei de Rádio-difusão no Brasil, o que fazia com que muitas percessem sem recursos: por isso, a presença do *Clube* em seus nomes, já que os ouvintes tornavam-se associados, pagando mensalidades para manter a operação da rádio. A partir da década de 1930, a publicidade no rádio foi regulamentada através do Decreto Federal 21.111, de 01.03.1932, definindo o rádio como de interesse nacional e de finalidade educativa⁴⁴.

Os anos de 1930, inclusive, foram bastante agitados, criativos e produtivos para uma história do rádio no Brasil. Como se tratava de uma mídia ainda nova, pouco conhecida, essa época foi cercada por experimentações e testes. Além disso, a possibilidade de obtenção de lucros através da publicidade fez com que as rádios, de um modo geral, passassem

de uma linguagem erudita para outra bem mais popular e em acordo com os anseios de seus anunciantes com o propósito de atingir o maior número possível de pessoas. Assim, as grandes rádios procuravam, cada vez mais, instalar equipamentos que pudessem fazer com que seus sinais fossem captados em diversas partes do território brasileiro⁴⁵. Desde

1.030: É ESPORTE!

O FIEL RELATO E' NOSSO: A VIBRAÇÃO E' SUA

Você sintoniza os 1.030 quileciclos e logo sabe tudo sobre esportes! E' a maior equipe especializada do Rádio brasileiro às suas ordens! Sob o comando de Carlos Marcondes com Clóvis Filho, Otávio Neme, Halmalo Silva, Luis Fernando, Batista Jr., Wagner Luiz, Ivo Sutter, Orlando Augusto, Moisés Simas, Ricardo Amorim, Ronaldo Castro, Agostinho Gomes e José Pereira.

EMISSORA CONTINENTAL

⁴³ “De acordo com os dados apresentados pelo Atlas Estatístico do Brasil, organizado em 1941 [...], o Brasil possuía, em 1937, um total de sessenta e três estações radiodifusoras (...): Amazonas 1; Pará 1; Ceará 1; Paraíba 1; Pernambuco 1; Bahia 1; Rio de Janeiro 4 [interior]; DF 13 [cidade do Rio de Janeiro]; São Paulo 28; Paraná 1; Santa Catarina 1; Rio Grande do Sul 4; e, finalmente, Minas Gerais 6” (GURGUEIRO, 2009, p. 158).

⁴⁴ “O Decreto 21.111, que autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio, [limitou] sua manifestação, inicialmente, a 10% da programação, posteriormente elevada para 20%.” (CREPALDI, 2009, p. 53).

⁴⁵ Daniel Damasceno Crepaldi (2009, p. 53) observa: “Tais empresas e produtos tinham a necessidade de abarcarem o maior número possível de consumidores, possibilitando o aparecimento de grandes grupos de

1932, a chamada Rádio Phillips⁴⁶ investia na revolução dos programas de rádio, através de locutores como Adhemar Casé e Nássara, que inventaram os primeiros bordões e *jingles* publicitários. Em um país de analfabetos, a popularidade do rádio atingiu números absurdamente expressivos, transformando esse veículo de comunicação numa poderosa ferramenta de divulgação de ideias, de ideologias, de valores e transformação dos hábitos e da cultura.

A esfera política apropriou-se bem do novo instrumento: nascido já em fins da República Velha, o rádio irá desempenhar papel fundamental na chamada *1ª Era Vargas*, ajudando a consolidar a figura desse Presidente como o *Pai dos Pobres*⁴⁷. Não somente isso, mas, nesta época, foi criado o Programa Hora do Brasil (1931) – reestruturado em 1939 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – e efetivada a promulgação de nada menos que seis decretos referentes à regulação do serviço de rádio-difusão⁴⁸. Esses decretos, a rigor, visavam coibir a liberdade de expressão, bem como promover os valores deste Estado totalitário que ora se configurava no País, através do regime *varguista* e também chamado de Estado Novo⁴⁹. Da mesma maneira que a política se utilizou do

rádio, com aparelhos tão potentes que, transmitidos do Rio de Janeiro ou de São Paulo, seus sinais eram recebidos em todo o país. Dentre esses grupos estavam a Farroupilha do Rio Grande do Sul, a Tupi de São Paulo e a Nacional, do Rio de Janeiro. Em 1935 foi inaugurada a estação de rádio mais potente da América Latina, a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. A marca de ‘rádio mais potente do continente’ foi rapidamente ultrapassada por Assis Chateaubriand quando, em 1937, lançou a Rádio Tupi de São Paulo, chamada de a ‘A mais poderosa’, com um transmissor de 26 KW que alcançava todo o país, e até o exterior, através de ondas curtas.”

⁴⁶ Sociedade Rádio Phillips do Brasil, fundada em 1930. A Phillips era a única emissora carioca a atingir São Paulo e, por não apoiar a Revolução Constitucionalista de 1932, passou a enfrentar boicote paulista a seus aparelhos. Como a emissora nascera para ajudar a promover os produtos Phillips e não para prejudicá-los, a direção da multinacional decidiu vendê-la. Foi encampada pelo grupo do jornal "A Noite", "Noite Ilustrada" e "Revista Carioca" e transformada na famosa Rádio Nacional do Rio de Janeiro, sendo seus estúdios instalados inicialmente na Praça Mauá número 7, edifício A Noite. Cf. CREPALDI, 2009.

⁴⁷ A chamada Era Vargas é assaz conhecida, mas vale lembrar, através das palavras de Jambeiro (*apud* CREPALDI, 2009, p. 65): “Importante argumentar que neste período é muito difícil distinguir Estado, Governo Federal, Poder Executivo, Nação e interesses nacionais da figura de Getúlio Vargas. Os três primeiros por estarem intrinsecamente identificados com a figura de Vargas; os dois últimos por sofrerem uma conotação ideológica autoritária e fascista tão grande que indicavam uma relação de Nação e dos interesses nacionais com as tomadas de decisão do Poder Executivo, personificado por Vargas, que por sua vez era, ao mesmo tempo, Estado e Governo”.

⁴⁸ Foram eles: 1915/39; 5077/39; 1949/39; 4701/42; 4826/42; 4828/42.

⁴⁹ Exemplo de atuação do Governo, por esta época, foi o chamado Caso *Cohen*, em que, supostamente, foram descobertos os planos de comunistas brasileiros, em associação com os soviéticos, para a tomada do poder e instalação de uma sociedade socialista. O fato foi amplamente noticiado pelo rádio e coube ao ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra e o Presidente Getúlio Vargas, através do programa Hora do Brasil, divulgar a *descoberta*. Além disso, o Governo conseguiu fazer aprovar o Estado de Guerra, em 30.09.1937, suspendendo os direitos individuais e ampliando o controle aos meios de comunicação (CREPALDI, 2009).

rádio como forma de propaganda governamental, pelo seu lado, o futebol será capturado pela radiocomunicação como importante ferramenta para levar ao ouvinte-consumidor os anúncios das empresas. O futebol, sendo importante veículo de agregação das massas e de interesse popular, o rádio se apropria do esporte para divulgar seus produtos, ao mesmo tempo em que o tornava cada vez mais conhecido, popular e forte, bem como os clubes que tinham seus jogos irradiados. Assim, quanto mais potentes eram as rádios de Rio de Janeiro e de São Paulo, mais fortes e conhecidos *Brasil afora* ficavam os clubes destas cidades que, invariavelmente, tinham narradas as suas partidas para todo o território nacional.

Portanto, não é destituída de história a adesão — de caráter ideológico —, por parte de habitantes das regiões Norte e Nordeste, assim como de diversos lugares do Brasil, de clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo. O rádio, nesse sentido, também, teve papel crucial.

Uma das mais importantes rádios do Rio de Janeiro, que atingia praticamente todo o território brasileiro⁵⁰, e que também se especializou na narração de partidas de futebol foi a Rádio Nacional — hoje



fazendo parte do sistema da Empresa Brasil de Telecomunicações, a EBC. A importância da Rádio Nacional se deve ao fato de conseguir uma audiência de cerca de 70%, enquanto a segunda colocada, a Rádio Tupi-SP, atingia cerca de 10% (CREPALDI, 2009)⁵¹. Essa audiência marcante e essa quase unificação nacional em torno de uma programação

⁵⁰ Em 1946, a Rádio Nacional transmitia em português, inglês, francês, italiano e espanhol. A imagem acima é um Boletim editado pela Rádio Nacional, bimestralmente, que era distribuído principalmente entre os anunciantes, reafirmando a importância e o alcance da empresa (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 17).

⁵¹ A informação é também confirmada por AZEVEDO, 2004, p. 71.

devem-se ao fato da referida empresa ter, para a época, um conceito moderno de rádio difusão, lançando e consagrando inúmeros cantores populares em seus programas de auditório⁵². Além disso, a partir de 1941, entrou no ar o Programa Repórter Esso, produzido pela Agência de Notícias *United Press*, que passou a ser transmitido também pela Rádio Record – SP, e, a partir de 1942, pela Inconfidência em Belo Horizonte, Farrroupilha em Porto Alegre e Rádio Clube de Pernambuco, criando uma verdadeira *cadeia nacional* na transmissão de notícias⁵³. O programa esportivo da Rádio Nacional, chamado *No Mundo da Bola* atingia índices de audiência elevadíssimos: para se ter uma ideia, este programa instituiu um concurso, em parceria com o analgésico *Melhoral*, para escolher o melhor jogador de futebol do Brasil. Para participar, o ouvinte deveria enviar um envelope vazio do medicamento, o que equivalia a um voto. Assim,

Nada menos que dezenove milhões, cento e cinco mil e oitocentos e cinquenta e nove envelopes do analgésico foram enviados à Rádio Nacional. O jogador Ademir Menezes, o popular Queixada, do Vasco da Gama e da seleção brasileira foi o vencedor, recebendo cinco milhões, trezentos e quatro mil e novecentos e trinta cinco votos. Só para comparar, nas eleições presidenciais de 1945, o General Gaspar Dutra recebeu três milhões, duzentos e cinquenta e um mil e quinhentos e sete votos. [...] Ademir recebeu mais votos que o próprio Getúlio Vargas nas eleições de 1950. (AGUIAR, 2007, p. 127).

Apesar disso, a Rádio Nacional não investia maciçamente no futebol, optando por seus rentáveis programas de música e auditório, que preenchiam boa parte da programação diária. Curiosamente, esse fato fará toda a diferença: como não existiam campeonatos nacionais regulares, as transmissões de jogos da Rádio Nacional se

⁵² “Em 06 de janeiro de 1943 entra no ar o que viria a se tornar o mais famoso programa musical do rádio brasileiro, o *Um milhão de melodias*, por ocasião do lançamento da marca Coca-Cola no Brasil. A Rádio possuía a maior discoteca do país, o que não impedia a utilização de música ao vivo em todos os programas musicais. Coube à Rádio Nacional também a responsabilidade de lançar a primeira história seriada do rádio (radionovela), cujo nome foi: *Em busca da felicidade*.” (CREPALDI, 2009, p. 76).

⁵³ O Repórter Esso: “Era uma cópia, uma síntese noticiosa, transmitida nos Estados Unidos desde 1935, com notícias da *United Press*. Antes de estrear no Brasil, o noticiário ia ao ar, regularmente, em dezenas de emissoras das principais cidades das Américas do Norte e Latina, entre elas Nova Iorque, Havana, Lima, Santiago do Chile e Buenos Aires. [...] Emissoras de 14 países do continente americano irradiaram o Repórter Esso em 59 estações, constituindo a mais ampla rede radiofônica global, utilizada por qualquer empresa em programa permanente e exclusivo.” (CREPALDI, 2009, p. 85-86).

limitavam às partidas de clubes cariocas no campeonato local. Segundo Ronaldo Conde Aguiar (2007):

A Rádio Nacional é responsável pela existência, em todos os estados brasileiros, de grandes torcidas de clubes do Rio de Janeiro [...]. E foram, principalmente, as reportagens esportivas e as notícias transmitidas pelo [programa] O Mundo da Bola que fizeram a cabeça dos amantes do esporte bretão, transformando-os em renhidos flamenguistas, botafoguenses, vascaínos e tricolores. Naqueles anos áureos, os campeonatos eram locais e os jogos só se realizavam nos fins de semana. Os jogos de outros estados não eram transmitidos, e o único torneio interestadual era o Rio-São Paulo. Em síntese: a Rádio Nacional era uma emissora carioca, e foi isso, em matéria de futebol, o que ela ensinou ao brasileiro: a torcer pelos clubes do Rio de Janeiro (AGUIAR, 2007, p. 131).

Portanto, neste contexto, o habitante de um lugar qualquer, em alguma parte do território brasileiro, estaria muito mais próximo e muito mais conectado ao Rio de Janeiro do que, por exemplo, à capital do seu próprio estado. A formação do território em redes é teoricamente trabalhada por Cássio E. Viana Hissa (2009) e é compatível com a leitura que, também no caso do futebol brasileiro, se pode fazer do atravessamento de territórios e, sobretudo, da construção de territórios a partir da conexão de lugares. Este processo nos remete aos conceitos de horizontalidade e verticalidade, de Milton Santos (2006, p. 196):

Nas atuais condições, os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, ao lado dessas manchas, ou por sobre essas manchas, há, também, constelações de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores. As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as *horizontalidades*. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as *verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. É a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas.

A ligação, então, que se estabelece é de uma proximidade *virtual* com aquilo que está distante: ao ouvir uma partida de futebol, por exemplo, de Vasco-RJ x Flamengo-RJ, o

sujeito que se conecta ao mundo através da janela do rádio passa a compreender e a vislumbrar a existência próxima desses dois clubes. Mais do que isso, da mesma maneira que incorporou hábitos culturais e de consumo advindos das *notícias*, das informações veiculadas pelo rádio — na maioria das vezes seu único meio de comunicação — ele acaba por incorporar a noção de que: futebol é Flamengo-RJ ou qualquer outro time do Rio. É evidente que, a partir de então, como já se observa, a ideologia hegemônica condiciona a escolha por clubes de grande divulgação. A importância das narrações fantásticas, de *assistir* ao jogo pelos olhos do locutor do rádio e a crença na veracidade destas informações são ingredientes fundamentais para a criação de uma cultura do futebol, de um amálgama de sensações e sentimentos nacionais, que tem esse esporte como parte indissociável do processo. Conforme Almeida e Micelli (2004, p. 10),

Brincando com as palavras, criando neologismos e empregando um ritmo veloz e de emoção, os narradores esportivos encontraram fórmulas que caíram no gosto popular, tanto quanto o futebol. O rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas, cortinas sonoras) levar a magia do espetáculo ao ouvinte, por meio do apelo a sua imaginação. O objetivo era levar o ouvinte a ver praticamente outro jogo, mais vibrante, que o prendesse ao rádio durante os 90 minutos. E levando esse jogo, irradiado de São Paulo ou do Rio, os dois pólos de desenvolvimento, aos mais distantes lugares do Brasil através das ondas curtas. Captadas por pequenas emissoras locais, ou por radioamadores, as partidas eram retransmitidas muitas vezes por alto-falantes instalados na praça principal. Essa prática atingiria um de seus momentos máximos na Copa do Mundo de 58, quando o locutor esportivo Edson Leite, da Rede Bandeirantes de São Paulo, criou a Cadeia Verde e Amarela, cobrindo o país de norte a sul. A rede era informal, sem nenhum contrato entre as emissoras ou pagamento de direitos de transmissão. Com a transmissão da partida decisiva, contra a Suécia, a Bandeirantes alcançou praticamente todo o território nacional e superou 90% de audiência.

Locutores do porte de Ary Barroso, da Rádio Tupi, e comentaristas como João Saldanha, immortalizaram as partidas de futebol e os clubes narrados por eles, ajudando a criar todo um universo *futebolístico*, com linguagens, sons, gestos, formatos, cores — e por que não dizer, sabores? — próprios⁵⁴. Esse *universo* criado, em franca expansão, sempre

⁵⁴ “Ary Barroso, um dos mais importantes compositores da música popular brasileira, criador de *Aquarela do Brasil*, entre outros sucessos que marcaram a cultura do país, também se destacou no rádio, em especial nas

evidenciou a marca do *centro* em processo de construção em detrimento das suas margens – também em processo de *invenção cultural*. Aqui, há o entrelaçamento de diversas questões, desde as econômicas e as culturais, até mesmo passando por quesitos de ordem espacial. A ausência de uma rede urbana desenvolvida no Brasil dessa época que pudesse intensificar as conexões entre diversas cidades e regiões do País, integrando-as de alguma maneira, a imprensa escrita e o rádio foram peças de alicerce na criação e consolidação deste *centro* na cultura do futebol brasileiro. Conforme relata Lia Calabre de Azevedo (2004, p. 75):

O rádio chegava ao final dos anos 50 e início dos 60 consolidado em sua posição de meio de comunicação de massa, como um elemento fundamental na formação de hábitos na sociedade brasileira. Dos anos 30 aos 60, o rádio foi meio através do qual as novidades tecnológicas, os modismos culturais, as mudanças políticas, as informações e o entretenimento chegavam ao mesmo tempo aos mais distantes lugares do país, permitindo uma intensa troca entre a modernidade e a tradição. O rádio ajudou a criar novas práticas culturais e de consumo por toda a sociedade brasileira.

Em São Paulo, as transmissões esportivas e programas dedicados ao futebol também se desenvolviam: primeiro com a Rádio Record, por volta da década de 1930 e, posteriormente, na Rádio Panamericana, pertencente ao mesmo grupo. Eram os chamados “Plantões Esportivos”, que informavam os resultados dos jogos da rodada, notas à atuação da arbitragem e também boletins meteorológicos para o dia das partidas. A rádio Panamericana inovou em diversos aspectos, muitos deles, utilizados até os dias de hoje pelas rádios atuais: repórteres colocados atrás dos gols, com microfones portáteis (à época

emissoras do Rio. Locutor esportivo desde 1934, dedicou-se a essa atividade durante 18 anos e criou um estilo festivo nas narrações. Como ele transmitia as partidas junto à torcida; sempre que os atacantes se aproximavam da meta adversária os torcedores produziam um barulho ensurdecedor. Desta forma, diversas vezes os ouvintes perdiam o lance final e acabavam ignorando o resultado da jogada devido ao intenso barulho, acarretando problemas durante as transmissões. Foi então que Ary Barroso teve a ideia de introduzir sons musicais durante os jogos de futebol, tornando-se o precursor do uso de vinhetas nas transmissões esportivas. Ele precisava de um sinal sonoro que sobrepujasse todos os ruídos na hora do gol. Experimentou vários instrumentos até achar uma ‘gaitinha’, conforme nos conta Mário de Moraes no livro *Recordações de Ary Barroso*. [...] Em termos de comentários [sobre as partidas], o nome que alcançou simultaneamente maior popularidade e credibilidade no Rio de Janeiro foi o de João Saldanha, nos anos 60, inicialmente na Rádio Continental e depois na Rádio Globo. De personalidade forte e polêmica, Saldanha conseguia conversar com o ouvinte e explicar detalhes do jogo que poucos viam. Milhares de ouvintes sintonizavam a emissora de seu locutor predileto e, no intervalo, giravam o *dial* para a Continental só para ouvir João Saldanha.” (ALMEIDA; MICELLI, 2004, p. 12-15).

com cinco quilos cada um). Cada repórter ficava atrás do gol do time adversário ao de sua preferência, para narrar com mais detalhes e ênfase os gols de seu time (CARDOSO; ROCKMANN, 2005).

Até a década de 1950, o rádio e as transmissões esportivas eram tão importantes a ponto de serem a principal fonte de informação da população e, inclusive, de outras mídias, como o jornal. Grande parte dos recursos financeiros destinados à propaganda entrava nas rádios, fazendo com que elas fossem capazes de acompanhar as delegações dos times brasileiros em excursões pela Europa, algo impensável para a maioria dos jornais. É tão relevante esta centralidade do rádio que uma brincadeira de 1º de abril, promovida pela rádio Panamericana levou diversos jornais de São Paulo a caírem inadvertidamente no engodo. O time do São Paulo F. C. excursionava pela Europa e faria um jogo no dia 29/03 contra o Gênova, na Itália e outro contra a Seleção de Bruxelas, em 05/04/1951. O presidente da Panamericana, Paulo Machado, que também participava da diretoria são paulina, resolveu gravar um jogo fictício entre o seu time e o Milan: narraram, então, uma partida que nunca houve, vencida pelo time milanês por 8 a 1 e no dia 1º de abril colocaram a fita no ar: no dia seguinte, as manchetes dos principais jornais da capital paulista estampavam: “Vexame do São Paulo na Itália!”, “Time de Leônidas não resiste à força da equipe milanese (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 110). O que impressiona, neste caso pueril, é o fato de outros órgãos de imprensa ouvirem a narração da partida imaginária e a repercutirem no dia seguinte, sem nenhum tipo de comprovação (o que seria quase impossível, dada a precariedade das comunicações brasileiras à época e o seu alto custo), o que denota o caráter central e importância quase absoluta do rádio frente ao restante da imprensa.

Para além da cobertura esportiva, o rádio se tornou, já a partir da década de 1940, o mais importante meio de comunicação do Brasil: foi amplamente utilizado pela indústria, no conhecido processo de formação de um mercado consumidor amplo, homogêneo e nacional, bem como serviu, em alguma medida, aos interesses do Estado Novo. O embate inicial vivenciado pelo rádio — educativo x comercial — não durou muito tempo, já que a publicidade penetra com muita força no país, em especial finda a 2ª Guerra, através de multinacionais norteamericanas, que divulgavam seus produtos e até mesmo produziam seus próprios programas. É preciso compreender a sociedade

brasileira das décadas de 1940-1950 (pelo menos *um* modelo de sociedade brasileira, bem conhecido, da família patriarcal urbana) para mensurar o impacto do rádio (e posteriormente da TV) e de seus programas (comerciais, notícias, humorísticos) nas relações sociais, movimentando as fronteiras entre o público e o privado e diluindo seus limites. O rádio trouxe para dentro de cada lar brasileiro possuidor de um aparelho receptor um modelo de sociedade, de cultura e de comportamento como se fosse único e homogêneo.

O cinema e a publicidade – primeiro por meio do jornal, depois por meio das revistas – e, o rádio e o cinema, popularizados no final dos anos 1930 e nas décadas subsequentes, e a televisão nos anos 1950 certamente serão os meios de comunicação que continuarão a expressar o desconcerto e o paroxismo das relações entre o público e o privado. Circuitos pouco sedimentados da vida privada irão receber impactos dissolventes que incentivavam, sobretudo mediante a publicidade, o arrivismo, a velocidade e, em especial, o esquecimento rápido de comportamentos e perfis culturais ainda não cristalizados (SALIBA, 2010, p. 357).

É desta maneira que o rádio pôde se tornar uma ferramenta para o consumo ao mesmo tempo em que incrustava novas ideias e perfis culturais da modernidade na ainda jovem urbanização brasileira. Se o Rio de Janeiro era a “pan-brasileira”, nas palavras de Gilberto Freyre, isso se devia, em grande medida, a sua destacada posição como “metrópole-modelo [...] sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visitas do país” (SEVCENKO, 2010, p. 522). O desenvolvimento tecnológico, o telégrafo, meios de transporte movidos a petróleo, o telefone e, claro, o rádio e o cinema cristalizarão a capital da República como o centro de irradiação e ressonância das transformações do mundo na modernidade⁵⁵.

O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado

⁵⁵“Neste sentido, o rádio, aliado ao automóvel, ao avião, à eletricidade e a outros elementos já consagrados como símbolos do progresso e da modernidade, passaria a representar mais um elemento mediante o qual os grupos dominantes se identificariam com a nova ordem social que buscava promover a elevação moral e material do povo brasileiro, transformando o país, nos princípios da ordem e do progresso, em uma verdadeira nação moderna” (GURGUEIRA, 2009, p. 65).

de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima (SEVCENKO, 2010, p. 522).

Logo, não restam dúvidas de que o fortalecimento desse centro — feito apenas de duas cidades em um país como o Brasil — era também expandido pelo rádio, que levava, a todo o vasto território nacional, os clubes de futebol do Rio e São Paulo; e não poderia haver qualquer estranhamento — além da obviedade —, várias décadas depois, na compreensão dos porquês da presença de torcedores dos clubes de Rio e de São Paulo em todos os cantos do País. Ser moderno significava, nas margens do território, copiar os hábitos de consumo, a cultura, e, em nosso caso, torcer para um de alta exposição, mesmo estando, o clube, fora e muito distante do lugar da ação: torcer. (:) como parte inseparável da própria cultura brasileira, o futebol também foi transportado pelo jornal e pelo rádio (e posterior e fortemente, pela televisão, como veremos mais adiante) para todo o território brasileiro. O Rio de Janeiro deseja ser o Brasil; e, São Paulo, ao seu modo, deseja ser o Brasil de mãos dadas com o Rio de Janeiro — rivais de disputas provincianas. As cores do Rio de Janeiro são as do Brasil. Os sons. A música. A alegria e o desprendimento. Esta é a imagem de Brasil a partir da qual se deseja construir, não desconsiderando a imagem da fábrica e do trabalho, do suor, dos dias curtos de jornadas longas. Um Brasil pequeno, diante das grandezas da terra e da complexidade de seu território. Entretanto, se é esta a imagem territorial que o Brasil constroi acerca de si próprio, não é esta a imagem que seduz os que não são brasileiros, mas a imagem da selva, dos indígenas, além, evidentemente, da beleza natural do Rio de Janeiro, de sua topografia que ressalta em meio das águas. Não é sem razão que, na abertura da Copa do Mundo da FIFA de 2014, araucárias transplantadas nos arredores da Floresta Amazônica mostram para o mundo o quando desejamos que o Brasil inteiro fosse feito de Sul, de Rio de Janeiro e de São Paulo: uma prótese constrangedora que produz uma imagem de província.

APONTAMENTOS SOBRE O INÍCIO E DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FORA DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

O recorte aqui sugerido foi um tanto quanto arbitrário — e que talvez possa ser alvo de refinamentos posteriores — na classificação do que está fora de Rio/São Paulo: enquanto o recorte do centro é facilitado por quase todos os processos e dimensões da vida — econômica, política, cultural — a definição das margens guarda um pouco mais de complexidade. De certo modo, a eleição de Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Goiânia e Recife como territórios/lugares importantes do futebol evocou a importância econômica e histórica relativa destas cidades, ainda que em momentos e dinâmicas distintas. A sua importância no futebol advém da presença preponderante de seus principais clubes nas competições nacionais e internacionais, ainda que inferiores em relação — e proporcionalmente — aos clubes de Rio e São Paulo. A eleição “do restante do Brasil” como periferia contém fortes — e discutíveis — generalizações, quando se pensa, por exemplo, nos clubes de Florianópolis (Avaí e Figueirense), de Fortaleza (Ceará e Fortaleza), de Belém (Remo, Paissandu e Tuna Luso), de Natal (ABC e América) e clubes de cidades interioranas de São Paulo.⁵⁶ O exemplo pode ser tomado a partir dos clubes de Campinas — Ponte Preta (vice-campeã da Copa Sul Americana em 2013) e Guarani (campeão brasileiro em 1979 e vice-campeão em 1986) — que expressam certo protagonismo. A visibilidade e o relativo protagonismo dos clubes do interior paulista os deixam em condições superiores até mesmo a capitais onde os clubes existentes recebem insignificante investimento (o futebol em Teresina, em Manaus, em Cuiabá, meramente como exemplos). Ainda poderíamos nos lembrar de clubes do ABC paulista e de outras cidades do interior de São Paulo que acumulam boas participações em competições nacionais. São os casos do Bragantino (vice-campeão brasileiro em 1991), São Caetano (vice-campeão brasileiro em 2000 e 2001, vice-campeão da Libertadores da América em 2001), Santo André (campeão da Copa do Brasil em 2004), Jundiaí (Paulista, campeão da Copa do Brasil em 2005). Todos esses clubes e lugares poderiam ser enquadrados em uma

⁵⁶ Em nosso exercício, Santos é caracterizada como pertencente ao centro do futebol nacional.

ordem, no mínimo, um degrau acima de clubes e de diversas capitais brasileiras, quando o critério é visibilidade e protagonismo no âmbito do futebol.

Não obstante, a generalização parece ser necessária e não causa danos ao entendimento, já que não se propõe aqui uma hierarquia das cidades brasileiras com base no futebol⁵⁷ e o entendimento de centro e de suas margens se dá no âmbito conceitual. Ademais, para o centro, não importam as periferias e os seus interiores, pois ambos são igualmente invisibilizados por ele. Os conceitos, neste caso, possuem fronteiras móveis, em constante metamorfose: alguns sub centros nacionais são centros para suas periferias imediatas. Até mesmo o centro do futebol brasileiro pode ser compreendido como periferia do futebol mundial⁵⁸, haja vista a disparidade financeira e a consequente atração de jogadores.

Mais complexa ainda se torna a leitura do que está fora de Rio/São Paulo e, ainda, a leitura de centro e de margem, quando pensamos em dois grandes territórios do futebol brasileiro: Belo Horizonte e Porto Alegre. A imprensa de Rio/São Paulo já tem maiores cuidados com os clubes mineiros e gaúchos, mas, contudo, ainda é uma imprensa voltada para reverberar as proezas dos clubes cariocas e paulistas. Na metade da segunda década do século XXI, já não temos mais apenas rádio, televisão e imprensa escrita. Temos a internet e várias outras mídias novas que mostram, para o mundo, o que de fato acontece e como acontece. Há, hoje, uma forte tendência de pensar o centro do futebol brasileiro a partir dos seus 12 maiores clubes: os 04 do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo), os 04 de São Paulo (São Paulo, Corinthians, Santos e Palmeiras), os 02 de Minas Gerais (Atlético e Cruzeiro), os 02 do Rio Grande do Sul (Grêmio e Internacional). Em

⁵⁷ Como foi o caso do exercício proposto por Hervé Théry (2006), no trabalho intitulado “Futebol e hierarquias urbanas no Brasil”, onde, dentre outras conclusões, os mapas produzidos “[...] reforça[m] a ideia da concentração, as grandes cidades se diferenciam fortemente das pequenas. Em cada estado da federação a maioria das conquistas é obtida pelas capitais, mas no Norte e Nordeste elas não tem concorrentes fortes [...], enquanto no Sul e Sudeste diversas cidades médias obtêm resultados na mesma ordem de grandeza das capitais das regiões periféricas” (HERVÉ, 2006, p. 9).

⁵⁸ Como “futebol mundial”, leia-se apenas as grandes praças, como América do Sul + México e Europa Ocidental. O futebol na América do Norte, (no continente africano, asiático,) na África, Ásia, Oriente Médio, leste europeu e Oceania é absurdamente periférico em relação à Europa Ocidental. Em alguns casos, mesmo dispondo de condições financeiras amplamente favoráveis (EUA e Oriente Médio), o futebol não é culturalmente entranhado ou carece da participação maciça de estrangeiros em competições de baixo nível técnico e baixa popularidade. Obviamente também cometeremos aqui generalizações impossíveis de serem evitadas, quando, por ilustração, colocamos o futebol brasileiro e o venezuelano na categoria “América do Sul”.

razão disso, também, é bastante difícil pensar as margens: Belo Horizonte e Porto Alegre pertencem ao centro, em razão do desempenho dos seus grandes clubes, mas, também, não estão desvinculadas das margens em razão do grande poderio político de Rio/São Paulo; poder que não está exclusivamente atrelado à economia, ao mercado, mas à ideologia difundida das duas maiores cidades do Brasil.

Além de Belo Horizonte e de Porto Alegre, territórios de quatro dos maiores clubes do Brasil, apresentamos, aqui, algumas poucas particularidades de outros clubes e lugares. É o caso de: Salvador, com Vitória e Bahia; Goiânia, com Atlético Goianiense e Goiás; Recife, com Sport, Náutico e Santa Cruz; Curitiba, com Coritiba e Atlético Paranaense. É evidente que, na presente pesquisa, poderíamos tratar todas as capitais e grandes lugares/territórios do futebol. Entretanto, para os argumentos que se desenvolvem, o tratamento amplo em nada acrescentaria. Poderíamos, talvez, aprofundar estudos sobre os clubes de Belém-PA e refletir sobre as causas da presença importante de simpatizantes, naqueles lugares, de clubes de Rio e de São Paulo. O mesmo poderia ser feito com todos os territórios/lugares de futebol do Nordeste, onde há clubes que são muito tradicionais e com grandes torcidas, como é o caso do Ceará e do Fortaleza. Entretanto, o tratamento, de fato, em nada acrescentaria aos argumentos considerados mais importantes e que fazem a presente tese.

BELO HORIZONTE

Após tantos títulos conquistados ao longo da história pelos seus clubes mais importantes⁵⁹, parece difícil sustentar a ideia de que Belo Horizonte não seja *centro* do

⁵⁹ É imensa a lista de títulos conquistados por Belo Horizonte — Minas Gerais — através de Atlético e de Cruzeiro. Taça Brasil (uma edição), Campeonato Brasileiro (duas edições) e Copa do Brasil (quatro edições) pelo Cruzeiro. Campeonato Brasileiro (uma edição), Torneio dos Campeões da CBF (1978, edição única), Campeonato Brasileiro da FBF (uma edição) por Atlético. Além disso, os clubes mineiros foram, no conjunto, vice-campeões da maior competição nacional em oito edições e semifinalistas inúmeras vezes. O Atlético é bicampeão da Taça Conmebol, hoje Taça Sul Americana, e campeão da Taça Libertadores da América. O Cruzeiro é bicampeão da Taça Libertadores. Com base em sua performance nos campeonatos brasileiros, desde 1971, o Atlético liderou o ranking nacional de clubes durante mais de 20 anos. São incontáveis as conquistas internacionais de ambos os clubes em torneios europeus.

futebol brasileiro, tanto quanto Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, ao longo da pesquisa, argumentos são trabalhados de modo a pensar Belo Horizonte como margem, em decorrência, sobretudo, da prevalência de Rio de Janeiro e de São Paulo, não apenas em razão do número de títulos conquistados, mas, especialmente, considerando o modo como foram conquistados em diversos períodos da história. Uma estranha margem que sempre parece se mover na direção do que há de mais central. Uma margem estranha que, mesmo sem os brilhos da Baía da Guanabara, mesmo distante da Avenida Paulista, sempre se infiltra, sorrateira, entre Rio de Janeiro e São Paulo para comemorar o que não está no roteiro desenhado pela imprensa de circulação nacional. Uma borda estranha que, mesmo quando ostenta a condição de centro, é tratada como estrangeira. Pela Rede Globo de Televisão, nos anos de 1970, quem assistiu a uma final de campeonato brasileiro envolvendo um clube de Minas e um de Rio de Janeiro ou São Paulo, poderia até duvidar que Minas seja também Brasil.

Além disso, outros fatores são considerados: a localização territorial das decisões políticas fundamentais que envolvem o esporte e as competições. Sobre o início do futebol, em Belo Horizonte, diz Raphael Rajão Ribeiro (2007):

O esporte belo-horizontino não vivenciou, até 1904, nenhum empreendimento de longa duração ou que lançasse mão de estrutura mais elaborada, como, por exemplo, a união de diversas agremiações em ligas. Até então, havia se assistido a formação de raras entidades cuja existência se limitou à realização de algumas reuniões de sócios, ou, no caso das mais prósperas, a poucos anos de vida. Muito mais do que a promoção de exercícios atléticos, o que se viu durante a construção da nova capital e em seus primeiros anos foram ações que visavam criar organizações que se dedicariam ao esporte. Ainda no período da edificação da cidade uma agremiação desportiva foi idealizada. Era o *Club Sportivo 17 de Dezembro* (RIBEIRO, 2007, p. 47).

Apesar da existência de espaços públicos propícios a prática de diversos esportes, como ciclismo e turfe, envolvendo, respectivamente, o Parque Municipal e o Prado Mineiro, nenhuma praça foi especialmente construída para a prática do futebol. Esse era praticado em qualquer lugar, na rua, no Parque e até mesmo no Hipódromo, nos momentos em que não havia competições. O *Velo Club*, fundado em 1898, foi o grande incentivador do esporte mais praticado na capital mineira no início do século XX: o

ciclismo⁶⁰. Ao que tudo indica, o primeiro clube de futebol fundado em Belo Horizonte teria sido o *Sport Club*, em 1904, sob a coordenação de Victor Serpa⁶¹. Como não poderia deixar de ser, o estatuto deste clube tinha diversas semelhanças com outros clubes brasileiros, em especial, os do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como algumas de suas práticas:

O ingresso de novos membros dependia, desse modo, da indicação de alguém já pertencente à entidade, assim como da aprovação da diretoria, a qual contaria com o subsídio de informações a respeito da posição sócio-econômica do candidato. Tudo isso, garantia certa exclusividade aos integrantes da instituição que se tornava ainda mais restrita pela cobrança de uma jóia — espécie de cota de admissão — de 10\$000 e de mensalidades de 5\$000. Para se ter idéia da grandeza dos valores, eles eram semelhantes aos praticados, em 1905, pelos cariocas Fluminense F. C. e Botafogo F. C., reconhecidamente, os clubes mais elegantes do Distrito Federal. O fato de a capital mineira ser, à época, povoada por pouco mais de 15.000 habitantes, superdimensionava, ainda mais, o montante. Com esses mecanismos, tal associação futebolística tornava-se acessível a uma pequena parcela dos belo-horizontinos. (RIBEIRO, 2007, p. 57).

Somente a partir da fundação do *Athlético Mineiro Foot-ball Club* — atual Clube Atlético Mineiro —, em 1908, do Yale, em 1910, e do América Futebol Clube, em 1912, o futebol desenvolve-se verdadeiramente na capital dos mineiros. Até então, diversos clubes de futebol e ligas desportivas tiveram vida curta e fins obscuros, principalmente

⁶⁰ “Por volta de 1902, depois de inúmeras interrupções e retornos, as atividades do *Velo Club* encerraram-se definitivamente. A presença do ciclismo na cidade passou a ser sentida apenas em ocasiões eventuais, quando provas eram realizadas em meio a outras celebrações. Até o advento do futebol, essa seria a organização esportiva de maior êxito na capital mineira. [...] Ainda que efêmera, a existência das experiências anteriores não pode ser ignorada quando se avalia a introdução do futebol na capital mineira. A memória recente da organização da atividade atlética teve importante papel em Belo Horizonte, apesar das realizações em torno desse tipo de divertimento terem sido pequenas em comparação a casos como o do Rio de Janeiro, que, no final do século XIX, já tinha vida esportiva garantida pelo turfe e pelo remo.” (RIBEIRO, 2007, p. 49-50).

⁶¹ “O futebol na cidade teve como seu principal incentivador o acadêmico de direito Victor Serpa, cujo perfil muito se aproximava do de outros importantes personagens da memória dessa modalidade atlética no Brasil. Assim como Charles Miller e Oscar Cox, que tiveram papel destacado na introdução daquele esporte, respectivamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, o carioca Victor Serpa havia realizado seus estudos no exterior, mais precisamente na Suíça. Tendo tomado contato com o futebol naquele país europeu, o acadêmico foi o maior incentivador da fundação, em novembro de 1903, do *Club Unionista de Football*, de Ouro Preto, cidade na qual se estabeleceu antes de se mudar para Belo Horizonte. Apesar da semelhança verificada entre a trajetória de Victor Serpa e a dos seus pares paulistano e carioca, o perfil dos demais jogadores pioneiros da cidade divergia, em parte, daquele observado em outros centros. Ao contrário de casos como os do Rio de Janeiro e de São Paulo, a presença dos imigrantes e de seus descendentes não foi sentida com grande intensidade entre os clubes belo-horizontinos.” (RIBEIRO, 2007, p. 51).

em decorrência da falta de espaços adequados à prática do esporte, bem como o pouco ou nenhum apoio governamental, seja da Prefeitura, seja do Estado, de modo a viabilizar econômica e espacialmente as atividades destes clubes. Contudo, um início de intercâmbio entre clubes de Belo Horizonte e outras praças, em especial do Rio de Janeiro, já aconteciam em 1910, conforme relata Raphael Rajão Ribeiro (2007, p. 69-70):

A partir do início da década de 10, no entanto, observou-se o regular crescimento do número de jogos, inclusive com a realização de partidas interestaduais. Foi o caso, por exemplo, dos encontros que envolveram o Sport Club e o Riachuelo F. C. do Rio de Janeiro, o Yale e o América, também da capital federal, campeão carioca de 1911⁶², ou ainda, o *Scratch Mineiro* e o mesmo *America*, em 1912. Esses eventos atléticos conseguiam especial apelo de público, reunindo considerável quantidade de espectadores e movimentando o noticiário esportivo local. Da mesma forma, partidas intermunicipais envolvendo times de cidades como Ouro Preto e Nova Lima, onde o futebol era tão difundido quanto na capital mineira, contribuía para o aquecimento das atividades e do interesse em torno da modalidade.

É importante notar que, enquanto no Rio de Janeiro e em São Paulo já havia campeonatos estaduais regulares, inclusive chancelados por uma Federação desde o início do Século XX, Belo Horizonte somente terá um Campeonato Mineiro regular a partir de 1915⁶³. É certo que a primeira Liga de Futebol da cidade foi fundada em 1904, mas teve vida curta e não organizou nenhuma competição. É neste sentido que, também, apontamos as fragilidades inaugurais deste *território do futebol*, principalmente no seu relativo — ainda que pequeno — atraso cronológico em desenvolver o esporte organizando competições que pudéssemos qualificar como oficiais, quando comparamos com o território que, aqui, passa a ser compreendido como *centro*:

⁶² “A visita da afamada agremiação da Capital Federal foi cercada de entusiasmo, com recepção no Salão de Honra do Palácio Presidencial do Estado, oferecido pelo anfitrião.” (RIBEIRO, 2007, p. 114).

⁶³ Para efeito de comparação, o Campeonato Paulista é disputado desde 1902 e a Liga Paulista de Futebol fundada em 1901. O Campeonato Carioca teve sua primeira edição 1906 e o Baiano é de 1905 e sua respectiva Liga Baiana de *Sports Terrestres*, é de 1904. “A organização de torneios como a Taça Bueno Brandão, em 1914, era indicativo de que, dentro do desejo de se criar critérios mais claros para definição de qual era a melhor equipe esportiva da cidade, os atletas e dirigentes belo-horizontinos mostravam-se atentos a experiências desenvolvidas em centros como São Paulo, onde a competição promovida pela Liga Paulista já passava de sua décima edição. Como parte do movimento de elaboração de instituições futebolísticas, os membros dos clubes da capital mineira fundaram, no ano seguinte, a Liga Mineira de *Sports Athletics*.” (RIBEIRO, 2007, p. 119).

Vivendo em uma localidade menor, com população pouco afeita aos divertimentos ao ar livre, os adeptos do futebol em Belo Horizonte procuravam trilhar os caminhos traçados em outras vivências. De certa forma, **a capital mineira colocava-se como periférica em relação aos grandes centros nacionais, tomados, a todo momento, como referencial para seu desenvolvimento.** Seguir o que aquelas cidades faziam era ideia apresentada em vários discursos, dentre os quais os dos desportistas. (RIBEIRO, 2007, p. 107).⁶⁴

Desde o início das formalizações das atividades futebolísticas, uma grande questão sempre foi colocada: a legitimação de títulos e das competições. A quem competiria realizar e organizar tais atividades? Como vimos de relance em passagens anteriores do presente texto, uma verdadeira guerra foi travada entre Rio de Janeiro e São Paulo pelo direito de representar o futebol brasileiro. Longe de ser apenas uma questão de bastidores ou meramente técnica, sempre esteve em jogo toda uma questão política, de interesses diversos e difusos, mas tendo como objetivo precípua a hegemonia do futebol nacional. A criação da CBD, no Rio de Janeiro, em 1916, filiada à FIFA e com poderes para agir em prol do futebol brasileiro, não solucionou a questão ou, pelo menos, apenas acalmou os ânimos até a próxima distensão, no caso, a entrada ou não do profissionalismo.

Logo, Belo Horizonte e outros lugares também procurariam resolver suas próprias contradições e disputas locais, buscando apoios maiores e, invariavelmente, do centro do futebol brasileiro, a CBD. Foi assim que Ligas ou Federações concorrentes, estaduais ou nacionais, lutaram entre si pelo privilégio de organizar e ordenar o futebol dentro de seus próprios territórios ou em seus âmbitos de atuação e influência. Logo, as conexões entre uma Federação local ou estadual com outra de âmbito nacional, mesmo que em posição hierárquica inferior, mostrava-se como uma alternativa viável e importante para a legitimação de suas próprias atividades. Neste caso em particular, enquanto a Liga Mineira se fortalecia no interior do estado, para além de Belo Horizonte, com o aumento do número de clubes filiados, a CBD e depois a FBF, na década de 1930, se fortalecia no cenário esportivo brasileiro.

⁶⁴ Grifo nosso. Ainda segundo este pesquisador, nem mesmo a primazia da introdução do futebol no estado pode ser atribuída a Belo Horizonte, já que o mesmo Victor Serpa ajudou na popularização do futebol em Ouro Preto, inclusive na fundação de alguns clubes, ainda em 1903 (RIBEIRO, 2007, p. 108).

Desta forma, é curioso perceber que desde o início das atividades do futebol em Minas, em especial em sua Capital, as referidas práticas desportivas sempre se colocaram como periféricas e tributárias de outras praças e Ligas: o futebol, suas agremiações esportivas e entidades federativas contentavam-se com suas posições subalternas frente a Rio de Janeiro e São Paulo, desde que, com isso, regionalmente, pudessem manter seus territórios de influência e controle⁶⁵.

Para além do aspecto institucional, a capital mineira ainda se colocava na condição de centro periférico do futebol nacional. Mesmo depois de mais de quinze anos da introdução de tal modalidade na cidade, o desequilíbrio entre as relações que o meio atlético local estabelecia com outros lugares era perceptível, sendo que a maior transformação era o crescimento substancial das conexões, fornecendo maiores subsídios para as ações dos esportistas belo-horizontinos. Os projetos de construção da identidade nacional e da integração esportiva não tiveram efeito na cidade até o início da década de 20. Apesar de esboçarem alguma estruturação em lugares como o Rio de Janeiro, elas pouca reação provocavam na população e nas agremiações locais. Os grandes centros nacionais não eram vistos como parte do mesmo movimento atlético, a percepção de uma unidade ainda se restringia a Belo Horizonte, para fora dali, o que se via eram outras realidades. (RIBEIRO, 2007, p. 128).

Há ainda uma subdivisão temporal e material que se pode fazer acerca do desenvolvimento do futebol em Belo Horizonte: a chamada Era Independência – 1950/1965 e a Era Mineirão – 1965/2010⁶⁶. O primeiro estádio foi construído especialmente para a Copa do Mundo de 1950 e suas obras se iniciaram em 1948, por meio da Prefeitura de Belo Horizonte e o chefe do executivo Otacílio Negrão de Lima, sendo

⁶⁵ “No final da década de 10, a filmagem e a exibição nos cinemas de jogos de futebol já eram comuns, inclusive em Belo Horizonte. [...] Uma série de películas despertou o interesse dos expectadores da capital mineira: as referentes ao [Campeonato] Sul-Americano de 1919, realizado no Rio de Janeiro. Tal competição que, na visão de muitos estudiosos, foi momento chave da construção do sentimento nacionalista em torno do futebol, recebeu pouca atenção dos periódicos belo-horizontinos. [...] Em meio aos torcedores da cidade, a competição internacional também pareceu não ser alvo de muito entusiasmo, especialmente se comparado ao comportamento dos cariocas, que lotaram o estádio durante as partidas e ruas em suas comemorações.” (RIBEIRO, 2007, p. 127).

⁶⁶ O estádio Mineirão foi fechado em 2010 para obras visando a Copa do Mundo de 2014 e os clubes da capital jogaram suas partidas, em sua maioria, em Sete Lagoas/MG, na Arena do Jacaré, do Democrata/SL. Foi reinaugurado no início de 2013, com o jogo Cruzeiro x Atlético. Esta nova fase do estádio, que agora está arrendado a empresa Minas Arena (que venceu como a única candidata a licitação pública organizada pelo Governo de MG) por trinta anos poderá ser, no futuro, a 3ª fase do futebol mineiro.

posteriormente cedido ao Clube 7 de Setembro⁶⁷. O segundo foi inaugurado em 1965 e marcou a época como um dos maiores estádios do mundo, integrando o conjunto paisagístico da Pampulha.

Na primeira era, Atlético e América eram os dois maiores clubes da capital mineira e protagonizavam grandes embates no Independência: os seus jogos eram chamados de Clássico das Multidões. Apesar disso, o Atlético dominava a competição estadual, mas já se percebe o franco crescimento de outro rival, em detrimento do América: o Cruzeiro começava a se firmar também como protagonista. O time alvinegro já se aventurava até mesmo fora do país — como na vitoriosa excursão pela Europa, um feito memorável para as condições da época, tanto financeiras quanto logísticas — já que a Copa de 1950, mesmo com a dolorida derrota para o Uruguai, abriu as portas do velho continente para os clubes brasileiros, em especial, os do consolidado centro como Botafogo-RJ, Flamengo-RJ e Vasco-RJ, na mesma década, e o Santos-SP, de Pelé e Coutinho, na seguinte.

É fato que o grande time brasileiro dos anos 1950 era o Botafogo, base da seleção brasileira campeã do mundo em 1958 com Nilton Santos, Didi e Garrincha. Logo, esse time era a sensação por onde passava e arrastava multidões para seus jogos, não sendo diferente com Belo Horizonte, em 23/03/1958, em um jogo contra o Atlético, no antigo estádio de clube já extinto, denominado 7 de Setembro, hoje Estádio Independência, em partida que terminou 5 x 4 para o time carioca (o detalhe é que ao final do primeiro tempo o jogo estava 4 x 0 para o Atlético).

Naquele tempo o futebol do Rio era a grande atração em todo o Brasil. Os mineiros tinham como seu segundo clube o Flamengo, o Botafogo, o Fluminense ou o Vasco da Gama. Até o América, da então capital da República, tinha seus torcedores por aqui. O Botafogo era uma espécie de segunda paixão, quase igual à nutrida pelo Flamengo (LIMA, 2003, p. 27).

Por esta época, os Campeonatos Estaduais e as excursões internacionais eram praticamente tudo o que se podia fazer em termos de futebol de clubes no Brasil. O torneio Rio/São Paulo já havia iniciado em 1950, mas ainda carecia de bastante

⁶⁷ À época os três principais clubes da capital tinham estádio próprio: o Antônio Carlos, do Atlético, onde hoje se encontra o Shopping Diamond Mall; Otacílio Negrão de Lima, do América, na Alameda, próximo ao supermercado Extra, na região hospitalar; e o Juscelino Kubitschek, do Cruzeiro, no Barro Preto (LIMA, 2003).

profissionalismo e organização, já que alguns clubes a preteriam por conta dos amistosos internacionais. Logo, o Campeonato Mineiro era bastante disputado e tinha uma dimensão muito maior do que hoje, quando se busca até mesmo a sua extinção. Com a criação da Taça Brasil, em 1959 (originada quase que exclusivamente para definir o participante brasileiro na Copa Libertadores da América, que surgiria no ano seguinte), iniciam-se as disputas regionais e nacionais, ainda que bastante influenciadas pelo desejo de protagonismo dos clubes do centro — desejo atendido pela CBD, quando percebemos os chaveamentos da referida competição. A participação na Taça Brasil era definida pelo resultado dos campeonatos estaduais, de início, apenas os campeões de alguns estados e, quase como regra, os representantes mineiros eram, sobretudo, o Atlético e o Cruzeiro. O América, a partir de então, cede o lugar de segundo protagonista local para o time do Barro Preto e não mais consegue retornar a sua posição de destaque.

O período de 1965/2010 ou *Era Mineirão* vai marcar, no desenvolvimento do futebol mineiro, a ascensão do Cruzeiro (inclusive, já como vencedor da Taça Brasil em 1966) e a afirmação nacional do Atlético (Campeão Brasileiro em 1971). Ao longo da década de 1970, esses times mineiros chegarão a três finais de campeonato brasileiro, contra Botafogo (1971), Vasco (1974) e São Paulo (1977), além de uma semifinal de Libertadores (1978) e duas finais da Taça Libertadores (1976/77). O Atlético irá se destacar muito na década de 1980 — uma final (1980) e duas semifinais (1985/1987) de campeonato brasileiro. O Cruzeiro irá se destacar nacional e internacionalmente a partir dos anos 1990 — 2 títulos da Copa do Brasil (1993, 1996), um vice-campeonato Brasileiro (1998), um título da Libertadores (1997) dentre outros títulos internacionais de menor expressão. Ainda assim, o Cruzeiro teve boas participações também nos anos de 1980, chegando a duas semifinais do brasileiro (1987, 1989), ao passo que o Atlético alternou bons e maus momentos nos anos de 1990 — duas Taças Conmebol (1992/1997) e um vice-campeonato (1995), além de quatro semifinais do Brasileiro (1991, 1994, 1996, 1997) e um vice-campeonato (1999).

Por fim, o futebol mineiro vai alternar momentos de muita força com outros de relativo empobrecimento nos anos 2000. O Cruzeiro vencerá os Campeonatos Brasileiros de 2003 e 2013, bem como a Copa do Brasil de 2000 e 2003, além dos vice-campeonatos da Copa Libertadores em 2010, do Brasileiro do mesmo ano e os títulos da Copa Sul/Minas

(2001, 2002). Entretanto, irá amargar campanhas medíocres em 2001 e 2011, quase o levando à Segunda Divisão Nacional. Pelo seu lado, o Atlético terá boas participações nos anos de 2001 (semifinalista) e 2012 (vice) no Brasileiro, uma semifinal da Copa do Brasil (2002) e o título de Campeão da Libertadores (2013). Porém, fará campanhas sofríveis na maioria dos anos de 2000 e, inclusive, culminando com um rebaixamento à Série B em 2005 (sendo campeão no ano seguinte e retornando à 1ª divisão). O América, desde meados da década de 1970 passou a maior parte do tempo disputando a 2ª e até mesmo a 3ª divisão do Campeonato Brasileiro. Como destaques, ressalte-se o título de campeão brasileiro da Série B em 1996, a Copa Sul/Minas (2000) e o Campeonato Mineiro de 2001⁶⁸.

PORTO ALEGRE

Em contraste com a maioria (senão todas) das capitais brasileiras, o futebol se desenvolveu primeiro no interior do Rio Grande do Sul antes de atingir Porto Alegre. Curiosamente a porção sul do estado gaúcho, em grande medida influenciada pela portentosa atividade da Bacia do Prata, no porto da cidade de Rio Grande, no chamado Ciclo do Charque (1860-1920), iniciará o futebol no Rio Grande do Sul. A maciça presença de ingleses em Montevideu e Buenos Aires, bem como a grande colônia alemã do estado, denotam a sua área de influência e deixava a capital ainda bastante alijada, seja no sentido econômico, seja no esportivo. Até aproximadamente os anos de 1940, cidades como

⁶⁸ Na semi-periferia do futebol brasileiro, outros times, como o Tupi de Juiz de Fora (Campeão Brasileiro da Série D em 2011), o Ipatinga (Campeão Mineiro 2005) e participante da Série A do Brasileiro em 2010, além do Ituiutaba, que já participa da Série B por quatro anos consecutivos, são outras forças com algum destaque. Os demais clubes de Minas Gerais, mesmo os tradicionais, localizadas em cidades de porte médio, como Villa Nova (Nova Lima), Uberaba, Uberlândia, Democrata (Governador Valadares), Valério (Itabira), Caldense (Poços de Caldas) há muito tempo correm o risco de encerrar suas atividades profissionais, por falta de patrocínios e amparo locais. Basicamente disputam o Campeonato Mineiro no início do ano e não tem outra atividade regular na maior parte do calendário. A sobrevivência destes clubes é de vital importância para a preservação da memória do futebol mineiro, principalmente no que se refere aos vínculos com seus lugares de origem. Entretanto, não podem ser esquecidos alguns times e tempos marcantes. O grande esquadrão do centenário Villa Nova A. Clube marcou os gramados de Minas Gerais com um tetracampeonato: 1931/1932/1933/1934. Além disso, o Villa foi campeão brasileiro da Série B em 1971, feito também conquistado pelo Uberlândia Esporte Clube, em 1984.

Pelotas, Caxias⁶⁹, Bagé, Rio Grande e Santana do Livramento apresentavam clubes de futebol bastante desenvolvidos e fortes, capazes, inclusive, de vencer a maioria das competições estaduais disputadas. Ainda em 1939, a título de ilustração, a porção sul do estado detinha cerca de 38% do PIB do Rio Grande do Sul, ao passo que em meados de 1998-1999 não chegava a 15%. No período de 1940-2003, os clubes de Poa conquistam 62 das 64 competições disputadas (MASCARENHAS, [s.d.]).

Na capital, o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense será fundado em 1903, enquanto seu rival, o Sport Club Internacional em 1909 e, conforme dito, somente a partir dos anos de 1940 estes clubes iniciarão sua hegemonia no futebol do estado. Já por volta de 1949 existem registros de partidas realizadas contra times do Uruguai e da Argentina, principalmente por parte do Grêmio, que também realizou excursão ao México, Ecuador e Colômbia, na década de 1950. O Tricolor Gaúcho figura entre os maiores clubes do Brasil, com extensa galeria de conquistas: Brasileiro (1981 e 1995), Libertadores (1983/1995) e Intercontinental de Clubes (1983), Copa do Brasil (1989/1994/1997/2001), além de destacadas outras participações. Em 1991 e 2004 o time foi rebaixado à Segunda Divisão Nacional, retornando imediatamente nos anos seguintes. Porto Alegre também é o lugar de origem do Internacional, campeão brasileiro (1975/1976/1978), Libertadores (2006/2009) e Mundial de Clubes (2006), Copa Sul Americana (2008), Copa do Brasil (1992) e outras importantes participações no campeonato Brasileiro.

Por fim, há que se destacar o fato do Juventude de Caxias do Sul, no ano de 1999 ter conquistado a Copa do Brasil sobre o Botafogo/RJ. Porém, neste ano de 2013, este clube disputou a 3ª divisão do Campeonato e não é nem sombra de seu passado mais distante e da sua importância recente.

⁶⁹ A colônia italiana também proporcionou o desenvolvimento do futebol no estado: “Em pouco tempo, Caxias consolidou-se como a ‘Pérola das colônias’, tornando-se uma das principais cidades do interior do Rio Grande do Sul e a mais próspera da área de colonização italiana. Essa pujança econômica teve desdobramentos na atividade futebolística de Caxias do Sul. Em 1913, foi fundado o primeiro clube de futebol de Caxias do Sul, o Esporte Clube Juventude – ECJ. Seus fundadores, na grande maioria, eram imigrantes italianos e seus descendentes, provenientes das mais tradicionais e ricas famílias da cidade, que chegaram a Caxias nas primeiras levas de imigrantes (PRODANOV; MOSER, 2010). Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd140/futebol-a-regiao-italiana-do-rio-grande-do-sul.htm>. Acesso em 01/12/2013.

SALVADOR

No caso de Salvador/BA, como de praxe quando estudamos os primórdios do futebol no Brasil, em diferentes lugares, o esporte chegou através de estudantes da elite formados nas universidades inglesas. Além disso, os primeiros clubes não foram fundados para a prática do futebol, mas, sim, de cricket, como é o caso do *Club de Cricket Victoria*, fundado em 1899 por jovens da elite local e que, mais tarde, em 1901, passa a se chamar *Sport Club Victoria* (ROCHA JÚNIOR; ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 86)⁷⁰. Estes autores destacam três fases principais do desenvolvimento do futebol em Salvador, principalmente no que se refere à ocupação dos espaços para a sua prática:

Uma primeira, quando o jogo se dava em praças (Campo da Pólvora e outras), onde ainda eram poucos os praticantes e seus jogos eram mais ligados ao aspecto da diversão daqueles que foram seus introdutores na cidade. Uma segunda se deu quando passou a ser necessário um espaço mais organizado, um espaço que permitisse uma prática mais sistematizada, com uma inicial organização de campeonatos (...). A terceira fase foi aquela onde já se exigia um espaço específico, só do futebol, surgindo o Campo da Garça [inaugurado em 15 de novembro de 1920], que foi construído especificamente para o futebol, o primeiro estádio em Salvador. (ROCHA JÚNIOR; ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 88).

A entidade, criada para sistematizar o futebol em Salvador, foi fundada em 15 de novembro de 1904: a Liga Bahiana de Sports Terrestres⁷¹. Como se pode observar facilmente, a introdução do futebol na Bahia e o seu desenvolvimento deram-se de maneira análoga a outras praças do Brasil, resguardando, evidentemente, algumas características particulares. Como semelhanças, podemos apontar as suas origens na elite local; o início complicado, principalmente devido à falta de espaços públicos capazes de abrigar as partidas; a sua popularização entre as camadas mais pobres da sociedade; e as

⁷⁰ Fato curioso da história deste Clube é que as cores de seu pavilhão eram preta e branca, quando ainda se dedicava ao cricket. Contudo, em seu re-batismo, adotaram-se as cores vermelha e preta por sugestão de um dos sócios, César Godinho Spíndola, vindo do Rio de Janeiro e ex-remador do Flamengo. Fonte: <http://www.ecvitoria.com.br/historia>. Acesso em 14/10/2012).

⁷¹ “Em setembro de 1913, outra liga foi criada, a Liga Brasileira de Sports Terrestres. Em Salvador, existiram ainda outras ligas futebolísticas, como: Liga Sportiva Nacional, a Liga Itapagipana e a Liga Rio Branco de Sports Terrestres. A constituição dessas ligas correspondeu ao avançar da prática de futebol em Salvador.” (ROCHA JÚNIOR; ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 89).

mudanças de comportamento por parte da imprensa, frente ao futebol: de escassas notas de jogos já acontecidos, até coberturas enormes, com grandes destaques para os ídolos mais populares. Neste caso específico, o que nos interessa mais, era a necessidade de Salvador integrar-se — ou voltar a protagonizar —, de alguma forma, no cenário nacional e utilizar-se do futebol como ferramenta para tal.

O futebol dialogava com outras práticas culturais, como o cinema, que passou a exibir jogos e ainda, a Bahia começava a querer dialogar esportivamente com o resto do País e a querer ver e ser vista pelos praticantes de futebol em outros estados e para isso, convidava clubes de fora do estado para jogarem amistosos, bem como participava de competições organizadas nacionalmente. (ROCHA JÚNIOR; ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 89).

Os dois principais clubes baianos têm um passado recente bastante modesto, mas, entretanto, obtiveram o título da Taça Brasil (1959), do Campeonato Brasileiro (1988) — ambos os títulos com o E. C. Bahia. O Vitória chegou à final do Brasileiro (1993) e da Copa do Brasil (2010). Todavia, na maior parte do tempo esses clubes obtiveram participação pequena nos campeonatos nacionais e por vezes figuraram na 2ª e até mesmo na 3ª divisão do brasileiro, como é o caso do Bahia.

No ano de 2013, os dois clubes mais populares da Bahia – Bahia e Vitória – disputaram a 1ª divisão do Campeonato nacional da Série A. O Bahia enfrentou muitas dificuldades, correndo sérios riscos de rebaixamento (muito em virtude de seu passado recente de conflitos políticos internos, que ainda veremos mais detidamente), ao passo que o Vitória quase alcançou uma vaga na Copa Libertadores da América de 2014. Entretanto, com exceção destes dois em Salvador, a maioria dos clubes de futebol da Bahia apresentam estruturas muito precárias, ficando inativos na maior parte do ano.

GOIÂNIA

O futebol em Goiânia iniciou-se bem mais tarde, até mesmo porque a colonização do chamado centro-oeste brasileiro apenas vai se consolidar por volta da década de 1970.

A chamada Ferrovia Mogiana, que chegou a atingir o sudeste de Goiás, favoreceu a integração deste estado com São Paulo, principalmente a partir da expansão da economia cafeeira rumo ao oeste paulista⁷².

Assim como em outras partes do território brasileiro, em especial no sul do País, as estradas de ferro⁷³ foram elementos fundamentais na interiorização do futebol; e o sul de Goiás anotará o surgimento dos primeiros clubes do estado: o Clube Recreativo e Atlético Catalano (CRAC), de 1931; e o Pires do Rio Futebol Clube, em 1935. (GONÇALVES; SILVA, 2011, p. 167).

Contudo, o futebol em Goiânia acontecerá ainda um pouco mais tarde, por volta de 1936, com a fundação do União Americana Esporte Clube. O segundo clube de Goiânia foi fundado a 02/04/1937, o Atlético Clube Goianiense. Curiosamente, estes dois clubes foram fundados em Campinas-SP, cidade essa que foi fundamental na própria instalação de Goiânia. Além disso, a influência de RJ/SP faz-se notar mais uma vez:

[...] os fundadores do Clube [Atlético Goianiense] eram todos desportistas, torcedores de clubes de futebol do Rio de Janeiro, o que nos demonstra que a influência do eixo Rio-São Paulo no futebol brasileiro não é recente. Na reunião de fundação do Atlético, discutiram-se quais seriam as cores do time, prevalecendo a decisão da maioria dos presentes, torcedores do Clube de Regatas do Flamengo. Desta forma, o clube adotou o uniforme com camisa rubro-negra em listras horizontais e calção branco. (GONÇALVES; SILVA, 2011, p. 168).

A história de fundação do Goiás Esporte Clube (1943) também é semelhante. Entretanto, o clube que inspirou esta agremiação foi o Palestra Itália de São Paulo, atual Sociedade Esportiva Palmeiras, nas cores do clube — verde e branco — e na mascote, um

⁷² A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi criada em 1872 com sede na cidade de Campinas. Sua construção inscreve-se na história da expansão da cultura do café em direção ao interior da então Província de São Paulo, constituindo-se, inicialmente, por um simples prolongamento da ferrovia existente, até Mogi-Mirim e de um ramal para Amparo, com um seguimento até as margens do Rio Grande. A proposta original, entretanto, de estender seus trilhos até o norte de Goiás nunca ocorreu.

⁷³ Ao estudar a popularização do futebol no interior de São Paulo, José Luiz dos Anjos (2004, p. 67) assim se referiu ao processo: “A segunda face refere-se às regiões servidas por estradas de ferro, datando da época da pujança da cultura cafeeira, ligando o interior paulista à cidade portuária de Santos, ou a Capital às regiões atingidas pelas Cias. Mogiana, Sorocabana, Paulista, Ituana e Linha Noroeste e também a região de Ribeirão Preto, além de Rio Claro, onde se formaram equipes que trazem em seu nome a identificação da Cia. Férrea: Ferroviário Ituano, Noroeste de Bauru e Ferroviária de Araraquara, sendo a equipe do Botafogo de Ribeirão Preto formada pela fusão de dois times pertencentes aos trabalhadores na linha férrea, em 1918.”

periquito (antiga mascote do Palestra). Além disso, os fundadores do Goiás eram, em sua maioria, paulistas descendentes de italianos. Por fim e não menos importante, a fundação do Vila Nova Futebol Clube (1943) tem suas raízes nos sentimentos de pertencimento e identidade, através dos laços dos moradores da chamada Vila Nova: “O Vila Nova Futebol Clube surge totalmente identificado com determinado lugar, no caso o bairro que ficou conhecido como a ‘vila famosa’, estabelecendo ainda uma identidade com as classes sociais menos favorecidas”. (GONÇALVES; SILVA, 2011, p. 170).

Atualmente, o futebol goiano tem se limitado a participação mais contundentes apenas do Goiás E. C. nas competições nacionais, quando tem figurado com certo destaque, mesmo com poucos recursos financeiros e a sua invisibilidade fora de seu lugar-território, qual seja, a cidade de Goiânia e adjacências. Este clube, inclusive, obteve o título de vice-campeão da Copa do Brasil (1990) e o vice-campeonato da Copa Sul Americana (2010). O Atlético/GO e o Vila Nova perderam bastante espaço como protagonistas regionais — principalmente o primeiro, que, em 2012, ainda disputava a Série A do Campeonato Brasileiro — ficando circunscritos, atualmente, apenas em rivalidades locais, em especial contra o próprio Goiás. Fora de Goiânia, talvez o único destaque, ainda que local, fica para o Itumbiara, da cidade de mesmo nome, que obteve o título estadual (2008), e o já citado Crac, com modestíssimas participações na Copa do Brasil.

RECIFE

A capital de Pernambuco conta com três grandes clubes: Sport, Santa Cruz e Náutico. O primeiro clube fundado dedicado ao futebol foi o Sport Club Recife (1905), apesar da existência do Náutico desde 1901, mas que se especializava em esportes aquáticos.

Depois de 1911, começaram a surgir times de futebol por diversos subúrbios recifenses e, em 1914, não havia apenas o Sport, o Náutico e a Tramways, time de ingleses, mantido pela *Pernambuco Tramways*, uma companhia de energia elétrica que deu origem à Companhia de Eletricidade de Pernambuco, Celpe. Foram fundados, entre outros, o

Santa Cruz Futebol Clube, o Paulistano, o Internacional, o Centro Esportivo do Peres, a Coligação Recifense, o Agros Esporte Clube, constituído por estudantes da Escola de Agronomia de Socorro, logo substituído pelo Torre Esporte Clube, o Caxangá, o Esporte Clube Flamengo, o Casa Forte, o Olinda, o João de Barros (origem do América), o Velox, o Americano, o Pernambuco entre muitos outros. Em 16 de junho de 1915, foi criada a Liga Sportiva Pernambucana (LSP), atual Federação Pernambucana de Futebol (FPF), que promoveu o primeiro campeonato pernambucano, realizado a partir de agosto do mesmo ano (GASPAR, 2009)⁷⁴.

Dos três times relacionados, o Sport apresenta uma melhor participação em escala nacional, tendo vencido a Copa do Brasil (2008) e obtendo um vice-campeonato (1992) e o controverso título — como veremos mais adiante — do Campeonato Brasileiro de 1987. Ainda assim, oscila entre as Séries A e B (em 2013 disputou a Segunda Divisão, mas obteve o acesso à primeira divisão em 2014), mesmo caso do Náutico (que terminou o Brasileiro da Série A de 2013 na última colocação) mas que possui um título de vice-campeão da Taça Brasil (1967) como sua melhor participação nacional. O Santa Cruz, a despeito de ser o maior vencedor de campeonatos estaduais (24) não tem uma projeção nacional destacada: neste ano de 2013, conquistou a Série C e retorna a 2ª Divisão Nacional depois muitos anos. Todavia, o que mais chama a atenção para este Clube é a sua persistente e apaixonada torcida, que, mesmo vendo o time disputando — e por vezes, perdendo — séries inferiores do Brasileiro, como a 4ª Divisão Nacional, obtém públicos extraordinários, sempre na casa dos 40, 50, 60 mil torcedores no Estádio conhecido sabiamente como *Mundão do Arruda*. Em tempos do imediatismo, da competição e do título como fim em si mesmo, é de causar surpresa a sobrevivência desse Clube e, mais ainda, da aparente blindagem de seu torcedor a estes aspectos mais ressaltados do futebol: a ligação que se expressa entre o torcedor do *Santinha* e seu Clube é digna de nota e reforça o caráter multifacetado das relações mediadas pelos futebol, que não ficam circunscritas, somente, à ditadura do sucesso e das conquistas como definidoras de idiosincrasias entre os torcedores e seus clubes⁷⁵.

⁷⁴ Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>.

⁷⁵ Praticamente todos os clubes brasileiros adotaram o seu rol de títulos como justificativa de sua superioridade perante os outros e diversos valores históricos, presentes até mesmo em alguns de seus hinos, como características distintivas, parecem ter se perdido nas brumas da atual modernidade. Entretanto, os torcedores do São Paulo F. C. e do Cruzeiro E. C. são aqueles que, a nosso ver, mais adotaram a mística do

CURITIBA

Finalmente chegamos a este último *território do futebol*, onde os clubes mais proeminentes são o Coritiba (1910) e o Atlético-PR (1924), apesar da presença do Paraná Clube (1989) na mesma cidade, mas bastante periférico aos dois primeiros.

Muito embora o Paraná tenha recebido a primeira bola de futebol, ainda em 1903, trazida pelo professor Victor Ferreira do Amaral, a prova documental mais antiga da realização de jogos no Estado, encontrada pela FPF, data do dia 30 de dezembro de 1905. Essa informação consta de um anúncio publicado no Diário da Tarde, periódico que circulou em Curitiba entre 1899 e ainda é editado esporadicamente pela Editora Gazeta do Povo. Na página 3 deste jornal, havia um convite à população para um jogo de bola, que aconteceria no bosque localizado na Rua Marechal Deodoro, 64. O torneio seria realizado nos dias 31 de dezembro de 1905 e 1º de janeiro de 1906⁷⁶.

Ambos os times foram Campeões Brasileiros em 1985 e 2001, Coritiba-PR e Atlético-PR, respectivamente. O primeiro alcançou ainda dois vice-campeonatos da Copa do Brasil (2011/2012) e o segundo um vice-campeonato da Copa do Brasil (2013), um título de vice-campeão da Libertadores (2005) e de Campeão Brasileiro da Série B (1995). Alternam anos na 1ª e na 2ª Divisão e podem ser considerados forças médias no futebol brasileiro. O Paraná Clube venceu a 2ª Divisão em 1992. O restante do Paraná ainda conta com times com algum — mas, pequeno — prestígio regional, como Ponta Grossa e Londrina. Os principais clubes pioneiros no futebol da cidade já não existem mais, casos do Britânia, América-Paraná, Palestra Itália e Savoia, ainda na época amadora do esporte no Paraná.

“clube vencedor”, do “conquistador de títulos” como fatores determinantes para suas preferências: assim, se autodenominam “exigentes” e arrogam para si o direito de contestar seus times a qualquer momento em que não estejam desempenhando o papel de protagonistas, principalmente com frequentes boicotes que se refletem, em alguns casos, a ausência no estádio. Suas conquistas são eternizadas, inclusive, com símbolos, números e nomes alusivos aos títulos: “Tríplice Coroa”, “6 + 3 + 3”, “Soberano”, “Campeão do Século”, dentre outras e é, sem sombra de dúvidas, uma característica bem mais recente. Assim, se por um lado temos o torcedor do Santa Cruz, temos por outro a lógica das relações de consumo, que se dá a todo momento em nossa sociedade, que transformou o torcedor em cliente e que passou a exigir do seu clube a satisfação de seus anseios —materializada na conquista dos campeonatos — como a mercadoria adquirida na compra do ingresso.

⁷⁶ Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_parana.html. Acesso em 01/12/2013.

PARTE 2



TELEVISÃO E FUTEBOL

A IMPORTÂNCIA DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DISSEMINADA DO CENTRO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. (...) O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.
 Guy Debord¹

Enquanto no período compreendido entre 1930 a 1950, aproximadamente, o rádio iniciou a criação de uma cultura e valores nacionais, através de grandes empresas radiofônicas que atingiam todo o território brasileiro, a partir de meados de 1950 este papel coube a televisão. Inicialmente ridicularizada, totalmente amadora e extremamente dependente de verbas publicitárias, a televisão brasileira galgou patamares nunca antes imaginados por quaisquer mídias existentes até então.

De acordo com a versão mais comum, presente nos textos de diversos pesquisadores², coube a Assis Chateaubriand e a sua TV Tupi Difusora de São Paulo a primazia das transmissões de televisão em solo brasileiro, em 18 de setembro de 1950 (diga-se de passagem, a primeira estação de televisão da América do Sul). Esta primeira transmissão foi marcada por improvisações, correria no estúdio e nervosismo generalizado por parte dos produtores, tanto pela falta de habilidade técnica para operar as câmeras recém adquiridas, quanto pela falta de parâmetros para se filmar e transmitir: afinal, ninguém sabia coisa alguma sobre televisão naquele momento. O evento escolhido para ser transmitido não passava da orquestra do Maestro Georges Henry executando *Cisne Branco* enquanto ocorria a cerimônia de benção e batismo dos estúdios. Por fim, Hebe Camargo cantaria a *Canção da TV*, mas foi substituída de última hora por Lolita Rodrigues e Vilma Bentivegna: isso durou das 19 às 21 horas (MATTOS, 2010).

¹ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 13-14.

² MORAIS, 2011; BRANDÃO, 2010; BARBOSA, 2010; MATTOS, 1990; MATTOS, 2010; BARACHO, 2007.

Curiosamente, seis anos antes desta transmissão, em janeiro de 1944, a revista *Seleções do Reader's Digest* publicou um anúncio de uma página com o título: “A eletrônica trará a televisão ao nosso lar”. A publicidade era da empresa *General Electric*, e já criava, segundo Marialva Carlos Barbosa (2010, p. 16) a “imaginação tecnológica” em torno deste meio de comunicação, necessária a sua futura implantação:

Dependente diretamente de um imaginário tecnológico que, também no Brasil, se formou gradativamente desde os primeiros anos do século XX, quando inúmeros artefatos imagéticos, sonoros e motores invadiram o cotidiano do público, a televisão exacerbou a imaginação em torno das possibilidades de reprodução em imagens do que era captado pelo olhar humano.

Em outras palavras, podemos dizer que, em 1950, muitas pessoas já tinham ouvido falar de televisão mesmo sem nunca ter visto a televisão. O próprio Chateaubriand tinha informações a respeito da *evolução do rádio* ou do *rádio com imagens*, que prosperava nos Estados Unidos. No ano de 1949, o dono dos Diários Associados já havia pago quinhentos mil dólares a norte americana RCA Victor como parte da compra de cerca de trinta toneladas de equipamentos no valor de cinco milhões de dólares, para criar, no ano seguinte, a sua TV Tupi Difusora de São Paulo³, sob a direção dos radialistas Cassiano Gabus Mendes e Dermival Costa Lima.

A inexperiência de Cassiano Gabus Mendes não era uma exceção entre os responsáveis pela implantação da televisão no Brasil: salvo um ou outro que tivera algum convívio superficial com o incipiente cinema brasileiro, eram todos egressos do rádio. E tampouco havia de onde copiar um modelo de sucesso, pois naquele ano só três canais de televisão funcionavam no mundo: um na Inglaterra, um na França e um nos Estados Unidos. Por ser o único canal comercial dos três, o norte americano, da NBC (associada à RCA Victor), era o que mais se aproximava do que se pretendia fazer no Brasil (MORAIS, 2011, p. 424).

O caráter visionário da empreitada só foi superado pela sua *tolice*: poucos dias antes da data acertada para a primeira transmissão, o diretor da NBC-TV, *Walther Obermüller* veio ao Brasil supervisionar a inauguração e as primeiras semanas de

³ MORAIS (2011). Também lembrado em: CLARK (1991).

funcionamento da TV Tupi. O norte americano fez uma pergunta simples, sobre quantos milhares de receptores de televisão haviam sido vendidos pelo comércio à população do país por aquele tempo e recebeu como resposta um “nenhum”, que praticamente o deixou corado:

– Doutor Assis, o senhor está investindo cinco milhões de dólares na TV Tupi, e sabe quantas pessoas vão assistir à sua programação a partir do dia 18? Zero. Sim: zero, ninguém. Além dos que estão expostos em meia dúzia de vitrinas, não há aparelhos instalados na casa de ninguém, em todo o estado [eu diria país]. (MORAIS, 2011, p. 425-426)⁴

Nas obras consultadas, conta-se que Assis Chateaubriand contrabandeou cerca de duzentos aparelhos de televisão dos Estados Unidos: mandou metade para as vitrines das lojas de eletrodomésticos e distribuiu a outra metade entre personalidades e empresários que estavam financiando a implantação de sua TV; inclusive encaminhou uma delas para o Presidente Dutra, no Palácio do Catete – RJ, já tentando amenizar possíveis problemas causados por esta operação ilícita⁵. Esta fase caracteriza-se pelo improviso, pouca disponibilidade de aparelhos de TV, principalmente em função dos seus altos custos e “pela experimentação de uma nova linguagem que levaria, pelo menos, duas décadas para se estruturar” (BARBOSA, 2010, p. 17).⁶ Nos dias que se seguiram à inauguração, foram colocados no ar musicais, teleteatros, programas de entrevistas e um noticiário chamado de *Imagens do Dia*, entre às cinco da tarde e às dez da noite, sempre com grandes

⁴ “- Quando vocês forem escrever a história da televisão no Brasil vão ter que dizer que no dia da estreia certamente havia mais gente atrás das câmeras do que diante dos receptores” (MORAIS, 2011, p. 429).

⁵ MORAIS (2011). Também citado por BARBOSA (2010).

⁶ O discurso de Chatô durante a inauguração da TV Tupi dá mostras claríssimas de que ele sabia exatamente o que tinha nas mãos e que não mediria esforços para levar adiante aquela empresa, mesmo cometendo os mais absurdos equívocos: “O empreendimento da televisão no Brasil, em primeiro lugar, devemos-la a quatro organizações que, logo, desde 1946, se uniram aos Rádios e Diários Associados para estudá-lo e possibilitá-lo neste país. Foram a Companhia Antarctica Paulista, a Sul América Seguros de Vida e suas subsidiárias, o Moinho Santista e a Organização Francisco Pignatari. Não pensem que lhes impusemos pesados ônus, **dado o volume da força publicitária que detemos**. [...] Faz-se um *bouquet* de aço e pendura-se no alto da torre do Banco do Estado **um sinal da mais subversiva máquina de influir na opinião pública, uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos humanos mais afastados**” (BARBOSA, 2010, p. 18). Grifo nosso.

intervalos entre um programa e outro, para que pudessem ser preparados para ir ao ar, ao vivo, já que não havia o recurso do vídeo teipe⁷ (BARBOSA, 2010).

Na década de 1950, a vida da elite cultural do país era concentrada na cidade do Rio de Janeiro, sendo que o Copacabana Palace Hotel oferecia atrações internacionais em seu cassino, considerado o mais seguro do mundo, descrito, inclusive, em panfletos turísticos. Todavia, com a proibição do jogo, nessa mesma época, o estabelecimento da televisão atendia aos anseios de uma classe alta e média por novos entretenimentos, principalmente porque muitos dos seus *semelhantes* a estavam desfrutando em países industrializados (MATTOS, 2010). Fato é que apesar do amadorismo e dos altos investimentos necessários para se montar uma estação de TV, rapidamente foram concedidas outras licenças de operação, nos anos posteriores, conforme Quadro 01. Autores como Sérgio Mattos (2010) defendem que a origem e o desenvolvimento da televisão brasileira podem ser subdivididos em sete fases, a saber: elitista (1950-1964), populista (1964-1975), desenvolvimento tecnológico (1975-1985), transição e expansão internacional (1985-1990), globalização e TV paga (1990-2000), convergência e qualidade digital (2000-2010) e portabilidade, mobilidade e interatividade digital (2010 em diante)⁸. Desta forma, na primeira fase, além de todos os problemas técnicos enfrentados também havia dois outros, tão importantes quanto os primeiros: a falta de aparelhos receptores das imagens geradas pela televisão; e a sustentabilidade, a longo prazo, desta nova mídia. A busca incessante para resolução destes entraves está diretamente relacionada com a forma como a televisão, em pouco espaço de tempo, substituiu o rádio como equipamento fundamental da família brasileira.

⁷ “Os estúdios não tinham nenhum tratamento acústico e, além disso, as janelas ficavam abertas para evitar o calor quando os painéis (refletores de estúdio da época) fossem acesos. Mesmo assim era uma sauna. O suor pingava do rosto dos atores e das atrizes nas cenas ambientadas em pleno inverno. E ali, entre fios espalhados pelo chão, microfones, barulhos de carros e apitos de navio entrando pelas janelas – visto que os estúdios eram construídos ao lado do cais do porto – os programas iam ao ar” (LOREDO, 2000, p. 5).

⁸ De nossa parte procuraremos nos ater a importância da televisão como fortalecedora de uma imagem de nação e unidade nacional, bem como a transposição de valores culturais, morais, estéticos e econômicos para o restante do Brasil, bem como a relação direta destes valores com a formação de um ideário nacional a respeito do futebol carioca e paulista.

QUADRO 1 - ANO E LOCAL DE INSTALAÇÃO DE ALGUNS CANAIS DE TELEVISÃO NO BRASIL: 1950-1967

Cidade	Ano	Estação
São Paulo	1950	TV Tupi
	1952	TV Paulista
	1953	TV Record
	1958	TV Cultura
	1959	TV Excelsior
	1966	TV Globo São Paulo
	1967	TV Bandeirantes
Rio de Janeiro	1951	TV Tupi do Rio de Janeiro
	1955	TV Rio
	1962	TV Continental
	1963	TV Excelsior Rio
	1965	TV Globo
Recife	1950	TV Jornal do Comércio de Recife
	1960	TV Rádio Clube
Belo Horizonte	1955	TV Itacolomi
	1961	TV Alterosa
Porto Alegre	1959	TV Piratini
	1962	TV Gaúcha
Salvador	1960	TV Itapoan
Brasília	1960	TV Brasília
Curitiba	1960	TV Paraná
Fortaleza	1960	TV Ceará
Goiânia	1960	TV Goiânia
Juiz de Fora	1960	TV Mariano Procópio
São José do Rio Preto	1960	Tupi-Difusora
Vitória	1961	TV Vitória
Coroados	1961	TV Coroados
Campina Grande	1961	TV Borborema
Uberaba	1961	TV Uberaba
Florianópolis	1961	TV Florianópolis
Aracaju	1961	TV Aracaju
Campo Grande	1961	TV Campo Grande
Corumbá	1961	TV Corumbá

Fonte dos dados: BARBOSA (2010)

Dos duzentos aparelhos receptores contrabandeados por Assis Chateaubriand até os mais de 65 milhões de aparelhos de TV existentes hoje (IBGE, 2010), as mudanças foram muitas. No ano de 1951, iniciou-se a fabricação de aparelhos receptores no Brasil, da marca *Invictus* e os Diários Associados lançaram uma estrondosa campanha publicitária, através de seus jornais, rádios e revistas, incentivando a compra destes aparelhos. Entretanto, esses aparelhos continuavam proibitivos à maioria da população, em face dos seus altos custos: cerca de duzentos dólares, ou seja, três vezes mais do que uma radiola e pouco menos do que um automóvel, outro sonho de consumo da classe média⁹. O texto de uma dessas campanhas era explícito em seus objetivos:

Você quer ou não quer a televisão? Para tornar a televisão uma realidade no Brasil, um consórcio rádio jornalístico investiu milhões de cruzeiros! Agora é a sua vez — qual será a sua contribuição para sustentar tão grandioso empreendimento? Do seu apoio dependerá o progresso, em nossa terra, dessa maravilha da ciência eletrônica. Bater palmas e aclamar admiravelmente é louvável, mas não basta — seu apoio só será efetivo quando você adquirir um televisor! (MATTOS, 2010, p. 89).

Fato é que o número de televisores no Brasil cresceu vertiginosamente desde então, dando o impulso necessário para a popularização de uma linguagem própria da televisão, cerca de vinte anos após a inauguração da TV Tupi de São Paulo. O Quadro 2 apresenta uma síntese do crescimento de aparelhos de TV no Brasil, de 1950 a 2010.

Os anos de 1950, como já dito, foram caracterizados pelo improvisado da televisão. Não se sabia como fazer e nem para quem fazer. Tudo era feito ao vivo, desde os programas até os comerciais e as empresas de televisão sempre se viam dominadas pelos grandes anunciantes — principalmente as multinacionais — que já traziam seus comerciais e programas prontos e impunham as empresas seus próprios preços e formas de comunicação. O caráter embrionário da TV no Brasil levava a isso, fazendo com que a nova mídia fosse deficitária.

⁹ MATTOS (2010); BARBOSA (2010).

TABELA 1 - NÚMERO DE TELEVISORES P & B E A CORES EM USO NO BRASIL

Ano	Quantidade de Aparelhos
1950	200
1952	11.000
1954	34.000
1956	141.000
1958	344.000
1960	598.000
1966	2.334.000
1970	4.584.000
1976	11.603.000
1980	18.300.000
1990	29.983.000
2002	42.800.000
2010	65.000.000

Extraído e adaptado de MATTOS (2010) e IBGE (2010).

Em realidade, os programas eram produzidos localmente e tinham um alcance estritamente limitado: as transmissões atingiam uma grande parte das cidades onde havia a estação — Rio ou São Paulo, em um primeiro momento — e quando muito algumas regiões do interior dos estados. Cada empresa de televisão, mesmo que vinculadas a um mesmo grupo, como a TV Tupi de São Paulo e a TV Tupi do Rio de Janeiro, dos Diários Associados, funcionavam absolutamente apartadas umas das outras. Elas tinham programações próprias, linhas editoriais distintas, tentando atingir o escasso público a sua própria maneira e resolvendo seus problemas, na maioria das vezes, de forma singular e independente. Além do mais, boa parte dos programas produzidos eram os grandes sucessos importados diretamente do rádio e até mesmo os atores — ou rádio atores — trabalhavam em frente às câmeras como se estivessem em um estúdio de rádio. Um pouco mais tarde, mas ainda nesta fase inicial, eram encenados na televisão os grandes espetáculos teatrais, numa adaptação totalmente direta, sem nenhum cuidado com a possibilidade de se criar uma *linguagem da televisão*, própria¹⁰. Foram precisos cerca de dez

¹⁰ “[...] não há dúvida de que o teleteatro, nas duas primeiras décadas de instalação da TV brasileira, foi o desbravador do desconhecido terreno da linguagem televisiva. Os pioneiros traziam técnicas oriundas do rádio e do cinema para aplicá-las à TV. Foi um lento aprendizado atrás das câmeras, no qual mergulharam profissionais oriundos de várias áreas da comunicação. Atuavam como bandeirantes que experimentaram

anos de experimentos e um grande avanço tecnológico para que ela enfim se descobrisse como uma mídia poderosa e distinta do rádio, com linguagem própria e público diverso, ainda que muitas vezes sobrepostos. Foi necessária uma confluência de fatores, interligados direta ou indiretamente, para que a televisão brasileira assumisse definitivamente o seu papel de maior e mais poderosa mídia do século XX. Dentre elas, podemos destacar os avanços tecnológicos do setor, como a invenção do vídeo teipe e da transmissão do sinal por micro-ondas; a promessa de integração nacional promovida pela Ditadura Militar, em especial na criação do CONTEL — Conselho Nacional de Telecomunicações — e da EMBRATEL (1959)¹¹ — Empresa Brasileira de Telecomunicações — e a ideia concretizada pela TV Globo de se criar uma rede nacional de televisão, integrada e com a mesma programação, atingindo todo o território brasileiro.

NOVAS TECNOLOGIAS E A TELEVISÃO EM REDE

A década de 1960 assistiu à inauguração de duas emissoras que iriam marcar época e dar um novo rumo para a televisão no Brasil: a Excelsior em 1960, e a Globo em 1965. A Excelsior foi administrada desde o início com uma visão empresarial, com racionalização de custos e gestão dos negócios baseada na premissa de que devia realizar resultados financeiros para seus investidores. Pertencente ao Grupo Simonsen, realizou, dentre outras coisas, o *I Festival Nacional da Música Popular Brasileira*; produziu a primeira telenovela diária; implementou o princípio da horizontalidade e da verticalidade na

diversas linguagens estéticas até descobrirem como fazer televisão. Seguindo os passos da TV Tupi, o teleteatro passava a ser uma espécie de ‘cartão de visitas’ em todas as emissoras. De gêneros diversos, romântico, dramático, humorístico, policial ou terror, os teleteatros ocupavam quase todos os horários na programação [...]. O TV de Vanguarda [...] permaneceu no ar de 1952 a 1967. Em algumas análises do período aparece como paradigma da televisão dos anos 1950. Ao lado dele, consolidava-se outro importante teleteatro, o Grande Teatro Tupi, do Rio de Janeiro entrando no ar para os cariocas (e nos primeiros anos da década de 1960 para algumas cidades mineiras também), [...] de 1956 a 1962, na TV Tupi; de 1963 a 1964, na TV Rio como Grande Teatro e, em 1965, na estreante TV Globo (ali recebeu o nome de Quatro no Teatro)” (BRANDÃO, 2010, p. 41).

¹¹ “Parte-se do pressuposto de que o nascimento oficial da EMBRATEL começou em 1959, quando ‘[...] o EMFA criou um grupo de estudos para elaborar um Plano Nacional de Telecomunicações’ que seria aprovado durante o processo de legislação do CBT-CONTEL. [...] Quatro anos ainda se passariam, a contar de 1959, para que no Regulamento Geral do CONTEL, aprovado pelo Decreto n° 52.026, de 20 de maio de 1963, fosse previsto no Artigo 67 a criação da empresa” (FELIPE, 2005, p. 47-48).

programação — programas exibidos de segunda a sexta-feira, sempre nos mesmos horários, facilitando o acompanhamento do canal pelo público, da mesma forma como o rádio já vinha fazendo há muitos anos — e substituiu as adaptações de obras estrangeiras por programas populares e com temáticas nacionais¹². A TV Globo, inicialmente, seguiu o modelo mais consolidado de televisão existente no Brasil até então, procurando se identificar de forma mais direta com o público popular, investindo em dramaturgia e animadores de auditório com seus programas de variedades¹³ (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010).

A busca pela audiência do público e a tentativa de consolidação de um modelo de televisão conduzirão a ideia de uma programação nacional, uniforme, o mais homogênea possível. Os propósitos: a diminuição dos custos de produção dos programas — na medida em que esses custos seriam pulverizados pela *rede* — e o aumento das receitas publicitárias, já que o anunciante seria visto praticamente em cadeia nacional. Curiosamente, a TV Globo, que iniciou suas transmissões dentro de um esquema tradicional, irá mudar de estratégia e revolucionar a televisão brasileira, sendo a primeira a atuar em rede. Mais do que isso, será a primeira a produzir um programa transmitido para todo o Brasil, a partir do Rio de Janeiro: o Jornal Nacional, em 1969¹⁴.

¹² “A emissora, entretanto, teve vida curta. Um dos fatores determinantes para sua derrocada foi a mudança do cenário político após 1964. A Excelsior se pautava editorialmente por um ‘nacionalismo democrático’ e, diante da possibilidade do golpe militar, apoiou a manutenção no poder do presidente João Goulart. Com a consolidação da ditadura, a emissora sofreu boicotes e uma censura bastante rígida. E, depois da morte de Mário Wallace Simonsen, em 1965, adquiriu muitas dívidas. Até que, em primeiro de outubro de 1970, o presidente Emilio Garrastazu Médici assinou o decreto de sua cassação” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 110).

¹³ Programas como *Discoteca do Chacrinha*; *Noite de Gala*, com Flávio Cavalcanti; *Show da Noite*, por Gláucio Gil; *O Homem do Sapato Branco*, com Jacinto Figueira Júnior; *Dercy de Verdade e Dercy Espetacular*; *004 Longras*, com Raul Longras levavam à televisão toda a sorte de quinquilharias, humor negro e bizarrices, na expectativa de conseguir audiência do público denominado *popular*. Também programas de jornalismo policial traziam o “mundo cão” para a TV: *002 Contra o Crime*; *Polícia às Suas Ordens*; *Patrulha na Cidade*; *Plantão Policial Canal 13*; *A Cidade Contra o Crime*. Contudo, havia muita resistência a essa programação, na chamada elite intelectualizada do país e ela irá contribuir em muito para a atuação da censura (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010).

¹⁴ “O Jornal Nacional foi lançado para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi, e fazia parte do ambicioso projeto de Walter Clark e Boni [executivos da TV Globo à época] de transformar a TV Globo na primeira rede de televisão do Brasil. Isso só foi possível porque o governo já havia preparado a infraestrutura tecnológica necessária. A EMBRATEL acabara de inaugurar uma rota terrestre que permitia a emissão de sinais de TV simultâneos para Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. Eram as condições técnicas que a Globo precisava para realizar o seu projeto. Ao possibilitar a geração de uma programação uniforme para todo o país, a empresa diminuía os custos de produção dos seus programas e aumentava a sua capacidade de comercialização do espaço publicitário” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 114).

Antes disso, porém, com a chegada do vídeo teipe era possível produzir um programa, gravar, editar e depois distribuí-lo País afora. Contudo, não havia a possibilidade de transmissão *ao vivo* e nem a simultaneidade necessária para a formação de uma *rede*. Muitos programas e mesmo partidas de futebol eram transmitidos de forma imediata em seus locais de gravação, mas eram exibidos com muitos dias de atraso em outros lugares do país.

O Governo Militar, a partir de 1964, preocupava-se com a integração nacional em virtude de sua Doutrina de Segurança Nacional. Além disso, reconhecia ser fundamental para o desenvolvimento nacional uma infraestrutura moderna de telecomunicações. Diante disso, tomou uma série de medidas para disciplinar e consolidar essa estratégia no Brasil. A criação da EMBRATEL e da tecnologia de transmissão por micro-ondas vai ser fundamental neste processo de integração das emissoras de TV¹⁵.

Para se compreender melhor as alternativas tecnológicas para se transmitir um programa de televisão através de grandes distâncias, é importante dizer que as primeiras transmissões tinham um alcance muito restrito. A cerimônia de batismo da TV Tupi provavelmente atingiu poucos quarteirões próximos da estação. Para enviar o sinal a distâncias maiores são necessárias diversas torres de recepção/transmissão instaladas em intervalos de cerca de 80 a 100 km, praticamente em linha reta e com seus equipamentos perfeitamente alinhados e em sintonia, para vencer a curvatura terrestre que se torna um obstáculo para a transmissão. Este tipo de tecnologia é derivado das transmissões de rádio que, também, são conhecidas como ondas eletromagnéticas e trabalham em uma frequência pré-determinada, seja na Amplitude Modulada — AM — ou na Frequência Modulada — FM. Portanto, no princípio, as transmissões de TV eram muito instáveis e

¹⁵ “Até a metade da década de 1950 o Brasil vivia uma fase embrionária das telecomunicações, com a precariedade dos serviços telefônicos e de televisão. O Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek [...] deu a partida para a viabilização da interiorização do desenvolvimento. Era necessário então, um sistema nacional de telecomunicações para facilitar e agilizar a difusão de informações para atingir a ‘integração nacional’. [...] Em 1960, quando da visita do presidente norte-americano *Eisenhower* a Brasília, foram instalados vinte teletipos para a cobertura do evento. Pela primeira vez no Brasil, radiofotos foram enviadas de Brasília e do Rio de Janeiro para os Estados Unidos. Dois anos antes a RADIOBRÁS, do grupo americano RCA Victor, inaugurou o serviço de comunicação por Telex entre o Brasil e os Estados Unidos, que em seguida foi estendido a outros países. O Serviço Nacional de Telex foi criado em 1960 e interligava Brasília, São Paulo, Campinas, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Na futura Capital Federal foi instalada uma rede telefônica urbana moderna, porém as ligações interurbanas foram esquecidas. Os serviços de telefonia ainda não eram confiáveis e o país continuava ‘sem comunicação’.”

fenômenos atmosféricos, como uma chuva mais forte, já eram suficientes para derrubar os *links* abertos entre as torres de recepção/transmissão. Isso já fazia com que o serviço se tornasse bastante precário e com uma qualidade de recepção absurdamente inferior a que temos hoje com a TV digital¹⁶.

Desta forma, para se transmitir em rede, por volta de 1960, era necessário abrir as chamadas rotas terrestres, de uma cidade a outra, vencendo grandes distâncias e com custos de montagem e manutenção altamente elevados, ainda mais para um veículo de comunicação que, no Brasil, ainda dava seus primeiros passos. A TV Rio iniciou o processo de tentativa de integração através de rotas terrestres, principalmente porque o seu proprietário tinha o interesse de fundar uma telescola, com aulas sendo transmitidas para o País inteiro. Nas palavras de Walter Clark (1991, p. 110-111):

Mas a TV Rio, com aquela visão [...] de abrir novas estações para, um dia, formar uma rede, queria muito o vídeo teipe. Precisava dele, também, para copiar as aulas que queria fazer no seu projeto de telescola. [...] Primeiro, abriu algumas estações no percurso Rio, São Paulo e Minas. A de Guaratinguetá, por exemplo, eu estive com ele [Pipa, proprietário da estação] na inauguração. Depois foram as estações de Conselheiro Lafaiete e Juiz de Fora, ambas ligadas ao Rio pelo *link* de micro-ondas. Até que chegou a vez de Belo Horizonte. Aquilo era uma loucura completa. A estação foi instalada na Serra do Curral [...], longe pra burro. [...] E foi assim que começou a gloriosa saga da TV Belo Horizonte, o incomparável Canal 12.

¹⁶ “O equipamento que gera sinal de micro-ondas é um transmissor de ondas eletromagnéticas, como qualquer outro, porém tem a capacidade de irradiar sinais em ondas com amplitudes muito pequenas. [...] Estas ondas são muito pequenas, porém de frequência muito alta. Por isso tem a capacidade de, mesmo com pouca potência, atingir longo alcance. Por ser modulado em alta frequência com pequeno comprimento de onda, o sinal de micro-ondas é ainda mais direcional que o sinal convencional do rádio. Por isso é utilizado com uma antena em forma de parábola transmissora, apontada diretamente para a antena receptora. Quando a antena TX está diretamente apontada para a RX, chamamos de enlace de micro-ondas, ou *link* de micro-ondas. Qualquer obstáculo entre as duas antenas provoca a perda de potência do sinal chegando mesmo a cair o sinal transmitido. Como os micro-ondas oferecem excelente qualidade de sinal, são utilizados para os enlaces de TV terrestre em todo o Brasil, assim como em outros países. O micro-ondas transmite sinais não só de TV, mas também qualquer outro sinal que possa ser convertido em radiofrequência. [...] As rotas terrestres de micro-ondas transmitem a telefonia, rádio, TV, dados, telex, fax, radiofoto, textos, internet, etc. Ou seja em cada link de micro-ondas passa um canal de TV analógico ou 960 canais de telefone simultaneamente. (...) Para fechar grandes distâncias, serão necessários vários *links* no meio do caminho, onde na mesma torre há um equipamento receptor (RX) e um transmissor (TX)”. http://www.willians.pro.br/frequencia/cap3_mo.htm Acesso em 06/08/2013.

Com tudo muito precário e com custos extremamente elevados, a ideia de uma rede de televisão unificando todo o território nacional através das estações ainda aguardaria quase uma década para ocorrer. A criação e funcionamento da EMBRATEL¹⁷, por volta de 1966 em diante, proporcionarão às emissoras de televisão a oportunidade ímpar de transmitirem em rede e ainda se beneficiarem com a ideia de *integração nacional* promovida pelos militares: ela alugava para as redes de televisão faixas em sua frequência para as transmissões. Como os custos continuavam altos, apenas alguns programas passariam a ser transmitidos ao vivo para todo o Brasil, como o referido Jornal Nacional, em 1969¹⁸. O restante da programação era produzido, gravado e enviado através de vídeo teipe para a rede de estações que as colocavam no ar, nos horários pré-determinados pela Central.

Em julho de 1969, nós começamos a usar a EMBRATEL pagando a fortuna que ela cobrava, sem regatear. [...] Para pagar os custos da operação em rede, nós precisávamos fazer mais dinheiro, aumentando a tabela de publicidade. [...] A saída era ampliar a própria rede. Então, a operação em rede criou uma lógica própria, um moto-contínuo. Operar em rede significava expandir a rede. [...] Eles visitavam os prefeitos das cidades do interior, fechavam acordos para a instalação das repetidoras e iam montando micro-ondas. Enquanto isso, nós trabalhávamos também na direção do sul do País, seguindo o rumo do Tronco Sul da EMBRATEL, único que operava naquela época (CLARK, 1991, p. 212).

Sem sombra de dúvidas, o impacto e a importância de se transmitir em rede ou em cadeia nacional — como o fazem até hoje as participações da Presidência da República ou

¹⁷ “Enquanto estratégia de um projeto político e ideológico para o desenvolvimento, integração e segurança nacional, pode-se afirmar como certo que as origens da Empresa Brasileira de Telecomunicações – EMBRATEL remontam aos tempos de origem da ESG e do IPES. Pode-se mesmo ousar e aprofundar a discussão dessas origens e considerar como antecedente histórico do processo de integração nacional o trabalho pioneiro do oficial de Exército Cândido Rondon. [...] Ao concluir o Plano Nacional de Telecomunicações, integrando todo o país através dos serviços de telefonia, telex, telegrafia, rádio, satélite, fibras ópticas, sistema de dados, entre muitos outros, a EMBRATEL realizara de modo simbólico o sonho do Exército de continuidade de seu passado glorioso, cuja inspiração os militares da ESG foram buscar no modelo doutrinário do *National War College* de Washington. A simplificação do homem e de seus problemas por meio da aplicação e operacionalização da ideologia desenvolvimentista de segurança nacional teve efeitos extraordinários na cultura organizacional da EMBRATEL” (FELIPE, 2005, p. 43-53).

¹⁸ “A primeira edição do Jornal Nacional terminou com o apresentador Cid Moreira anunciando para breve a integração do circuito de Brasília e Belo Horizonte ao telejornal. E, antes de finalizar com a saudação de boa noite, afirmou: ‘É o Brasil ao vivo aí na sua casa’. A frase sintetiza com perfeição o espírito do telejornal que inaugurou o sistema de rede no país” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 115).

propagandas partidárias em horário nobre na televisão — estão amplamente suavizados ou obscurecidos na fala de Walter Clark. No mínimo, subestimada. Como executivo maior da TV Globo — de final da década de 1960 e início de 1970 — ele teve papel destacadíssimo neste projeto, talvez o mentor e responsável por sua conclusão, ao início e ao fim. Transmitir em rede não foi apenas uma estratégia comercial para se reduzir custos de operação: transmitir em rede possibilitava a televisão um poder de penetração no interior do País jamais alcançado pelo rádio, mesmo também tendo cobertura nacional. Enquanto o rádio levava o som, a TV levou a imagem, muito mais forte e persuasiva, apoiando-se nas figuras, por exemplo, de grandes heróis e artistas que vão sendo criados na medida em que cresce a audiência. Mais do que isso, qualquer iniciante em fotografia sabe, por exemplo, que o enquadramento é tudo: você pode ressaltar uma situação, escondê-la, invertê-la, manipulá-la de acordo com o seu interesse. Com a câmera da TV também é possível quase tudo e ainda guarda duas outras vantagens: pode-se manipular não somente o enquadramento da imagem como também o som e o tempo dos acontecimentos, através das gravações ou vídeo editado: o vídeo teipe.

Podia-se levar ao ar um *Jornal Nacional*, ao vivo, mas com cem por cento de suas reportagens gravadas, editadas, manipuladas, para caber no tempo certo, na hora certa e com o efeito esperado¹⁹. Qualquer programa, por assim dizer, mesmo que fosse transmitido ao vivo, era gravado, editado e preparado, dias ou meses antes, até mesmo para suprimir falhas, desacertos e toda sorte de imperfeições de que ainda era acusada a TV brasileira. Pouca gente, portanto, tinha o conhecimento da existência da possibilidade de gravar os programas e diversos artistas, como Chico Anysio, utilizavam o vídeo teipe para criar efeitos considerados mágicos, como conversar consigo mesmo, sair de cena com uma roupa e aparecer em seguida com outra totalmente diferente: era um show de imagens e de possibilidades e todos os telespectadores eram bombardeados, dia após dia,

¹⁹ Até hoje se comenta a edição do último debate presidencial da campanha de 1989, que colocou frente a frente Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva: a edição mostrada no dia seguinte ao debate, no *Jornal Nacional* — com audiência substancialmente maior do que a do debate no dia anterior — é amplamente citada como um grande caso de favorecimento explícito a um candidato, no caso Collor, que acabou vencendo as eleições apenas alguns dias depois, por uma estreita margem. Dois outros casos bastante comentados, principalmente pelos críticos da TV Globo: o resultado das eleições para Governador do Rio de Janeiro, que a acusam de manipulação da opinião pública contra Leonel Brizola; e uma grande manifestação ocorrida em São Paulo, no feriado de primeiro de maio, no Movimento pelas *Diretas Já*, mas que foi tratada pelos jornais daquele canal como uma passeata do Dia do Trabalhador. Ambos os casos acontecidos na década de 1980.

por aquela caixa fantástica chamada televisão²⁰. Em meio ao turbilhão político, econômico e cultural pelo qual passava o Brasil nos idos de 1964 em diante, quando tínhamos, dentre outras coisas, o poder concentrado nas mãos de uma Ditadura — e a sua necessidade urgente de *modernizar* o País, promover a sua integração nacional e o patriotismo —, não se admira de que a televisão e mesmo o futebol, em 1970, viessem bem a calhar.

Em março de 1971, em uma entrevista à revista *Veja*, Roberto Marinho, proprietário das Organizações Globo à época, assim se referia ao papel da televisão na integração nacional:

[...] [é] a Rede Globo de Televisão, que se estende por todo o país e que vai ao encontro dos objetivos do governo de promover o estabelecimento das redes entre todas as principais cidades. A televisão tem um papel muito importante nesse programa de integração nacional do governo revolucionário. Hoje, os habitantes das regiões mais distantes vão recebendo, no mesmo momento, as imagens do que se passa em Brasília, no Rio, em São Paulo. [...] a Rede Globo, estendendo-se cada vez mais por todo o país, cumpre esplendidamente sua patriótica missão em defesa dos mais puros interesses nacionais (VEJA, 1971, p. 60).

Assim, a televisão brasileira e, particularmente a Rede Globo, foi se especializando cada vez mais em sua *patriótica* missão de integrar o país através da imagem, do espetáculo produzido. O País experimentava o crescimento, a modernização, a industrialização, a urbanização e se modificava por completo: e o brasileiro assistiu a tudo isso pela televisão. A nosso ver, este *novo* Brasil, urbano e industrial, migrante, mas ainda pobre e analfabeto, também assume novas formas de representação, adotando novos

²⁰ De outras vezes o descuido com as gravações era grande e constrangedor. Em 1967, Nelson Rodrigues apresentava um quadro de entrevistas, no programa *Noite de Gala*, às segundas-feiras, na TV Globo, chamado de “A cabra vadia”, com a presença mesmo desta ilustre personagem. Contudo, em um final de semana trágico, o irmão de Nelson, Paulinho, junto com sua família, faleceu após um temporal que se abateu sobre a cidade do Rio de Janeiro e deslocou uma enorme pedra de um dos morros, atingindo a sua casa. No dia seguinte, segunda à noite, ninguém entendia como Nelson Rodrigues apresentava o seu programa semanal como se nada tivesse acontecido: “[...] enquanto os bombeiros ainda se debatiam com os destroços das vigas e colunas em busca de Paulinho, Nelson estava no ar em ‘Noite de Gala’, entrevistando o Governador Negrão de Lima na presença da ‘cabra vadia’. Àquela altura toda a cidade já sabia da tragédia das Laranjeiras e não entendia como o irmão de uma das vítimas podia estar ali, na televisão, tão frio e descontraído. Nelson só ficou sabendo disso alguns dias depois, quando foi parado na rua por pessoas que lhe perguntavam como podia ser tão desumano. Ninguém na TV Globo se lembrara de editar o programa ou eliminar o quadro [...]. Ou, pelo menos, avisar que se tratava de um vídeo teipe (Não que isso tivesse ajudado muito: a maioria dos telespectadores ainda acreditava que o videoteipe fosse um recurso exclusivo do futebol.)” (CASTRO, 2012, p. 360).

valores culturais e estéticos. E estes valores foram e são experimentados através da televisão, onde quer que se estivesse ou se esteja: no centro ou na periferia das grandes metrópoles e porque não dizer, do Brasil²¹. Era o espetáculo da TV em rede, que finalmente atingia a quase todos, de todos os estratos sociais:

Quando o Jornal Nacional foi ao ar, em 1969, atingindo vários Estados, a Globo começou a se tornar efetivamente a primeira emissora de TV de expressão nacional. Ela tem cinco canais básicos — Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Bauru e Brasília [...] e ainda vende programações e assessoria técnica a seis outras emissoras de Porto Alegre, Blumenau, Fortaleza, Curitiba, Salvador e Belém. Um passe de mágica foi então fazer — e foi feito — com que novelas de sucesso no sul repetissem a proeza no norte e nordeste, de costume e fala diferentes. [...] Há luzes, lantejoulas, repetições exaustivas, gente que entra e sai, toda uma fábrica de emoções e de sonhos funcionando a todo vapor. Entrando na sua sala, Walter [Clark] pede os índices do IBOPE da véspera (VEJA, 1971, p. 60-61).

A ideia *patriótica* de se unificar o País em rede de televisão jamais poderia ter sido discutida com a população brasileira. Muitas questões poderiam ter sido formuladas — e deveriam! —, tanto à época, quanto hoje, tais como: a) se a ideia é unificar o País, ele será unificado com base em que modelo de sociedade? b) em um país de extensão continental, com diversos sotaques, hábitos e culturas locais e regionais, haverá espaço para todas elas nas programações unificadas? c) uma mesma emissora de televisão poderá atingir 100% do território nacional, com uma mesma programação? Essa mesma emissora ou Grupo empresarial poderá também ser dono de outros tipos de mídia, como jornais, rádios, revistas, sem que isso se torne um monopólio da comunicação? d) em que medida seria benéfico para diversas regiões do País a importação de valores, cultura, hábitos, modos de vida e de consumo dos grandes centros, sedes das emissoras de televisão — importação originária do território gerador de toda a programação?

²¹ “[...] depois da Globo do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Belo Horizonte, outras estações de TV foram se integrando à rede, como as de Brasília (1971) e Recife (1972). Com essas aquisições, também vieram dezenas de afiliações de outras emissoras espalhadas pelo Brasil. O número de aparelhos de TV existentes no país até outubro de 1975 [...] era de 10,5 milhões, e 97% deles já faziam parte da área de cobertura da Rede Globo” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 116).

À primeira questão, suponho que a resposta do Governo Militar seria a mesma usada pelo Ministro da Justiça do General Castello Branco para justificar a proibição de um dos livros de Nelson Rodrigues, em 1966, antes, inclusive do famoso AI 5:

Considerando que a desmoralização do casamento importa, sem sombra de dúvida, a da família e, em consequência, a subversão de nosso sistema de vida cristão e democrático; Considerando que a liberdade de manifestação do pensamento não importa permitir a licenciosidade, máxime quando atinge a instituição do casamento; Considerando, por fim, que o livro “O Casamento”, de autoria de Nelson Rodrigues, pela torpeza das cenas descritas e linguagem indecorosa em que está vazado, atenta contra a organização da família, impondo-se, por esse motivo, medidas que impeçam a sua divulgação [...] (CASTRO, 2012, p. 350).²²

Em relação à segunda pergunta, mesmo aquela época já havia críticas ao modelo de rede que naquele momento era posto em prática. Contudo, conforme relatam os professores Ana Paula G. Ribeiro e Igor Sacramento (2010), tanto os empresários do setor quanto os militares enxergavam vantagens na unificação do País, ainda que sob prismas diferentes. Enquanto os primeiros buscavam a integração de um mercado de consumo, os militares desejavam a unificação política das consciências e a preservação das fronteiras brasileiras. Longe de significar uma contradição o que houve foi uma adequação de interesses. Mais do que isso, em um passado recente, as parcerias entre Jornal e Governo, Rádio e Governo já tinham se mostrado muito úteis para ambas as partes. A nova parceria entre TV e Governo se revelaria ainda mais sofisticada e necessária, tanto para a manutenção e crescimento do negócio quanto para a sustentação do Regime Militar por um longo e obscuro período de nossa história. De qualquer forma, as principais críticas a esse modelo de integração eram direcionadas à falta de uma programação local e comunitária e muito pouco relacionadas a conduta ética e pouco democrática da operação.

Em outubro de 1973, em outra entrevista concedida à revista *Veja*, José Arrabal, da TV Tupi e Walter Clark, da TV Globo, assim respondiam às críticas:

²² “Era preciso ter uma programação que formasse o cidadão segundo a doutrina de Segurança Nacional, baseada em valores ligados a um cristianismo conservador, tendo a família, a religião católica, a pátria, o trabalho, a moral e os bons costumes como pilares de conduta” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 116).

[...] “as emissoras regionais não dispõem de infra estrutura técnica e artística para a produção de grandes programas. Elas têm de se limitar a uns poucos programas locais”. Mas, se os críticos tem razão em lamentar a infiltração cada vez maior de programas repletos de hábitos e costumes do Rio e de São Paulo em suas regiões — principalmente no nordeste —, as redes parecem se impor cada vez mais. E, na opinião da Globo, suas vantagens são maiores que os problemas que criam. “As redes são uma das mais fortes maneiras de integração nacional”, costuma dizer o diretor geral e principal responsável pela formação da Rede Globo, Walter Clark. “É a integração através da imagem” (VEJA, 1973, p. 103)²³.

Integrar através da imagem. Mas que imagem seria essa? Poderíamos dizer que a imagem desejada pelos Militares era a mesma desejada pelos altos padrões de qualidade impostos pela Rede Globo em seus programas: a imagem esteticamente perfeita, livre de ruídos, de cheiros desagradáveis e de cores pastel. A imagem esteticamente perfeita também é a imagem higienizada, homogênea, que, apesar de tudo, deforma mais do que informa, induz ao erro e provoca o engano. Se hoje temos dificuldade em lidar com as novas tecnologias da comunicação, que a todo o momento nos oferecem novas redes sociais, formas de entretenimento através da internet, do celular — os conhecidos *smart phones* —, produção de conteúdo em *blogs*, *sites* e centrais de compartilhamento de fotos, vídeos: tudo ainda muito novo e ao mesmo tempo já obsoleto, nos deixa com a sensação de *de ja vú* quando pensamos na televisão dos anos 1970 e 1980. Um país em movimento, em grande transformação social, econômica e política, que dava às costas para seu passado agrário exportador e vislumbrava um futuro de um país industrializado e

²³ A Rede Diários Associados, liderada pela TV Tupi e que tinha uma afiliada em Belo Horizonte, chamada TV Itacolomi, também criou maneiras de produzir uma programação no Rio e em São Paulo e retransmiti-la através de suas associadas, País afora. Esta prática impactou diretamente a TV Itacolomi, que foi inaugurada em 1955 e, desde o início, buscava oferecer uma programação basicamente *regional* — eu diria *mineira!* — mas que, já em 1959, não resistia ao poder das redes: “O primeiro golpe na produção da Itacolomi acontece em 1959, quando foi inaugurado o *link* BH-Rio, com a ligação por micro-ondas entre o edifício Acaiaca, em Belo Horizonte, e o morro da Urca, no Rio de Janeiro, feita através de nove pontos de linha, sendo sete deles intermediários: Serra do Curral, Ouro Branco, Santos Dumont, Ressaquinha, Juiz de Fora, Paulo de Frontin e Sumaré. Programas locais de grande audiência tiveram que dar espaço para a produção do Rio e São Paulo. [...] inicialmente a emissora poderia optar entre exibir ou não um programa, que viesse a ocupar o espaço de um local de sucesso ou que não se adequasse, caso o programa tivesse características que não teriam aceitação em Minas” (BRANDÃO *et al*, 2011, p. 888). E concluem: “Acreditamos que a TV Itacolomi foi o último sopro de mineiridade na televisão em Minas, e a partir do seu fechamento, no dia 18 de julho de 1980, as redes de TV com sede no Rio de Janeiro e São Paulo passaram a produzir a maior parte da programação veiculada em Belo Horizonte”. (BRANDÃO *et al*, 2011, p. 891)

moderno. O que poderia ser mais moderno do que a televisão? O que poderia ser mais *verdadeiro* do que a televisão? Para Esther Hamburger (2012, p. 441-442):

A TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária. Longe de prover interpretações consensuais, ela fornece um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras. [...] A televisão oferece a difusão de informações acessíveis a todos sem distinção de pertencimento social, classe social ou região geográfica. [...] A televisão dissemina a propaganda e orienta o consumo que inspira a formação de identidades.

A espetacularização da sociedade, creio, chegou, antes, pela televisão: se não, ao menos sua popularização. A televisão assumiu para si o papel de orientar discursos e discussões, pautar o jornalismo e de certa forma a política. Além do mais, mostra-se como grande responsável por sedimentar certa ideia de *nação*, de pertencimento e de participação cidadã, principalmente através do consumo. Quando, por exemplo, uma novela galvaniza o país, ela atualiza seu potencial de sintetizar o imaginário de uma nação, a sua identidade, de se expressar como *nação imaginada*. Esta representação, ainda que estruturalmente melodramática e sujeita à variedade de interpretações, é aceita como verossímil, vista e apropriada como legítima e objeto de credibilidade (LOPES, 2002)²⁴. Conforme nos ensina Guy Debord (1997, p. 16-17):

O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que por princípio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência.

²⁴ “São recorrentes nas novelas a identificação entre personagens da ficção e figuras públicas reais, entre as tramas e os problemas reais e a tendência para uma maior verossimilhança nas histórias contadas, esta, aliás, uma demanda forte do próprio público. Tal combinação de gêneros e informações pode ser encontrada, por exemplo, no uso de documentários de época inseridos nas sequências de novelas desde *Irmãos Coragem* (1970, novela de tempo atual) à *Terra Nostra* (1998, novela de época). Ainda pode-se mencionar a mais recente ‘invasão’ de realidade na novela *Porto dos Milagres* (2001) pelo uso, no intervalo comercial, de clipes de campanha eleitoral com os personagens da novela, provocando o efeito de realidade de uma propaganda feita por partidos políticos verdadeiros. Finalmente, a incorporação do noticiário, levada às últimas consequências” (LOPES, 2002, p. 11).

Neste sentido, o futebol como espetáculo, que já vinha sendo explorado pelo rádio, ajudando a incorporar certa unidade nacional através do jogo, pela televisão torna-se decisivo no espraiamento nacional da popularidade dos clubes do Rio e de São Paulo, em detrimento dos clubes dos diversos territórios e lugares do País. Reside, aqui, a origem da disseminação de certa ideologia que opera não apenas no âmbito do futebol: *torço por um clube do Rio de Janeiro*; ou *torço por um clube de São Paulo*. Quem diz que torce? Mesmo quem está distante, a milhares de quilômetros de Rio ou de São Paulo, em lugar isolado e periférico, que compra a ideia de ser “torcedor” do Flamengo-RJ ou do Corinthians-SP, em especial. Se no rádio a interiorização desses clubes se iniciou, na televisão ela se completa e, principalmente, no apoio dado por ela às competições de âmbito supostamente nacional, mas que são verdadeiramente regionais — concentradas no chamado eixo Rio/São Paulo. Mas ainda antes, procuramos rastrear o futebol na televisão brasileira, buscando o sentido e a importância dados a ele ao longo do tempo, na mesma velocidade que, no Brasil, avançavam as tecnologias televisivas e se formava o público da TV e dentro dele, o público do futebol.

O FUTEBOL BRASILEIRO E A TV

A primeira transmissão de uma partida de futebol é controversa, pelo que se apurou: pode ter sido entre São Paulo-SP e Palmeiras-SP, no dia 15 de outubro de 1950, pela TV Tupi²⁵, cerca de um mês após a sua própria inauguração — o que considero pouco provável; ou uma segunda data, de acordo com Sérgio Mattos (2010), que afirma que a primeira partida de futebol transmitida ocorreu no dia 18 de dezembro de 1951, entre Santos-SP e Palmeiras-SP, realizada em Santos²⁶.

²⁵ Mencionado em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-televisao/historia-da-televisao-no-brasil-9.php>. Acesso em 06/08/2013. Também citado por BRAUNE; RIXA (2007, p. 286).

²⁶ Diante das enormes dificuldades técnicas da época, tanto de operação quanto de deslocamento de equipamentos para se transmitir fora dos estúdios da TV Tupi em 1951, consideramos que estas datas devem ser, no mínimo, dignas de reconsiderações futuras. Por outro lado há uma pequeníssima passagem no texto de Daniel Baptista Madrigal (2009, p. 40), sem referências, dando conta da transmissão de uma partida de futebol, direto de Santos, pela TV Tupi, através de um *link* que foi instalado na Serra do Mar e que

A transmissão de uma partida de futebol requer um sofisticado aparato tecnológico, que vai desde câmeras e microfones espalhados pelo campo até a transmissão direta do jogo, via satélite, do próprio estádio. Atualmente, a tecnologia permite que as novas câmeras digitais mostrem o mesmo lance infindáveis vezes, de ângulos diferentes, em *slow motion* e sem perda de qualidade da imagem: a nitidez impressiona. Contudo, no início, como tudo na televisão era de improviso, também não é difícil imaginar todas as complicações para se transmitir uma partida: alto custo do equipamento, geração do sinal, precariedade de instalações nos estádios — que, obviamente, e em sua grande maioria, não tinham cabines e infraestrutura adequada para a televisão. As transmissões das partidas ainda eram de domínio quase que exclusivo das rádios e será de lá que sairão os grandes narradores e comentaristas esportivos da televisão²⁷.

Um dos primeiros programas esportivos de que se tem notícia da televisão brasileira se chamava *Grande Revista Esportiva Facit* — que mais tarde se chamaria apenas *Resenha Facit* — transmitida pela TV Rio em 1959 e que ocupava as noites de domingo. A pauta era a rodada do Campeonato Carioca do final de semana. A ideia era criar uma mesa redonda, com diversos debatedores, ao mesmo estilo das mesas de debates sobre economia e política que se faziam populares naquela época. O *time* da *Resenha Facit* era composto por Luiz Mendes (apresentador e mediador), Nelson Rodrigues, João Saldanha, José Maria Scassa, Vitorino Vieira e Armando Nogueira: “Cada estrela da mesa torcia para um time. Nelson era tricolor. João, botafoguense. Vitorino, vascaíno. Scassa, rubro-negro” (SIQUEIRA, 2007, p. 221). Nelson Rodrigues, tal qual seu irmão, Mário Filho, dedicava boa parte do seu trabalho como colunista de jornal ao futebol, conforme destacado anteriormente. João Saldanha era extremamente conhecido por seu trabalho no rádio e os

retransmitiu o sinal para São Paulo. Contudo, a data apontada guarda muita coincidência com a suposta partida entre São Paulo-SP e Palmeiras-SP, ou seja, 15 de outubro, mas o ano assinalado é 1955. Outra data mencionada, bem mais confiável, é o dia 18/12/1955: “A Record, por méritos do chefe da equipe técnica, Reynaldo Paim, havia conseguido abrir um ponto na serra de Paranapiacaba para realizar a primeira transmissão intermunicipal da televisão brasileira, entre as cidades de São Paulo e Santos. Não se sabe como a informação vazou para os técnicos de Chateaubriand, que conseguiram passar o jogo entre Santos e Palmeiras, na Vila Belmiro, Baixada Santista, antes da concorrente” (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 127).

²⁷ Mas foi só em 1956 que a televisão conseguiu transmitir uma partida interestadual. Era o dia 1º de julho. Record e TV Rio entraram em cadeia e mostraram, ao vivo, imagens de um amistoso do Brasil contra a Itália, no Maracanã. “Essa proeza da Record impulsionou definitivamente a venda de televisores. A população começou a achar alguma vantagem em comprar aqueles aparelhos, que ainda eram novidade” (SAVENHAGO, 2011, p. 25-26). Outra confusão de datas, pois Tom Cardoso e Roberto Rockmann (2005) apontam o dia 26/06/56.

outros também tinham trajetórias nos jornais e rádios como conhecedores do futebol. Ruy Castro assim se refere a importância de João Saldanha para o rádio, onde era conhecido como “O realmente técnico”:

Saldanha revolucionou o comentário sobre futebol. Raspou o ouro parnasiano, de porta da Colombo [Confeitaria tradicional do Rio de Janeiro], que caracterizava o gênero, e impregnou-o com clima de porta de botequim. Falava ao microfone como se estivesse debruçado ao balcão da Miguel Lemos [Rua de Copacabana onde João fazia ponto para bater papo com os amigos] (SIQUEIRA, 2007, p. 219)²⁸.

Essa predileção pelo linguajar popular, mais próximo do cidadão comum e que o imortalizou no rádio, Saldanha também levou para a televisão. O programa fez sucesso imediato e ficou no ar durante muitos anos e sempre com índices de audiência bastante elevados para o período e acabou indo para a TV Globo em 1966.

A TV Record de São Paulo, na tentativa de fazer frente ao poderio da TV Tupi, foi uma das emissoras que mais investiu em esportes, tanto programas esportivos quanto transmissão de partidas ao vivo. Um dos programas de maior audiência era o *Mesa Redonda*, apresentado por Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida e apresentava discussões acaloradas entre dirigentes de clubes e a crônica esportiva. As transmissões de jogos eram muito complicadas e, como tudo na TV brasileira da década de 1950, muitos também eram os improvisos:

O repórter de campo não tinha retorno da base – só sabia a hora de entrar no ar depois que o motorista do ônibus de externas da emissora, Geraldo Campos, acenava com a mão para Silvio Luiz iniciar as entrevistas. Durante a partida, dois fotógrafos, cada um atrás de um gol, registravam os lances mais perigosos e polêmicos. No começo do intervalo corriam para revelar as fotos, que minutos depois eram exibidas pela televisão. Era o replay caseiro inventado pelos diretores de TV [...]. O tom descontraído das transmissões, somado aos recursos técnicos inventados

²⁸ “João estava numa faculdade para participar de um debate com estudantes, e um rapaz perguntou: — Saldanha, você também fala para intelectual... Porque não muda essa sua maneira de falar? João respondeu: — O intelectual só ouve rádio às vezes, quando não tem nada para fazer. Já quem está todos os dias grudado no radinho, lá no botequim, tomando cerveja, é que é minha audiência. Eu tenho que falar para ele, para que ele entenda o que estou dizendo. Se eu for rebuscar as palavras ou dizer um negócio que ele tenha que procurar no dicionário, ele vai me desligar. Ele nem tem dicionário!” (SIQUEIRA, 2007, p. 219).

[...] fizeram da TV Record a emissora predileta dos amantes do futebol (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 133-134).

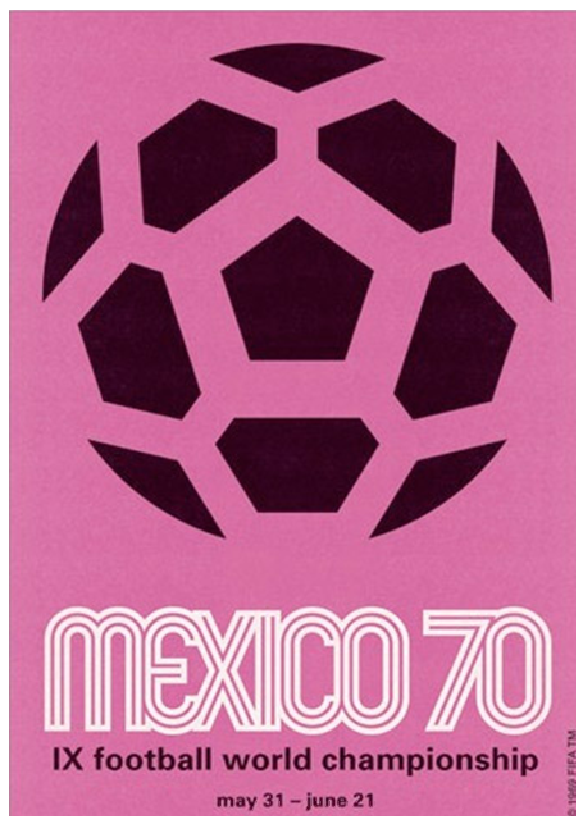
As dificuldades para se assistir às partidas também eram muitas, já que as imagens eram em preto e branco e, algumas vezes, quando duas equipes tinham cores de camisas mais escuras — como Palmeiras-SP (verde) e Portuguesa-SP (vermelha) — era impossível distinguir os jogadores de cada time. No caso da Record, um filtro laranja, de plástico, passou a ser colado na lente das câmeras, permitindo que a imagem mostrada revelasse, ligeiramente, as diferenças dos uniformes.

À época, o futebol não era, nem de longe, o mega-espetáculo que se constitui hoje, tanto em nível de profissionalização de atletas quanto do aparato tecnológico, logístico e, principalmente, comercial. As emissoras de TV brasileiras ainda não tinham despertado para o imenso poder comercial que o futebol já representava: transmissões de partidas eram quase uma exclusividade do rádio. A Copa do Mundo do Chile, por exemplo, jogada em 1962 e vencida pelo Brasil, foi transmitida ao vivo por diversas rádios, mas os brasileiros precisavam esperar pelo menos quarenta e oito horas para assistir ao vídeo teipe dos jogos. Por outro lado, os principais canais que operavam em São Paulo, por volta de 1964 — TVs Record, Tupi e Paulista —, transmitiam quaisquer partidas que desejassem, simultaneamente inclusive, sem que se pagasse absolutamente nada por isso. O presidente da Federação Paulista de Futebol — FPF — à época, Mendonça Falcão, exigia das emissoras o pagamento pela transmissão dos jogos do Campeonato Paulista, principalmente sob a alegação que, ao exibir os jogos na TV, as emissoras tiravam, pelo menos, $\frac{1}{3}$ dos torcedores do estádio: neste momento, o dinheiro das bilheterias era praticamente o único recurso dos clubes de futebol para manterem suas equipes profissionais. Esta polêmica foi tão grande que a discussão chegou a Brasília: o deputado Pedro Marão (PTN-SP), representando os grandes grupos de transmissão, fez *lobby* no Congresso, apresentando à Câmara Federal projeto de lei que obrigava as TVs a transmitir jogos de futebol e estipulava um pagamento irrisório aos clubes. O presidente da Confederação Brasileira de Desportos — CBD — João Havelange, rival histórico da FPF, apoiou as agremiações em seu pleito, até porque desejava o mesmo para o Campeonato Carioca. A TV Record, em especial, se beneficiava sobremaneira da gratuidade das

transmissões, já que as tardes de domingo eram extremamente rentáveis a emissora com as exibições dos jogos. No final, prevaleceu o interesse dos clubes, ainda que as emissoras pudessem escolher livremente uma partida por semana para transmitirem sem custos

(CARDOSO; ROCKMANN, 2005).

Todavia, em outros países, principalmente do hemisfério norte, o futebol era visto como um grande e rentável negócio; e isso se configurará em um problema, por exemplo, para a Rede Globo, em 1969, véspera da Copa do Mundo no México. De acordo com Walter Clark (1991), executivos da Televisa, maior rede de televisão daquele país e que detinha os direitos de transmissão dos jogos, vieram ao Brasil negociar a retransmissão da Copa pelas emissoras locais — ainda não se discutia a



exclusividade dos direitos de retransmissão, como hoje, mas, apenas de geração e transmissão das imagens. Os referidos executivos praticamente impuseram um contrato pouco vantajoso para as emissoras, já que os espaços publicitários durante as partidas seriam ocupados apenas pelos anunciantes internacionais da Televisa. O contrato somente pôde ser alterado através de uma falsa ameaça da retirada do Brasil da Copa. O mais interessante desta *novela mexicana* não é a *astúcia* dos executivos brasileiros na hora do blefe. Eles tiveram a percepção, absolutamente correta por parte da TV mexicana do poder comercial do futebol e, principalmente, dos prejuízos que se abateriam sobre a Televisa caso o Brasil — já na época bicampeão mundial e com renomadas estrelas

internacionais, como Pelé — não participasse. Essa Copa foi transmitida em cores. Na figura, cartaz alusivo à realização dos jogos de 1970.²⁹

A transformação do futebol em um grande negócio foi sedimentada, de fato, a partir da década de 1970, com a venda dos direitos de geração, transmissão e retransmissão das imagens das partidas das Copas do Mundo. Para tanto, também contribuiu o brasileiro João Havelange³⁰, que se tornou presidente da FIFA em 1974, depois de haver presidido a antiga Confederação Brasileira de Desportos — CBD³¹ — hoje CBF, por muitos anos. Tanto por seus críticos quanto por seus admiradores é consenso que Havelange revolucionou a administração do futebol, principalmente dos jogos das seleções, atraindo patrocinadores e consolidando a estrutura hierárquica e de poder existente até hoje: federações municipais ou ligas que se submetem as Federações Estaduais → Confederações Nacionais → Confederações Supra Nacionais (como a Conmebol, para a América do Sul e UEFA, para a Europa) → FIFA. Esta estrutura permite um gerenciamento quase total das regras, dos jogos, dos clubes e dos campeonatos *oficiais* que são chancelados por estas Federações, em seus respectivos níveis de atuação e não permite nenhuma modificação, acréscimo ou supressão de absolutamente nada relacionado ao futebol que não passe por esta estrutura de poder. De acordo com *Andrew Jennings* (2006), João Havelange conseguiu, durante seu primeiro mandato, o patrocínio da Coca-Cola que o ajudou a financiar seus projetos de expansão do negócio futebol:

[...] dieron un golpe maestro al persuadir a Coca-Cola, una de las más poderosas firmas mundiales, a hacer grandes inversiones en los proyectos expansionistas de Havelange. Ayudaron a financiar

²⁹ Fonte: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/1043> Acesso em 22/06/2012.

³⁰ Para a Revista Carta Capital: “Se Havelange tem um ponto positivo em sua trajetória, esta é a de levar o futebol para os países pobres. Mas sua mentalidade de que o esporte é, acima de tudo, negócio [que] também levou a Fifa a fazer amizades com ditadores sanguinolentos, que usavam o futebol para a promoção de seus respectivos regimes. A modalidade poderia servir a quem quisesse, desde que os negócios fossem proveitosos para a Fifa. Foi na gestão dele que o esporte bretão se transformou em uma mina de dinheiro. O futebol como um produto para o lucro fez da Fifa uma entidade internacional desorganizada, nas mãos de poucos e nebulosa, que não presta contas a praticamente ninguém. Tão nebulosa que permitiu ao seu hoje ex-presidente demorar mais de uma década para ser punido por um crime que, segundo a imprensa do Reino Unido, cometeu. Aos 95 anos de idade, João Havelange tem, enfim, a mancha que faltava em seu currículo”. <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-outono-de-joao-havelange-o-homem-que-negociou-o-futebol/>. Acesso em 06/12/2011.

³¹ João Havelange foi eleito presidente da Confederação Brasileira de Desportos em janeiro de 1958, disputando a eleição com o dirigente do Botafogo, Carlito Rocha.

entrenamientos, nuevos torneos, cursos para árbitros y toda clase de cosas positivas. A cambio, la Coca-Cola consiguió que su logotipo estuviera bien visible durante toda la Copa del Mundo. Una vez que Coca-Cola hubo firmado el contrato, todo el mundo quiso meter la mano. Los patrocinadores compitieron por el derecho a utilizar el distintivo de la FIFA y grabar en sus productos las palabras “Copa del Mundo” (JENNINGS, 2006, p. 28-29).

Todavía, se a televisão ao redor do mundo já reconhecia o poder do futebol enquanto negócio, a própria FIFA, antes de João Havelange, não tinha a dimensão de sua importância³². Para se ter uma ideia melhor, em meados de 1974, a FIFA recebia cerca de 4% a 5% dos direitos de transmissão das Copas pela televisão. Na Copa da Alemanha daquele ano a entidade recebeu cerca de 80 milhões de dólares. O contrato com a Coca-Cola renderia cerca de 7 milhões de dólares a cada quatro anos, irrisória para os padrões da entidade nos dias de hoje³³ (RODRIGUES, 2007). Desta forma, estava traçado o destino do futebol como um grande negócio, em escala mundial e com a participação de diversas multinacionais interessadas em vincular suas marcas ao esporte. No Brasil, mesmo que um pouco mais tarde do que em países mais centrais, a televisão também terá importante papel na espetacularização do futebol, já a partir do início da década de 1970.

O impacto da conquista brasileira no México, vencendo o tricampeonato da Copa do Mundo é largamente utilizado em dezenas de estudos que apontam a sua apropriação pela Ditadura Militar como forma de transformar a vitória do futebol em uma vitória do regime. De nossa parte, é importante situar que esta participação do Brasil proporcionará um arrebatamento da população brasileira, *unindo*, ainda que por pouco tempo, setores conservadores e progressistas, esquerda e direita, ricos e pobres nas comemorações³⁴. Para

³² Em 1965 houve um projeto de Lei Federal que regulamentava as transmissões de futebol pela TV que previa um pagamento quase simbólico de direitos aos clubes, sob a premissa de que os clubes já recebiam pela venda de ingressos (RODRIGUES, 2007).

³³ “O poder sobre o esporte mundial não é coisa à toa. No final de 1994, falando em Nova York para um círculo de homens de negócios, Havelange confessou alguns números, o que nele não é nada frequente: — Posso afirmar que o movimento financeiro do futebol no mundo alcança, anualmente, a soma de 225 bilhões de dólares” (GALEANO, 2004, p. 145).

³⁴ Por outro lado, por parte da imprensa escrita, em especial a Revista Placar, até hoje uma revista especializada em esportes, em especial o futebol, do Grupo Abril, questionava um certo *regionalismo carioca* na configuração da equipe brasileira de 1970: “Na edição do dia 3 de Julho de 1970 a Placar aborda a comemoração em vários Estados brasileiros após a conquista do tricampeonato mundial de futebol. A Placar cita a alegria da cidade do Rio de Janeiro, a união entre as torcidas do Rio Grande do Sul e Minas Gerais e destaca a decepção da torcida paulista devido à ausência de importantes jogadores e da taça na comemoração.

além de algumas versões maniqueístas de alguns textos que apontam este caso em particular como emblemático na construção da célebre frase “o futebol é o ópio do povo”³⁵ e de tudo o que ela supostamente possa representar, nos interessa apontar que a televisão brasileira finalmente se dá conta da importância comercial do futebol e de sua capacidade de emular multidões em torno de um ideal. A partir daqui, torna-se claro para as emissoras que o futebol precisava ser tratado com mais profissionalismo já que as possibilidades comerciais deste *produto* estavam apenas se revelando: no limite isto levará ao endividamento dos clubes e uma posição rotineiramente subalterna e dependente frente às televisões, seja na organização dos campeonatos, seja na imposição dos dias e horários das partidas, como veremos mais tarde. Mas, longe do que possa parecer, o futebol não estará presente na programação dos canais apenas nas resenhas esportivas ou nas transmissões dos jogos: ele fará parte, também, de pequenas ou grandes inserções em praticamente todos os programas de TV, das novelas aos noticiários esportivos, como veremos a seguir.

Sobre esta questão a revista Placar assume-se paulista e questiona: ‘Paulista não é brasileiro? Não tem direito de ver a taça que nossos jogadores ajudaram a ganhar no México?’ (Placar, 16, 1970, p. 03). Na edição publicada no dia 10 de Julho de 1970, após noticiar a grande operação militar para a chegada da taça em São Paulo, Placar afirma: ‘Porque São Paulo é sempre marginalizado pela CBD? Porque a CBD não tem sede em Brasília?’ (Placar, 17, 1970, p. 38). Nota-se que, indiretamente, a Placar questiona certo favorecimento ao Estado do Rio de Janeiro, local sede da CBD, entidade máxima do futebol brasileiro. Desta forma a publicação sugere a transferência da CBD para um local mais ‘neutro’’. <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/1043>. Acesso em 26/06/2012.

³⁵ “O ópio dos povos? Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais. Em 1880, em Londres, *Rudyard Kipling* desdenhou o futebol e as ‘almas pequenas que podem ser saciadas pelos enlameados idiotas que jogam’. Um século depois, em Buenos Aires, Jorge Luis Borges foi mais sutil: proferiu uma conferência sobre o tema da imortalidade no mesmo dia, e na mesma hora, em que a seleção argentina estava disputando sua primeira partida na Copa de 78. O desprezo de muitos intelectuais conservadores se baseia na certeza de que a idolatria da bola é a superstição que o povo merece. Possuída pelo futebol, a plebe pensa com os pés, como corresponde, e nesse gozo subalterno se realiza. O instinto animal se impõe à razão humana, a ignorância esmaga a Cultura, e assim a ralé tem o que quer. Por outro lado, muitos intelectuais de esquerda desqualificam o futebol porque castra as massas e desvia sua energia revolucionária” (GALEANO, 2004, p. 40-41).

INTEGRAÇÃO NACIONAL PELA IMAGEM E O FUTEBOL NAS NOVELAS³⁶: UMA DUPLA DE CORAGEM

Após a conquista brasileira em 1970, ficou claro para a indústria cultural que o futebol era importante demais para atuar como coadjuvante na formação de um mercado consumidor amplo e nacional. A criação das Redes de Televisão se dá numa ainda incipiente ideia de identidade nacional em um País prenhe de transformações culturais, comerciais, industriais e demográficas por um viés modernizante em que as contradições serão cada vez mais ressaltadas. É nesse contexto que a criação das Redes de Televisão pode ter provocado mesmo a criação de uma nova cultura ou, ao menos, de um novo modelo social. A rápida industrialização de São Paulo e de grande parte do sudeste do Brasil, o crescimento veloz dos grandes centros urbanos, o peso da Ditadura que se dizia moderna no discurso — mas que, em essência, representava os interesses conservadores da elite brasileira — formavam o caldeirão político e social deste início dos anos 1970.

Desde o início da presente pesquisa, temos procurado apresentar a tese da existência de um centro e diversas margens/periferias no futebol brasileiro. Este centro está representado pelas cidades do Rio e de São Paulo. As margens e as periferias, por sua vez, estão representadas pelo restante do País. É na constituição do centro e de suas margens que se dá a formação desse modo de pensar o futebol no País. É na construção do centro e de suas margens que se dá a posterior cristalização ou sedimentação, no imaginário coletivo, da ideologia originária do centro; ou do que convencionamos chamar de uma cultura do futebol brasileiro. O papel da imprensa escrita e do rádio já foi destacado em seções anteriores e a televisão tem ocupado o centro de nossa preocupação neste momento. Contudo, não podemos perder de vista que o futebol é uma manifestação social, de caráter político, esportivo e cultural e que nunca esteve imune ou pairando

³⁶“Ao longo dos últimos trinta e seis anos (1969-2005), a programação ficcional da Rede Globo vem se afirmando como agente de construção de identidade nacional, em meio a um processo realizado de forma diferenciada segundo os diferentes contextos históricos, os formatos de suas programações e os seus autores. [...] Essa afirmação da nacionalidade se realiza de diferentes formas: pela linguagem, pela difusão de comportamentos e de hábitos, pelas referências culturais e históricas e pelo direcionamento do consumo. Em última análise, constituem-se como poderosos meios de criação e recriação de formas de percepção da nação que, em última instância, se tornam responsáveis pela própria organização social e sua construção imaginária” (KORNIS, 2011, p. 97).

sobre as histórias e os espaços onde ele se inseriu ao longo do tempo. Desta forma, a importância de acompanhar também o desenrolar de diversos fatos políticos, econômicos e sociais do Brasil, que não o futebol, facilita nosso trabalho de compreensão de sua popularização no País, bem como a interiorização de costumes, cultura e hábitos e dos clubes daquelas duas grandes cidades no imaginário coletivo de toda uma nação. A busca por um mercado nacional consumidor integrado passou, obviamente, pela tentativa bem sucedida de homogeneizar diversas dimensões da vida social, transportando os ideais das metrópoles para todos os lugares possíveis, em especial, através da televisão e de um programa atualmente bastante arraigado na família brasileira: a telenovela ou simplesmente novela³⁷. Ela tem papel fundamental na formação cultural brasileira, bem como a popularização e interiorização dos clubes cariocas e paulistas de futebol através de suas históricas ficcionais, o que nos interessa sobremaneira, neste momento.

8 de junho de 1970. A torcida que lota o Maracanã prepara-se para assistir à final do campeonato carioca: Flamengo versus Botafogo. Duda (Claudio Marzo) vestia a camisa 10, a grande esperança de gol da equipe rubro-negra, entra em campo saudado pela assistência. Mesmo com os poucos recursos técnicos da época (se comparados aos atuais), a emoção é latente, graças à boa edição, às belas imagens e ao empolgante frevo de Renato Luís Lobo (*Flamengo, Flamengo*), interpretado por Maria Creuza: “Vamos descendo a ladeira, que a tarde é sol sobre a bola, esqueça o trabalho e a escola, vou ver meu Flamengo jogar, Maracanã em delírio, o drible me envolve, me arrasta, arquibancada me basta, o jogo já vai começar”. Como era esperado, o craque, um dos irmãos Coragem, decide a partida para o orgulho da sua cidade natal, Coroadó, de onde saiu jovem para tentar a carreira de jogador (MELO, 2012, p. 554).

Estas cenas marcaram o início da novela *Irmãos Coragem*, da Rede Globo, inaugurando o futebol como tema de narrativas ficcionais. Além do mais, a televisão a partir desta época transforma-se, de certa maneira, em ponto de referência na constituição de um sistema simbólico por meio do qual a sociedade perceberá e elaborará uma cultura

³⁷ Existem numerosos trabalhos acadêmicos preocupados em situar histórica e socialmente as produções ficcionais da TV brasileira e do cinema. Para além dos autores referenciados aqui, sugerimos ainda: ALENCAR, Mauro. *A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002. COSTA, Alcir H. et al. *A história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense/FUNARTE, 1986. HAMBURGER, Esther. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. ORTIZ, Renato. et al. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1991. PEREIRA, Carlos A.; MIRANDA, Ricardo. *Televisão – as imagens e os sons: no ar, o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

política. Escrita por Janete Clair, a novela teve assessoria de diversas pessoas ligadas ao esporte, como João Saldanha, que fazia a cobertura da Copa do Mundo de 1970 pela televisão. Essa produção procurou enfatizar diversos aspectos da sociedade brasileira da época. O roteiro lidou com temas como a migração do campo para a cidade — vivenciada, inclusive, pelo ator principal, que representava o rapaz que deixou a sua *atrasada* cidade no interior de Minas Gerais para viver os percalços de uma vida *moderna* e diferente na cidade grande, primeiro no Rio de Janeiro e depois em São Paulo. O roteiro também aborda a célula *mater* da sociedade, a *insolúvel* família patriarcal brasileira e todos os conflitos que daí surgem. Supõe-se que a ideia de incluir o futebol como tema resida no fato de se tratar de algo de interesse generalizado, como forma de buscar também a audiência masculina para o folhetim, mas sem tocar em assuntos, de certa forma, considerados tabus, como a emancipação feminina³⁸:

[...] o fato é que a abordagem do esporte reforça os papéis sociais tradicionais. Trata-se de um mundo masculino, de negócios, rude, no qual as mulheres só entram numa condição subalterna. Se é esposa, deve se conformar com o espaço do lar e com a ausência do marido, sempre envolvido com seus compromissos profissionais (MELO, 2012, p. 560).

Ora, estamos diante da construção e manutenção de valores sociais, estéticos e culturais através da televisão e, neste caso, por meio do seu programa de maior audiência. A criação das redes de televisão pelo Brasil afora e a massificação da produção³⁹ carioca ou paulista para o restante do Brasil nos leva a crer que a interiorização dos clubes destas cidades, em especial Flamengo-RJ e Corinthians-SP, também pode ser colocada no mesmo processo. Na obra ficcional citada, o personagem principal faz menção a fatos reais, acontecidos com jogadores de *verdade* que foram amplamente divulgados pela imprensa. A transferência, a *venda* do jogador Duda, do Flamengo-RJ, para o Corinthians-SP deveu-se a fatores reais, de dificuldade de gravação de cenas no centro de treinamentos do

³⁸ “Outra hipótese aventada para explicar a introdução do futebol na trama de Janete Clair seria sua preocupação com a temática rural da novela: o público se sentiria atraído? Assim, ao redor do velho esporte bretão constituiu-se um núcleo urbano, que, a propósito, servia bem para marcar os choques entre o moderno e o tradicional, [...] um tema candente no país daquela década. Como de costume desde o século XIX, uma vez mais o esporte foi mobilizado para expressar urbanidade, progresso, modernidade” (MELO, 2012, p. 560).

³⁹ Produção jornalística ou ficcional, não importa, haja vista que ambas se misturam e se confundem na programação.

Flamengo-RJ. Entretanto, no âmbito da novela, é evidente que histórias foram criadas: o que se explorou foi a tentativa de ganhar dinheiro com um jogador sem condições físicas de exercer a profissão, fato comum nas constantes transações do futebol envolvendo compra e venda de jogadores profissionais.

Irmãos Coragem não foi a única: depois dela tivemos diversos casos da participação do futebol em telenovelas, umas mais explícitas, outras menos, mas em algumas delas, como *Vereda Tropical* (1984) e *Suave Veneno* (1999), cabe o seguinte registro⁴⁰:

No caso do futebol, não poucas vezes os personagens se confundiram com a “vida real”. Nos momentos que antecederam uma partida entre o Flamengo e o Paraná, pelo Campeonato Brasileiro de 1999, quando foram gravadas algumas cenas de *Suave Veneno* (de autoria de Aguinaldo Silva), Rodrigo Faro, representando o jogador Renildo, percebendo a empolgação dos torcedores (que gritavam o nome do personagem), de forma improvisada entrou em campo e chutou uma bola ao gol, sendo efusivamente saudado. Ao final, o clube carioca foi derrotado, os rubro-negros, de forma provocativa, pediram a entrada do “craque da novela” no time. Caso semelhante já ocorrera antes com o personagem Luca, interpretado por Mário Gomes em *Vereda Tropical* (Carlos Lombardi, 1984/1985). Algumas cenas foram gravadas numa partida do Campeonato Brasileiro (Corinthians x Vasco). Na ocasião, quando Serginho Chulapa marcou o segundo gol do clube paulistano, o ator/personagem invadiu o campo, comemorando com os jogadores, recebendo, surpreendentemente, um cartão vermelho do controverso árbitro José de Assis Aragão (MELO, 2012, p. 557).

É interessante notar a mobilização dos torcedores/telespectadores com os rumos dos personagens. Cria-se um universo mágico com atores e atrizes, mas a trama se desenrola de modo a criar uma falsa sensação de realismo e dificultando a este público

⁴⁰ Bem recentemente a obra intitulada *Avenida Brasil*, que conseguiu recordes de audiência por parte da Rede Globo também contava a vida de um ex-jogador de futebol do... Flamengo: “Tufão (Murilo Benício), ‘cria do bairro’, cuja carreira começou no clube local, tornou-se a grande esperança de vitória do Flamengo no Campeonato Carioca de 1999. A final do campeonato será disputada no mítico Maracanã, contra o Real Cruz, mobilizando os habitantes do [bairro] Divino, que de alguma forma se sentem representados pelo craque. Essa partida, inclusive os tensos momentos que a antecedem, atravessa o primeiro capítulo de *Avenida Brasil* [...]. As belas imagens (dos jogadores, da torcida, do estádio e da imprensa), os recursos de edição (alternando o que se passa no Maracanã, o que ocorre no bairro e outras tramas da novela que está sendo apresentada) e o uso da sonoplastia (inclusive há trechos narrados por Cléber Machado, um dos locutores esportivos da Rede Globo) contribuem para a construção de uma narrativa épica, uma estratégia comum nas iniciativas audiovisuais que incorporam/abordam o esporte” (MELO, 2012, p. 553).

uma percepção clara de onde começa e onde termina a ficção. Personagens leem jornais e comentam a situação política do Brasil ou fazem menção a fatos ocorridos e noticiados pela imprensa. Ainda há a edição de imagens de partidas envolvendo clubes cariocas para que se adequem a construção das partidas imaginárias jogadas pelos personagens. Tudo isso eleva o grau de fantasia na construção de sentidos, práticas e hábitos no cotidiano das pessoas em sua vida nos lugares. Ao admitirmos que a televisão criou um mercado consumidor nacional, na medida em que padronizou hábitos de consumo e necessidades, também podemos crer que ela fortaleceu a imagem dos times do *centro* do futebol brasileiro, na medida em que os tornou times nacionais, mesmo tendo características eminentemente locais, em especial, metropolitanas. O *centro* do futebol brasileiro, que não por coincidência também pode ser chamado de centro econômico e político do Brasil foi aqui devidamente cristalizado no imaginário popular e na cultura do futebol do país. A força deste processo é facilmente confirmada quando a TV Globo — há muitos anos detentora do monopólio de geração e transmissão das partidas do futebol nacional — preferencialmente transmite partidas do Flamengo-RJ ou do Corinthians-SP em cadeia nacional, em detrimento de outras partidas com potencial de importância maior.

Nos dias de hoje, é comum termos diversos jogos nos mesmos horários e a TV Globo escolhe qual irá transmitir em escala nacional e quais terão cobertura regional, através de sua rede de afiliadas. A alegação de que estes dois times capitalizam as duas maiores torcidas do Brasil e, portanto, a Rede Globo atenderia ao interesse da maioria, inverte a alegoria: transforma o resultado em processo, como se o fato de existirem mais torcedores destes times não tivesse nada a ver com as decisões — históricas e propositais — do próprio canal de televisão que, ao longo dos anos, sempre os tenham privilegiado em sua programação, em detrimento de quaisquer outros clubes. Além disso, a referida alegação opera outra transformação: a de simpatizante em torcedor.⁴¹

Mas ainda não terminamos neste ponto: como veremos em seguida, a televisão é responsável, também, pela naturalização destas disparidades de tratamento, na medida em que, frequentemente, escava o abismo econômico reforçado pelas absurdas diferenças de valores que são pagos pela transmissão dos jogos de Flamengo-RJ e Corinthians-SP em

⁴¹ Já é comum, no Brasil, de outras grandes emissoras de TV, a fabricação/transformação de brasileiros em torcedores do Chelsea, do Manchester United, do Barcelona, do Real Madrid.

relação às outras agremiações, no caso do Brasil. Entretanto, também poderíamos nos referir aos super/clubes europeus como Barcelona, Bayern München, Real Madrid, Manchester United, dentre outros e seus primos pobres, de expressão mais local: *Athletic de Bilbao, La Coruña, West Ham United, Napoli*.

A COMERCIALIZAÇÃO E A ERA MODERNA DO FUTEBOL: NA TELEVISÃO E FORA DELA

O *negócio* futebol é de uma magnitude que surpreende e apresenta contradições e semelhanças, numa dialética própria de funcionamento ao redor do mundo. Se sobrepusermos o mapa mundial das economias mais ricas ao mapa com a localização dos clubes mais poderosos, rentáveis e lucrativos, enxergaremos diversos pontos de convergência. Entretanto, a cartografia utilizada, nesta escala, também esconderia muitas contradições e diferenças que geram, no limite, diversas situações em que os territórios das periferias do futebol escapariam ao nosso olhar globalizado. Generalizar uma situação que pode parecer óbvia a princípio, como a centralidade da Europa e, às suas margens, a América Latina, tende a confundir mais do que nos ajudar a compreender o fenômeno atual do futebol comercial. A começar pela organização interna de cada país e as claras diferenças culturais que separam um continente de outro, principalmente em face das diversas revoluções políticas e econômicas pelas quais passaram a Europa e o restante do mundo ocidental em fins dos anos 1980 e início dos 1990. Se o futebol tem uma história quase tão longa quanto o capitalismo — quando nos referirmos a Grã Bretanha em especial — ao mesmo tempo ele não permaneceu imune aos acontecimentos sociais durante o século XX e início do XXI: as transformações no leste europeu, no sudeste asiático, a redemocratização de boa parte da América Latina, tem impactos que também transformaram o futebol e intensificaram sua mercantilização. Poderíamos colocar de um lado a organização do futebol europeu e de outro a da América Latina como exemplos importantes de como suas estruturas internas contribuem diretamente para uma inserção maior ou menor no *mercado da bola*, aliadas, evidentemente, a questões próprias de nações

desenvolvidas economicamente e daquelas em desenvolvimento. Neste exercício, poderemos aprofundar nossas discussões a respeito da formação cultural e política do centro do futebol brasileiro, fundamentalmente porque, de certa maneira, se vincula ao que aconteceu e acontece ao redor do mundo ocidental que efetivamente *joga bola*. Como nos explica Richard Giulianotti (2002):

Na maioria das nações europeias, os clubes de futebol são organizações de propriedade privada, em que um pequeno número de grandes acionistas controla a diretoria. No entanto, na Península Ibérica e na América Latina, os clubes são organizados como associações de esportes privadas, controladas pelos sócios que pagam uma mensalidade ou anuidade. Com isso, os clubes mantêm uma forte, ainda que arcaica, tradição de democracia econômica e política. Os sócios elegem os diretores do clube (inclusive o presidente) anualmente ou de dois em dois anos [depende do estatuto de cada clube em particular], e destituem os que relutam em satisfazer suas demandas. Por isso os clubes raramente beneficiam-se de grandes investimentos pessoais, feitos por proprietários em outros sistemas. Em vez disso, os diretores eleitos frequentemente usam sua posição no clube como trampolim para eleições políticas mais convencionais (GIULIANOTTI, 2002, p. 117).

No Reino Unido, “[...] o futebol foi uma das últimas indústrias a passar por uma mudança no modelo de ‘negócios familiares’ do século XIX [...] em que os proprietários e controladores são a mesma pessoa [...] para o modelo de ‘acionistas’” (GIULIANOTTI, 2002, p. 117). Desta forma, clubes com essa estrutura organizacional negociam suas ações em bolsa de valores e podem ser vendidos e comprados à revelia de seus torcedores que não detêm nenhum tipo de controle administrativo sobre os destinos da *empresa* para a qual torcem. Milionários árabes do petróleo ou novos ricos surgidos no leste europeu, de fortunas construídas sobre negócios muitas vezes nebulosos, adquirem clubes da Inglaterra, Ucrânia, Rússia, Itália, dentre outros, sem que precisem da anuência de nenhum torcedor ou fã de futebol⁴². No caso do Brasil, não existe essa possibilidade;

⁴² Talvez o caso mais conhecido seja o de Silvio Berlusconi, na Itália, proprietário do Milan, um dos clubes de futebol mais tradicionais e conhecidos da Europa. Segundo Franklin Foer (2005, p. 162-163), “Embora já fosse um grande magnata da mídia antes de se tornar também do esporte, foi a compra do clube de futebol em 1986 que lançou Berlusconi à atual proeminência. Quando entrou na política em 1994, concorrendo a primeiro-ministro, foi em torno do futebol que ele construiu sua estratégia eleitoral. Em questão de meses, a *Publitalia*, empresa de publicidade de que é proprietário (parte de um conjunto impressionante de *holdings*), dedicou-se à tarefa de construir um partido para ele. Como base partidária, começou com os milhões de torcedores do

contudo, os clubes acumulam dívidas na casa de centenas de milhões de reais, principalmente fiscais e tributárias, e não há, ainda, como acionar seus antigos e atuais presidentes e controladores na Justiça, criando irresponsabilidades e desastres financeiros que se perpetuam nos clubes.

A globalização do capital e a queda de tipos alternativos de sistema social significam que é cada vez mais difícil resistir à “privatização” dos clubes de futebol no mercado aberto. [...] A globalização do futebol televisionado é refletida no alcance do *Eurosport*, o canal pan-europeu, que transmitiu em 12 línguas para mais de 170 milhões de telespectadores em 43 países durante os Campeonatos Europeus de 1996 (GIULIANOTTI, 2002, p. 118).

De continente a continente, praticamente o mundo inteiro e até em países isolados do restante do mundo por questões políticas, como a Coreia do Norte ou o Irã, mantém equipes de futebol profissional, mesmo que seja apenas a seleção local, nas disputas por vagas nas Copas do Mundo. A linguagem do futebol é surpreendentemente universal e globalizada, mesmo que suas origens tenham fortes raízes em culturas locais, reunidas, muitas vezes, em torno de comunidades pequenas e médias que cresceram muito com o passar do tempo (como veremos oportunamente, quando tratarmos dos lugares dos clubes ou os clubes dos lugares). O que não é surpresa é sua utilização em larga escala como um negócio absurdamente lucrativo, dentro e fora dos campos.

A escalada no volume de dinheiro envolvido com o futebol de meados dos anos 1980 para cá foi monumental. Para ter como referência o caso brasileiro, daqueles já citados sete milhões de dólares recebidos pela FIFA — por um contrato de quatro anos em 1978 —, passamos valores de mais de cem milhões de reais, por ano, apenas como cota de TV, pagos pela Rede Globo, para Flamengo-RJ e Corinthians-SP, pelos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de 2012 a 2017. Mas, antes disso, já em 1992 na

Milan. Convertem clubes de torcedores em sedes locais do partido”. No Brasil o ex-deputado Federal e ex-presidente do Vasco da Gama-RJ, Eurico Miranda, também fazia das suas, já que está afastado da diretoria do clube desde a eleição de Roberto *Dinamite*, ex-jogador do clube, para presidente: “[...] uma investigação promovida pelo Congresso tem documentado os delitos de Eurico Miranda. Em 1998, o Vasco recebeu 34 milhões de dólares em dinheiro do *Nations Bank* (atual *Bank of America*). [...] Dentro de dois anos, porém, essa quantia havia praticamente desaparecido. Cerca de 124 mil dólares tinham sido usados na compra de camisetas e material de propaganda para a última campanha eleitoral de Eurico Miranda. Doze milhões foram parar em contas de uma empresa das Bahamas” (FOER, 2005, p.106-107).

Inglaterra, a *British Sky Broadcasting* — BSkyB — empresa de comunicações com diversos canais dedicados ao esporte e de propriedade de *Rupert Murdoch*, recentemente envolvido em diversos escândalos de grampos e espionagens de seus jornais em Londres — pagou 191,5 milhões de libras esterlinas para transmitir sessenta partidas daquela temporada (GIULIANOTTI, 2005, p. 123)⁴³.

Esse modelo mundial que envolve o *negócio futebol* recebe, obviamente, diversas críticas. A mais constante é a de que a TV controla tanto o tempo quanto o horário dos jogos — facilitando a inserção de intervalos comerciais e diversas partidas fragmentadas — bem como uma transformação (perfeitamente visível, já por agora!) dos torcedores em consumidores. As próprias competições têm o nome do patrocinador⁴⁴ e a conquista do título, da taça de campeão se tornou, em si mesma, causa e efeito, atividade fim de qualquer clube de futebol, numa verdadeira adoração ao *bezerro de ouro* mercantilizado e reificado no troféu (com a excelente vantagem de valer apenas por um intervalo de tempo, já que as competições repetem-se ano a ano, quase que irrevogavelmente). Conforme nos explica Gilberto Agostino:

Com tal escalada frenética, não foram poucos os especialistas que apontaram para os perigos desse processo ininterrupto de espetacularização do futebol. Talvez o mais evidente de todos seja a transformação do esporte não só em exercício de produtividade— cronometrado, ranqueado, tabelado —, como também em um manufaturado tecnológico e, portanto, mero produto de propaganda, exigindo-se dele e de seu público respostas que já não estão no jogo em si, mas no mercado, na televisão ou na rede (AGOSTINO, 2002, p. 267).

Diversas são as empresas de consultoria e até mesmo jornalistas esportivos que entendem que o futebol deve se tornar, do início ao fim, um negócio como qualquer outro e o torcedor deve ser tratado como cliente, invocando, inclusive, o Estatuto do Torcedor.

⁴³ “A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) anunciou nesta quarta-feira que assinou contrato de patrocínio com o banco Itaú para a seleção principal e também as categorias de base, além do time feminino. O compromisso terá seis anos de duração, segundo o site oficial da entidade, e cobrirá o período da Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil. O valor total, não declarado, deve chegar a US\$ 90 milhões (cerca de R\$ 197,5 milhões)”. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u459031.shtml>. Acesso em 22/10/2008.

⁴⁴ Temos a Copa Bridgestone Libertadores; a Copa Toyota de Clubes; o Campeonato Mineiro Chevrolet; a Copa Seara do Brasil e infindáveis outros exemplos.

Desta forma, é o que se diz: todos sairiam ganhando: os clubes, pois teriam gestões empresariais e arrojadas, transparentes, atraindo patrocinadores; os torcedores — ou sócio torcedores ou clientes torcedores — porque teriam benefícios, como assentos marcados nos estádios, conforto e segurança e os títulos que sua equipe certamente conquistaria. Um desses estudos aponta os *caminhos* necessários à transformação do futebol brasileiro e os clubes em *super/clubes* globalizados, conforme se vê na Figura 04.

O que não parece ser um problema para todas estas consultorias e diversos especialistas é uma questão ética muito simples: poderia um patrocinador interferir nas competições fazendo com que seu clube seja beneficiado⁴⁵? Ou, ainda, o patrocinador poderia interferir diretamente nas escolhas e no gerenciamento dos clubes e do futebol, em geral? Em outros países isso comprovadamente ocorreu, conforme relata Richard Giulianotti (2002, p. 128):

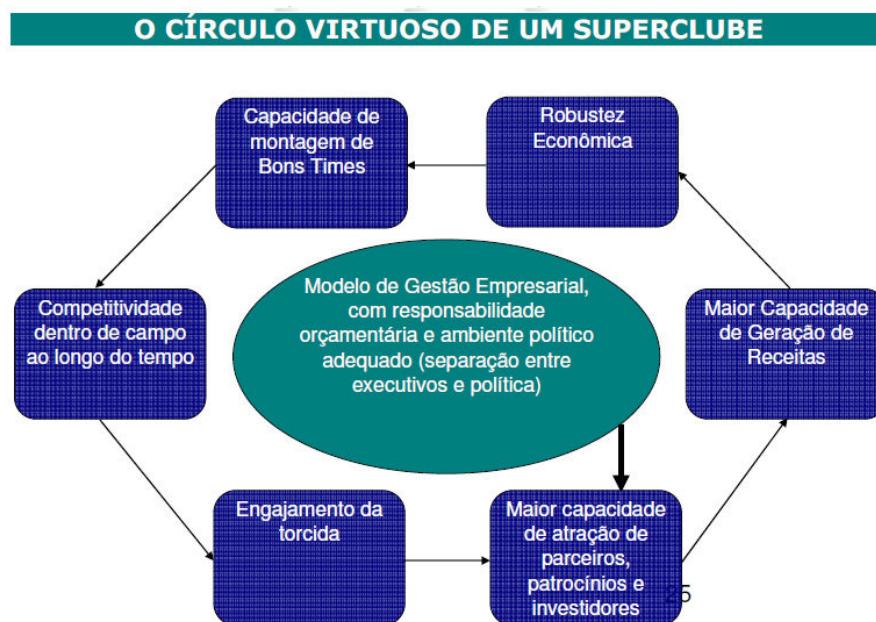
No México, a Televisa dominou os jogos internos desde 1969 e teve papel importante na atração das finais da Copa do Mundo de 1986 para lá. A Televisa controla três grandes clubes da nação, mantém os direitos das partidas da seleção nacional e é dona do estádio Azteca. Em meados da década de 1990, considerou-se que a seleção foi manipulada pela empresa. O *manager* do time mexicano, Bora Milutinovic, foi favorecido pela Televisa; a simpatia foi retribuída em parte por sua curiosa recusa de selecionar o principal artilheiro da nação (Hermosillo), que jogava por um clube de propriedade de uma rede concorrente.

Recentemente, o futebol brasileiro assistiu a uma grande disputa pelos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, no período de 2012-2017. A Rede Globo, detentora dos direitos há bastante tempo protagonizou um dos maiores ataques a independência financeira e autonomia de pensamento dos clubes no Brasil, forçando-os, todos, a ficarem de joelhos frente ao seu poderio econômico. O caso é grande e muitas vezes confuso, mas resumidamente podemos dizer que a televisão — leia-se Rede Globo — já se especializou na cobertura das competições nacionais de clubes, como o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e os Campeonatos Estaduais. Ela paga um valor definido em contrato, para cada

⁴⁵ “Inegavelmente, Juventus e Milan obtêm mais benefícios de arbitragens amigáveis que quaisquer outros clubes italianos. E, de certa forma, isso não choca. Os clubes grandes, historicamente dominantes, parecem gozar universalmente do benefício da dúvida. [...] O Juventus é um brinquedo da família Agnelli, proprietária da Fiat e de uma percentagem substancial da bolsa de valores de Milão” (FOER, 2005, p. 151).

clube envolvido nas competições, pelo direito de gerar a imagem, transmiti-la e retransmiti-la para qualquer parte do território nacional, com exclusividade – eventualmente ela pode repassar uma ou outra partida para outras emissoras, como é o caso da Rede Bandeirantes, que transmite alguns jogos após negociá-los junto à TV Globo.

FIGURA 1: AS PRÉ-CONDIÇÕES PARA UM SUPERCLUBE SEGUNDO A PLURI CONSULTORIA⁴⁶



Deste modo, a Rede Globo também tem o direito de organizar as datas e horários dos jogos e decidir, sozinha, qual jogo será transmitido em canal aberto para todo o País e quais jogos somente estarão disponíveis nos canais pagos e ainda aqueles que terão transmissão local. Em poucas palavras, o Campeonato Brasileiro de 2013, por exemplo, a cada rodada – são 38 no total – são disputadas dez partidas com um total de vinte

⁴⁶Fonte: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/06/25/superclubes-o-brasil-pode-ter-um-parte-ii/>. Acesso em 29/06/2012.

clubes. A TV exige que os jogos aconteçam somente nos dias da semana e horários previamente determinados por ela: normalmente os jogos acontecem aos sábados, nos horários de 18h30min e 21h00min, com transmissão somente por canais pagos; aos domingos, nos horários de 16h00min e 18h30min, sendo os primeiros aqueles que são escolhidos para transmissão na TV aberta. Eventualmente, quando não há competições acontecendo simultaneamente, há as rodadas do meio de semana, às quartas feiras, nos horários de 19h30min, 20h30min, 21h00min, 21h50min⁴⁷ (jogo da TV) e às quintas feiras nos horários de 19h00min e 20h30min, mais comumente.

Os contratos assinados pelos clubes com a televisão, em geral, têm duração de cinco anos e, historicamente, eram assinados pelo chamado Clube dos 13⁴⁸, que representava as agremiações junto à CBF e à TV. No ano de 2011, porém, alguns clubes brasileiros compreendiam que os valores oferecidos pela Rede Globo estavam muito aquém daquilo que verdadeiramente deveria ser pago. Amparados pelo Clube dos 13 e atendendo a uma normatização do Conselho Administrativo de Defesa Econômica — CADE —, os clubes decidiram por não fechar automaticamente com a TV Globo, abrindo uma concorrência pública para a venda dos direitos de transmissão. A expectativa era aumentar substancialmente os valores pagos para a transmissão dos jogos, ultrapassando, inclusive, o patamar de um bilhão de dólares pelos cinco anos de contrato e isso poderia ocorrer se as agremiações negociassem em conjunto o contrato. Entretanto, liderados por

⁴⁷ Este horário de jogo é definido em função da grade de programação da TV Globo que não permite concessões: a transmissão dos jogos somente ocorre após a transmissão da novela, que se inicia às 21h00min, aproximadamente. Jogadores, treinadores e torcedores são unânimes em afirmar que isso é prejudicial à partida em todos os aspectos: para o jogador, que se concentra para uma partida que só vai terminar próximo da meia noite e para os torcedores, que muitas vezes não comparecem aos estádios em função do horário de retorno para casa, com todos os perigos inerentes à violência em grandes cidades.

⁴⁸ O Clube dos 13 foi fundado em 1987 para resolver um grave problema do futebol brasileiro. Neste ano, a CBF declarou-se sem condições financeiras de organizar o campeonato nacional. Contudo, alguns clubes, notadamente o Flamengo-RJ — e o seu presidente, Márcio Braga, um dos fundadores do Clube dos 13 — obtiveram o amplo apoio financeiro da Rede Globo para organizarem, à revelia da CBF, um Campeonato Nacional que posteriormente foi chamado de Copa União. A organização deste campeonato foi efetuada pela entidade criada pelos considerados 12 maiores clubes brasileiros e mais o Bahia. Se por um lado esse Campeonato foi um sucesso de público nos estádios e em audiência na TV, por outro, redundou em um dos maiores escândalos do futebol nacional, que ainda hoje tramita na Justiça Comum: como neste mesmo ano a CBF resolveu organizar um Campeonato Brasileiro em paralelo à disputa da Copa União, com promessa de um cruzamento final entre os vencedores dos dois campeonatos para se decidir quem seria o Campeão Brasileiro de 1987, as mudanças nos regulamentos das competições aconteceram ao mesmo tempo em que ele se desenvolvia. Ao final, duas agremiações se declararam campeãs: o Flamengo-RJ, através da Copa União; o Sport Club do Recife, através do Campeonato Brasileiro da CBF.

Corinthians-SP e Flamengo-RJ, algumas agremiações simplesmente romperam com o Clube dos 13, declarando-o inapto para negociarem em seus nomes e decidiram por negociar individualmente seus jogos, diretamente com a TV Globo, sem licitação pública.

É curioso perceber que isso levaria ao enfraquecimento dos clubes na medida em que teriam que negociar individualmente seus contratos, mas isso não impediu que os clubes — além dos já citados, Cruzeiro-MG, Vasco-RJ, Fluminense-RJ, Botafogo-RJ, Grêmio-RS, Palmeiras-SP, Santos-SP, dentre outros — resolvessem romper com o Clube dos 13. Do outro lado, permaneceram fieis ao clube: Atlético-MG, Atlético-PR, São Paulo-SP, Internacional-RS, dentre outros. A estratégia de implodir o Clube dos 13, proporcionou à Rede Globo uma importante economia de gastos, mesmo aumentando o valor pago pelas transmissões: ao que parece, ela seduziu alguns dirigentes com propostas muito vantajosas a curto prazo, mas danosas a médio e longo prazo, ao aumentar ainda mais a distância financeira que separa os clubes. Flamengo-RJ e Corinthians-SP — que passariam a receber mais de cem milhões de reais por ano, cada um — se distanciariam de outros clubes menores, fora do *centro*. Pelo menos cinco clubes da Série A do ano de 2011 — América-MG, Avaí, Atlético-GO, Figueirense-SC e Ceará-CE — teriam que dividir, entre si, cerca de trezentos milhões de reais por cinco anos de contrato. Fábio Koff, então presidente do Clube dos 13, assim se referiu ao episódio:

Fui traído muitas vezes ao longo desses anos, embaixo do pano, na calada da noite. O Marcelo [Campos Pinto, principal executivo da Globo Esportes] e a CBF implodiram a FBA [empresa que geria a Série B] e fizeram um contrato de adesão da Série B. Os clubes fecharam por R\$ 30 milhões até 2016, quando poderemos chegar a R\$ 1 bilhão por ano. Isso é inaceitável, os clubes menores vão morrer. Vão matar o futebol. [...] Fraquejei ao não fazer a Liga dos Clubes, como era nosso projeto de vida. Não me senti forte, respaldado o suficiente. O temor em relação a retaliações da CBF é grande, a ponto de ela ter extinguido o conselho técnico dos clubes e ninguém reclamar. Esta ruptura do Clube dos 13 é coisa do Ricardo [Teixeira, então presidente da CBF] e do Marcelo.⁴⁹

O monopólio da transmissão dos jogos não foi quebrado: mais ainda, percebe-se com muita clareza o poder econômico que reside na Rede Globo e na sua preferência

⁴⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2502201107.htm>. Acesso em 25/02/2011.

pelos clubes integrantes do que chamamos de *centro* do futebol brasileiro. As articulações políticas internas e externas aos clubes, aliadas a sua crônica dependência dos recursos oriundos da TV, fizeram com que aceitassem condições piores do que as oferecidas por outras emissoras, como a Rede TV e a Record, que, inclusive, emitiu a seguinte nota:

A Rede Record vem a público expressar preocupação com as reações ao modelo de negociação proposto pelo Clube dos 13. O formato foi desenvolvido como consequência de um acordo entre o Clube dos 13 e o CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica). Pelo que foi acertado, cláusulas que caracterizavam o favorecimento a um monopólio e impediam a participação de outros concorrentes de forma democrática e transparente foram proibidas. O modelo anterior impôs aos clubes brasileiros o endividamento e a perda sucessiva de seus maiores talentos para outros países. Alguns clubes brasileiros passam meses sem parceiros patrocinadores porque camisas, luvas, bonés e até placas publicitárias são evitadas ou encobertas nas transmissões esportivas. Ainda existem alguns clubes brasileiros que simplesmente são ignorados durante a temporada e passam semanas sem que seus jogos sejam transmitidos. A carta convite enviada pelo Clube dos 13 contempla uma concorrência transparente, séria, com regras claras. O documento exige propostas entregues em envelopes fechados e pressupõe declarar vencedor aquele que fizer a melhor proposta financeira para todos os clubes. [...] A proposta do Clube dos 13 rompe com as obscuras negociações que favoreciam o monopólio e descaracterizavam a concorrência, impondo aos clubes valores e limitações exigidas pelos eternos favorecidos. [...] Mas se os clubes desejarem uma negociação em separado, optando por outro modelo, a Record também pretende apresentar proposta, desde que as negociações sejam feitas seguindo padrões de transparência e regras claras.⁵⁰

Na Argentina também houve problemas em relação à transmissão dos jogos do Campeonato Nacional, ainda em 2009:

Afundado em dívidas de todo tipo, o futebol argentino viveu dias de convulsão em seu seio: sufocados, a federação local e os clubes romperam unilateralmente o contrato que outorgava à empresa TSC (Televisión Satelital Codificada) os direitos de transmissão do futebol *hermano*, negociando-os imediatamente com o Estado argentino. A justificativa? Descumprimento contratual, uma vez que os clubes resolveram se declarar lesados pelos valores recebidos pelos jogos. [...] Em um claro contexto de proveito político da situação por parte do governo, a medida pode no final das contas ser altamente revolucionária para os times e

⁵⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/883304-em-comunicado-record-responde-globo-e-elogia-formato-do-c13.shtml>. Acesso em 02/03/2011.

torcedores. Em sua argumentação, Kirchner (que já trocou camisas de seu Racing Club com o corintiano Lula) disse que o futebol é um inquestionável bem cultural do país e que todos os cidadãos devem ter direito a assisti-lo sem ter de pagar por isso. Explica-se: a TyC é um canal a cabo que transmite seis ou sete partidas por rodada. As outras três ou quatro (são dez ao todo) ficam por conta de seu braço TyC Max, neste caso em sistema *Pay Per View*. Por razões óbvias, os grandes jogos sempre ficavam com o segundo, de modo que para assistir às melhores partidas o torcedor deveria desembolsar alguma quantia (além da própria assinatura de TV a cabo). E mais: a TSC, no que configurou parte das queixas de quebra de contrato, renegociava os jogos de PPV para outras TVs a cabo. Dentre elas, incluíam-se a Cablevisión e a Multicanal, também de propriedade do grupo Clarín. Isto é, como escrito por Agustín Colombo, do Diário Crítica, 'as operações se vendiam e se pagavam no mesmo escritório. O Grupo Clarín, dono de metade da TSC, vendia jogos da rodada ao... Grupo Clarín'.⁵¹

A televisão inegavelmente mostra a sua força e o seu poder de convencimento frente a clubes sufocados por dívidas e dirigentes sempre prontos a fazer suas vontades com vistas a ganhos pessoais ou para seus clubes em detrimento da coletividade do futebol. No limite, há mesmo temores em relação à sobrevivência de agremiações que não contam com esta subvenção, principalmente na montagem de seus times. No caso brasileiro, desde a homogeneização de um *modelo de Brasil*, formatado pela imprensa escrita, rádio e televisão, observa-se a construção de uma cultura nacional, tendo como base as cidades do Rio de Janeiro e, também, de São Paulo. É importante ressaltar que a popularidade nacional de alguns clubes, construída histórica e espacialmente, é utilizada nos dias de hoje para justificar a sua importância em detrimento de outros: naturalizou-se de tal maneira esse processo social de construção de identidades, que se confunde o resultado com a causa, o meio com o fim, e não se sabe mais onde começa ou termina a formatação deste *centro* e de suas margens e parece não haver espaço para a diversidade e nem uma preocupação comum com o futuro de algumas agremiações localizadas no exterior de Rio e de São Paulo. Até mesmo os torcedores parecem, em alguma medida, capturados pela essência material das disputas e conquistas de troféus e o ato de torcer por um clube deixa, de certo modo, de ter o seu caráter construído no rol das escolhas pessoais baseadas nas comunidades locais, nos laços afetivos e cognitivos e se

⁵¹ Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/content/view/3656/172/>. Acesso em 22/03/2011.

metamorfoseiam em modismos culturais, em falsas identidades nacionais erigidas sob a ótica do consumo e intensamente propagadas pelos meios de comunicação, em especial a televisão. Não se avalia a grandeza de um clube apenas pelas suas conquistas e pela sua massa de torcedores. Incorporado a isso, também, sempre deverá estar presente a sua representatividade cultural e territorial: ideais, estilos de vida e valores próprios da comunidade e da sociedade na qual o clube se insere. Se a razão de existir de um clube for meramente a conquista de taças e se sabemos — e como sabemos! — que o poder econômico por trás dos grandes clubes os torna quase insuperáveis na atração dos melhores jogadores, na disputa das melhores e mais rentáveis competições, estaremos próximos da eliminação da competição, razão maior de qualquer esporte, para vermos as disputas monopolizadas apenas por uma ou duas agremiações: todo o resto existirá meramente para justificar as conquistas dos grandes, sem possibilidades reais de disputa do troféu, tamanho é o abismo financeiro que os separa. Por outro lado, cabe aqui uma pequena digressão. ANDERSON e SALLY, no livro *Os números do jogo: porque tudo o que você sabe sobre futebol está errado*, partindo de uma sofisticada análise estatística, fazem a seguinte observação acerca do futebol moderno:

Quando calculamos a média de diferença de gols em cada partida, em cada temporada, da primeira divisão [*Premier League*, da Inglaterra] desde 1888, percebemos que as equipes se tornaram mais parecidas, tanto em produção defensiva quanto ofensiva. Hoje, as equipes vencem por menos gols que antes, e a diferença média de gols em uma partida diminuiu de mais de um gol para menos de meio gol ao longo de aproximadamente um século. [...] A tendência também sugere que a “tecnologia de fabricação” — a melhor forma de jogar — se disseminou com o tempo: ao ser compartilhada e imitada, ao mesmo tempo que aumentava o acesso a talentos em todo o planeta, as equipes foram se tornando parecidas. [...] Isso indica que um dos maiores truísmos do futebol — que o poder e a riqueza dos clubes de elite desequilibraram os campeonatos do mundo inteiro — talvez seja um mito, pelo menos quando visto de um ponto de vista histórico, de longo prazo. O mais provável é que os campeonatos atuais sejam mais disputados do que cinquenta ou cem anos atrás.⁵²

⁵² ANDERSON; SALLY (2013, p. 85).

No referido estudo não é considerado, por exemplo, que a queda da média de diferença de gols torna ilusória (uma) certa igualdade entre os clubes. Na própria Inglaterra, Manchester United, Arsenal, Chelsea e Liverpool dominam o campeonato há vários anos. Na Espanha, Real Madrid e Barcelona se alternam como os campeões nacionais. Na Alemanha o mesmo pode ser dito sobre o Bayern München. Na Itália, destaque para Milan, Juventus e Inter de Milão. Considerando que cada campeonato citado tem cerca de vinte participantes na disputa e menos de cinco deles em cada país se mostra verdadeiramente capaz de disputar o título, isso coloca as conclusões dos autores em dificuldades. Se pensarmos na Champions League — o maior campeonato entre clubes da Europa — perceberemos que a disparidade ainda é maior: nos últimos vinte anos tivemos apenas os mesmos clubes citados da Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha nas finais.

Logo, o abismo não se limita à diminuição de diferença de gols nas partidas. Os jogos se tornaram mais duros e a competitividade, nas partidas, aumentou. Entretanto, a grande diferença de valores pagos parece motivar a construção de estratégias que ultrapassam as linhas do campo de jogo. No Brasil, particularmente, isso se dá através do favorecimento desta ou daquela agremiação, seja por interferência de juizes de futebol na fabricação de resultados, seja nas mudanças de regulamento ao longo da competição: tudo a vista de todos e sem que isso se transforme num problema real, de grande dimensão, camuflado por outras discussões vazias que se assentam na rivalidade entre clubes para justificar a negação de um favorecimento explícito, transformando-o em algo inusitado ou raro, que tenderia a se repetir com todos e não apenas com uma agremiação. Nada disso é raro e nem se dá ao acaso: em grande medida, ao longo dos anos, os arranjos das competições, seus vencedores e toda a história acontecida durante os jogos, nos levam a apontar o favorecimento àquelas equipes pertencentes ao, aqui, nesta pesquisa, denominado *centro*.

PARTE 3



CLUBES, LUGARES E TERRITÓRIOS

CLUBES E LUGARES

Nem toda a paixão poderia ser compreendida a partir da primeira bola de infância.

Segundo Luiz Fernando Verissimo:

“Nenhum prazer do mundo se igualava ao cheiro do couro de uma bola de futebol recém-desembrulhada latejando em suas mãos”.

É certo que a brincadeira de criança será envolvida pela presença paterna, mas, com ela, virão cores de camisas e o nome de clubes.

Mais adiante, a rua, o bairro e, sobretudo, a cidade e, eventualmente, a região: referências territoriais de sociabilidade e definidoras da construção das identidades.

Os torcedores de futebol são sujeitos-torcedores dos lugares que se transformam em territórios de poder: ruas e bairros; cidades e regiões; nações e tribos.

Assim, os clubes de futebol, em geral, já no seu próprio nome, carregam a marca dos seus territórios de poder, de confiança, solidariedade e compartilhamento.

Cássio Eduardo Viana Hissa¹

Seria possível compreender os clubes de futebol como aqueles dotados de um caráter, uma condição especial para tornarem-se representantes de uma contra cultura, uma contra hegemonia frente ao processo massificador, hegemônico e totalizador da globalização do capital? Mesmo compreendendo que o futebol — como visto — é também um grande e rentável negócio e que praticamente todas as suas estruturas — dentre elas o clube — já estão direcionadas ou parecem direcionar-se para o espetáculo mercantil, pura e simplesmente? E que o futebol *profissional*² predomina na mentalidade de dirigentes, jogadores, empresários e de toda uma dita *imprensa esportiva*, diretamente interessada no *negócio*? É possível, obviamente, responder que sim a todas estas questões: não obstante, para justificá-la será preciso enxergar as variadas dimensões representativas de um clube de futebol, desde a sua existência jurídica, passando pelo que ele representa para toda a comunidade profissional do meio — atletas, dirigentes, imprensa, empresários; e, por fim,

¹ HISSA, Cássio E. V. A escrita com os pés. *Revista Aletria*. N° 02, V. 22, Maio-Agosto 2012.

² Futebol profissional aqui é entendido como o esporte enquanto negócio, possibilidades de realização de lucros e investimentos de capital. Neste sentido estrito, o termo *profissional* não se relaciona com uma melhor capacidade de administração ou gestão competente do futebol, haja vista que uma visão empresarial de um dirigente pode se chocar com uma visão profissionalizada do negócio, principalmente se houver o envolvimento de interesses particulares, o que quase é uma regra neste meio.

e não menos importante, a sua existência enquanto instância pessoal de representatividade perante os seus torcedores e os seus lugares e territórios.

A existência jurídica de um clube de futebol tem variações importantes dependendo do país, conforme já visto anteriormente: temos desde o seu entendimento como uma empresa de capital aberto — modelo mais comum na Inglaterra — até entidades esportivas sem fins lucrativos — casos do Brasil e, ao que parece, de quase toda a América Latina. Estas diferentes existências levam a impactos de ordem estritamente econômica e comercial diferenciados em cada caso: enquanto na Inglaterra um clube pode ser *vendido* a uma pessoa, que se torna seu proprietário e presidente, na América Latina são as organizações sociais da agremiação que definem as maneiras de entregar o poder internamente. Independentemente disso, tanto lá quanto cá, o não sócio, o cidadão comum, o tal *torcedor de arquibancada*, é alijado dos processos decisórios das agremiações e sua paixão e fidelidade ao clube podem sofrer muitos abalos em virtude de decisões equivocadas por parte das instâncias gestoras. Como exemplo, registre-se que o Esporte Clube Bahia, fundado na década de 1940, viveu recentemente um processo singular na escolha de seu presidente: o Clube que já venceu dois torneios nacionais — um na década de 1960 e outra na de 1980 — chegou a amargar a 3ª divisão do Campeonato Brasileiro, em função de algumas das mais desastrosas administrações de Clube que se tem notícia no País. Endividou-se, está com diversos processos trabalhistas em andamento e enfrentou derrotas vexatórias para seu rival, Vitória da Bahia (em uma delas chegou a perder por 7 x 2). De alguma maneira, isso levou a criação, por parte de seus torcedores, de movimentos independentes, como o “Bahia da Torcida”, que promoveu campanhas como o “Público Zero” nos jogos do time, na tentativa de afastamento da diretoria e transparência sobre as contas do Bahia. Este movimento democrático e independente fez com que houvesse mudanças no estatuto do Clube e no dia 07/09/13, pela primeira vez na história da agremiação, por voto direto de mais de 16 mil sócios, elegeu-se o seu presidente (anteriormente, somente os membros do Conselho Deliberativo tinham direito ao voto. Este Conselho, como o da maioria dos grandes clubes do Brasil, dificilmente é

modificado, tem caráter vitalício e detém todos os poderes da agremiação, sendo que seus membros são, inclusive, os únicos que podem se candidatar à presidência)³.

Por seu turno, a existência imaginada de um clube é forjada por pormenores que vão desde as histórias de sua fundação, seus lugares de nascimento e, no limite, toda a sorte de características próprias que, ao longo do tempo, vão sendo coladas a sua imagem e representação, por parte de seus torcedores. Estes, por sua vez, emprestam ao clube uma aura de significados intangíveis e que apenas fazem sentido sob a ótica da relação entre torcedor e clube. A história de um time — ou *uma* de suas histórias possíveis — é contada e recontada por gerações e, a cada vez que isso ocorre, se renova todo um processo de reconfiguração e rearranjo das memórias coletivas, das conquistas, das lutas, das glórias e dos fracassos. E é com base nesta perspectiva que, como veremos, dizemos que os clubes de futebol também se tornam expressões de territórios de resistência onde, nos lugares-trincheiras, lutam diversos torcedores para manter certa *fé cega* na essência cultural *inventada* de suas agremiações. Essência essa que os mantêm unidos aos seus times mesmo nos piores momentos, o que nos faz perceber o quanto de representação simbólica o futebol nos traz: o torcedor deseja que o seu jogador lute por ele, vença por ele e, ainda, vença pelos seus lugares e territórios. As derrotas dos times acabam sendo mais derrotas dos torcedores do que dos próprios jogadores e as vitórias são comemoradas de tal sorte que seus seguidores vêm-se realizados, vingados e honrados, muito mais do que o jogador que, atualmente e com raras exceções, não parece mais se comover com este tipo de demonstração fanática. O jogador profissional, hoje, mais do que em outros tempos,

³ Dentre outras importantes modificações em seu estatuto, resalte-se: 1- Todos os sócios adimplentes perante o clube poderão votar diretamente para escolher a nova diretoria executiva do clube, sem carência, sem filtros; [...] 3-Possibilidade de o torcedor tornar-se sócio desde o seu nascimento, tendo direito a voto a partir dos 16 anos, desde que estando adimplente com o clube; 4-Redução de 300 para 100 membros do Conselho Deliberativo, com adoção do sistema eleitoral proporcional; 5-Adoção do Ficha-Limpa nas eleições para todos os cargos de presidente e vice e Conselho deliberativo; 6- Proibição de que ocupantes de cargo na administração pública direta, indireta ou fundacional sejam candidatos; 7 - Os membros da diretoria executiva que desejarem disputar mandatos eletivos para os cargos de vereador, prefeito, vice-prefeito, deputado estadual, deputado distrital, deputado federal, senador, suplente de senador, governador, vice-governador, presidente e vice-presidente da República deverão se afastar definitivamente das suas funções a partir da data de formalização do pedido de registro de candidatura junto à Justiça Eleitoral [...]; 9- Os cargos de Presidente e Vice- Presidente, bem como os de diretores, deverão ser remunerados, acabando com a farsa de “dirigente sem remuneração”, sendo vedado aos mesmos, no curso do mandato, o exercício de qualquer outra atividade pública ou privada remunerada. <http://jornalggn.com.br/noticia/a-eleicao-direta-para-presidente-no-esporte-clubes-bahia>. Acesso em 24/09/2013.

confunde-se menos com o time pelo qual joga e, muitas vezes, as derrotas são assimiladas rapidamente, sem muito esforço: a conotação dada à vitória ou à derrota, pelo jogador, muitas vezes relaciona-se a possibilidade ou perda dela, de ganhos futuros ou realização pessoal, do que o sentido de catarse emocional vivenciada pelos torcedores. Estes, por sua vez, comemoram eternamente as conquistas e demoram muito tempo para assimilar os fracassos que também são assumidos como seus. Ao longo das duas últimas décadas, é com grande dificuldade que tudo isso é assimilado; mas não está assimilado. Os torcedores — assim como a imprensa desportiva — sempre associam os jogadores aos negociantes e, no extremo, aos mercenários: jogam apenas por dinheiro. Em parte, pode haver algumas razões para que tal avaliação seja feita. Os jogadores de futebol da atualidade não são como os de antigamente. A legislação desportiva foi modificada. Os jogadores não ficam mais presos aos seus clubes formadores. Nesse sentido, nas avaliações, há certa dose, que é muito forte, de engano. Os jogadores ficavam durante uma década — ou mais que isso — em seus clubes porque os seus passes estavam presos aos clubes. Além disso, o futebol ainda não havia sido completamente invadido pelo mercado e não era, nem de longe, o que é agora: um negócio fenomenal, gigantesco. Os clubes, com isso, perderam bastante. Mas os jogadores se libertaram e, ao longo de uma carreira, passam por dezenas de clubes sem que haja a identificação — com os próprios clubes, com os seus lugares e com os seus torcedores — de tempos atrás. Entretanto, nada disso foi assimilado ou pouca coisa disso foi assimilada. Os torcedores são a emoção dos seus lugares.

Todo este sortilégio de arranjos e emoções está basicamente envolvido no momento em que se pretende argumentar sobre o futebol e seus papéis na construção ou no fortalecimento de identidades territoriais: evidentemente não tratamos do futebol *per si*, mas tratamos de uma dimensão social, uma parte importante da formação de identidades coletivas que se fundem numa representação: o clube como uma das expressões da identidade territorial. Mais ainda, através da formação desses clubes e tudo o que envolve a comunidade ao seu redor encontramos pistas importantes na compreensão da formação de lugares e territórios na cultura do futebol.

OS CLUBES NOS SEUS LUGARES

De um modo geral o nascimento dos clubes de futebol, desde século o XIX, tem por base um sentimento de pertencimento: podem ser membros de comunidades religiosas, operários de uma fábrica, estudantes de um colégio, moradores de um bairro ou de uma rua, de uma determinada cidade, ou pessoas de uma dada nacionalidade. Nos exemplos dados, foram criados, respectivamente: Glasgow Rangers e Glasgow Celtics, na Escócia (uma das mais sangrentas rivalidades do futebol, entre protestantes e católicos); o The Bangu Athletic Club, do Rio de Janeiro; Newell's Old Boys, na Argentina, e o Boca Juniors, do mesmo país; Milan (de Milão); o Vasco da Gama-RJ (da comunidade portuguesa) e o Palmeiras-SP (primeiramente Palestra Itália), dentre diversos e infindáveis outros casos. Comumente, também temos o nascimento de um determinado clube, com suas afinidades e idiossincrasias próprias e, em seguida, o surgimento de um rival local, tendo como base, no princípio, a oposição aos valores e pessoas do primeiro: seja por agregação ou oposição, a característica comum é a união das pessoas em torno de um ideal, representado pelo esporte e reificado no clube de futebol⁴. De início, as mais puras rivalidades floresceram entre clãs municipais:

Classicamente, a oposição é reforçada por chauvinismos locais que são mapeados em termos espaciais. Nas maiores metrópoles do futebol, existem antagonismos importantes simplesmente dentro de zonas. Em Londres, Arsenal e Tottenham competem pela supremacia do norte. West Ham e Millwall disputam a hegemonia da classe trabalhadora no leste. [...] A rivalidade entre o Roma e o Lazio reflete as diferenças culturais entre a Cidade Eterna e a região rural que a cerca. [...] Em Sevilha, os lados tradicionalistas do Sevilha são contrabalançados pelo Real Betis, que atrai uma forte empatia da esquerda e da classe trabalhadora. [...] Em Belo Horizonte, a criação do Cruzeiro por imigrantes italianos possibilitou sua associação com a elite local e, assim, contrasta com seu eterno rival, Atlético Mineiro, o time das classes mais baixas. [...] O clube do esquerdista Hapoel [Israel] incorpora a foice e o martelo internacionalistas nas insígnias do clube, enquanto o mais tradicionalista,

⁴ Poderá parecer dispensável a diferenciação que, aqui, se apresenta: entre clube e time. O clube é a instituição criada juridicamente. Ele tem um estatuto, normas, sede, lugar. Ele pode ter um estádio. O time é a representação, nos gramados, desse clube. Apesar disso, muitos, quando querem fazer referência ao clube, fazem ao time. O contrário, também, não é incomum. Os enganos são feitos não apenas pelo público, mas, também, pela própria imprensa que se diz especializada.

nacionalista de Maccabi conserva a Estrela de Davi em seus emblemas. Em Istambul, o Galatasaray é famoso como o time histórico dos aristocratas, enquanto o Besiktas é o clube do proletariado e Fenerbahce, o das classes médias. (GIULIANOTTI, 2002, p. 26-28)

É bem verdade que estamos nos referindo a clubes muito antigos, alguns mais que centenários, mas, principalmente, aqueles que sobreviveram ao longo do tempo. Milhares de clubes e agremiações esportivas surgiram em todo o mundo, de fins do século XIX e início do século XX até hoje. Isso significa que podemos dizer que, atualmente, ainda surgem clubes. Entretanto, isso se dá em ritmo mais lento e com características muito diferentes daquelas que pretendemos dar relevo. Enquanto isso, alguns clubes vinculados a relações socioespaciais específicas, como pequeninos clubes de rua, de bairros, por uma infinidade de motivos deixaram de existir. No caso brasileiro, de um modo mais amplo, é possível afirmar que ainda existe o chamado futebol de várzea, como é denominado o futebol amador. No âmbito do amadorismo, diversos clubes, jogadores e torcedores disputam campeonatos próprios, com rivalidades singulares, forjadas principalmente nas questões territoriais intra-urbanas e, ainda, interurbanas: bairro x bairro, rua x rua, cidade x cidade — por vezes ainda mais pontiagudas do que as existentes no dito futebol profissional.

Conforme exposto na discussão sobre amadorismo x profissionalismo, o chamado futebol profissional vai se impor a partir de meados de 1933, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, sendo seguidos depois por outras praças, como Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador. Todavia, não se pode deixar de lado o fato de que o futebol profissional surgiu da várzea — ou do futebol amador: neste escopo limitado, compreendidos como sinônimos — e tem com ela uma relação estreita de cumplicidade e co-dependência: o profissionalismo nunca prescindiu da base, no caso, da várzea: ainda que o primeiro, via de regra, fundamente-se em valores opostos ao amadorismo, o profissionalismo efetivamente nunca pôde negá-lo. Conforme afirma Odette Seabra, para o caso de São Paulo (e acreditamos que isso possa ser expandido para o restante do Brasil):

[...] Sabe-se que o futebol de várzea é que permitiu o profissionalismo. Reiteradamente, a representação da várzea como celeiro de craques era

suporte para discursos de políticos, de paredros, entre outros. O desenvolvimento do futebol, desde a origem, assenta-se num processo de corrosão dos princípios do amadorismo, mas sem poder negá-lo. Tanto que, à medida que as condições objetivas da várzea iam desaparecendo, também ia desaparecendo na imprensa esportiva de São Paulo a noção de várzea como celeiro de craques, em favor do interior do estado, de onde começaram a ascender os jogadores para o profissionalismo. (SEABRA, 2003, p. 312)

Esses clubes da várzea, *esquecidos* ou mesmo extintos, tiveram trajetórias muito parecidas com aquelas dos clubes profissionais que hoje fazem parte da primeira divisão do Campeonato Brasileiro, ainda que, obviamente, tenham características próprias e singulares. Em algum momento da história do futebol no Brasil e de sua própria história, algo aconteceu, fazendo com que determinado clube ficasse perdido em seu passado ou se negasse a caminhar para um futuro, ainda que incerto e nem sempre melhor⁵ — estima-se que existiam entre seiscentos e setecentos times de futebol na várzea paulista em 1943 (SEABRA, 2003). Na maioria dos casos, o processo de regulamentação das atividades esportivas, pelo Departamento Varzeano da Liga Paulista de Futebol — LPF — impôs diversas exigências para o funcionamento de um clube — desde a sua existência jurídica, registrada em cartório, até o pagamento de mensalidades e taxas à Liga, para disputas de jogos, amistosos ou de campeonatos. Mais adiante, o processo de urbanização da capital paulista engoliu praticamente todos os campos de várzea e decretou a paralisação das atividades formais das agremiações, em especial o futebol e, no limite, a extinção do clube. Assim, caso possamos dizer que o surgimento dos primeiros clubes de futebol apresenta semelhanças entre si, o decorrer da história mostrou que apenas uma pequena parcela destas agremiações conseguiu sobreviver; e, além disso, angariar as simpatias, paixões e

⁵ Um dos grandes exemplos que podem ser citados é o Club Athletico Paulistano, uma potência do futebol nas décadas de 1910 e 1920, elitista ao extremo e impermeável à ideia de futebol profissional. Sua recusa em aceitar jogadores profissionalizados foi tão extrema que optou por extinguir o seu departamento de futebol a aceitar as novas regras, em fins da década de 1920. Dos seus antigos quadros do futebol irá surgir o atual São Paulo Futebol Clube que, até 1935, era chamado de São Paulo da Floresta. Para se ter uma ideia da força do C. A. Paulistano: “Em 1925 ainda, antes de abandonar definitivamente o futebol, o Club Athletico Paulistano faria uma excursão pela Europa com grande sucesso. Seria a primeira visita de um time brasileiro a esse continente, exibindo-se na França, Suíça e Portugal. Dos dez jogos que disputou, o time brasileiro ganhou nove e perdeu um, na cidade de [...] Cette [nome correto da cidade: Sète], para o time do mesmo nome. O prestígio do C. A. Paulistano consolidou-se e, por extensão, do futebol brasileiro quando, em Paris, derrotou a seleção francesa pelo exagerado placar de 7 a 2” (CALDAS, 1990, p. 98).

também ódios, que outrora eram amplamente disseminadas numa enorme gama de clubes populares, circunscritos aos seus bairros e pequenos territórios de influência.

Assim, o futebol contribuía para o conhecimento dos diferentes quadrantes e também para a afirmação das particularidades por exercitar as diferenças, tanto como atributo dos lugares, como entre os grupos praticantes. Por exemplo, a diferença entre os lugares pôde expressar-se de diversas formas: o time da Lapa de Baixo, o Canto do Pari, o Canto do Rio, o Encanto da Várzea, o Canto do Belém, o Alto do Bom Retiro. Além das Flores que jogavam entre si: Flor do Belém contra o Flor da Vila Ipojuca, o Flor do Carandiru, Flor da Casa Verde, Flor do Jardim América, Flor da Lapa, Flor do Pari, Flor da Penha, Flor das Perdizes, Flor de Pinheiros... e assim por diante. Expressavam também diferenças culturais: negros formaram seus times e grêmios. Organizavam festivais entre os times homólogos, como também os faziam os times de colônia. Enquanto exercício lúdico, o futebol implicava uma prática em cuja trama ia sendo envolvida a sociedade inteira: diferentes idades, gênero, cor, raça, condição social, saberes e habilidades, mas sem poder ignorar os atributos de uma história singular marcada por preconceitos de cor e sob hegemonia das elites, os ricos de São Paulo (SEABRA, 2003, p. 307-308).

O clube mais popular de São Paulo nasceu da mesma maneira que diversas outras agremiações varzeanas paulistas. Segundo a história oficial, presente no site do Sport Club Corinthians Paulista, alguns operários se reuniram no dia 1º de setembro de 1910, no bairro do Bom Retiro e fundaram o Clube: o nome advém de outro time, inglês, chamado Corinthian Football Club (assim mesmo, sem o “s” e hoje um time da quarta divisão inglesa) que, naquela época excursionou pelo Brasil, realizando uma série de partidas amistosas, retratado na Figura 01⁶. De origem popular, atestada pela presença de cocheiros, pintores de parede e trabalhadores braçais entre os seus fundadores, o Corinthians originariamente foi criado com vistas a participar das disputas das competições de várzea, como era comum à



⁶ Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/corinthians-como-tudo-comecou>. Acesso em 10/09/2013.

maioria dos times da época.⁷ Os campeonatos *oficiais* eram disputados pelos times da elite, sobretudo formado por estudantes de colégios tradicionais ou colônias de imigrantes, como ingleses e alemães. Assim, temos, respectivamente, o Club Athletico Paulistano, o São Paulo Athletic e o Germânia. Talvez não seja difícil compreender a razão pela qual o Corinthians Paulista se tornará uma agremiação tão popular naquela cidade, principalmente na união de seus simpatizantes em contraposição aos aristocráticos e inacessíveis clubes existentes à época, já que “[...] o enraizamento territorial das práticas criou pertencimentos profundos e explodiu na paixão que reuniu todos em torno do futebol de bairro” (SEABRA, 2003, p. 296).

Como exemplo da disparidade de trajetórias, apesar de origens semelhantes, outro clube de São Paulo, o Juventus, fundado em 1924 em homenagem ao time italiano de mesmo nome, que tem seu estádio na Rua Javari, na Mooca, bairro de origem italiana, disputa hoje a Terceira Divisão do Campeonato Paulista. O “Moleque Travesso” (como passou a ser chamado, desde a década de 1930, após uma vitória estrondosa sobre o Corinthians-SP) agrega, entre seus torcedores, um sentimento de pertencimento, de coletividade e de bairro muito fortes. Mesmo nesta situação lamentável, os seus jogos sempre contam com torcedores fieis que continuam a pagar ingressos e/ou mensalidades do Clube. Se o Corinthians-SP apresenta-se hoje como um clube nacional⁸ e seus torcedores são considerados fanáticos, o Juventus é um grande exemplo de time de bairro, de várzea (não no sentido pejorativo), ainda que dispute uma competição profissional: o que os une é o fanatismo de seus torcedores, a liga que os mantém unidos, na alegria e na tristeza. No mundo de hoje, em que as derrotas (em qualquer ambiente) são sinônimas de

⁷ Ironicamente, o Corinthians “[...] clube da várzea do Tietê adotou a sigla de uma das mais aristocráticas equipes inglesas, a mais ciosa, por sinal, dos privilégios elitistas do amadorismo e do jogo entre pares (a equipe, formada de alunos de Oxford e Cambridge, visitara o Brasil no início do século, deixando um rastro prestigioso) e acabou por convertê-lo no nome mais popular do futebol brasileiro, juntamente com o Flamengo” (WISNIK, 2008, p. 206-7).

⁸ Em seu hino o Corinthians *Paulista* revela o tamanho de sua ambição e a transposição dos ideais de bairro, de lugar, para uma representação maior, nacional: [...] Salve o Corinthians/De tradições e glórias mil/*Tu és orgulho/Dos desportistas do Brasil*/Teu passado é uma bandeira/ Teu presente, uma lição/Figuras entre os primeiros/Do nosso esporte bretão/Corinthians grande/Sempre altaneiro/*És do Brasil/O clube mais brasileiro*. Entretanto, tal ambição não poderá ser tratada como exclusividade de qualquer outro grande clube brasileiro. Veja-se, por exemplo, trecho do Hino do Clube Atlético Mineiro: “Honramos o nome de **Minas no cenário esportivo mundial**/Lutar, lutar, lutar pelos **gramados do mundo** para vencer/Clube Atlético Mineiro, uma vez até morrer [...]. O mesmo pode ser dito do São Paulo Futebol Clube: “Salve o tricolor paulista/**amado clube brasileiro**/tu és forte, tu és grande [...].”

fracasso, quando a competitividade é uma virtude e a solidariedade é algo desprovido de lógica, chega a ser um espanto que clubes como o Juventus continuem a existir e ainda tenham torcedores. Entretanto, aqui, há algo que merece ser sublinhado e que poderá, mais adiante, ser ainda mais enfatizado.

O Juventus é mesmo um exemplo a ser pensado. Relações: a Rua Javari e o Juventus; a Rua Javari, o Juventus e os seus torcedores. A identificação com o lugar, em princípio, parece mesmo ser óbvia, explícita. O lugar é a Rua Javari? Sim, o Juventus-SP, inclusive, é conhecido como *Juventus da Rua Javari*. Mas a Rua Javari do Juventus-SP ultrapassou a própria rua e ganhou, evidentemente, o seu entorno. O lugar não é apenas a rua. O lugar é feito dela, mas de muito mais. Em diversas passagens de sua obra, Milton Santos diz: a cidade é o mais expressivo dos lugares. Contudo, não é apenas nesses termos que ele *diz a cidade e diz o lugar*. Ao *dizer o mundo*, Milton Santos *diz o lugar*. O mundo não existe a não ser como algo que se expressa nos lugares. Portanto, não se trata, aqui, de algo a ser reduzido a uma simples questão ingênua que se relaciona às mais simplificadas questões referentes às escalas com as quais estamos menos ou mais acostumados a perceber em salas de aula da geografia mais amesquinhada. Por sua vez, ao pensarmos os lugares a partir de suas representações simbólicas, e, particularmente, no nosso caso em discussão, através dos clubes de futebol, os lugares se transformam em lugares-territórios. Não se trata, portanto, de uma questão exclusivamente escalar. Entretanto, falamos, aqui, do Corinthians-SP como um *clube nacional* e, com isso, poderíamos ter construído uma espécie de distinção entre os dois: Corinthians-SP e Juventus-SP. O primeiro estaria para além dos limites e fronteiras referentes ao seu lugar e ao território: um clube nacional. O segundo estaria restrito ao seu lugar que, por sua vez, estaria ainda mais reduzido: a uma rua, a Javari. No entanto, é certo que estamos tratando de duas grandezas ou de clubes que, através de suas trajetórias, dimensionaram o seu tamanho. O que isso pode significar? O tamanho de um clube se refere à sua abrangência — resultante de suas glórias, da sua própria história —, mas, contudo, a sua abrangência — que, também, é territorial — jamais negará o lugar de onde ele se expande, pelo contrário. Isso significa, portanto, que a sua força e a sua potência estão fincadas nesse seu lugar-território de onde emana a sua força. É nesse espaço/lugar-território que se encontram as suas multidões apaixonadas, com os seus cantos de guerra, com as suas vibrações, a sua energia. É por

isso que o mando de campo, nas competições, em diversas circunstâncias, é determinante: jogar uma partida em seu território, onde se conhece o terreno (não apenas metaforicamente), onde se obterá a energia de milhares ou de milhões de torcedores fanáticos, pode ser decisivo para uma conquista — e, de um modo geral, é assim. No território alheio, por sua vez, as condições são quase sempre mais adversas. Não se trata, portanto, apenas de uma questão escalar. Trata-se de uma questão territorial e, nesse sentido, de uma questão político-estratégica — uma questão de geopolítica desportiva. Pode-se afirmar que o Flamengo-RJ é um clube nacional — brasileiro —, mas a sua força está na cidade do Rio de Janeiro. O mesmo pode ser dito do Corinthians: é um clube nacional que tem a sua força na cidade de São Paulo. Estamos, portanto, falando de uma espécie de *centro de gravidade*. Quanto mais distante desse centro, mais diluídas estarão as forças de um clube, independentemente da sua grandeza. Este centro de gravidade é o lugar-território do clube que, no imaginário coletivo, luta pela sua cidade, pelo seu lugar, joga pelo seu povo — os seus torcedores, sobretudo —, pelo seu território.

Outro clube tradicional (inclusive, de início, um clube da elite) e que atualmente sofre com problemas econômicos é o América do Rio de Janeiro. Fundado em 1904, a partir de uma cisão no Clube Atlético da Tijuca, a sua sede principal está no mesmo endereço há 102 anos: a rua Campos Salles, 118. Ali, ficava o primeiro estádio do clube, que teve capacidade para 25 mil espectadores. Em 1993, o terreno do campo de treinamento do América-RJ, no Andaraí, foi vendido e, com o dinheiro, o clube construiu um novo estádio em Édson Passos, na Baixada Fluminense. Atualmente na segunda divisão do Campeonato Carioca (do qual já foi vencedor por diversas vezes, inclusive em 1922, tornando-se o Campeão do Centenário da Independência do Brasil), teve sua sede ameaçada de leilão pela Justiça, por diversas vezes. Recentemente, em 2012, a Prefeitura do Rio de Janeiro resolveu tombar o imóvel para impedir que o América Football Club fosse despejado de sua própria sede⁹.

⁹ Poderíamos incluir o Villa Nova Atlético Clube, de Nova Lima-MG, como mais um de diversos exemplos de clubes tradicionais, e por vezes centenários, que sucumbiram mesmo com o peso de seu passado glorioso. O “Leão do Bonfim”, fundado pelos ingleses da Saint John d’El Rey Mining Company, em 1908, que assumiram a Mina de Morro Velho em 1834, chegou a conquistar o Tri Campeonato Mineiro, na década de 1930. Atualmente disputa a Quarta Divisão do Campeonato Brasileiro e amarga infundáveis problemas financeiros.

O América já foi o segundo clube de todo mundo e, antes disso, o primeiro de muita gente. Numa época em que os clubes de futebol realmente representavam o bairro onde tinham sua sede, a maioria dos tijucanos torcia por ele. Pela simpatia, pelo carisma e por algumas lendas que fazem do futebol a mais encantadora das mitologias brasileiras.¹⁰

Na capital fluminense, o Flamengo, Clube tido como o mais popular do Brasil, não foge à regra e deve sua origem à união de pessoas com interesses comuns, com fortes vínculos aos seus lugares de origem. Fundado em 1895 como um Clube dedicado ao remo e aos esportes náuticos (Clube de Regatas do Flamengo), sua popularidade em terras cariocas reside nas relações entre o bairro do Flamengo¹¹, o Grupo de Regatas, o futebol do Flamengo e por uma oposição, de início, ao Grupo de Regatas do Botafogo. O remo era o esporte mais praticado na cidade em fins do século XIX e início do XX e não se admira que os primeiros clubes sejam fundados com base em irmandades náuticas. O futebol irá se tornar a atividade principal do Flamengo somente na década de 1910 em diante, com a disputa dos Campeonatos Cariocas, e é preciso ressaltar, novamente, o caráter elitista das práticas desportivas desta época: a popularização do futebol e a aceitação de jogadores negros ou assalariados nas equipes só irá se tornar uma atitude aceitável socialmente a partir de meados dos anos 1930. Tanto o América-RJ, o Botafogo-RJ, o Fluminense-RJ, quanto o Flamengo-RJ, não admitiam a sua presença em seus quadros sociais (que eram, na maioria dos casos, também suas equipes de futebol). Como revelado por Marizabel Kowalski (2003), era comum que a equipe de remo de uma dada agremiação fosse a equipe de futebol de outra e vice-versa, numa relação de fraternidade: a frequência aos bailes organizados pelas agremiações davam-se mutuamente, em suas respectivas sedes sociais. Portanto, não faz sentido acreditar que o Flamengo-RJ tenha aceitado jogadores negros e trabalhadores braçais em suas equipes de futebol, já por volta de 1912, como

Sua relação com a cidade de Nova Lima e uma cultura operária pode ser compreendida no estudo de Daniela Alves da Silva (2007) “Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube”.

¹⁰ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/tombamento-de-sede-livra-america-de-despejo-5497353#ixzz214ThM64C>. Acesso em 19/07/2012.

¹¹¹ O atual Aterro do Flamengo tem importância histórica junto à cidade do Rio de Janeiro como local de lutas travadas entre Estácio de Sá e os Tamoios. Além do mais, era a foz do ribeirão Carioca – palavra de origem Tupi, que indica “a casa do branco ou casa de pedra” e onde, supõe-se, tenha se erguido o primeiro arraial em 1503 (KOWALSKI, 2003).

fazem crer MALCÓN e VIDAL (*apud* KOWALSKI, 2003, p. 141). O mais prudente é supor que o Flamengo-RJ, como seus coirmãos Fluminense-RJ, América-RJ e Botafogo-RJ¹², somente irão aceitar estes jogadores (e apenas como jogadores, nunca como associados) quando o profissionalismo, enfim, prevalecer, na década de 1930, na medida em que ficou explícita a estupidez de tal proibição.

A verdade é que a grande maioria dos clubes de futebol, sejam eles amadores ou profissionais, tem suas origens fundamentadas em relações explícitas de pertencimento e identidade a um lugar específico: a rua, o bairro e a cidade, que se torna, neste contexto, o território a ser defendido¹³. Numa rápida leitura dos atuais hinos dos principais clubes de futebol do Brasil, a menção aos seus lugares de origem e pertencimento é quase uma regra, bem como a necessidade da luta, da vitória e de características que, tomando todos os cuidados possíveis, até poderíamos chamar de *nacionalistas*. Nacionalistas? A presença, nos hinos, de características nacionalistas: há, aqui, um sentido metafórico: a nação/território a que se refere o clube. Há menção, inclusive, às referidas nações, quando se trata de pensar os grandes clubes brasileiros e, particularmente, aqueles que reúnem

¹² Desta forma, concordamos com a literatura a respeito, que dá conta, como dito no primeiro capítulo, que o Vasco da Gama, por sua concepção na colônia portuguesa e segmentos assalariados da cidade do Rio de Janeiro, tem uma origem verdadeiramente popular, mas na década de 1920. Inclusive, conforme atesta o Ofício 261 desta agremiação, dirigida ao presidente da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos – AMEA (que controlava o futebol do Rio de Janeiro) e que contestava a determinação imposta por esta entidade, qual seja, a retirada de seus quadros os jogadores analfabetos e desempregados (na verdade, uma proibição velada contra jogadores negros, em especial, que eram semiprofissionalizados no Vasco): “Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1924. As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de ontem pelos altos poderes da Associação a que V. Exa. tão dignamente preside, colocam o Club de Regatas Vasco da Gama numa tal situação de inferioridade, que absolutamente não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados. [...] Quanto à condição de eliminarmos doze (12) dos nossos jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa. (...) São esses doze jogadores jovens, quase todos brasileiros, no começo de sua carreira e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que eles, com tanta galhardia, cobriram de glórias. Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V.Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA. Queira V.Exa. aceitar os protestos de consideração e estima de quem tem a honra de se subscrever, de V.Exa. At. Vnr. Obrigado (a) Dr. José Augusto Prestes Presidente”. <http://blogdojuca.uol.com.br/2009/04/os-85-anos-da-resposta-historica/>. Acesso em 08/04/2009.

¹³ “Independentemente de como se organiza a sociedade global, sempre há no seu interior tensões entre os grupos que a compõem, sejam eles tribos, linhagens, castas, estratos, classes, corporações. Tensões cujos graus variam de acordo com o fundamento básico das diferenças: familiar (linhagens), étnico (tribos), institucional (estratos, corporações), econômico (classes), mítico (clãs), religioso (seitas, castas), psicológico (orgulho, arrogância, humildade, rancor), geográfico (bairros, cidades, regiões, países, continentes). No mundo do futebol todos esses elementos estão presentes e interagem” (FRANCO JR, 2007, p. 200-201).

imensas multidões de torcedores em seus lugares/territórios: a nação rubro-negra, referente ao Flamengo-RJ; a nação alvinegra, referente ao Atlético-MG, para que pensemos apenas em dois dos maiores clubes do País.

Todo clube de futebol no Brasil apresenta o seu hino e, em alguns casos, durante a história das agremiações, as letras e músicas dos hinos foram se alterando, passando daqueles marciais, da década de 1920, até os populares, ritmados, a partir da década de 1940. Como se sabe, *hino* é uma composição poético-musical de exaltação ou louvor, de entusiasmo elevado e, de início, dedicado aos heróis e deuses, na antiguidade. No caso dos hinos de futebol, é possível detectar quatro componentes específicos, invariavelmente presentes em todos eles: a cena narrativa, a espacialização, feitos heroicos, conquistas ou virtudes e identidade simbólica (CORNELSEN, 2012).

A cena narrativa diz respeito ao modo como a instância lírica se apresenta, ora como um “eu” que evidencia um caráter individual, ora como um “nós” que apela ao coletivo da torcida no sentido de pertencimento, ou mesmo como um “tu”, dirigido ao clube como objeto de devoção e louvor, o que gera um efeito de proximidade e intimidade. Já a espacialização, marcada textualmente, e pensada aqui na junção entre espaço e ação no devir, dimensiona o caráter identitário de um determinado clube em relação ao espaço e pode variar desde o âmbito local, passando pelo estadual e o nacional e, mais raramente, chegando ao internacional [...]. Por fim, a identidade simbólica se constrói nas letras de hinos de futebol através de diversas marcações textuais, seja as cores de determinada agremiação, seja o seu distintivo, bandeira ou mascote, que, juntamente com o hino, formam o conjunto principal dos símbolos de um clube (CORNELSEN, 2012, p. 61).

Em praticamente todos os hinos dos principais clubes brasileiros há a referência explícita ao seu local de origem ou as suas raízes territoriais: menções aos lugares, como: mineiro, Minas, São Paulo, paulista, da cidade, do Brasil, brasileiro. Até mesmo menção ao bairro de origem ou a comunidades fundantes, como Vila Belmiro, Souza, São Cristóvão e união Brasil-Portugal. De fato, não somente o hino das agremiações, mas também as suas cores e seus símbolos remetem a uma identificação ou uma identidade simbólica com valores que podem ter sido construídos ao longo do tempo e que, não necessariamente, foram a causa do surgimento de determinado clube. Desta forma, a vinculação atual a uma agremiação segue sendo forjada pelas histórias contadas de pai

para filho e a valorização de atributos que ganharam força com o passar dos anos em detrimento de outros que perderam a sua força persuasiva. Daí a formação de *comunidades imaginadas* em torno de clubes de futebol ou mesmo dos selecionados nacionais, nas competições organizadas pela FIFA. Em texto para a Folha de São Paulo, em Junho de 2006, Hans Ulrich Gumbrecht¹⁴ afirma que muitas das características — ou estilos de jogo — atribuídas às seleções nacionais de futebol são frutos de construções sociais. Conforme o autor, essas construções tiveram como base, primeiramente, as vitórias e as conquistas para que os estilos de jogo pudessem se propagar e, posteriormente, serem colados a uma ideia que antes não viera à tona:

Em 1930, a imprensa de Montevideú celebrava com verdadeira magnanimidade a vitória do escrete uruguaio contra a Argentina, na primeira final mundial, como prova da maturidade alcançada pelas civilizações sul-americanas. Naturalmente, os jornalistas esportivos da Itália de Mussolini viam os triunfos obtidos pela "squadra azzurra" em 1934 e 1938 como provas cabais da superioridade do fascismo. Uma prova antiga e eminente de uma interpretação culturalista provém do antropólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), a cujo livro fundamental "Casa Grande e Senzala" remonta a convicção de que a própria cultura estaria marcada pela dominância de elementos africanos (mais exatamente, na terminologia de Freyre, elementos "mulatos"). Depois de ter sido eliminada nas oitavas-de-final durante as duas primeiras Copas do Mundo, a seleção brasileira conseguiu, na Copa de 1938, na França, vitórias difíceis, mas muito elogiadas, contra a Polônia e contra a seleção vice-campeã da copa anterior, a Tchecoslováquia, vitórias essas que fizeram surgir, no Brasil, as primeiras manifestações coletivas de euforia futebolística. Questionado por um repórter do "Diário de Pernambuco" a respeito de sua reação diante dos jogos ganhos (aos quais se seguiu uma derrota diante da Itália), Freyre respondeu que essas vitórias seriam o prêmio pela coragem de ter enviado para uma Copa do Mundo, pela primeira vez, um escrete não exclusivamente composto de jogadores brancos. "O estilo mulato, afro-brasileiro no football" seria "uma forma de dança dionisíaca", que ele mais tarde denominou "expressão singular de uma formação social democrática" no Brasil.

Afora as questões raciais e étnicas, ainda haveria o que dizer acerca das relações entre futebol — estilo de jogo, sobretudo — e cultura. A propósito, antes de pensar as

¹⁴ Teórico da literatura e professor no departamento de literatura comparada da Universidade Stanford (EUA). <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0406200607.htm>. Acesso em 30/09/2013.

relações, penso ser cuidadoso considerar a redundância: o futebol é, no âmbito da sociedade brasileira, algo interior à própria cultura; mas, dito de outra forma, o futebol é uma das manifestações da cultura brasileira. O estilo de jogo que, sobretudo, se manifesta no selecionado nacional tem sido difundido no mundo como algo bastante típico da cultura brasileira ou, genericamente, algo pertencente ao *modo de ser brasileiro*. Ginga, balanço, ritmo, musicalidade, descontração, alegria: tudo isso visto como predicados ou virtudes que, emanados da cultura, fazem as particularidades do futebol brasileiro. O drible, por exemplo, que incorpora a ginga, seria um contraponto ao futebol-força próprio das culturas europeias: foi o que sempre se disse. O futebol brasileiro, pentacampeão mundial, sempre se vangloriou disso e, além de tudo, contou com a exaltação estrangeira. Não é sem razão que, na lista dos melhores jogadores de futebol do mundo, há um predomínio imenso de atletas brasileiros. Quem não ouviu falar de Garrincha? Em muitas circunstâncias, mesmo jamais tendo visto o jogo de Garrincha, todos sabem como foi: pois imaginam como foi. Domingos da Guia, Leônidas da Silva, jogadores de um passado mais distante que, em momento algum, foram esquecidos pelos próprios brasileiros. Leônidas da Silva, o diamante negro — que, de apelido de jogador, passou a ser nome de chocolate —, o inventor da acrobacia que no futebol tem o nome de bicicleta: jamais ganhou o prêmio da FIFA de melhor do mundo, pois isso não existia. O futebol brasileiro sempre foi visto pelos próprios brasileiros, tanto quanto foi visto pelos europeus, como rico em talentos. Entretanto, é aqui o nosso ponto de reflexão. Nem sempre os grandes times foram sustentados pelos talentos individuais. O que prevalece é, em geral, exatamente o contrário. Assim, quando pensamos nas derrotadas seleções de 1954 (Hungria), 1974 (Holanda), 1982 (Brasil), pensamos nos grandes times que formaram e, depois, imediatamente, nos grandes jogadores que faziam o jogo em conjunto. A mais exemplar de todas essas seleções é a de 1974 (Holanda), no que diz respeito ao futebol coletivo: apelidada de laranja mecânica ou carrossel holandês. Os grandes talentos dessa seleção, entretanto, não tinham o *estilo Garrincha*. Jogavam todos em equipe e, inclusive, o seu melhor jogador — e mais famoso — jogava para o conjunto e, conseqüentemente, a equipe fazia com que o seu brilhantismo e talento surgissem com todo o brilho: Hendrik Johannes Crujff. Não era um malabarista. Não era um Maradona ou um Ronaldinho Gaúcho. Era uma *inteligência tática* com imensa capacidade técnica. Os jogadores

brasileiros não são assim, em geral. São individualistas e, quando saem para a Europa, contratados pelos grandes clubes, muitas vezes são criticados pelo seu jogo que nega o conjunto, o coletivo e a própria ideia de equipe. Talvez, aqui, esteja mesmo o ponto em que a cultura do individualismo — cada vez mais presente na sociedade brasileira e cada vez mais ressaltada pela competitividade inerente às emergentes sociedades de mercado — se expresse no estilo de jogo representado pelo futebol brasileiro.¹⁵

O futebol pode ser compreendido como existindo na esteira do ritual e do mitológico, na medida em que o primeiro se repete constantemente (a partida), permitindo o reforço do segundo (a eficiência de uma defesa, a raça de um time, o erro do juiz). “Futebol é rito e mitologia de flexibilidade incomparável no mundo industrial. É fresta de liberdade em sociedades crescentemente regulamentadas” (FRANCO JR, 2007, p. 213). As democracias ao redor do mundo, nas sociedades industriais, trouxeram benefícios a setores — ou classes, dependendo de sua escolha metodológica — antes excluídos das decisões. Em contrapartida, provocou a perda de identidades coletivas fundamentais em tempos passados e que o futebol parece resgatar. No estudo de Hilário Franco Júnior (2007), ele propõe a existência de clãs no futebol:

Clã é um grupo que acredita descender de um ancestral comum, mais mítico que histórico, contudo, vivo na memória coletiva. Ainda que todo clube de futebol tenha origem concreta e mais ou menos bem documentada, com o tempo ela tende a ganhar ares de lenda, que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os fatos históricos. É nessa lenda, enriquecida por feitos esportivos igualmente transformados em lenda, que todos os membros do clã orgulhosamente se reconhecem. [...] O clã tem base territorial, mas quando precisa mudar de espaço (jogar em outro estádio) não se descaracteriza. Em qualquer lugar, os membros do clã se reconhecem, dizia o grande sociólogo e antropólogo Marcel Mauss, pelo nome, brasão e totem. (FRANCO JR, 2007, p. 214-215)¹⁶

¹⁵ Conforme também diversos depoimentos — inclusive de estrangeiros presentes no Brasil, como Daniel Passarella, Lottar Mattaus, Fabio Cannavaro e diversos jornalistas desportivos — seria uma dificuldade encontrar, na seleção alemã vitoriosa, um jogador que pudesse ser escolhido como o melhor da competição. A seleção alemã era uma equipe: um conjunto solidário; nem tão brilhante, mas que trabalhou suficientemente em conjunto. Cf. Sportv, 13/07/2014.

¹⁶ Nome, brasão e totem: para o autor, o nome do clã (clube) identifica os indivíduos e seu comportamento. Podem revelar um sentimento de pertencimento a um continente (casos dos “Américas”), a uma região (como Bahia, Lazio), a uma cidade (Barcelona, Parma), a um bairro (Benfica, Boca Juniors), atividade profissional (Arsenal, Ferroviária) e origem nacional (Celta de Vigo, Palestra Itália). Podem ainda sugerir preferência política (Real Madrid, Real Valladolid), reproduzir nome de clubes famosos (Arsenal de Sarandi, Santos de

Da mesma maneira, arrisco dizer que com a identidade dos clubes ocorre algo semelhante, haja vista que agremiações, que, de início, eram aristocráticas e de elite, e que, hoje, são consideradas como símbolos de popularidade e integração social. No Brasil, grande parte das principais agremiações é centenária ou se aproximando disso, o que nos leva a perceber que elas sobreviveram a diversos acontecimentos históricos que mudaram a história do Brasil e do mundo: duas Guerras Mundiais, a crise de 1929, a Guerra Fria, a emancipação feminina, a Ditadura Militar, a redemocratização do País, o racismo, as inovações tecnológicas — como o rádio, a TV e a internet — a globalização do capital, enfim, todo um sortilégio de fatos que também mudaram e moldaram a face e o interior dos clubes brasileiros. Evidentemente que cada um, a seu modo, em seu tempo e em seu lugar, assimilaram um século de mudanças nas relações sociais e políticas e não causa surpresa que alguns dos valores que nortearam a sua fundação tenham se perdido ou metamorfoseado ao longo do tempo. As razões históricas para isso residem na participação — direta, indireta ou involuntária — das agremiações e seu corpo diretivo em momentos importantes da construção do Brasil e como, a seu modo, os clubes lidaram com isso. Times como Palestra Itália de São Paulo e o Palestra Itália de Belo Horizonte, foram obrigados a mudar de nome e de cores (tornando-se, respectivamente, Palmeiras-SP e Cruzeiro-MG), em função da proibição, por parte de Getúlio Vargas, na década de 1940, de quaisquer símbolos que remetessem à Itália de Mussolini, como é amplamente conhecido. Mais do que simplesmente mudar para continuar existindo, as transformações também podem ser consideradas como uma alteração de identidade: nestes exemplos, a perda do caráter *italiano* em prol do abrasileiramento (ainda que nos dias de hoje há, por parte destas equipes, um pretense resgate de suas raízes europeias) pôde significar a

Rio Branco), exaltar uma camada etária (Argentino Juniors, Juventude), destino superior (Vitória, Osasuna [que em basco quer dizer força, vigor]), dado toponímico (Serrano, Beira Mar), dado antroponímico (Bolívar, Colo-Colo), personagens míticos (Ajax, Atalanta) e mesmo a junção de elemento topo e antroponímico, caso da Sampdoria (abreviação do bairro genovês Sampierdarena com um almirante local do século XVI, Andrea Doria). No caso do brasão ou escudo dos times, na Europa eles continham elementos heráldicos da Idade Média, como os Leões, Castelos, Torreões, Cruzes, Dragões, Flores de Lis. Por fim, os animais-totens associados aos clubes de futebol variam de Galos, Cães, Porcos, Gambás, Leões até seres mitológicos como Dragões, Grifos e Unicórnios (FRANCO JR, 2007).

perda de uma base de identificação, de um lugar comum da comunidade, para uma outra identidade, construída ano a ano, após a diminuição ou fim das animosidades.

Desta maneira, as mudanças pelas quais passaram a sociedade brasileira ao longo do século XX também irão afetar a forma como os clubes passaram a se enxergar e a ver o mundo, na medida em que o futebol torna-se mais um produto, mais uma mercadoria à disposição do capital. Torna-se claro, portanto, que o futebol profissional atual, tratado como o grande *negócio* que se tornou, tende a massificar e obscurecer as relações de pertencimento desenvolvidas por determinada agremiação, na medida em que transforma o *clube do lugar* em um *clube regional*, nacional ou internacional.¹⁷ A mercadoria, pois, a ser vendida, a do espetáculo, precisa ser aceita globalmente e tende a se desfazer de características particulares que podem atrapalhar esse desenvolvimento mundial. Os super/clubes, tão bem representados pelo Real Madrid, Barcelona, Manchester United, Bayern München, Milan, Juventus e Arsenal, tem inserção mundial, ou caso prefira, um mercado global. Estes super/clubes tornaram-se tão globalizados como o futebol em si e é em torno deles que giram as contratações mais espetaculares e caras dos principais jogadores do planeta. Também são eles que conseguem as maiores cotas de patrocínio da televisão e de empresas interessadas em divulgar sua marca associada à imagem absurdamente vencedora destas equipes¹⁸. Ao mesmo tempo, porém, as estratégias de marketing não podem abrir mão de uma base, de uma história própria (ainda que artificializada para realçar as características que interessam globalmente), para vender

¹⁷ Ainda deve ser considerado e enfatizado, aqui, que, mesmo com todo esse processo, o centro a partir do qual se irradia toda a potência do referido clã (clube) é o seu lugar/território. É onde está a sua força, o seu lugar/território de mando. Isso vale, entretanto, para todos os clubes: dos pequenos aos super/clubes.

¹⁸ Para um melhor entendimento do que afirmamos, basta dizer que o argentino Lionel Messi (três vezes seguidas vencedor do prêmio de Melhor Jogador do Mundo, pela FIFA), o português Cristiano Ronaldo (o segundo melhor jogador do mundo), o espanhol Pepe Guardiola (considerado o melhor e mais caro treinador do mundo e que foi jogador do Barcelona na década de 1990) atuam em quatro destes times. Por último, é importante ressaltar que a maior competição europeia, a Champions League, há quase trinta anos, desde a temporada de 1984-1985 teve pelo menos uma dessas agremiações em suas semifinais. Com exceção da temporada de 2003-04, desde 1991 pelo menos uma dessas equipes chegou à final. E nas últimas vinte e nove edições, nada menos do que dezoito delas foram vencidas por uma das equipes citadas. As outras equipes vencedoras, neste intervalo, foram: Steaua Bucareste, Porto (2), PSV, Estrela Vermelha, Olympique de Marseille, Ajax, Liverpool, Borussia Dortmund, Internazionale e Chelsea (estes três últimos também poderiam ser considerados superclubes, ainda que numa escala inferior aos outros mencionados). Na história das cinquenta e sete edições, os clubes de apenas quatro países, Espanha, Itália, Alemanha e Inglaterra conquistaram quarenta e quatro edições ou 77% delas. Real Madrid, Milan, Bayern München e Barcelona conquistaram, sozinhos, vinte e cinco edições.

bem os times. É necessário manter e forjar valores importantes para as atividades esportivas e as equipes são *convidadas* a participar de jogos beneficentes em seus países de origem ou fora deles, seus super/craques visitam hospitais e creches, posam e emprestam suas imagens para campanhas sociais contra o câncer, contra o uso de drogas e toda sorte de atividades paralelas ao futebol que possam render simpatias ou angariar torcedores e fãs ao redor do mundo.¹⁹

Toda essa atividade comercial, a comercialização dos direitos de transmissão das partidas, os espaços nas camisas destinados aos patrocinadores, a utilização de determinada marca de material esportivo, a venda de um sem número de mercadorias com as cores dos times (flâmulas, bandeiras, roupas de bebê, canetas, camisas, bolas, tênis e ingressos para os jogos) tornou o futebol um negócio altamente lucrativo e globalizado. Os jogadores, vindos de todas as partes do globo tornaram-se as novas mercadorias de exportação de países pobres e em desenvolvimento. Resta, ao torcedor, a esperança de ver o craque nascido e criado dentro do seu clube disputando uma ou duas partidas em sua terra natal, ou sendo convocado pela seleção do seu país; ou, quando muito, depois de passar longas temporadas atuando no futebol europeu ele retorne para o “encerramento” de sua carreira no seu clube, quando sua capacidade como atleta já estará bastante reduzida.²⁰

Existem casos, no Brasil, de clubes que são criados (ou transformados) em meras fábricas de jogadores: disputam as competições apenas para que os empresários e principais investidores, lancem novos garotos-jogadores no mercado. É uma situação bastante comum nas categorias inferiores do futebol — como os juniores e juvenis — e até mesmo as competições são criadas meramente com o objetivo de revelar jogadores para as

¹⁹ Não há, de nossa parte, nenhum pudor ou desconforto com a atividade comercial dos clubes e muito menos desconhecemos os benefícios sociais advindos das campanhas. Entretanto, nos interessa, apenas, perceber como essas campanhas e atividades são bem escolhidas e exploradas inteligentemente pelo serviço de marketing do clube e de seus atletas, com vistas a transformar e/ou consolidar a imagem de determinada agremiação no cenário mundial, facilitando a exportação e fixação de diversos produtos com a marca do time.

²⁰ Talvez aqui encontremos pistas para um fenômeno relativamente recente em países como o Brasil: o pouco envolvimento do torcedor com a seleção de seu país, em comparação com outros momentos da história. Com raras exceções, a maioria dos jogadores da seleção destes dois países atua na Europa ou em outras praças mais rentáveis, e saíram do país bem cedo, com 18, 20 anos e não tiveram tempo de solidificar uma relação de empatia e pertencimento com a torcida. Além do mais, o futebol comercial parece ignorar as relações locais dos Clubes em prol de relações forjadas em escala global, como já dito, através dos super/clubes. Em outra instância de explicação há o fato de que as pessoas que mais se interessem pelos jogos entre seleções são aquelas que se intitulam “sem clube” nas pesquisas sobre torcidas de futebol (FRANCO JR, 2007, p. 205).

grandes equipes e enriquecer seus empresários²¹. Na maior competição do gênero no País, a Copa São Paulo de Futebol Júnior, foi disputada em 2013 por 100 equipes e grande parte delas pertencentes a empresários do setor. Mesmo nas chamadas equipes tradicionais, não pertencentes a um empresário, a maioria de seus meninos-jogadores são *assessorados* por um procurador. É bastante esclarecedor perceber que o sonho da grande maioria destes garotos seja atuar em um super/clube da Europa e os clubes brasileiros sejam vistos apenas como uma ponte para o objetivo maior: não há enraizamento do jogador, não há relação de identificação com a torcida ou com o clube e todos são tratados como *profissionais*. Em outras palavras, ser *profissional* é cumprir com os termos do contrato e nada mais. Ser *profissional* é defender a camisa do clube que pague o maior salário, mesmo que isso signifique atuar exatamente no time rival, na temporada seguinte. Longe de isso ser uma condenação, haja vista que o atleta do futebol tem uma vida produtiva extremamente curta. Caso o jogador seja cuidadoso, preocupado em levar uma vida de atleta também fora do campo, digamos que pode atuar em alto nível dos 18 aos 33 anos, dado o grau de exigência física e emocional a que é submetido ano após ano. O fato é que o jogador é apenas mais uma peça necessária para manter girando o negócio: por desgaste natural ou por contusões, os jogadores são rapidamente substituídos por outros. Assim, tanto o clube quanto todos os envolvidos no *negócio futebol* necessitam tirar o máximo proveito do atleta, no menor espaço possível de tempo. São várias as adversidades enfrentadas: partidas disputadas ao meio dia local para atender o fuso horário do patrocinador; ou às 22 horas, no caso brasileiro, para atender a programação da TV; jogos em intervalos de 48 horas (seleção e partidas oficiais de seus clubes de origem); excesso de competições ao longo do ano (o Atlético Mineiro disputou, em 2013, pela ordem e às

²¹ Clubes pertencentes a empresários e que não tem identificação com um lugar, já que podem se mudar de uma cidade a outra, em acordo com interesses empresariais e que dificilmente conseguem angariar as simpatias locais, ainda que, em algum momento, possam ter sido fundados em estreita relação com seus lugares de origem. Podemos citar o Ipatinga Futebol Clube, que no ano de 2013 se mudou para a Região Metropolitana de Belo Horizonte e passou a se chamar Betim Futebol Clube. O Grêmio Prudente, da cidade de Presidente Prudente, que se mudou para Barueri e assumiu este nome. O Ituiutaba, da cidade de mesmo nome, que se mudou para Varginha e adotou o nome de Boa Esporte Clube, todos de futebol profissional no Brasil. Há ainda a experiência do Grupo Pão de Açúcar, do empresário e são paulino Abílio Diniz, com o Audax Futebol Clube, que galgou todas as divisões intermediárias até atingir a Série A do Campeonato Carioca, possibilitando o retorno do investimento com publicidade gratuita e venda de jogadores. O Audax foi vendido para o mesmo grupo que administra o Grêmio Barueri. Na categoria júnior os exemplos são incontáveis e não vale a pena listá-los.

vezes simultaneamente: Campeonato Mineiro, Copa Libertadores da América, Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, Mundial Interclubes). Não é de se admirar que o atleta também perca o sentido de pertencimento em nome de uma estabilidade financeira e diante da carreira relativamente curta — comparada com outras atividades profissionais — já prevista por todos.

Por outro lado, há ainda os territórios de resistência: algumas torcidas, em especial, e alguns clubes, em particular, levam muito a sério a sua própria história e mostram-se verdadeiramente refratários a mercantilização acentuada do futebol. Diante disso, procuram não abrir mão de seus mais caros valores, ainda que paguem um valor bastante alto por isso. Uma raridade.

CLUBES, LUGARES E TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA

Um dos casos mais emblemáticos da relação de um clube com um lugar, transformando-o em representação do território de resistência que de fato é: o Atlético — como é conhecido no Brasil — ou o Athletic de Bilbao e o País Basco, na Espanha: jogando a mais de oitenta anos na primeira divisão espanhola (fato igualado somente pelos super/clubes Real Madrid e Barcelona) tem por prática inegociável a aceitação somente de jogadores de origem basca ou provenientes dessa região. O último jogador *de fora, estrangeiro*, deixou o Clube em 1912!

Deliberadamente ou não, o Atlético de Bilbao é mais do que apenas um clube de futebol. O Atlético é o maior denominador comum dos bascos e praticamente uma religião para muitos dos 2 milhões de habitantes daquela região. Os seus torcedores se referem ao Estádio de San Mamés, construído em 1913, como sua "catedral", e qualquer cidadão que se preze tem ingressos para toda a temporada. O clube conta com 34 mil sócios e qualquer um [que] quiser se associar precisa aguardar por muito tempo em uma longa lista de espera. [...] Os padrões do Atlético não são apenas uma questão de orgulho nacional para o povo basco. Eles também derivam da determinação quase obstinada da maioria dos moradores de Bilbao em ajudar a preservar o que consideram ser a magia do futebol. Parte da magia significa ter um estádio no centro de Bilbao, jogadores da região e o mínimo de comercialização possível. O Atlético foi o último

clube na primeira divisão da Espanha a permitir placas de publicidade no seu estádio. Os jogadores do Atlético ainda vestem uniformes sem patrocinadores e a equipe permanece resolutamente contrária em abrir seu capital, uma posição que compartilha com apenas três outras equipes da primeira divisão.²²

No Athletic de Bilbao se misturam as paixões, o nacionalismo basco, a louvação do passado e, principalmente, resistência aos *novos* valores da globalização do negócio futebol. Numa terra onde as pessoas não se consideram espanholas e, de uma maneira ou de outra, lutam pela independência do país basco, é importante perceber o quanto são refratários à massificação e espetacularização do futebol. O sentimento do povo basco pelo seu lugar é tão forte que se misturou ao amor pelo Clube de Bilbao e a população emprestou ao time, às suas cores, às suas batalhas e ao seu estádio, toda a sua devoção; e torcer pelo Athletic é como torcer para Bilbao. É como se cada pedaço de Bilbao fosse representado por cada pedaço de grama do San Mamés (demolido em 2012) e cada jogador do Athletic fosse um soldado basco em sua luta pela independência e, mais do que isso, para a afirmação e honra de todo um povo, toda uma nação. “Futebol, mais do que gols, títulos e lances bonitos, é memória, é sentimento de pertencimento.”²³ Porém, mesmo este time tão arraigado na vida de seus torcedores tem sofrido com a atual fase do futebol profissional: é difícil competir com os altíssimos recursos dos super/clubes europeus; e a transmissão das partidas da Champions League (transformada na grande competição europeia) internaliza os gigantes europeus até mesmo na região basca. O Clube já perdeu diversos jogadores para outras agremiações mais famosas, como o Manchester United e Bayern München. Portanto, se o Athletic não conseguir formar boas equipes para, ao menos, participar da maior competição europeia, é quase certo que estes sentimentos nacionalistas associados ao futebol permaneçam apenas nos torcedores mais velhos. Os mais jovens, sabidamente, são mais permeáveis às mudanças e em um mundo prenhe de novas tecnologias digitais de comunicação de massa e entretenimento, os

²² Disponível em: <http://wap.noticias.uol.com.br/midiaglobal/derspiegel/2008/04/12/como-um-time-de-futebol-basco-esta-resistindo-a-globalizacao.htm>. Acesso em 12/04/2008.

²³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/eurozona/platb/2013/06/05/athletic-bilbao-iribar-e-a-tradicao-no-futebol/>. Acesso em 06/06/2013.

sentimentos de pertencimento e formação de territórios de resistência parecem fraquejar²⁴. Mas mesmo os super/clubes enfrentam problemas de identificação local, na medida em que os seus proprietários não precisam, necessariamente, manter os vínculos que historicamente uniram os clubes aos seus lugares e aos torcedores. Numa matéria do *Le Monde Diplomatique*, em 2007, Michel Platini, um dos maiores jogadores da história do futebol francês e mundial, à época, presidente da União Europeia de Futebol — UEFA — assim se referia a esta questão:

É a minha filosofia proteger a identidade dos clubes e dos países. Um jogo entre Manchester United e Liverpool deveria ser entre jogadores de Manchester e Liverpool, entre jogadores dessas regiões. No Arsenal, hoje vocês não têm um treinador inglês, nem jogadores ingleses, e, talvez, o clube nem tenha um presidente inglês daqui a bem pouco tempo.²⁵

Ao fazermos uma analogia, comparando os times aos países, seus torcedores como seus cidadãos e os seus lugares de origem como seu território, poderíamos chegar bem próximo da ideia de *nação*, tão cultivada pelos torcedores de futebol. É bastante comum os torcedores se proclamarem como pertencentes à nação atleticana, à nação rubro-negra, à nação corintiana.

Una nación es, por lo tanto, un territorio que no es compartido con otros (los no-nacionales) y en principio no está formado por fuerzas externas. El imaginario territorial es poderoso porque combina la pertenencia geográfica con narrativas complejas sobre hazañas humanas, caracteres extraordinarios y héroes históricos (ARCHETTI, 2008, p. 259-260).

²⁴ Alguns jogos de vídeo game mais famosos e difundidos no mundo todo são o FIFA Soccer e o Win Eleven, para o Play Station e PC: neste jogo, é possível atuar como manager e disputar todas as competições mais importantes do planeta, com os maiores times e com seus astros. É notável o grau de realismo do jogo, inclusive com narrações das partidas e de detalhes mínimos da aparência dos atletas mais badalados. Entretanto, nem todos os clubes do mundo estão presentes, mas, apenas, aqueles mais famosos e com as maiores estrelas: além disso, os times não têm a mesma “força”. Para que os jogos se assemelhem à realidade, os times mais fortes são exatamente os super/clubes europeus. Então, associe à transmissão das partidas das grandes competições, com os grandes clubes; a exposição dos maiores astros do futebol em infindáveis campanhas publicitárias; e a presença destes mesmos personagens até mesmo em jogos de vídeo game vendidos em qualquer parte do mundo e teremos uma ideia de quão difícil será para o Athletic de Bilbao manter a sua identidade. Aliás, para qualquer clube do planeta.

²⁵ Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2008-03,a2291>. Acesso em 08/03/2008.

Uma nação se constrói tecendo seu território, e produz socialmente seu próprio espaço na medida em que cria e fortifica laços, inicialmente, de família e sua vinculação com seus lugares de origem. No caso do futebol, temos muito claro o acontecimento desta mesma relação e, por vezes, uma vinculação ao clube confunde-se com sentimentos nacionalistas. No livro de Andy Dougan (2004) “Futebol e Guerra”, observa-se o relato do que o autor chamou de “resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas”. Por volta de 1942, um time formado por ex-jogadores do Dínamo e do Lokomotiv, que na época trabalhavam numa padaria de Kiev, impõe diversas derrotas aos times das forças armadas alemãs, em partidas aparentemente sem importância, mas que se transformaram em exemplos de coragem e determinação de um povo em defesa de sua pátria, de seu território, ainda que temporariamente ocupado. Como os Clubes existentes na Ucrânia foram fechados e as competições interrompidas pela guerra, os nazistas julgaram que partidas de futebol aos domingos serviriam para distrair a população e tornar mais fácil o processo de ocupação da capital. Deste modo, o time da padaria, batizado de Start vai incorporar todo o sentimento ucraniano de amor ao lugar, na medida em que o time vai vencendo suas partidas; em especial aquelas disputadas contra selecionados das forças alemãs, a tal ponto que uma das partidas assume um caráter épico, em especial por ela representar o último esforço nazista na cidade para subjugar o time ucraniano e, com ele, emerge vigorosamente o sentimento nacionalista da população. Às vésperas do jogo definitivo:

O vestiário do Start funcionava como qualquer outro. Ao se aproximar a hora do início do jogo os visitantes foram resolutamente conduzidos para fora, enquanto os jogadores foram deixados sós para decidir a sua sorte. Antes das partidas, um vestiário de futebol se transforma numa entidade curiosa, com uma vida e uma dinâmica próprias. É o lugar onde os atletas se recolhem do mundo exterior. É talvez o único lugar onde eles podem fechar a porta e ficar completamente à vontade. Não há segredos no vestiário, cada um depende dos outros. Se há algum descontente na equipe, os outros conseguem detectá-lo no vestiário. Se há dois jogadores que não se dão bem, isto fica imediatamente aparente. E não importa quão fortemente as opiniões são defendidas no vestiário: uma vez que a decisão é tomada, ela vale para todos. Os times de futebol são dirigidos na base da responsabilidade coletiva (DOUGAN, 2004, p. 143).

Os jogadores do Start foram submetidos a diversas imposições e ordens dos nazistas e uma delas era gritar “Heil Hitler” para os oficiais presentes à partida. Naquele momento, em que estava em jogo mais do que a sobrevivência deles, mas todo um sentimento de identidade com os torcedores e de resistência à ocupação alemã, essa ordem, evidentemente, não foi cumprida. Além disso, venceram as duas partidas contra o Flakelf (um combinado do exército e da Luftwaffe, reunindo os melhores jogadores alemães disponíveis na região), inclusive a revanche, organizada pelas tropas de ocupação e que deveria servir para esmagar o orgulho ucraniano e manter a população sob controle. Essa partida, que insuflou o nacionalismo em Kiev, foi vencida pelo Start por 5 x 3 e um dos jogadores ucranianos ainda protagonizou uma cena inimaginável para uma cidade ocupada pelo inimigo, num estádio apinhado de soldados armados e que tinha como árbitro um oficial da SS:

Ele se esquivou de toda a defesa alemã, inclusive do goleiro. Depois correu para a linha do gol, mas em vez de chutar a bola para lá, parou-a na linha. Então, correu para dentro do gol, virou-se, chutou a bola para o centro do campo e colocou-a novamente em jogo (DOUGAN, 2004, p. 153).



Esta partida, que entraria para a história como o Jogo da Morte (*Match Smerti*), teve desdobramentos ainda mais sombrios: a chamada Padaria Número Três (local de trabalho e reunião dos jogadores do Start) foi ocupada pela Gestapo poucos dias depois e seus jogadores torturados e levados a campos de

concentração. Oito deles foram executados alguns meses depois pela SS (AGOSTINO, 2002).

Por seu turno, a região da Catalunha é o lar de um dos atuais super/clubes, o Barcelona, fundado em 1899 por um suíço chamado Joan Gamper e expatriados ingleses.

Mas, longe do que possa parecer atualmente, a história do Barcelona poderia tê-lo transformado em algo parecido com o já citado Athletic de Bilbao, pelo caráter de resistência e apego de um povo por seu lugar, mimetizado no amor ao Clube. Apesar de dividir com o Real Madrid o posto de maior Clube da Espanha e um dos maiores do mundo, o Barcelona adota um estilo peculiar na sua administração: é o único Clube do mundo que não inseria, até 2010, anúncios de patrocinadores em sua camisa, mesmo sabendo que os valores pagos a diversos times europeus são fabulosos. O seu slogan “*Mas que um club*” costuma provocar a ira de torcedores rivais, dentro e fora da Espanha, mas para o seu torcedor indica *apenas* superioridade. Para Franklin Foer (2005), o sentimento dos torcedores do Barcelona por seu Clube redefine o conceito de nacionalismo, tão usado pelos mentores da *globalização* como a causa de diversos males da modernidade²⁶. Para ele (bem como para pensadores como John Stuart Mills, Alexis de Tocqueville e Isaiah Berlin) os seres humanos anseiam por se identificarem com um grupo, instintivamente, e isso é inevitável e imemorial. Se a família ou a tribo já não exercem posições centrais na modernidade, a nação (ou o citado clã) se tornaria, pois, o único veículo para este impulso. Segundo Franklin Foer (2005), o *espírito* do torcedor barcelonista ama o seu Clube e considera-se superior a todos os outros, mas nem por isso deseja aniquilá-los ou trancar-se a quaisquer estímulos exteriores.

Em parte de sua história, a Catalunha e o Football Club Barcelona se confundem e se fundem, sendo muito difícil separá-los: a partir do século XIX, esta região foi sendo dominada politicamente por Madrid, a despeito de seu poderio econômico. Até mesmo a língua catalã era desestimulada em favor do castelhano e a cultura espanhola era-lhes imposta. Na década de 1930, a ditadura do General Franco impôs a região uma perseguição implacável e o time do Barcelona era considerado subversivo demais: o seu nome, as suas cores e o seu escudo (com a bandeira catalã) remetiam a identidades e relações com o lugar que se chocavam com as ideias de Madrid. A sua sede foi bombardeada, seu nome alterado para Club de Football Barcelona (tradução do seu nome para o castelhano), seu presidente executado e imposto um outro, Capitão da “Divisão Antimarxista” do exército de Franco. Curiosamente, apesar de tudo isso, ao que parece,

²⁶ “Tot el camp/ és un clam/ som la gent blau grana/ (...) una bandera ens agermana./ (...) Barça, Barça, Barça!/ Jugadors, seguidors,/ tots units fem força”. Trechos do Hino do Barcelona.

este ditador importava-se muito pouco com o fato dos torcedores do Barcelona utilizarem-se de seu estádio — Camp Nou — para entoar cânticos catalães e insultar aquele regime durante as partidas: não seria difícil, para o *Generalíssimo*, esmagar tanto o Clube quanto seus admiradores. Mas o seu objetivo parecia bastante evidente: não impedir que os catalães canalizassem suas energias políticas num *passatempo inofensivo* era melhor do que uma resistência armada e táticas de guerrilha pelas ruas.

Se o Barça possibilitava à Catalunha desabafar, esse arranjo acabou se revelando conveniente para todos os envolvidos. Franco nunca enfrentou uma oposição séria por parte dos catalães. Diferentemente dos bascos, a outra minoria lingüística perseguida pelo regime franquista, os catalães nunca se juntaram às frentes de libertação, nem seqüestraram presidentes de bancos de Madri, nem detonaram bombas em estações de ônibus. E os torcedores do Barça, apesar de todo o barulho no Camp Nou, jamais se opuseram seriamente aos apologistas de Franco que dirigiam o Clube (FOER, 2005, p. 179)²⁷.

Para além dos exemplos particulares, os clubes e seus lugares podem ser vistos como territórios que resistem a muita coisa, até mesmo a si próprios. Explico: de fato, no futebol profissional atual dificilmente encontramos algo que remeta aos ideais de fundação da maioria das agremiações. Pelo contrário, os ideais fundadores — senso de comunidade, vinculação ao lugar, solidariedade, benefícios da prática esportiva e, em especial, sentimento de pertencimento, uma característica própria que diferenciaria um clube de outro — foram substituídos, sorrateira e ao que parece, definitivamente, por uma homogeneidade burra, um sentido de *profissionalismo* como sinônimo de negócio, uma substituição do torcedor pelo cliente, pelo consumidor. Processo entendido como inexorável por muitos, os clubes de futebol perderam muito de sua mítica existência

²⁷ Em relação às identidades vinculadas à seleção brasileira, ressaltam-se os trabalhos de Simoni Lahud Guedes, em especial o intitulado “Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil”, de 2009. Nele, a autora analisa o fato de diversos jogadores brasileiros que atuam no exterior mostrarem-se invariavelmente cobrados para não se esquecerem de seus locais de nascimento, de suas origens. Como exemplo, o fato do jogador Cafu, capitão da seleção do Brasil na conquista da Copa do Mundo de 2002, ter escrito em sua camisa, enquanto erguia o troféu para as fotos que rodaram o mundo, a frase “100% Jardim Irene”. “[...] esta imagem permite desvelar alguns dos principais paradoxos sobre a identidade nacional brasileira que se veiculam através do futebol na virada do século. Ao conectar o topo do mundo com o seu local de origem, a inscrição nos lembra que, de modo algum, a mundialização, a transnacionalização e a internacionalização, fenômenos que se realizam em proporções incomensuráveis no futebol moderno, obscurecem o local e o específico. Ao contrário, pode ocorrer, como neste caso, uma iluminação do local, revalorizado e reinventado no topo do mundo” (GUEDES, 2009, p. 48).

imaginada: não se fala mais do time de operários, ou do orgulho daquele que primeiro aceitou negros e pobres em seus quadros, ou ainda do time que lutou contra um governo reacionário ou daquele que nunca desistiu de lutar. O que se fala hoje, por parte de seus torcedores-clientes é quantos títulos foram conquistados, quanto de dinheiro se arrecadou em um ano, qual o clube mais rico, qual time é mais conhecido internacionalmente. As cores, os hinos e os símbolos são diferentes, mas podemos dizer que todos os clubes profissionais são melancolicamente semelhantes em suas aspirações, ações e demandas: até mesmo o torcedor, razão maior para a existência da agremiação, parece não ver nenhuma outra razão para torcer por seu time que não seja a posse de mais e mais taças. Mais e mais competições são criadas com vistas a atender a necessidade de realização do capital e os atletas são submetidos às condições desfavoráveis no exercício da atividade, atuando em um sem número de jogos ao longo do ano, aumentando o seu desgaste físico e mental, favorecendo as lesões e o baixo rendimento. As competições vão se sobrepondo e torna-se necessário reescrever a história de cada uma delas, valorizando ou desmerecendo esta ou aquela competição em favor de outra e sempre obedecendo o caráter impositivo das necessidades da TV, principalmente no caso brasileiro. As competições de caráter local ou regional são imediatamente descartadas, chamadas por alguns dirigentes parvos, os *papas* da nova ordem mundial do futebol, de *rurais*. As competições nacionais ou internacionais, com a presença de times do centro do futebol do Brasil são sempre as mais valorizadas e os mesmos dirigentes não percebem a sua condição de submissão a uma ordem que tende a se esgotar em futuro próximo. Por sua vez, as competições estaduais — tão valorizadas pelos grandes clubes até poucas décadas atrás — foram esvaziadas.²⁸ Tudo necessita ser repensado de modo a estabelecer calendários que viabilizem todas as competições.

Mas como um clube pode resistir a si mesmo? Talvez, apenas para uma pequena minoria de torcedores mais velhos, os valores antigos ainda sejam importantes. Na Inglaterra, onde há muito tempo milionários de diversas nacionalidades, com fortunas

²⁸ O esvaziamento das competições estaduais tem diversos motivos. Um deles está relacionado ao pequeno poder de competitividade dos clubes de cidades pequenas e médias. Tais clubes, em geral, dada a disparidade de valores pagos aos clubes das capitais, tornam as competições muito fracas e, em geral, pouco motivadoras. Entretanto, o patrocínio do Campeonato Mineiro, por exemplo, não fica distante do patrocínio da maior competição continental.

oriundas de negócios nem sempre lícitos, existem movimentos de resistência, por parte de alguns torcedores, à mercantilização absoluta do futebol e de suas equipes²⁹. Torcedores do Manchester United, inconformados com a tomada do Clube pelo milionário norte americano Malcolm Glazer, tentaram em vão boicotar o próprio time, invadindo as lojas do Clube entoando cânticos e não renovando a compra de seus ingressos. Todavia, o *Man U*, como já dito, é um super/clube, globalizado e tem milhões de simpatizantes na China, no Japão e na Coreia, capazes de sustentá-lo financeiramente, ou seja, é uma multinacional do entretenimento esportivo. A alternativa aos torcedores foi fundar um novo Clube, o *FC United of Manchester* e os rebeldes começaram tudo novamente, a partir da décima divisão do Campeonato Inglês. Há ainda os fanzines, revistas criadas por torcedores dos clubes em que, de maneira bem humorada e com linguagem às vezes chula, reclamam e dão vazão à sua paixão e ao seu inconformismo com os rumos mercantis tomados por suas agremiações.

Essa paixão, expressa de uma forma mais organizada e politizada do que no Brasil, faz da Inglaterra o verdadeiro país do futebol. Não somente por ter sido onde ele nasceu e se transformou em esporte, mas porque as raízes históricas fazem com que a cultura do futebol seja mais profunda, e esteja fortemente ligada à construção de identidades locais, regionais, de classe e até religiosas. É possível, todavia, que a excessiva comercialização esteja colocando em risco a continuidade da tradição. Uma pesquisa realizada pela própria primeira divisão, no ano passado, revelou que a idade média do público dos seus jogos é de 43 anos. Hoje, menos de um em cada dez tem menos de 24 anos. Os torcedores jovens assistem aos jogos nos pubs ou veem os melhores momentos pela internet. O envelhecimento dos torcedores foi, de certa forma, uma política consciente dos novos donos do futebol. Os frequentadores mais velhos têm maior poder de consumo e causam menos problemas do que os bandos de jovens que formavam os *hooligans*. Estes não deixaram de existir, apenas passaram a frequentar os jogos das divisões inferiores, nas

²⁹ Vale ressaltar que no Reino Unido é prática comum vender o nome dos estádios, antes territórios sagrados dos Clubes e de seus torcedores, para os patrocinadores: atualmente temos o Emirates Stadium (Arsenal), o Reebok Stadium (Bolton Wanderers) e o Ricoh Arena (Coventry City), dentre outros. No Brasil, os novos estádios construídos para a Copa do Mundo de 2014 tem o codinome de “Arenas Multiuso” e, a despeito de manterem seus nomes originais, não tem praticamente mais nada que remeta à antiga construção, com exceção da fachada, tombada pelo IPHAN (casos do Mineirão e do Maracanã que tiveram a sua estrutura e toda a área de entorno totalmente modificadas e descaracterizadas).

quais a vigilância é menor e ainda é possível arranjar uma briga. E cujos ingressos têm preços menos proibitivos³⁰.

No Brasil, percebo que algo semelhante se desenvolve. Além da já citada desproporcional idolatria aos títulos, há uma enorme transformação em curso, na medida em que o torcedor comum, pobre é expulso dos estádios em razão do preço inacessível dos ingressos. O torcedor, agora cliente, é visto como consumidor em potencial e a sua paixão pelo clube um negócio altamente lucrativo. Os estádios dão lugar às Arenas Multiuso, com shoppings e restaurantes panorâmicos. A antiga *geral* (lugar mais barato nos antigos estádios) não existe mais e em nome da segurança e do direito do patrocinador de expor sua marca, as bandeiras, faixas e coreografias dos torcedores (como a conhecida *avalanche*, tomada emprestada pela torcida do Grêmio aos *barra bravas* argentinos) foram proibidas. Em nome do conforto, as arquibancadas deram lugar às cadeiras numeradas, onde cada torcedor deve, civilizadamente, procurar se sentar naquele número impresso em seu ingresso. A capacidade dos estádios diminuiu drasticamente. O Maracanã, que abrigava públicos muito superiores a 130 mil pessoas nas décadas de 1970 e 1980 teve sua capacidade reduzida para menos de 80 mil torcedores. O Mineirão, de públicos superiores a 100 mil, agora oferece menos de 65 mil lugares — apesar das rendas obtidas com a venda de ingressos atinja números absurdamente elevados³¹. Uma claríssima política de higienização dos estádios, onde menos é mais: afasta-se o torcedor e atrai o consumidor³².

³⁰ Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-15/carta-da-inglaterra/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma>. Acesso em 09/02/2013.

³¹ A final da Copa Libertadores da América de 2013, disputada entre Atlético x Olímpia do Paraguai obteve, até então, a maior renda da história do futebol brasileiro: mais de 14 milhões de reais para um público de cerca de 60 mil torcedores.

³² Frequento estádios desde 1986 e fiquei particularmente comovido com uma cena que presenciei minutos antes da partida entre Atlético x Vasco, no estádio Independência, pelo Campeonato Brasileiro de 2013. Um senhor deixou sua esposa e filho próximos a uma das bilheterias e deu a volta no estádio, até outro guichê, na esperança de encontrar um ingresso de meia entrada para seu filho ou, pelo menos, conseguir três bilhetes dos mais baratos. Depois de tentar em vão, pegou seu filho aos prantos no colo (que estava vestido dos pés à cabeça com o uniforme do Atlético) e retornou para casa, já que não reunia condições financeiras de arcar com o custo das entradas (os ingressos mais baratos disponíveis, naquele momento, eram de sessenta reais cada). Para a partida entre Atlético x Flamengo, no mesmo estádio dias depois, a diretoria do Clube mineiro resolveu baratear os ingressos, como forma de “premiar a torcida” e possibilitar que um público normalmente afastado do campo comparecesse. Alguns jornalistas atleticanos, como Fred Melo Paiva, autor de diversos livros sobre o Clube, promoveram a campanha “Ingresso a Preço de Banana”, como forma de pressionar o time a baixar os valores das entradas. Contudo, em diversas entrevistas, o Presidente do Clube, Sr. Alexandre Kalil é

A longo prazo, cremos, ao afastar o torcedor comum dos estádios, o futebol corre o risco de elitizar-se a tal ponto de perder suas características mais essenciais de pertencimento e identidade. Os clubes e as competições se sucederiam de maneira asséptica e o fato de torcer para este ou aquele time se baseará, cada vez mais, em lógicas baseadas simplesmente nas características mais superficiais de qualquer agremiação: seus títulos e sua capacidade de atrair os melhores jogadores. Como máquina do entretenimento que se tornou o clube, a fidelidade de seus torcedores, no limite, poderia ser muito frágil e fundamentada na capacidade de proporcionar o prazer imediato e efêmero da vitória: talvez, poderão passar a torcer por outro clube, como se muda de roupa; e, cada vez mais, a cultura do vencedor se sobreporá aos mitos fundadores e glórias do passado (que não necessariamente são feitas apenas de vitórias, mas também de retumbantes fracassos e é exatamente esta semelhança com a vida de cada um que, a nosso ver, ajuda a explicar a dimensão do futebol na vida das pessoas³³). Com o advento das novas tecnologias, principalmente nas diversas plataformas existentes de comunicação e pretensas *produções de conteúdo* (*tablets, smartphones, blogs, redes sociais*), a mídia impressa, o rádio e a TV têm perdido espaço como difusores de notícias, modos de vida e uma certa cultura do futebol. Se nos primórdios das narrações dos jogos pelo rádio tivemos a formação dos centros e margens na cultura do futebol brasileiro (processo consolidado pela televisão até os dias atuais), atualmente a performance dos super/clubes e das competições internacionais tende a formatar um novo centro. Este centro estaria sendo construído em torno das cidades dos grandes clubes europeus, inviabilizando, cada vez mais, as margens do futebol mundial, dentre elas o Brasil.

categórico em afirmar que o futebol é um *negócio* muito caro e que a torcida precisa pagar a conta, caso deseje times vencedores. O programa de relacionamento entre o Atlético e seus torcedores, chamado de Galo na Veia, tem duas categorias: Black e Prata. Na primeira, que dá direito a assistir todos os jogos do Clube como mandante, em quaisquer competições, tinha um custo mensal de R\$ 300,00 em 2013, o que dá uma boa perspectiva da questão.

³³ É bastante elucidativo o depoimento do cineasta João Moreira Salles a respeito dos motivos pelos quais torce pelo Botafogo: “O Botafogo é certamente uma das coisas mais importantes da minha vida. Decidi ser botafoguense aos vinte anos. É um time muito peculiar, porque não é como o Flamengo — essa coisa exuberante, vitoriosa, unânime. O Botafogo tem pouquíssimos torcedores, todos melancólicos, meio desalentados, uma gente que vai para ver o time perder, não para vê-lo ganhar. É um time que nunca dá muito certo, está sempre na contramão. É a minha cara. Não tem nada mais igual a mim que o Botafogo”. VEJA, 08/03/2000, p. 29.

Caminhamos, talvez, para o aniquilamento da maioria dos clubes e de suas competições nacionais em favor de uma ou duas agremiações maiores, em cada país, que disputariam as rentáveis e glamourosas competições internacionais, transmitidas em tempo real, lance a lance, para todas as partes do planeta, em todas as plataformas tecnológicas possíveis: mais do que nunca os jogadores e os times se confundirão com a realidade virtual dos jogos de futebol dos vídeo games, onde é possível escolher, imediatamente, este ou aquele time para jogar/torcer e esquece-se dele instantaneamente após a partida.

Por outro lado talvez ressurgissem com força as ligas locais, o futebol de várzea, disputados por torcedores-jogadores: resta evidente que o futebol enquanto prática não irá desfalecer, ainda que o cenário acima se confirme. O futebol é em si mesmo uma dimensão de nossa condição social, bem como o esporte em geral, bastando para isso percorrer as cidades: até mesmo nas grandes metrópoles, onde os campos de várzea praticamente desapareceram, dado o seu crescimento vertiginoso e da especulação imobiliária, as quadras para a prática do futebol *society*, das peladas, se multiplicam. Mesmo os campeonatos de várzea ainda existirão e talvez agora muito mais próximos do cidadão pela presença dos clubes que outrora eram profissionais.³⁴

³⁴ Em Belo Horizonte é disputada a Copa Itatiaia e a Copa Integração de Futebol Amador, que agregam times dos mais variados bairros da cidade, em jogos noturnos nos campos que ainda resistem. Muitas vezes até mesmo estas competições contam com patrocínios, como a emissora de rádio que dá nome a uma delas e a Cemig, que iluminou os campos para as disputas das partidas. Esses jogos atraem pequenas multidões a esses campos e reúnem grupos de torcedores rivais (atleticanos e cruzeirenses, por exemplo) em torno de times essencialmente locais, com identidades vinculadas ao lugar de origem de todos, na rua, no bairro.

RIVALIDADES NOS LUGARES E TERRITÓRIOS

As rivalidades no futebol, como dito, podem ter diversos nuances e formas: as tensões entre grupos, dentro da sociedade moderna, também são canalizadas para o futebol. Curiosamente, essas rivalidades podem, ao longo do tempo, afrouxarem-se, recrudescerem ou novas podem ser criadas. As rivalidades tornam-se

mais fortes na medida em que os clubes em questão estejam muito próximos, na mesma cidade, por exemplo. Mais ainda se apenas duas agremiações monopolizam as atenções — como é o caso de Curitiba, Porto Alegre, Salvador ou Belo Horizonte, onde dois times duelam pela preferência dos torcedores e competem, tanto por títulos quanto por certa hegemonia.



“A menos que o prolongado enfraquecimento de um deles desloque a inimizade principal para outra cidade ou região” (FRANCO JR, 2007, p. 204) o antagonismo nestas cidades tende a ser mais agudo.

De outra maneira, há também rivalidades que transcendem os limites do futebol, havendo casos, inclusive, de rivalidades criadas fora dele e recrudescidas depois através desse esporte: podemos citar, apenas como exemplos, a rivalidade entre Argentina e Uruguai; Argentina e Inglaterra; Argentina e Brasil; Brasil e Uruguai; Brasil e Paraguai; Peru e Chile; Equador e Bolívia e, em menor grau, talvez, Brasil e Portugal; Espanha e seleções da América Latina de língua espanhola. Na Europa, é possível citar, sobretudo, Inglaterra e Alemanha, mas, também, outras: Espanha e Portugal; Inglaterra e Escócia; Inglaterra e França; Suécia e Finlândia e as rivalidades existentes entre as antigas

metrópoles e suas ex-colônias, com destaque para o continente africano. Todas estas rivalidades foram causadas por diversos motivos que vão desde disputas territoriais até a guerra, em algum momento histórico destas nações. Com o passar do tempo, em alguma medida, as animosidades foram deslocadas para o futebol e inventadas as rivalidades esportivas; isto sem falar nas guerras no esporte olímpico, travadas principalmente na época da Guerra Fria, entre diversas potências, com destaque para EUA x URSS, mas também muito presentes nas disputas entre norte-americanos e cubanos ou quaisquer outros países de governança dita comunista. Também haveremos de nos lembrar da Alemanha nazista e os meios absurdamente fraudulentos com que os atletas alemães conseguiram vitórias expressivas na Olimpíada de Berlim, em 1936 (a despeito de suas derrotas serem mais lembradas enquanto feitos históricos, principalmente de atletas negros estadunidenses), de tal sorte que as vitórias sobre a Alemanha fossem mais comemoradas e aplaudidas.

Em se tratando apenas do futebol, ficou marcado na memória de todos os argentinos a “Mão de Deus” de Maradona, um gol irregular feito com a mão, na final da Copa do Mundo de 1986, contra a Alemanha. Mas, creio, a vitória mais comemorada pelos argentinos foi contra a Inglaterra, ainda em 1986, quando o mesmo Maradona arrancou do meio de campo, driblando metade do time inglês e fazendo um dos mais belos gols da história das Copas do Mundo (foi mais comemorada em função das cicatrizes ainda doloridas causadas pela Guerra das Malvinas e a vitória da seleção de futebol foi como a vitória da Argentina na guerra). Em alguns casos, rivalidades históricas dentro de um país podem ser suprimidas em favor de uma rivalidade maior, como é o caso da união de torcedores do Glasgow Rangers e Glasgow Celtics na torcida pela seleção escocesa contra a inglesa (FRANCO JR, 2007).

No futebol brasileiro, com o advento das torcidas organizadas, algumas rivalidades e solidariedades foram criadas entre elas sem uma participação mais relevante de um passado histórico de duas agremiações rivais. É assim, pois, que torcidas organizadas como a Galoucura, do Atlético-MG, forjaram amizades com torcidas semelhantes, como a Força Jovem, do Vasco da Gama; Inferno Alviverde do Coritiba; Mancha Verde, do Palmeiras; e Independente, do Grêmio. Em contrapartida, a Máfia Azul, do Cruzeiro-MG, tem as mesmas relações de solidariedade com as torcidas rivais

àquelas em aliança com a Galoucura: Jovem Fla, do Flamengo-RJ; Fanáticos, do Atlético-PR; Independente, do São Paulo; Fico, do Internacional-RS³⁵. Por outro lado, há casos de times e torcidas que arregimentam animosidades quase unânimes, muito mais do que as alianças solidárias citadas. Talvez pela força comercial destas equipes, aliadas a uma imensa torcida e bons resultados nos torneios disputados, essas animosidades se cristalizam e tornam tal ou qual clube “o mais odiado”. Neste grupo acrescentamos o Corinthians-SP e a sua maior torcida organizada, a Gaviões da Fiel, que parece não tecer redes de solidariedade com outras torcidas de grandes clubes do Brasil. O Flamengo-RJ, mais do que qualquer torcida sua, também poderia ser agrupado aqui e o fato é que estes dois times possuem exatamente as duas maiores torcidas do futebol brasileiro, em quaisquer pesquisas realizadas. É curioso perceber que o Flamengo-RJ (que sustenta rótulos como o “Mais querido do Brasil”), detentor do maior número de torcedores, também é *acusado* de ter a maior torcida contra do País, verso e reverso do mesmo fenômeno.

Mas o que nos interessa aqui é o fato das rivalidades no Brasil terem sido construídas em contextos regionais, basicamente entre Rio de Janeiro x São Paulo e entre Rio/SP x restante do País. Desde os primórdios do futebol brasileiro, conforme já tratado nesta pesquisa, as rivalidades mais contundentes foram forjadas entre as cidades de Rio de Janeiro e de São Paulo e constantemente alimentadas pela imprensa local. Isto ainda perdura até os dias de hoje, mas ela foi marcante e notável até meados da década de 1970, quando as convocações para a Seleção Brasileira eram motivos de disputas e acentuada rivalidade entre cariocas e paulistas. Como a sede do poder político e econômico do futebol brasileiro encontra-se no Rio de Janeiro (a antiga Confederação Brasileira de

³⁵ Existem conflitos internos às próprias torcidas organizadas de um mesmo clube. Em 2013, por exemplo, diversos torcedores da Máfia Azul e Pavilhão Independente, ambas simpáticas ao Cruzeiro-MG, se enfrentaram inúmeras vezes, por razões que nos é desconhecida. Na maioria dos casos, as rivalidades descambam para a violência e, ao que parece, estes torcedores *professionais* torcem para si mesmos, pouco importando, por exemplo, o jogo a qual *assistem*. A violência no futebol tem sido alvo de diversas pesquisas e não há, obviamente, consenso acerca de suas causas. Em meados de 1976 até 1986, o futebol inglês sofreu com a atuação dos chamados *hooligans*, que levavam terror onde quer que seus times jogavam, dentro e fora do país. No Brasil, a imprensa e as autoridades mostram-se inaptas para lidar com a questão, revelando muitas vezes a sua ignorância a respeito do tema, apontando soluções pontuais e abobalhadas, movidas, em muitos casos, por episódios marcantes de violência generalizada ocorridos nas partidas de futebol, sem, contudo, aprofundarem o debate, preferindo, por vezes, pregar a pecha de “marginais infiltrados entre as pessoas de bem”. Uma ligeira olhada no que tem sido produzido sobre a violência nos estádios brasileiros já ajudaria parte da imprensa e autoridades, policiais e políticas, a uma compreensão melhor desta psicopatia social.

Desportos e posteriormente Confederação Brasileira de Futebol), qualquer descontentamento por parte de São Paulo gera motivos para se criticar esta localização; e vez ou outra se sugere que a CBF deveria se mudar para Brasília, teoricamente neutra (como se isso fosse possível). Em 1961, a Federação Paulista de Futebol — FPF — através de Paulo Machado (Coordenador da Seleção Brasileira) impôs o treinador do São Paulo F. C., Aymoré Moreira, a João Havelange, presidente da CBD: “A escolha não agradou a Havelange, que preferia, claro, um treinador de algum clube carioca” (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 214). Esta disputa política era tão intensa, e tocava em tantas questões, que as convocações para a Seleção Brasileira tinham (ainda tem?) como base as equipes do Rio e de São Paulo, não importando se haveria ou não melhores jogadores em condições de defender o Brasil, atuando em outros estados. Presidentes dos Clubes destas cidades ligavam para a CBD e não só exigiam que seus jogadores fossem convocados como também deveriam ser os titulares³⁶.

Dos quatro zagueiros escolhidos para a Copa [de 1962] — Mauro, Bellini, Jurandir e Zózimo — apenas o último jogava fora de São Paulo, no Bangu. Ninguém aceitou, sobretudo a imprensa gaúcha, quando Airton, ídolo do Grêmio e um dos melhores do país, acabou cortado para dar lugar a um zagueiro de qualidade infinitamente inferior como Jurandir. Para os dirigentes do Grêmio a escolha era política e não técnica — Jurandir acabara de ser contratado pelo São Paulo (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 219).

O centro do futebol brasileiro, em seu território de atuação, invisibilizava o restante do País, na medida em que o transformava em periferias do futebol nacional. A não ser entre a imprensa local, presente nas periferias, não havia considerações a respeito da condução dos rumos do futebol nacional pela dita grande imprensa de Rio e de São

³⁶ Este tipo de convocação é quase tão antiga quanto a introdução do futebol no Brasil. Em 1914, um combinado de jogadores da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) e da Liga Metropolitana de Sports Atléticos do Rio de Janeiro fez o que é considerada a primeira partida de uma *seleção brasileira*, contra o Exeter City, da Inglaterra. O que poderíamos chamar da primeira disputa oficial da *Seleção Brasileira*, no mesmo ano de 1914, na disputa da Copa Roca, na Argentina, contava com os seguintes jogadores: Marcos (Fluminense-RJ), Píndaro (Flamengo-RJ), Nery (Flamengo-RJ), Lagreca (São Bento-RJ), Mário Pernambuco (Fluminense-RJ), Rubens Salles (Paulistano-SP), Oswaldo Gomes (Fluminense-RJ), Bartolomeu (Fluminense-RJ), Millon (Paulistano-SP), Friedenreich (Ipiranga-SP) e Arnaldo (Paulistano-SP) (SANTOS NETO, 2002, p.102-103). É bom lembrar que em 1914 já eram disputados os campeonatos estaduais de Minas Gerais (Taça Bueno Brandão), da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, não havendo nenhuma justificativa plausível (a não ser, talvez, pura má vontade e arrogância) para a não convocação de atletas de outros estados.

Paulo (apenas discussões dentro do escopo da citada rivalidade). Os jornais, o rádio e posteriormente a TV, que atingiam todo o território brasileiro, simplesmente não enxergavam nada além do futebol do centro e é pouco provável que tivessem algum interesse pelos demais clubes. Desta maneira, foi se construindo e fortalecendo, também, uma rivalidade entre Rio/SP e o restante do País, ou, em nossos termos, uma rivalidade entre o centro e as suas margens. Principalmente após a criação de torneios interestaduais regulares, com a participação dos clubes ao invés das seleções estaduais, forjou-se uma rivalidade regional entre os clubes exteriores ao centro e os clubes de Rio/São Paulo, em algumas vezes, até mesmo sobrepostas às rivalidades locais. O ex-jogador de futebol do Atlético-MG, Murilo, em uma gravação de 1969, aproximadamente, assim se referia à rivalidade do futebol mineiro com os chamados times de *fora*:

O título de vingador surgiu para o time do Atlético Mineiro em consequência da visita de clubes paulistas e cariocas e também clubes de fora e que ganhavam sempre de América e Cruzeiro e nas partidas com o Atlético, o Atlético então, incentivado pela massa, lavava a alma, por assim dizer, do futebol mineiro³⁷.

Outro ex-jogador, este do Coritiba-PR, o goleiro Rafael, que foi campeão brasileiro em 1985, contra o Bangu-RJ, também teve algo a dizer em favor de uma rivalidade regional ante o centro do futebol no Brasil:

O Bangu jogava com o Brasil de Pelotas no Maracanã, ganhando por 3 a 1. Nós empatamos com jogadores de nível de Seleção Brasileira. Eles contavam que o Coritiba seria uma presa fácil dentro do Maracanã. Não era só a torcida do Bangu, mas do Rio de Janeiro contra o Coxa. Torcedores nossos eram somente 10 mil, mas tinha mais de 2 milhões e meio em Curitiba torcendo pra gente. Eu acho que o estado todo naquela noite torceu pra nós, porque era o Paraná contra o Rio³⁸.

A sensação de que as margens são invisibilizadas por parte da imprensa do centro e alimenta a rivalidade pode ser conferida na eufórica retórica do Presidente do Atlético-

³⁷ Transcrição de fala do ex-jogador de futebol, Murilo. LP “Galo: Canto de amor mais alto”, BEMOL. Ano provável: 1969/1970.

³⁸ Disponível em: <http://ftt-futeboldetodosostempos.blogspot.com/2011/05/o-craque-disse-e-eu-anotei-rafael.html>. Acesso em 19/12/2011.

MG, quando da maior contratação da história do Clube, em 2012, do jogador Ronaldinho Gaúcho:

Eu queria dizer que Ronaldo veio para mostrar quem está errado. Eu não faço juízo de ninguém. Eu não sei quem estava errado, mas tenho certeza que ele é o único que pode provar quem faz bagunça e quem é o bagunceiro. Tenho muita esperança. Tudo que eu digo aqui, disse a ele. É um garoto, podia ser meu filho. Como atleticano, estou muito feliz de trazer um jogador desse quilate. Então, como presidente, estou orgulhoso e rezo, peço a Deus para que tudo dê certo. Nós estamos no mapa, Minas Gerais está no mapa. Queremos avisar para o Brasil inteiro que, atrás das montanhas, tem um clube organizado, competente³⁹.

Outra dimensão importante dentro desta ideia de rivalidades entre o lugar e o de *fora* se materializa quando observamos a força da exposição dos times de Rio e de São Paulo nas regiões norte e nordeste do País, onde os clubes, em sua maioria, estão ainda longe do profissionalismo alcançado pelos clubes do Sudeste. A presença de sujeitos que se dizem adeptos do Flamengo-RJ e do Corinthians-SP, em especial⁴⁰ nas grandes cidades do Norte e Nordeste, evidencia a força que o rádio e a TV tiveram na formação de massas de simpatizantes de clubes que tem suas histórias e as suas vidas localizadas em lugares muito distantes do cotidiano desses torcedores. Apesar da presença de diversos clubes tradicionais, centenários até, nestes estados, os times de Rio e de São Paulo apresentam uma força de atração singular para grande parte da população que se envolve com o futebol. Obviamente que, ao tratarmos da questão, nesta escala, generalizamos grosseiramente este processo, sendo necessárias algumas ponderações.

Poderíamos dividir os estados do Norte e Nordeste em dois grandes grupos. No primeiro grupo, há a presença mais forte de clubes tradicionais que embaçam a presença do time *estrangeiro*, de fora. O segundo grupo é caracterizado pela pequena importância do futebol local para resistir ao processo de nacionalização dos clubes cariocas e paulistas. No primeiro caso, poderíamos colocar os estados da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Pará, com seus respectivos times tradicionalmente mais fortes e conhecidos

³⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2012/06/presidente-do-galodiz-que-ronaldinho-tem-grande-oportunidade.html>. Acesso em 04/06/2012.

⁴⁰ Mas, também, de outras agremiações como o São Paulo-SP, Santos-SP e Vasco-RJ.

Brasil afora: Bahia-BA e Vitória-BA; Sport-PE, Náutico-PE e Santa Cruz-PE⁴¹; ABC-RN e América-RN; Ceará-CE e Fortaleza-CE; Remo-PA, Paissandu-PA e Tuna Luso-PA. No segundo grupo, poderíamos enquadrar todos os outros estados que, mesmo tendo campeonatos locais regulares e times profissionais, não tem representatividade política e econômica no cenário esportivo brasileiro. Há, inclusive, diversos times com as mesmas cores e nomes dos grandes clubes do sudeste. Não causa surpresa que o campeão de homônimos seja o Flamengo, que tem nada menos do que três xarás conhecidos no Nordeste: Flamengo do Piauí, da Bahia e de Pernambuco, além de outro no sul de Minas, o Flamengo de Varginha. Além disso, foi a inspiração para a criação do Vitória da Bahia e do Sport do Recife (ambos rubro negros), conforme atestam informações presentes nos sites desses Clubes. Mas o futebol de Rio e de São Paulo apresenta mais influências no nordeste do País: Botafogo-BA; Vasco-AC; Fluminense de Feira de Santana (que, apesar de estar na Bahia, apresenta-se como a periferia da periferia). Temos ainda o Santos-AP; Corinthians, em Alagoas e Rio Grande do Norte⁴².

É importante notar que os torcedores dos times do primeiro grupo, em geral, não se consideram torcedores dos times do centro, a despeito de unirem-se contra um rival local, no caso de um jogo entre um time do Rio/SP contra um time do lugar que não o de sua preferência. Todavia, ainda assim os ingressos para estes jogos são bastante concorridos, principalmente no que se refere ao fato da população ver em campo os *astros* do futebol brasileiro que, invariavelmente, atuam no sudeste e sul do País: muitos,

⁴¹ Em Pernambuco há a antítese do clube de futebol vencedor: o Íbis Futebol Clube, que tem como tradição exatamente o fato de se considerar um time perdedor, sob a alcunha de “Pior Time do Mundo”. Em 2013, disputou a segunda divisão do Campeonato Pernambucano e virou *cult* entre os torcedores de futebol, no Brasil inteiro. Em um determinado ano, o Clube perdeu todas as partidas que disputou e o artilheiro do time, o indefectível cabeleireiro Márcio Xampu, obteve a façanha de marcar o único gol do time na temporada. Este é um caso absolutamente singular, pois não se trata de uma piada inventada, já que o clube disputa competições profissionais e tem funcionado como o segundo clube no coração dos torcedores: no atual mundo da competição globalizada, é extremamente curioso que exista um time de futebol profissional que preza o fato de ser o *Campeão da Derrota* e é exatamente aí que reside todo o seu charme e carisma: ele não vence ninguém, e, portanto, é fácil para os torcedores de outros times gostarem dele. Além disso, também é um fenômeno comercial, já que, de acordo com alguns vendedores de lojas de artigos esportivos do Recife, quando da minha visita a esta capital, a camisa do Íbis chega a vender — principalmente para turistas estrangeiros — mais do que as camisas dos tradicionalíssimos clubes: Sport, Náutico e Santa Cruz.

⁴² O nordeste do País é pródigo na presença de clubes que incorporaram nomes de clubes maiores e famosos, do Brasil e fora dele: Em Sergipe temos o clássico Boca Juniors e River Plate; Alagoas é o estado do Dínamo Miguelense e ainda temos a presença do Peñarol, Arsenal e Colo Colo, respectivamente no Amazonas, Ceará e Bahia. O embate Atlético x Cruzeiro também pode ser visto na Paraíba.

inclusive, saídos do próprio norte e nordeste, que funcionam como fornecedores de mão de obra (ou pé de obra, neste contexto do futebol) para o centro, da mesma maneira que o futebol brasileiro continua a exportar seus melhores jogadores para o centro do futebol mundial, neste caso, a Europa.

A situação do segundo grupo é ainda mais radical, já que as rivalidades locais e o futebol do lugar mostram-se incapazes de resistir à força da imagem dos Clubes do centro, fazendo com que haja inúmeros torcedores do Flamengo-RJ, Corinthians-SP, São Paulo-SP, dentre outros, em detrimento dos times locais. A lógica da competição e das conquistas parece ter derrubado uma resistência do lugar ao estrangeirismo, neste contexto, dos times de Rio e de São Paulo: nas grandes competições oficiais do futebol brasileiro, não há a presença destas equipes de menor expressão e, portanto, invisibilizadas para o restante do País, que sequer sabem de sua existência, não tem seus jogos transmitidos pela TV e, em alguns casos, nem mesmo localmente⁴³. Desta maneira, esteja você na cidade do Rio de Janeiro, em Rio Branco no Acre, ou no interior do Piauí, ao ligar a TV para assistir a uma partida de futebol, fatalmente terá que se contentar em assistir uma partida do Flamengo-RJ ou do Corinthians-SP, mesmo que estas partidas não tenham a mesma relativa importância de outros times que estejam atuando no mesmo horário, mas que não sejam do centro. Neste grupo, portanto, boa parte dos torcedores tem dois times: aquele do lugar, mais modesto e menos conhecido, que serve como base sensível para a manutenção das raízes do cidadão e um outro, do centro, quase sempre Flamengo-RJ ou Corinthians-SP, que serve, no limite, como a sua ligação com o restante

⁴³ Exceção feita à chamada Copa do Brasil, que reúne times de praticamente todos os estados brasileiros e chega a contar com mais de 36 clubes em seu início. No regulamento desta competição, alguns times de maior expressão, definidos por critério técnico da CBF, tem sempre a vantagem de jogar a segunda partida em casa e, se vencer a primeira partida por dois ou mais gols de diferença, dispensa o segundo jogo. Na edição de 2013, os times que disputaram a Copa Libertadores somente entraram na competição nas oitavas de final. Neste modelo de competição, as fases iniciais são extremamente deficitárias para os grandes clubes, que enfrentam longas e desgastantes viagens até cidades longínquas do norte do País, para estádios que não apresentam condições mínimas de receber partidas de futebol profissional. Algumas críticas a este formato dão conta que o inchaço desta competição deve-se ao fato da CBF premiar as Federações estaduais que ajudam a eleger o presidente desta entidade, já que estes jogos tornam-se, muitas vezes, o evento esportivo do ano, ajudando, inclusive, nas pretensões políticas de diversos presidentes destas Federações, que se perpetuam no poder (lembrando que um dos mais longevos presidentes de entidades esportivas no mundo, Ricardo Teixeira, esteve à frente da CBF por mais de vinte anos, sempre se reelegendo com os votos das Federações estaduais).

do *mundo*, em especial aquele *mundo* providenciado e mediado pela TV e demais meios de comunicação.

A partir do momento em que as emissoras de TV passaram a operar em rede nacional, a viabilização de programações locais ou regionais vai sendo diminuída ou desestimulada. A alegação sempre foi a dificuldade técnica enfrentada pelas emissoras retransmissoras, que não apresentavam condições, nem mesmo financeiras, de produzir uma programação local durante a maior parte do dia. Ao longo dos anos, isso se cristalizou na programação da TV brasileira, a tal ponto que hoje em dia temos apenas a produção de programas esportivos e jornais, que ocupam uma fração mínima do tempo total da programação diária. Um ou outro programa cultural, *escondidos* em horários pouco atrativos ao público — em especial nos finais de semana — mostram-se como as únicas opções de produções locais (em se tratando da programação da TV aberta, da Rede Globo, Band, Record e SBT).

Ao que parece, esta mesma lógica paulista ou *cariocentrista*, em algum momento passou a ser aplicada nas transmissões das partidas de futebol em rede nacional e isto tornou-se tão comum e rotineiro que praticamente não se questiona mais esta opção. A propalada motivação para tal procedimento (a preponderância nas transmissões de jogos dos Clubes do Rio/São Paulo, em rede nacional, e mais amiúde ainda as partidas de Flamengo-RJ e Corinthians-SP) reside no fato de que estes seriam os maiores Clubes do Brasil. Além disso, apresentam-se, conforme os critérios a definir o que é torcer, contam com o maior número de torcedores e trazem a maior audiência e, em consequência disso, um maior faturamento para a empresa, razão-fim de qualquer emissora comercial. Não há meios para que esta pesquisa possa aferir tais números de audiência, muito menos averiguar as informações prestadas, haja vista que a única fonte disponível é exatamente aquela fornecida pelas próprias emissoras, como também não é o objetivo contestar dados de audiência. O que se pretende discutir, em suma, é que se tais Clubes tem o maior número de torcedores Brasil afora, isto se deu em virtude da transmissão maciça de seus jogos (bem como comentários pós jogos, nos jornais impressos) pelo rádio e TV ao longo de grande parte do século XX. Há uma inversão entre criador e criatura: os clubes do centro não têm o maior número de torcedores desde sempre; nem são os clubes “mais queridos” do Brasil de maneira natural. Esta condição foi criada, construída e cristalizada

ao longo do tempo, e é curioso perceber que ela é utilizada hoje como o argumento principal dos canais de TV na hora de determinar quais partidas serão transmitidas e quais serão os valores a receber por cada agremiação, confundindo o resultado com o processo. Entretanto, ainda há algo importante a ser pensado em uma pergunta que já se repete: quem está no Acre ou em algum lugar da Amazônia, sem jamais ter pisado em solo carioca, nunca ter visto uma partida de futebol, pode ser considerado torcedor do Flamengo-RJ apenas pelo fato de ter, por conveniências ideológicas, respondido à questão: por qual clube você torce no Brasil? Flamengo.

PARTE 4



FUTEBOL BRASILEIRO: UMA LEITURA DAS COMPETIÇÕES

TORNEIOS E TROFÉUS

Ao longo desta pesquisa, discutimos a formação do centro e de suas margens, desde a implantação e consolidação do rádio até a força atual da TV e do negócio bilionário que se tornou o futebol dito profissional. Além disso, expomos nossa interpretação acerca da utilização de algumas categorias geográficas — lugar, espaço e território — como forma de compreensão deste processo cultural: — o futebol. Encaminhamos, também, a importância do futebol — como temática da qual derivariam diversos objetos de pesquisa — para diversas áreas do conhecimento, na medida em que seu estudo propicia uma perspectiva que, se não nova, ao menos singular de nosso modo de vida na sociedade moderna.

É assim, pois, que ao identificarmos as tentativas de integração nacional através do rádio e da televisão, ao longo do século XX, seja por motivos comerciais ou políticos — e, sempre, o mais comum, a união dos dois — percebemos também a busca por uma identidade nacional, de base carioca e paulista, que tinha no futebol um de seus constituintes elementares. A transposição de valores sociais, advindos em especial da sociedade carioca, cosmopolita e efervescente, para praticamente todos os lugares do território brasileiro, fez com que a cidade do Rio de Janeiro ganhasse relevo no inconsciente coletivo da nação. Tal processo se produziu na mesma velocidade em que diversos territórios do Brasil — ressaltando São Paulo, especialmente — isolados uns dos outros, se tornassem relativamente invisíveis e impossibilitados de se mostrarem, cultural e socialmente, como elementos formadores de uma identidade nacional que se constituía.¹ Os processos se davam de forma simultânea: a ampliação da visibilidade de Rio e de São Paulo; o relativo sombreamento de vários espaços do território nacional.

Dentre os valores e traços culturais mais importantes exportados de um lugar para outro, ampliando seu território de domínio (por si só uma redundância, já que a ideia de território se liga ao domínio, à posse), o futebol e, com ele, os clubes, foram bastante

¹ Muito da literatura que trata das desigualdades socioeconômicas no Brasil nos diz que os referidos processos formam um todo articulado, injusto e coerente.

utilizados. Se, de certa forma, podemos dizer que isso já foi devidamente tratado em outras seções desta pesquisa, resta-nos, ainda, uma tarefa: selecionar e discutir diversas competições, ditas *nacionais*, extintas ou não, que ocorreram principalmente a partir de meados dos anos de 1950 no Brasil e que, em nosso entendimento, vem revelando a supremacia do centro que se expressa através de Rio de Janeiro e de São Paulo. Entretanto, tal supremacia — representada pelo número de títulos conquistados, deve ser criticamente avaliada. É bastante evidente que os clubes de Rio e de São Paulo, ao longo da história — e, particularmente, nesse período sob leitura —, sempre tiveram as melhores condições para a estruturação de times quase sempre — mas, nem sempre — mais bem estruturados e mais competitivos. Mas os motivos das inúmeras conquistas não estão exclusivamente ligados às suas melhores condições. Em grande quantidade, muitas delas carregam a imensa desconfiança de muitos e, para muitos outros, elas são a expressão de que algo, estrangeiro ao mundo do futebol, interferiu favoravelmente aos clubes de São Paulo e Rio de Janeiro. Diante de tantas desconfianças — algumas delas ultrapassam a desconfiança —, existem muitos torcedores de futebol que, de forma convicta expressam algumas ideias que se equivalem aos seguintes dizeres: o poder político e econômico, os interesses de patrocinadores, a atuação dos árbitros: tudo isso faz parte de um jogo de futebol. E ainda acrescentam: os clubes fora de Rio de Janeiro e de São Paulo deverão fazer o mesmo jogo e se preparar para isso. É, por um lado, manifestação da descrença e, por outro, a expressão de um desejo que atinge a todos na sociedade brasileira e que está plenamente integrado à cultura em termos amplos, não apenas à cultura do futebol: é preciso vencer, não importa como, não importa o preço.

Para isso, selecionamos as seguintes competições: Torneio Rio/São Paulo — Roberto Gomes Pedrosa / Robertão (1950-1970); Taça Brasil (1959-1968); Campeonato Brasileiro (1971-2013) e Copa do Brasil (1989-2013). Mais do que simplesmente apontar as irregularidades, seja na confecção e diversas alterações posteriores dos regulamentos de cada competição; erros de arbitragem em determinados jogos; esquemas de corrupção amplamente divulgados por toda a imprensa esportiva, envolvendo alguns jogos e às vezes até mesmo uma competição inteira; busca-se: reafirmar as pressões políticas, econômicas e ideológicas pelas quais passou e ainda passa o futebol brasileiro. Em nosso entendimento, historicamente os clubes exteriores ao centro (eixo Rio/São Paulo) são

sistematicamente prejudicados por arranjos corruptos que se dão fora dos gramados. Não se poderá dizer que se trata de uma leitura que manipula. Do mesmo modo, não se poderá dizer que se trata de um entendimento do mundo do futebol que, contaminado ideologicamente pelo seu lugar de fala, já está predisposto a dizer não ao centro. Afinal, o lugar de fala é o lugar de onde vejo o mundo. Belo Horizonte é central, não apenas do ponto de vista territorial, mas, também, do ponto de vista da própria performance vencedora dos seus clubes que conquistaram vários títulos de âmbito nacional e internacional. O propósito da pesquisa — já enfatizado — é construir uma ampla compreensão espacial da cultura do futebol no âmbito do território brasileiro.

As mencionadas manobras — que se tornaram corriqueiras e variadas — nos ajudam a compreender melhor uma obviedade: o futebol — dentro e fora dos gramados —, enquanto uma dimensão explícita de nossa sociedade, ou ainda um espelho dela própria, é facilmente corrompido na mesma medida em que corrompe. Por sua natureza esportiva, de competição, e pela forma como as pessoas se relacionam com ele, com seus clubes e por toda passionalidade e parcialidade envolvidas, dificilmente sairei ileso após realizar esta discussão, como, aliás, todos — raros — que se aventuram por tentar fugir do senso comum e do linguajar folhetinesco presente na maioria dos textos produzidos. Defendendo diversos interesses, às vezes inconfessáveis, não se admite, sob nenhum aspecto ou circunstância, que os clubes do centro do futebol brasileiro são os maiores beneficiados na história das competições e que muitas de suas conquistas (não todas, evidentemente) foram erigidas sobre as ruínas da dignidade e da honestidade, sem um mínimo de decência. A apontar esquemas de corrupção — ainda que amplamente noticiados — que redundaram em benefício deste ou daquele time, em arbitragens tendenciosas, em julgamentos políticos via justiça desportiva, é ser imediatamente rotulado de tolo e parcial. Não se discute a questão, apenas rejeita-a sumariamente, por vezes através de frases pré-fabricadas: “teoria da conspiração”; “juiz erra para todos os lados”; “todos os clubes aceitaram o regulamento no início da competição”; “só reclama porque perdeu” e por aí fora. Não se pretende aqui testar qualquer hipótese e construir, nos moldes convencionais, qualquer tese convencional, até mesmo porque isso fugiria totalmente ao escopo de um trabalho acadêmico, tal como penso o papel de crítica e de leitura da universidade. Projeta-se, no mínimo, o direito de se discutir e afirmar, com

conhecimento de causa, aquilo que nos propomos a fazer e como isso pode nos ajudar a melhor compreensão de nós mesmos e de nosso papel na sociedade moderna.

TAÇA BRASIL: 1959 – 1968

A Taça Brasil: há quem possa afirmar, na atualidade, que se trata do embrião do Campeonato Brasileiro. Isso se dá, sobretudo, após a atitude meramente política e eleitoreira da CBF: a de fazer a equivalência das competições: quem se sagrou campeão da Taça Brasil é, hoje, oficialmente, campeão brasileiro, conforme os critérios adotados recentemente pela CBF. No entanto, vários são os motivos para se discordar da referida equivalência e, do mesmo modo, para questionar a condição de embrião da Taça Brasil.

Antes da Taça Brasil, iniciada em 1959, duas competições interestaduais já haviam sido realizadas. A primeira delas ocorreu em 1920, reunindo apenas 03 clubes que fizeram apenas duas partidas cada: Paulistano-SP, Fluminense-RJ e Brasil-RS. A referida competição foi conquistada pelo já extinto Paulistano, com duas vitórias.

Em 1937, a Federação Brasileira de Futebol organizou, conforme os jornais da época, o Campeonato Brasileiro de Futebol. Foram convidados clubes de todos os cantos do país. No entanto, apenas alguns poucos aceitaram o convite. Participaram dessa competição, após o encerramento da fase preliminar, os campeões de Guanabara-DF, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, em jogos de turno e retorno e por pontos corridos: a primeira competição interestadual nesses moldes. Sagrou-se campeão o Atlético-MG, após as partidas contra a Portuguesa-SP, o Fluminense-GB e o Rio Branco-ES. Há quem afirme que tal competição teria sido o embrião da Taça Brasil, por reunir os campeões estaduais.² Entretanto, é difícil pensar nesses termos, pois a Taça Brasil sempre foi uma competição em formato de Copa, enquanto o Torneio dos Campeões tem o mesmo formato do Campeonato Brasileiro e, sobretudo, após 2003. Contudo, caso tenhamos que pensar um verdadeiro embrião do Campeonato Brasileiro, não poderíamos deixar de pensar no Robertão: anos de 1968, 1969 e 1970. Entretanto, existem motivos essenciais

² KLEIN; AUDININO, 1996, p. 31.

para se pensar como todas as competições de futebol no País na atualidade — e como todas elas são minadas pelas ideologias e pela má fé — têm uma história alicerçada em competições anteriores: um modo de estruturar todo o processo com o propósito de se fabricar, culturalmente, um centro onde tudo de melhor acontece. A Taça Brasil é um grande exemplo disso.

Esta competição teve início em 1959 e tinha objetivos bastante claros: meramente definir o representante brasileiro na competição internacional que a Confederação Sul Americana — Conmebol — iniciaria no ano seguinte: a Taça Libertadores da América. Participariam da Taça Brasil apenas os campeões estaduais, em partidas eliminatórias, sendo uma em casa e outra fora. Caso houvesse um vencedor diferente em cada partida, seria disputada uma partida extra, em campo neutro (em geral, no Maracanã). Nas edições de 1967-1968, as primeiras fases foram realizadas em grupos de três e quatro equipes, com a primeira colocada se classificando para as fases seguintes, eliminatórias. Em todos os anos da disputa, houve uma média de cerca de vinte clubes participantes, em geral 01 equipe por estado, com exceção de São Paulo, que teve dois participantes nas edições 1961-1964-1965-1966, e Minas Gerais, em 1967.

QUADRO 2: CAMPEÕES E VICES DA TAÇA BRASIL – 1959-1968

ANO	CAMPEÃO	VICE
1959	Bahia/BA	Santos/SP
1960	Palmeiras/SP	Fortaleza/CE
1961	Santos/SP	Bahia/BA
1962	Santos/SP	Botafogo/RJ
1963	Santos/SP	Bahia/BA
1964	Santos/SP	Flamengo/RJ
1965	Santos/SP	Vasco/RJ
1966	Cruzeiro/MG	Santos/SP
1967	Palmeiras/SP	Náutico/PE
1968	Botafogo/RJ	Fortaleza/CE

A hegemonia do futebol paulista parece ser evidente, caso nos voltemos apenas para a leitura dos resultados e abandonemos o modo como foram obtidos. No total, o futebol de São Paulo obteve sete dos dez títulos disputados. Entretanto, caso estudemos a competição, o que mais chama a atenção na Taça Brasil era o seu regulamento (ou a ausência dele): os times campeões do Rio de Janeiro e de São Paulo sempre ingressaram na competição em suas fases decisivas. Segundo José Renato S. Santiago Júnior (2006, p. 281):

As equipes consideradas mais fortes sempre tiveram a possibilidade de disputar menos partidas na busca pelo título. Já na primeira edição, em 1959, elas entraram na 2ª fase, casos de Grêmio e Atlético-MG, e nas semifinais, nos casos de Santos e Vasco. Esta regra se repetiu em todos os demais anos, e ainda foi estendida para outras equipes do Norte e Nordeste em suas chaves.

Esta distorção no regulamento possibilitou algumas disparidades acentuadas quando se observa o número de partidas realizadas pelos clubes ao longo dos anos. O Bahia, em 1959, disputou quatorze partidas e o seu rival na final fez apenas cinco: Santos, campeão. O Fortaleza, em 1960, disputou dez jogos enquanto o campeão Palmeiras realizou quatro. Para atingir as semifinais em 1964, o Ceará cumpriu onze jogos ao passo que o Palmeiras jogou apenas duas vezes. Pela primeira vez, aqui, deveremos sublinhar que poderia haver alguma justificativa para o ingresso de clubes mais fortes em fases subsequentes da competição; mas o que se deve questionar, com veemência, é o ingresso de clubes de São Paulo e de Rio de Janeiro em fases já decisivas: entravam apenas para decidir. Evidentemente que a definição do time *mais forte* era feita pela Confederação Brasileira de Desportos — CBD — e, principalmente no caso do Santos, este menor número de partidas devia-se também ao fato das inúmeras excursões do time praiano ao exterior, para a disputa de amistosos internacionais: era o *efeito Pelé*, ajudando no faturamento do seu clube e no peso político junto à CBD, já que era óbvio o interesse da entidade em manter um bom relacionamento com o time do principal jogador da Seleção Brasileira. Mas essas são justificativas ou explicações que não convencem, pois são exteriores à própria competição e, sobretudo, favorecedoras do clube de Santos. Mesmo

com um regulamento claramente desfavorável, as equipes exteriores ao eixo Rio/São Paulo chegaram a seis finais, mas obtendo apenas dois títulos de campeão.

Entretanto, não será apenas esta grande diferença de número jogos a única assimetria que explicita o favorecimento. Uma avaliação mais detalhada de cada edição poderá nos fornecer uma compreensão melhor do que se diz.

Em 1959, a competição apresenta duas chaves a partir das quais se inserem os clubes. As referidas chaves são marcadas, explicitamente, pelo seu caráter espacial: (1) chave Norte/Nordeste; (2) chave Centro/Sul. Todas as inserções estão perfeitamente compatíveis com a localização dos clubes e há uma sequência de três etapas ou de fases, desembocando nas semifinais e nas finais. Na primeira fase, na chave Norte/Nordeste: Tuna Luso-PA, Ferroviário-MA, Auto Esporte-PB, Sport-PE, CSA-AL, Bahia-BA, ABC-RN e Ceará-CE. Na primeira fase, na chave Centro/Sul: Rio Branco-ES, Manufatura-RJ, Atlético-PR, Hercílio Luz-SC. Enfrentaram-se na segunda fase, pois foram vencedores em seus respectivos jogos: Tuna Luso-PA, Sport-PE, Bahia-BA, Ceará-CE, pela chave Norte/Nordeste. Saíram vencedores: Sport-PE e Bahia-BA que se credenciaram para a terceira fase, quando se enfrentariam. Por sua vez, candidataram-se para a segunda fase, pois foram vencedores em seus respectivos jogos na chave Centro/Sul: Rio Branco-ES e Atlético-PR; e a eles se juntaram Grêmio-RS e Atlético-MG. Passaram para a terceira fase: Atlético-MG e Grêmio, que se enfrentariam. Entretanto, Sport-PE, Bahia-BA, Atlético-MG e Grêmio-RS não seriam os clubes a fazer as semifinais. Na chave Centro/Sul ainda entraria uma equipe paulista: Santos. A grande surpresa: na chave Norte/Nordeste entraria o Vasco da Gama.³ Como explicar e justificar a inserção de um carioca na chave Norte/Nordeste? Nunca houve justificativa e, tampouco, explicação, mas questionamentos. Os paulistas (Santos) enfrentaram o vencedor da partida envolvendo Atlético e Grêmio e foram para a final. Já os cariocas foram derrotados pelo Bahia que, por sua vez, após jogar 11 partidas, foi para a final contra os paulistas; e o clube de Salvador venceu a competição. Mas existem outros questionamentos também muito fortes: justifica-se o ingresso de clubes mais fortes em fases mais adiantadas da competição? Poderíamos até dizer que sim. Mas como dizer sim ao ingresso de paulistas e de cariocas na

³ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

competição a um passo das finais? Não parece um exagero? Exageros, talvez: (1) na superestimação do poderio; (2) no estágio de ingresso dos clubes cariocas e paulistas. A superestimação foi questionada no próprio campo de jogo. Em três jogos: o Bahia saiu derrotado em uma partida: 3x2; mas derrotou os paulistas nas outras duas, de forma contundente: 2x0 e 3x1. Entretanto, mesmo com o ingresso do Vasco da Gama na chave Norte/Nordeste, assim como o injustificado ingresso de paulistas e cariocas já no final da competição, a Taça Brasil de 1959 é aquela portadora de uma estrutura que causa menos estranhamentos. Mas é evidente que se percebe a intenção: a de fabricar uma final entre paulistas e cariocas (Santos x Vasco da Gama), não mais em uma competição regional (Torneio Rio São Paulo), mas em uma competição nacional. O arranjo foi se fazendo até que tal desejo foi realizado na Taça Brasil: jamais uma competição que pudesse ser comparada (muito menos equiparada) com o Campeonato Brasileiro e, sobretudo, após o ano de 2003 — marcado pelos pontos corridos. Não se pode dizer que se tratava de falta de experiência em administração desportiva, pois a competição de 1937 já mostrava, em seu regulamento de pontos corridos, turno e retorno, que o modo de desenhar a Taça Brasil incorporava interesses estranhos à lisura. Entretanto, como já se disse, na Taça Brasil, há casos mais escandalosos do que o de 1959.

No contexto de leitura de toda a competição, o caso do ano de 1960 — e o do ano que se seguirá, se ajuntando à penúltima edição, a de 1967 —, talvez, pode ser emblemático no que diz respeito ao ingresso dos clubes do Sudeste na chave Norte/Nordeste. Em 1960, o Fluminense ingressa muito antes do que se poderia esperar — na segunda fase — e, aqui, talvez, tenha havido alguma interferência das federações e clubes de Norte e Nordeste; pois, além disso, o Palmeiras não ingressa na chave Norte/Nordeste, mas ingressa, exatamente, para competir com o Fluminense já na penúltima etapa — semifinal — da competição e na Chave Centro-Sul.⁴ Em 1960, também, no chaveamento, é identificável a semifinal, tanto quanto foi em 1959 e tanto como seria em 1961. O Palmeiras bate o Fluminense, faz a final com o Fortaleza e se sagra campeão: dois adversários para os paulistas, apenas. Trata-se, portanto, como já se pode ver, de uma competição muito questionável, muito tendenciosa e com óbvios

⁴ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

favorecimentos para ser considerada uma competição do mesmo porte de um Campeonato Brasileiro.

Em 1961, como aconteceu em 1960, apenas nortistas e nordestinos ingressam na Chave Norte/Nordeste. Em compensação, na Chave Centro/Sul são surpreendentes as manobras envolvendo paulistas e cariocas. Na primeira fase, ingressam: América-GB, Fonseca-RJ, Cruzeiro-MG, Santo Antônio-ES, Grêmio-RS, Metropol-SC, Coritiba-PR e, surpreendentemente, Palmeiras-SP, o campeão da edição anterior.⁵ A surpresa, no entanto, estava reservada para a semifinal na Chave Centro/Sul. O América-GB passa pelo Palmeiras e, então, deveria enfrentar o Santos na semifinal. Os paulistas vencem os cariocas e, nas finais, sagram-se campeões diante do Bahia: dois adversários e quatro partidas para se fabricar mais um campeão da Taça Brasil! Santos!

Após desenhos estratégicos relacionados aos chaveamentos, foi apenas na quarta edição da Taça Brasil que se deu, na decisão, o confronto esperado por eles próprios: entre paulistas e cariocas. Desta vez, retornou-se ao ingresso hostil de um clube paulista na Chave Norte/Nordestes na fase decisiva que, aqui, já não mais se reconhece como semifinal — dado o estranho desenho do chaveamento. Sport-PE e Campinense-PB, sim, fariam a semifinal — vencida pelo Sport-PE. Entretanto, o Sport-PE não iria para a final, mas o Santos-SP que entrara em uma brecha estranha e não nomeada no chaveamento Norte/Nordeste. Os paulistas venceram o Sport-PE e, na decisão, enfrentaram o Botafogo-GB que, ao ingressar apenas na semifinal, derrotou o Internacional de Porto Alegre. Uma final do eixo Rio/São Paulo, enfim! Vitória dos paulistas e, novamente, temos o Santos campeão ao enfrentar apenas 2 adversários.⁶

Em 1963, entretanto, a fórmula não foi bem sucedida para a consagração do eixo Rio/São Paulo. O Botafogo-GB, desta feita, seria o invasor do chaveamento Norte/Nordeste. Como o Santos-SP, no ano anterior, os cariocas ingressaram naquele ponto obscuro do chaveamento, logo após a semifinal envolvendo Bahia-BA e Sport-PE. Contudo, o Botafogo-GB, ao ingressar na competição a meio passo da final, foi derrotado

⁵ O ingresso dos paulistanos campeões na primeira fase mostra, muito bem, que a entrada do Santos, por exemplo, nas fases decisivas em edições subsequentes não está relacionada, de modo algum, aos benefícios adquiridos pela sua condição de campeão.

⁶ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

pelos baianos que, em 1963, iriam fazer a final. Contra quem? Atlético-MG enfrentou o Grêmio-RS na semifinal da chave Centro/Sul. Os gaúchos venceram, mas não foram para a final. Foram atravessados pelo Santos-SP, naquele ponto obscuro do chaveamento: localizado estranhamente a meio passo da final. Novamente os paulistas foram vencedores, enfrentando apenas dois adversários.⁷

Os dois anos que se seguiriam — 1964 e 1965 — seriam de sucesso, na Taça Brasil, para clubes representantes do eixo Rio/São Paulo. O referido ponto obscuro foi relativamente resolvido com a ampliação das fases. Assim, os chaveamentos seriam redesenhados e, em vez de apenas três fases antes da semifinal, teríamos cinco fases; sem que isso implicasse a ampliação do número de participantes na competição. Tudo se resume e se resolve da seguinte forma, por exemplo, na chave Norte/Nordeste: na quinta fase, Ceará-CE e Fluminense-BA se enfrentam para que se saiba qual seria o clube que disputaria, na semifinal, com o Flamengo — o estrangeiro da vez na referida chave —, uma vaga na final. O Ceará seguiu adiante, mas foi derrubado pelos cariocas que, pela primeira vez, em rubro-negro, decidiriam o título. Na parte sul do chaveamento, o Atlético-MG bateu o Metropol-SC, mas desta vez, o Santos foi diretamente encaminhado para a quinta fase e derrubou os mineiros e, assim, fez-se apto para disputar a semifinal com aquele que, naquele instante, ali ingressaria: o Palmeiras. Portanto, temos, novamente, dois clubes paulistas na chave Centro-Sul e, mais uma vez, de forma garantida, uma decisão envolvendo paulistas e cariocas. Os paulistas de Santos novamente seguiram adiante e, na final, derrotaram o Flamengo. Finalmente, a Taça Brasil se fazia de uma competição nacional para legitimar o poder de clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo.⁸

Em 1965, novamente, na chave Norte/Nordeste: um clube carioca à espera de que se resolvam os confrontos entre nordestinos e nortistas: Vasco da Gama-GB. Na chave Centro/Sul, o Palmeiras-SP ingressa na quinta e última fase antes da semifinal para derrotar o Grêmio-RS. Entretanto, à espera do Palmeiras-SP estariam os santistas que se revezaram nestes dois anos com os paulistanos: em 1964, foram os palmeirenses que ingressaram diretamente na semifinal e os santistas ingressaram na quinta fase.

⁷ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

⁸ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

Novamente, em 1965, os santistas derrotaram os palmeirenses e, portanto, obtiveram o generoso passaporte para a final contra os cariocas que, na chave Norte/Nordeste, derrotaram o Náutico. Campeão: Santos, contra o Vasco da Gama-GB.⁹

Em 1966: ano de surpresas. Na chave Centro/Sul, o Fluminense-GB ingressa já na quinta fase, mas é derrotado pelo Cruzeiro-MG que salta, sem qualquer outro ingresso-surpresa, para a final. Na chave Norte/Nordeste, por sua vez, há problemas. Na mesma quinta fase, o Náutico-PE derrota o Vitória-BA, mas não salta para a final. Lá estavam os santistas, mais uma vez ingressantes na competição naquele ponto obscuro do chaveamento. Os paulistas derrotam os pernambucanos e vão para a final contra os mineiros. Entretanto, como em 1959, aquela edição seria diferente. Derrotados pelo Bahia-BA em 1959, também derrotados pelo Cruzeiro-MG em 1966; e, desta vez, uma das derrotas foi humilhante. No primeiro tempo, em partida realizada em Belo Horizonte, os paulistas já perdiam por 5x0. A expectativa era a de que, em São Paulo, eles reverteriam o difícil quadro: 6x2, no Mineirão. Entretanto, os mineiros novamente venceram os paulistas e, desta vez, em São Paulo.¹⁰ Àquela altura, em 1966, a Taça Brasil, a despeito da lista de campeões (06 paulistas, um baiano e 01 mineiro): já não se poderia mais dizer que tivesse sido uma competição nacional em termos amplos; não se poderia mais dizer que tivesse sido uma competição justa; não se poderia dizer, tampouco, que tivesse sido a expressão fiel e, sobretudo, honesta da hegemonia do eixo Rio/São Paulo.

A partir de 1966, em razão de alguns fatores, há um esvaziamento da Taça Brasil. O referido esvaziamento se dá pela falta de interesse por parte de clubes paulistas, e, sobretudo, pela emergência gradativa de outra competição que, por várias razões, pode ser considerada como verdadeiramente nacional: o denominado Robertão, com início em 1967. Nas duas últimas edições da Taça Brasil — 1967 e 1968 —, por exemplo, não há o ingresso de paulistas ou de cariocas na chave Norte/Nordeste. Ela pertenceria nas duas últimas edições exclusivamente aos nortistas e nordestinos, como sempre deveria ter sido. Esta chave, por sua vez, estaria mais bem organizada, sem pontos obscuros. Deveria sempre ter sido assim, desde que cariocas e paulistas ingressassem sempre na chave que diz respeito aos seus territórios. Na chave Centro/Sul, entretanto, nas duas últimas

⁹ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

¹⁰ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

edições, a *desordem que manipula* permanece com o ingresso de clubes em fases decisivas, como foi o caso do Palmeiras-SP, em 1967, acompanhado do Cruzeiro-MG. Nesta penúltima edição, o Palmeiras-SP ingressa naquele ponto obscuro — repito: entre a semifinal e a final — e sagra-se campeão em confronto com o Náutico, campeão da chave Norte-Nordeste. A última edição, sem a presença de paulistas, foi mais bem organizada no que se refere ao chaveamento. Em 1968, pela primeira vez, um carioca sagra-se campeão: o Botafogo-RJ, que ingressara em fase anterior à semifinal, bate o Fortaleza-CE na final.¹¹

Após as sintéticas observações acerca de todas as edições da Taça Brasil, algumas notas são dignas de registro. A primeira delas: em momento algum, em ponto algum do chaveamento, ao longo de toda a história da competição, houve qualquer ingresso de nortistas ou nordestinos na chave Centro/Sul. O mesmo não se pode dizer do ingresso de paulistas e de cariocas na chave Norte/Nordeste. Apenas em duas edições não houve ingresso de clubes estrangeiros — mas, sempre, paulistas ou cariocas — às regiões na referida chave. O que se pode presumir é que clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo, já na Taça Brasil, se consideravam clubes de âmbito nacional. Como imaginar, diante disso, um clube do Norte ou do Nordeste ingressando nas semifinais da chave Centro-Sul?

Outro registro que, também, é importantíssimo para a compreensão do caráter mais regional do que nacional da Taça Brasil: até 1966, completando a oitava edição de um total de dez edições, apenas duas chaves agrupavam os clubes conforme a sua localização territorial. Isso tem implicações óbvias na construção das finais da competição. Um dos finalistas sai, inevitavelmente, da chave Norte/Nordeste; apenas em duas edições a referida chave não foi invadida por clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo, como já se observou. Portanto, um finalista sai de um torneio à parte: entre nortistas e nordestinos. É exatamente a partir desse ponto que o chaveamento é transgredido em prol de clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo, na expectativa de que sempre sairiam vencedores no embate com os clubes do Norte e Nordeste e, a partir daí, enfrentariam, na decisão, um paulista ou um carioca. Nem sempre a estratégia deu bons resultados, pelo contrário. Em apenas três edições — de um total de dez — houve o encontro, na decisão, envolvendo

¹¹ Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

paulistas e cariocas. De outra parte, o outro finalista sempre sairá do torneio Centro/Sul e, aqui, o torneio sempre reunirá clubes do Centro-Sul e a Taça Brasil sempre considerou como pertencentes ao Centro/Sul os clubes de Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Finalmente, um último registro: o caráter territorial dos chaveamentos nas duas últimas edições da Taça Brasil. Esse caráter territorial, em princípio, sempre esteve presente através dos chaveamentos: até 1966, inclusive, com duas chaves: Norte/Nordeste e Centro/Sul. O caráter territorial dos chaveamentos mostrou-se ainda mais explícito com o esvaziamento da competição nas edições subsequentes. Em 1967, a chave Norte/Nordeste foi dividida em dois grupos, explicitando ainda mais o caráter regional da competição: o Grupo 01 era constituído por clubes do Norte, enquanto o Grupo 02 era constituído por clubes do Nordeste. Além disso, em 1967 houve a introdução da chave Centro, composta por clubes de Goiás e Distrito Federal e, estranhamente, por Goytacaz-RJ e Rio Branco-ES. Entretanto, as modificações no chaveamento na edição de 1967 não ficaram apenas nisso. Houve a criação da chave Sul, com clubes do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e, para manter o estranhamento: o ingresso, na primeira fase, de Atlético-MG; na segunda fase, de Botafogo-RJ e, entre a semifinal e a final — aquele ponto obscuro —, de Cruzeiro-MG e Palmeiras-SP. O mesmo caráter territorial seria mantido na última edição. O que se quer dizer com esse último registro? Em primeiro lugar, o chaveamento com base na territorialidade sempre esteve presente em todas as edições da Taça Brasil. Em segundo lugar, tal princípio — o da territorialidade na construção dos chaveamentos — foi fortalecido apenas nas duas últimas edições, quando do declínio da competição. Em terceiro lugar, o caráter territorial dos chaveamentos foi transgredido vigorosamente apenas para o favorecimento explícito dos clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo, com consequências definidoras dos resultados das competições. Este terceiro ponto deve ser sublinhado com toda a ênfase. O caráter territorial que encaminhou os chaveamentos da Taça Brasil mostra, explicitamente, que, em princípio, se pensou em algo muito claro: o vencedor da chave Norte/Nordeste, na decisão, enfrenta o vencedor da chave Centro-Sul.¹² Entretanto, Entretanto, os corpos estranhos — representados ora por

¹² Cf. KLEIN; AUDININO, 1996.

cariocas, ora por paulistas — aos territórios de Norte e Nordeste explicitam a manipulação, mais do que propriamente o escandaloso ingresso de paulistas e de cariocas em pontos obscuros do chaveamento, a dizer: entre a semifinal e a própria final.

Se a Taça Brasil gera explícitas evidências de favorecimento, o que pensar acerca das arbitragens e da manipulação de resultados ao longo dos anos de 1960? O que se pode dizer, seguramente, é que não houve qualquer manipulação nos jogos decisivos referentes às edições de 1959 e de 1966. Sobre as demais edições da Taça Brasil, no que diz respeito às arbitragens e favorecimentos aos clubes do eixo Rio/São Paulo, nada se pode dizer.

Entretanto, um caso conhecido de favorecimento a um clube do eixo Rio/São Paulo aconteceu em 1968, na disputa entre o Botafogo-RJ x Metropolitano-SC, na terceira fase: como cada equipe venceu uma das partidas eliminatórias, houve a necessidade de um terceiro jogo que, conforme as expectativas, deveria ser disputado em campo neutro, ou na mesma cidade do último confronto, como era o mais comum. Contudo, esta partida foi marcada para o Rio de Janeiro e o Metropolitano, em protesto, não compareceu e o Botafogo-RJ foi considerado o vencedor.

Desta maneira, os favorecimentos aos clubes do eixo Rio/São Paulo eram evidentes, já nesta competição de importância menor do futebol brasileiro¹³ — haja vista que os campeonatos estaduais da época eram, sem sombra de dúvidas, os mais valorizados, seja pela imprensa esportiva, seja pelos próprios torcedores. Evidenciava-se um regulamento claramente favorável às equipes do Rio/SP, consideradas as *mais fortes* pela CBD, obrigando às outras a cumprirem um roteiro bem mais pesado, injusto e claramente construído pelo centro. Aos clubes fora de Rio de Janeiro e de São Paulo, o que restava? Integrarem-se à competição supostamente nacional e desfrutarem de alguma visibilidade, mesmo que estivessem, ali, na assumida condição de coadjuvantes, reunidos apenas para fazer a festa de paulistas e de cariocas.

¹³ “A Taça Brasil nunca foi um campeonato nacional. Paulistas e cariocas entravam na disputa já nas semifinais e dela participavam somente os campeões estaduais. Vou mais longe: era um torneio que pouco interesse despertava no torcedor, pelo menos na cidade e no estado de São Paulo. Pequeno era seu impacto e mesmo palmeirenses e santistas interessavam-se muito mais – e às vezes tão somente — pelo Campeonato Paulista. Digo isso por ter vivido aquela época e por ter palmeirenses e santistas em minha família, além de corintianos e são-paulinos, mas uma vista d’olhos nos arquivos de nossos jornais mostrará o mesmo quadro”. <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2010/12/15/por-que-reescrever-a-historia/comment-page-32/#comments>. Acesso em 16/12/2010.

DO TORNEIO RIO/SÃO PAULO — ROBERTO GOMES PEDROSA — AO ROBERTÃO: 1950-1970

Esta competição torna-se importante porque, para muitos, foi o embrião do Campeonato Brasileiro, que se iniciou em 1971. Todavia, apesar de ter o mesmo nome, o Roberto Gomes Pedrosa foi um, de 1950 a 1966, e outro de 1967 até 1970 — Robertão —, período que efetivamente nos interessa. Isto porque, no primeiro caso, contava apenas com times do Rio/SP e, posteriormente, passou a ter clubes do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná. Os times do Nordeste seriam incluídos apenas a partir de 1968, mas limitados aos representantes da Bahia e de Pernambuco. Os critérios para a participação no torneio não eram claros, principalmente porque não havia mais de uma divisão¹⁴, como hoje.

Desta forma, no período de 1967 a 1970, tivemos a participação de cinco clubes do Rio e cinco de São Paulo, dois de Minas e dois do Rio Grande do Sul e um do Paraná. Como dito, a partir de 1968, acrescentaram-se duas equipes do Nordeste. Segundo conseguimos apurar, os chamados grandes times do Rio/SP já estavam automaticamente aptos a disputar a competição, ao passo que no caso de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, somente os campeões e vice-campeões e apenas os campeões estaduais do Paraná, Bahia e Pernambuco. Esta diferença de tratamento se baseava numa concepção — já cristalizada na época — de que o nível das competições e dos clubes de Rio/São Paulo — do centro, portanto, na concepção dos próprios — eram mais altos do que o nível das competições e dos clubes dos outros estados brasileiros: inclusive, amplamente utilizada na definição do regulamento da Taça Brasil, como visto na seção anterior.

¹⁴ Por “divisão” entendem-se níveis ou séries diferenciadas do mesmo campeonato. Em 2013 tivemos os Campeonatos Brasileiros das Divisões A (como a principal), B, C e D, com participantes distintos. Em geral, os campeões e vices das divisões inferiores (ou os quatro primeiros) obtêm o acesso à divisão imediatamente superior, e os dois últimos colocados (ou ainda os quatro últimos) descem para a divisão inferior, mas tudo depende do regulamento da competição.

QUADRO 3 - QUATRO PRIMEIRAS POSIÇÕES NO ROBERTÃO – 1967/1970

ANO	CAMPEÃO	VICE	3º	4º
1967	Palmeiras-SP	Internacional-RS	Corinthians-SP	Grêmio-RS
1968	Santos-SP	Internacional-RS	Vasco-RJ	Palmeiras-SP
1969	Palmeiras-SP	Cruzeiro-MG	Corinthians-SP	Botafogo-RJ
1970	Fluminense-RJ	Palmeiras-SP	Atlético-MG	Cruzeiro-MG

Como não poderia deixar de ser, e talvez confirmando tal regra, apenas paulistas e cariocas venceram o Torneio: Palmeiras-SP, 1967/69 e um vice-campeonato em 1970; Santos-SP, 1968; Fluminense-RJ, 1970. Contudo, o Internacional de Porto Alegre obteve dois vice-campeonatos: em 1967 e em 1968; e o Cruzeiro, de Minas, o vice-campeonato de 1969. Curiosamente, apesar dos títulos conquistados por paulistas e cariocas possam ser evidenciados como sinal da força inequívoca dos Clubes destes estados, vale lembrar que em 1969 e 1970, o Vasco da Gama-RJ terminou a competição em último lugar, atrás de todas as outras equipes participantes. Em outras palavras, apesar do futebol de Rio e de São Paulo apresentar uma certa superioridade frente a outros estados, é inegável que isso variava de clube para clube, de ano para ano, e um regulamento que previa a participação automática daquelas equipes, sem critérios claros definidos, em detrimento de outras possíveis, mostra claro favorecimento, apenas explicado política e economicamente, mas nunca por questões técnicas do esporte. Além disso, no conjunto, já se percebia, com muita clareza, que a relativa superioridade já não poderia ser considerada ao se comparar o desempenho de clubes paulistas, cariocas, mineiros e gaúchos.

CAMPEONATO BRASILEIRO: 1971 - 2013

O Campeonato Brasileiro começou a ser disputado, efetivamente, em 1971 e, ao longo de sua história, teve diversos regulamentos diferentes e número de agremiações. Por raramente ter critérios claros em relação aos seus participantes, fórmulas de disputa,

critérios de desempate, acesso e descenso de equipes para outras divisões, esta talvez seja a competição em que mais encontramos indícios do favorecimento às equipes do Rio/SP e a consequente cristalização do centro no imaginário coletivo, agora, através dos campeonatos. Veja, por exemplo, fragmento de matéria do jornal Folha de São Paulo, do dia 21/02/1978, sobre a reunião que definiu o regulamento e os participantes do Campeonato daquele ano:

Paulistas terão 12 vagas no Brasileiro: Rio – (Sucursal) – Um Campeonato Nacional com 72 clubes, a manutenção dos três pontos, mas só para vitória com três gols de diferença, foram algumas das sugestões aprovadas pela diretoria da CBD, na reunião com os presidentes de clubes, realizada ontem, no Rio. A repescagem também foi mantida. São Paulo terá 12 participantes no certame. [...] O presidente da Federação Paulista, Alfredo Metidieri, deixou a sala de reuniões sorrindo vitoriosamente. Ele conseguiu que a CBD mantivesse a promessa de mais 3 vagas para São Paulo, que agora contará com 12 clubes no Campeonato Nacional (FOLHA DE SÃO PAULO, 21/02/1978, p. 23).

Dito de outra maneira, os critérios para participação no Campeonato Brasileiro eram meramente políticos e a força de Rio/São Paulo nas decisões da Confederação Brasileira de Desportos — CBD — e, posteriormente, CBF, era evidente. Tanto é assim, que o presidente da Federação Paulista saiu da reunião bastante satisfeito por haver conseguido fazer valer os interesses bandeirantes. Ao contrário, temos o exemplo do Villa Nova-MG, que, em 1971, venceu o Campeonato Brasileiro equivalente à Série B daquele ano e não obteve nenhuma garantia de que participaria da primeira divisão no ano seguinte (como é usual, atualmente).

Questão de convite — Ser o melhor do Brasil, entre os primeiros times, tem vantagens incontestáveis. Mas, para o melhor entre os segundos times, os privilégios dependem muito da boa vontade da CBD. Essa, pelo menos, é a opinião do presidente do Vila Nova Atlético Clube, o empresário Fernando Marques, de 38 anos, que vê na conquista do campeonato brasileiro da primeira divisão um motivo de preocupação dos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos: com o título, o Vila Nova, da cidade de Nova Lima, a 15 quilômetros do centro de Belo Horizonte, é um candidato a mais para reivindicar um lugar no próximo Campeonato Nacional da divisão extra. “Nós fizemos a nossa parte”, disse êle ao coronel José Guilherme, presidente da Federação Mineira de Futebol, depois da vitória contra o Clube do Remo. “E o senhor, vai fazer

a sua?" A parte do coronel é aparentemente simples: cobrar de Antônio do Passo, diretor de futebol da CBD, uma promessa feita antes do campeonato — a de que a CBD incluiria no Nacional do ano que vem o campeão da primeira divisão. [...] E é bastante possível que, até o próximo ano, a garantia de Antônio do Passo não seja suficiente para assegurar no Nacional a presença de quatro times de Minas, que apesar de tôdas as suas vitórias no campo, ainda têm pouca força política nos corredores da Confederação Brasileira de Desportos (VEJA, 29/12/1971, p. 48).

Vale destacar, também, que em meados da década de 1970, os presidentes da CBD e das Federações estaduais eram pessoas simpáticas à Ditadura Militar e, às vezes, até mesmo indicadas por ela para ocupar os cargos. Desta forma, o grande número de participantes nos campeonatos também cumpria o papel de presentear diversos militares, de variadas partes do país, que desejavam ver os seus times do coração disputando a divisão de elite do futebol nacional, bem como agradar determinados segmentos da sociedade civil, principalmente em regiões menos favorecidas economicamente.

A longevidade desta competição e o grande número de fórmulas de disputa e critérios de participação, dentre outros, fizeram com que esta competição apresente fartos exemplos da manipulação em detrimento do mérito. Como nos é impossível rastrear cada caso suspeito, ao longo de mais de quarenta anos, selecionamos alguns, amplamente divulgados por toda a mídia, no sentido de apoiar nossa argumentação. Assim, os Campeonatos de 1974, 1977, 1980, 1986, 1987, 1993, 1996, 1997, 1999, 2000, 2001, 2005, 2012 e 2013, merecerão nossa maior atenção.

Durante esse período, as equipes do eixo Rio/São Paulo conquistaram o título trinta e uma vezes ou impressionantes 74% do total. Apenas os times da cidade de São Paulo venceram quinze vezes e do Rio de Janeiro outras treze — Santos e Guarani de Campinas completam a lista. Os times de Minas venceram três campeonatos; Rio Grande do Sul, cinco; Paraná, duas; Bahia, uma vez. Por outro lado, os clubes exteriores ao denominado eixo chegaram às finais ou foram vice-campeões (dependendo do regulamento da competição não havia partidas finais) catorze vezes. Se contadas as vezes em que conquistaram o campeonato, chegamos a vinte e quatro participações (vide Tabela 2).

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TÍTULOS DO CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A POR ESTADO¹⁵

ESTADO	NÚMERO DE TÍTULOS	VICE-CAMPEONATOS
São Paulo	18	17
Rio de Janeiro	13	05
Rio Grande do Sul	05	04
Minas Gerais	03	08
Paraná	02	01
Bahia	01	01

BRASILEIRO DE 1974: CAMPEÃO, VASCO-RJ; VICE, CRUZEIRO-MG

O Campeonato de 1974 teve a participação de quarenta equipes de todos os estados brasileiros — com exceção da Paraíba. O regulamento previa a realização de um quadrangular final, que foi disputado por Vasco, Cruzeiro, Santos e Internacional. As duas primeiras ficaram empatadas em número de pontos e realizariam uma final. O mesmo regulamento afirmava que a final do Campeonato teria como mandante a equipe com melhor campanha.

No caso o jogo seria no Mineirão, uma vez que o Cruzeiro tinha a melhor campanha, no entanto a equipe mineira foi punida, devido a problemas ocorridos em um jogo anterior realizado no Mineirão frente o próprio Vasco da Gama. A CBD (atual CBF) não apenas tirou a partida final do Mineirão como a colocou no Maracanã, isto é, o regulamento foi ignorado¹⁶.

Além disso, o árbitro da partida, Armando Marques (que posteriormente presidiu a Comissão de Arbitragens da CBF por muitos anos) anulou um gol perfeitamente

¹⁵ Há grande controvérsia sobre o título brasileiro de 1987: o Sport, de Recife, é considerado pela CBF como o campeão, mas o Flamengo também é apontado como tal. Um pouco mais à frente esclareceremos esta questão. Para esta distribuição, considerou-se o Flamengo/RJ como o vencedor.

¹⁶ Disponível em: <http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2008/03/28/os-times-beneficiados-pelas-viradas-de-mesa/>. Acesso em 18/01/2012.

regular, considerado legal pela imprensa — e o lance está disponível na internet para quem desejar conferir mais uma vez —, do atacante Zé Carlos, do Cruzeiro-MG: esta partida, disputada em 01/08/1974 terminou com a vitória do Vasco-RJ por 2 x 1¹⁷. Sobre Armando Marques, o jornalista Juca Kfourri assim se referia:

Ficou marcado por alguns erros clássicos, como a anulação de um gol de Leivinha, da SE Palmeiras, em 1971 na disputa com o São Paulo FC pelo campeonato paulista. Também encerrou a disputa de pênaltis entre o Santos FC e a Portuguesa de Desportos ao se atrapalhar na contagem das cobranças; o time da Vila Belmiro vencia por 2 a 0, mas o campeonato acabou dividido. Em 1974, anulou um gol legítimo de Zé Carlos, do Cruzeiro EC, que tirou as chances do time mineiro conquistar o Brasileirão daquele ano sobre o CR Vasco da Gama (KFOURI, 2009, p. 125).

Um dos jogadores que participaram desta partida, Palhinha, que atuava pelo Cruzeiro-MG, aponta o claro favorecimento dado ao Vasco-RJ no decorrer da partida, por parte da arbitragem:

Agora 74 foi uma vergonha. Armando Marques nos meteu a mão, anulou um gol legítimo do Zé Carlos onde o bandeirinha já tinha corrido para o meio campo validando o gol. O jogo era para ser em Belo Horizonte, mas a CBF forçou o Cruzeiro a aceitar e jogar no Rio. Para vocês terem uma ideia, quando eu entrei em campo o Armando Marques falou comigo: eu não vou marcar nenhuma falta em você. O Moisés e o Miguel me atropelavam e ele ao invés de marcar falta ao meu favor, marcava contra. Então o Armando teve uma participação fundamental na conquista do Vasco, que tinha um time bom, mas foi beneficiado pelos erros deste arbitro¹⁸.

Sobre os problemas que cercaram a decisão do Campeonato Brasileiro de 1974, em vídeo postado em 01 de agosto de 2012, Nelinho — ex-Cruzeiro, ex-Atlético e ex-Seleção Brasileira —, com muita clareza encaminha o seu depoimento, de forma muito bem articulada e segura. Isso faz com que estejam disponíveis, no presente, novamente,

¹⁷ Disponível em: <http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br/blog/2013/05/20/qual-o-maior-escandalo-de-arbitragem-do-futebol-brasileiro-santos-x-portuguesa-em-1973-vasco-x-cruzeiro-em-1974-flamengo-x-atletico-mg-em-1981-santos-x-botafogo-em-1995-corinthians-x-internac/>. Acesso em 20/05/2013.

¹⁸ Disponível em: <http://ftt-futeboldetodosostempos.blogspot.com/2010/09/o-craque-disse-e-eu-anotei-palhinha.html>. Acesso em 19/12/2011.

informações e críticas sobre passados esquecidos e, sobretudo, abafados pela mídia e, em geral, pelo amplo mundo do futebol:

Primeiro, foi a transferência [do local] do jogo. A decisão tinha que ser em Belo Horizonte, mas como em jogo anterior [em] Belo Horizonte teve uma invasão de campo por parte de um diretor, o nosso vice-presidente Cármine Furletti, eles pegaram isso aí como motivo, arrumaram uma confusão e transferiram o jogo. Nós estávamos concentrados na Toca para jogarmos na quarta-feira, era uma terça-feira, e, aí, nós [...] [fomos] comunicados. Acho que o jogo passou para quinta-feira, se não me engano, e nós viajamos na quarta-feira para o Rio para disputarmos a decisão. Quando isso aconteceu, olha... a conversa entre nós era a seguinte: isso já está arrumado. Vai ser muito difícil a gente ganhar lá porque não se faz isso da forma como foi feito. O motivo não era para se transferir uma decisão. Mas foi o que aconteceu e, chegando lá, antes do jogo, o Armando Marques chegou perto do Palhinha e falou para ele: “não adianta você cair porque eu não vou marcar falta em cima de você.” [...] Ele não deu uma falta no Palhinha. Eu não bati uma falta naquele jogo! E, depois, numa hora em que eu estava na barreira, ele saiu na minha direção e me deu uma bronca; eu ameacei abrir a boca e ele: “fica calado se não eu te expulso.” Eu murchei. Eu disse, ah isso aí está arrumado. Ele começou a pegar os pontos fortes da equipe e começou a intimidar. Mas o jogo rolou. Eles fizeram o [primeiro] gol: normal. Eu fiz o gol e não tinha como anular porque eu chutei de fora da área. [...] Aí, depois, meu amigo, eles fizeram 2x1. Nós demos a saída, próximos do fim do jogo. Fizemos uma jogada. O Baiano foi pela linha de fundo, deu para trás... Ele, quase na linha de fundo, deu a bola para trás e o Zé Carlos fez o gol. Ele anulou. Ele já foi perguntado e nunca explicou porque anulou aquele gol. [...] O bandeirinha, quando terminou o jogo [era o Oscar Scólfaro¹⁹], eu, amigo dele, falei: você deu o que aí, Oscar? Ele [respondeu]: “eu não dei nada não, Nelinho. [...] A jogada foi

¹⁹ Oscar Scólfaro foi o bandeirinha na decisão de 1974. Entretanto, na condição de árbitro, Oscar Scólfaro, anos mais tarde, no campeonato brasileiro de 1982, praticamente selou a sorte da competição, ainda nas oitavas de final. O chaveamento colocou, frente a frente, Flamengo e Sport de Recife. No Maracanã, o jogo foi vencido pelo Flamengo: 2x0. O Sport, em Recife, precisaria vencer por dois gols de diferença. Venceu, mas ficou no 2x1. Como observa, em vídeo postado em 13 de outubro de 2009, o apresentador de um programa da Rede Globo, Rembrandt Júnior, um gol mal anulado eliminou o Sport e ainda ajudou o Flamengo que, ao final, terminou como campeão, quando era para ter sido eliminado nas oitavas de final. Conforme os depoimentos — e o próprio vídeo que traz as imagens do referido lance já ao final da partida — a bola que originou o terceiro gol do Sport não saiu pela linha de fundo, quando cruzada para a área. No mesmo vídeo, ou no mesmo programa da Rede Globo, o comentarista José Bezerra, diz: “vejo muito cinismo no árbitro [Oscar Scólfaro, que saiu escoltado pela polícia] [...] e muito cinismo do Raul”, goleiro do Flamengo [que também participou do programa], ao dizer que, no jogo, não foi possível ver se a bola saiu ou não; mas as imagens são bastante nítidas e a distância entre a bola e a linha de fundo era muito grande, no momento do cruzamento. Rembrandt Júnior, em tom irônico: “Não era [para o Raul] ficar em dúvida.” Um jornalista pernambucano responde: “Não, não. Havia uma máfia na arbitragem. Eles já vinham aqui com o resultado no bolso. Os clubes do Sul não podiam perder”. Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=U-UqWslpJGU#t=357>. Acesso: 23 de novembro de 2013.

normal.” A gente podia até perder, pois o jogo estava bem dividido. Quero dizer: ia para uma prorrogação, depois para os pênaltis e a gente podia até perder. Mas da forma como nós perdemos é que nós não aceitamos.²⁰

O que se pode questionar, diante das declarações? Aqui, estão depoimentos coincidentes de ex-atletas que defendiam, naquele momento, os interesses do clube mineiro e, do mesmo modo, os seus próprios interesses. Entretanto, tais depoimentos devem e podem ser conferidos, pois, desde algum tempo, a internet é um espaço plenamente aberto, onde não há limite para as informações. A partir delas, construímos a nossa leitura crítica, as nossas interpretações e, do mesmo modo, podemos avaliar, com alguma precisão, momentos de um passado que, a despeito da aparente distância, está diante de nós.

Há uma grande desconsideração, desinformação ou negligência, até mesmo por parte da imprensa mais crítica, da atuação dos árbitros ao longo das partidas de futebol no que diz respeito aos lances definidos como não capitais. O que mais importa, para a crítica desportiva: pênaltis bem ou mal assinalados, impedimentos bem ou mal assinalados, faltas grosseiras, gols anulados, gols em impedimento, por exemplo. No entanto, ao decorrer dos jogos, a atuação dos árbitros é sentida pelos atletas. Eles sabem o que está acontecendo, pois sentem, vivem o mundo. Sempre dizia Reinaldo, atacante do Atlético-MG, que são exatamente os melhores árbitros aqueles capazes de, com toda a sutileza, inverter faltas, ameaçar os atletas sem que ninguém veja, omitir uma falta de ataque que resultaria em gol, ou o contrário: marcar uma falta ou uma irregularidade inexistente, impedindo um gol. O curioso é que, no futebol, as paixões e o trabalho da mídia — e, sobretudo, o da omissão — parecem esvaziar as memórias. Quem vai se lembrar — ou quem percebeu — a atuação desastrosa de Armando Marques que resultou no título do Vasco da Gama, diante dos mineiros? O que conta é mesmo o título: o de campeão, conferido àquele que chegou à frente de todos na competição. O que contam são os troféus conquistados. Todo o resto é completamente apagado das memórias e, sobretudo, negado à crítica a ser construída pelas gerações futuras que nada saberão do que, de fato, aconteceu. Entretanto, mesmo tendo passado todo esse tempo — afinal, já se

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CabX30GYul0>. Acesso em 15 de abril de 2014.

passaram 40 anos!!! —, é possível recuperar informações e leituras críticas que ficaram à margem e que são indispensáveis à compreensão da força política de Rio de Janeiro e de São Paulo. Orlando Ribeiro, narrador da transmissão para o Brasil, sobre o legítimo gol do Cruzeiro anulado, em vídeo postado em 09 de maio de 2012: “[...] lance absolutamente normal [...] Eu não vi sinalização [e não houve sinalização alguma, de fato], pois o lance foi normal. A condição de Zé Carlos: perfeita. Veja um jogador do Vasco, ao fundo [...].”²¹

BRASILEIRO DE 1977: CAMPEÃO, SÃO PAULO-SP; VICE, ATLÉTICO-MG

Neste Campeonato (com a participação de 62 equipes), o Atlético-MG terminou a competição com dez pontos à frente do São Paulo-SP, invicto, e ainda assim, perdeu o título na disputa de pênaltis, no Mineirão. O regulamento, mais do que confuso, teve a seguinte redação:

As equipes foram divididas em seis grupos, sendo quatro com 10 times e dois com 11, e jogariam apenas um turno dentro das chaves. Os cinco primeiros colocados de cada grupo se classificariam para a fase seguinte, onde seriam divididos em seis grupos com cinco times cada, também jogando uma vez contra cada adversário da chave. Os três primeiros colocados de cada grupo seguiriam para a fase final. Os eliminados na primeira fase na verdade não estavam fora: disputariam uma repescagem, com quatro grupos de cinco times e dois grupos de seis. Apenas o primeiro de cada grupos assegurava uma vaga para a fase final. Nesta, os 24 restantes seriam divididos em quatro grupos com seis times, jogando também em turno único, mas apenas o primeiro de cada chave garantiria presença nas semifinais, em jogos de ida e volta. Foi a única vez em todo o campeonato em que dois times se enfrentaram uma vez em cada estádio na mesma fase — nem na finalíssima isso aconteceria. Para complicar ainda mais, em cada uma das três primeiras fases, vitórias por dois gols ou mais de diferença valiam três pontos, em vez dos dois somados a cada vitória simples (GIESBRECHT, 2012, p. 04).

Apesar de uma melhor campanha durante toda a competição, o Atlético não obteve muitas vantagens nas finais — como o benefício do empate, que o tornaria campeão — a não ser o fato de jogar em casa. O jogo foi disputado e terminou 0 x 0, tanto

²¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FDCLHmG_dM. Acesso em 15 de abril de 2014.

no tempo normal como na prorrogação. Nos pênaltis o São Paulo venceu por 3 x 2. A edição do dia 15/03/1978 da revista *Veja*, assim se referiu àquela final e ao regulamento:

Foi, porém, a maior decepção do futebol de Minas Gerais. Ao longo dos 90 minutos de jogo e 30 de prorrogação, o placar permaneceu em 0 a 0. E a alegria da torcida mineira se transformou primeiro em pasmo, depois em apreensão e, finalmente, numa mistura de incredulidade e desespero quando o título acabou ganho pelo São Paulo (solidamente armado pelo técnico Rubens Minelli) numa estapafúrdia decisão por pênaltis (*VEJA*, 15/03/1978, p. 79).

O que mais chama a atenção neste Campeonato é exatamente esta partida final, apitada por Arnaldo César Coelho, hoje comentarista de arbitragem na TV Globo. Além de diversas faltas não marcadas em favor do clube mineiro, um claríssimo pênalti não marcado em jogador do Atlético, Serginho (ponta direita), no segundo tempo, explicitado na transmissão da Rede Globo²² pelas imagens e enfatizado pelo narrador — Luciano do Vale —, foram apagados por um lance que marcou todo o jogo decisivo.²³ Em uma dividida de bola entre o jogador Neca (SPFC) e Ângelo (Atlético), o primeiro dá um *carrinho*²⁴ levantando demais a perna, atingindo o seu companheiro de profissão na altura do joelho. A entrada do jogador paulista foi extremamente violenta, até mesmo para os padrões da época. Além da expulsão do paulista, atualmente, é bem provável que uma agressão deste tipo levasse a uma punição muito dura do jogador, por parte do Tribunal de Justiça Desportiva, haja vista que o grande número de câmeras espalhadas pelos estádios possibilita a utilização das imagens, mesmo se o juiz da partida não tenha visto. Outro jogador do SPFC, Chicão, que estava próximo à jogada, aproxima-se de Ângelo, que se contorcia de dor no gramado e dá-lhe um pisão no tornozelo. O juiz da partida não

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o7w1SpLkur4>. Acesso em 05 de março de 2014.

²³ O comentarista da Rede Globo observou, naquela oportunidade, que o árbitro Arnaldo César Coelho “comumente marca tais infrações” e fez o comentário encaminhando a sua estranheza: “mas logo numa decisão de campeonato brasileiro?”

²⁴ Na gíria do futebol, *carrinho* é uma jogada, em geral temerária, mas que pode se tornar violenta, quando o jogador desliza pelo gramado, com os dois pés juntos, como se estivesse deitado de costas no campo. Em alguns casos, quando o carrinho é dado por trás do adversário que está em pé, o juiz da partida aplica o cartão vermelho, que implica na imediata expulsão do autor, da partida. Em outros, o carrinho é dado de maneira leal, interceptando apenas a bola, dado pela frente ou pelo lado, sem atingir o adversário: é uma jogada lícita no futebol. No caso exposto, o jogador Neca dá o carrinho pela frente, contudo, com uma das pernas levantada, na altura do joelho do jogador Ângelo.

tomou nenhuma atitude, seja com Neca ou Chicão. O cartão amarelo alçado na direção de Neca soou como uma dádiva, um presente; e certamente nunca saberemos os motivos para a grotesca e hostil omissão, se agiu de má fé ou simplesmente *interpretou* a jogada como normal e/ou não viu a agressão de Chicão. O fato é que o Atlético terminou a partida com um jogador a menos, dada a gravidade da lesão sofrida por seu atleta Ângelo.

O jogador Neca deu a seguinte versão para o fato: “Eu entrei na bola, e infelizmente peguei o joelho dele, mas não foi de propósito” (GIESBRECHT, 2012, p. 11). Ou ainda: “Não passou de um lance normal, de disputa de bola. Ele teve azar. [...] Chicão, o outro acusado, garante que também não agiu com maldade: Eu dei só um pisãozinho que era para ele se levantar logo” (VEJA, 15/03/1978, p. 82). O médico do Atlético à época, Neylor Lasmar, afirmou que o caso era obra de um “criminoso” e confirmou o seguinte diagnóstico: ruptura do ligamento colateral externo, ruptura do músculo bíceps femoral, ruptura do trato íleo tibial e ruptura externa do joelho. Segundo suas palavras: “É um dos casos mais graves que já atendi. E sei, pela característica dos ferimentos, que a entrada do Neca foi intencional. Foi o lance que mais danos fez. O segundo, do Chicão, naturalmente agravou as lesões” (VEJA, 15/03/1978, p. 82).

É importante observar que a equipe de São Paulo, ao longo de todo o Campeonato, foi uma das mais indisciplinadas, tendo levado dezoito cartões amarelos e cinco vermelhos nas dezenove partidas anteriores à final. O técnico do Atlético alertou seus jogadores sobre a violência do São Paulo: “Toque a bola de primeira porque eles estão entrando pra te machucar” (VEJA, 15/03/1978, p. 80), disse Barbatana à Ângelo, no intervalo da partida. Curiosamente, o lance que se tornou o mais discutido da final da competição, nem se deu pelo motivo de Ângelo estar com a bola em seus pés. Ele corria na direção da bola para dominá-la e, ao chegar primeiro, claramente, recebeu o violento golpe que o deixou por muito tempo fora dos gramados. Uma imagem forte, tão forte quanto a omissão hostil do conhecido árbitro que, atualmente, dá lições de futebol como comentarista de arbitragem da Rede Globo de Televisão. As atitudes complacentes do árbitro frente às cenas de violência foram injustificadas e não poderiam ser creditadas a um bom histórico anterior da equipe tricolor.

Por outro lado, há ainda mais controvérsias, principalmente em relação ao jogador Reinaldo, do Atlético, que recebeu uma punição da Justiça Desportiva, às vésperas das finais, por uma expulsão acontecida frente ao Fast Club, no dia 01/02/1978, ainda pela terceira fase da competição. Mesmo tendo cumprido a suspensão automática no jogo seguinte, o atacante foi punido, estranha e injustificadamente, às vésperas da decisão, com três jogos e não participou da partida final. A situação absurda, no entanto, foi atenuada por algo que assumiu, explicitamente, a condição de *gesto compensador*. O São Paulo também teve um jogador punido, Serginho, que ficou de fora da final e que havia sido expulso nas semifinais. Não é difícil avaliar a importância de cada um, em seu time à época. É cristalino o prejuízo maior para o Atlético, haja vista que Reinaldo até hoje é considerado o melhor jogador da história do clube, um dos maiores do Brasil e do mundo. Reinaldo serviu a Seleção Brasileira e, em 1977, havia cravado o imbatível recorde de, simultaneamente, ser artilheiro maior da competição com maior média de gols em uma só edição da maior competição nacional: 28 gols em 21 partidas realizadas pelo Atlético, das quais o atleta deixou de jogar três delas: média de gols: 1,56 gols por partida! Outros fatores estão, entretanto, envolvidos na punição ao atleta Reinaldo, do Atlético-MG.²⁵ Em suas próprias palavras:

A maior frustração da minha carreira foi a final de 1977, que não me deixaram jogar, contra o São Paulo. Os militares me impediram. [...] Em 77, a ditadura era explícita. Fui expulso um ano antes²⁶, na primeira fase do campeonato, mas guardaram o julgamento. Como o [Serginho] Chulapa tinha sido expulso na semifinal, resolveram me julgar. Uma força de interesses superior. Eu era o artilheiro do campeonato, fiz gol em

²⁵ Reinaldo foi expulso em partida realizado em Manaus, envolvendo Atlético e Fast Clube. Naquela oportunidade, no dia 01 de fevereiro de 1978, o Atlético venceu por 2x1, mas o atleta alvinegro foi expulso por ter reagido a uma entrada violenta de jogador adversário — como sempre aconteceu com o estupendo atacante, até que foi impedido, pela violência, de voltar a praticar o esporte. O jogo seguinte do Atlético foi no Maracanã, contra o Botafogo, no dia 10 de fevereiro do mesmo ano. Naquela partida no Rio de Janeiro, Reinaldo cumpriu a suspensão que se aprendeu a chamar de “automática”. Depois daquele jogo no Maracanã, Reinaldo voltou à equipe sem qualquer indício de que seria julgado. Um mês depois! Somente no dia 01 de março de 1978! Apenas um mês depois, coincidentemente após a expulsão de Serginho — atacante do São Paulo —, que o tiraria dos jogos decisivos, é que o julgamento de Reinaldo, surpreendentemente, foi extraído da gaveta dos tribunais — ou, literalmente, estrategicamente inventado pelos tribunais — e, com isso, o fantástico atacante atleticano foi impedido de jogar as duas últimas partidas da competição nacional.

²⁶ Na verdade, na 1ª fase ele realmente jogou contra o Fast, inclusive marcando cinco gols na vitória do Atlético por 6 x 2, no dia 09/11/1977, no Mineirão. Mas a partida em que foi expulso ocorreu pela 3ª fase do mesmo campeonato, antes das fases finais.

todos os jogos, minha melhor fase. Já tinha trocado de roupa no vestiário quando veio a ordem [para não jogar]²⁷.

Em recente entrevista ao Jornal Estado de Minas, o goleiro atleticano de 1977 e hoje Deputado Estadual João Leite, também comenta sobre este jogo:

É claro que um jogador como o Reinaldo não jogar a final de um campeonato influencia. Mas tem outros fatores naquela derrota nos pênaltis. Até porque foi um jogo violentíssimo e nosso time era muito técnico. [...] Com o campeonato de 1977 dá para escrever um livro. O Atlético teve o artilheiro, mas por causa de um regulamento estranho, perdemos o título. No mínimo, deveríamos jogar pelo empate, pois éramos o time com mais pontos. A nossa única vantagem foi jogar no Mineirão, mas os 12²⁸ pontos não contaram em nada a nosso favor. Foi totalmente injusto²⁹.

A julgar pela força da Federação Paulista de Futebol — FPF — junto à Confederação Brasileira de Desportos — CBD —, Reinaldo somente foi punido naquele momento porque o jogador Serginho não poderia se livrar do julgamento. Na partida contra o Botafogo de Ribeirão Preto, no dia 12/02/1978, após a anulação de um dos seus gols, ele se dirigiu ao bandeirinha Vandevaldo Rangel e o agrediu: era um delito muito grave e nem mesmo a força do futebol paulista poderia livrá-lo de uma sentença desfavorável, sob pena de desmoralizar a Justiça Desportiva. Então, em nosso entendimento, a solução encontrada foi julgar também o melhor jogador do Campeonato, Reinaldo, e puni-lo com uma suspensão que o tiraria dos dois jogos restantes (contra Londrina e São Paulo), o que amenizaria a perda paulista e as pressões sobre o tribunal. Para mim é bastante suspeito que um jogador expulso no dia 01/02 seja julgado

²⁷ <http://placar.abril.com.br/brasileiro/atletico-mg/reinaldo/entrevistas/sem-meias-palavras-reinaldo-revela-magoa-o-atletico-so-me-explorou.html> Acesso em 09/10/2012. Este jogador também ficou conhecido por suas fortes opiniões políticas e atitudes contrárias à Ditadura Militar do período. Seu gesto de erguer o punho cerrado, dobrando o outro braço às costas, na comemoração de seus gols, era considerado um ato subversivo pelas autoridades.

²⁸ No Brasileiro de 1977 (que terminou em 1978), o Atlético terminou invicto, com índice de aproveitamento superior a 90%, com 10 pontos a mais do que o São Paulo. Entretanto, a vitória, naquele tempo, ainda não valia os 3 pontos, mas 2. Apenas uma vitória por um placar superior ou igual a 3 gols era contemplada com os 3 pontos. Caso fossem contabilizados os 3 pontos por vitória, como acontece na atualidade, o Atlético terminaria a competição não apenas com 10, mas com 14 pontos à frente do São Paulo.

²⁹ Disponível em: http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2011/12/19/noticia_atletico_mg,204689/diagnostico-dos-vices-desfalques-importantes-arbitragem-e-incertezas.shtml. Acesso em 19/12/2011.

juntamente com outro — expulso no dia 12/02 — e no mesmo dia: 26/02/1978. Para se ter uma ideia da desproporção das punições — em razão da natureza totalmente divergente dos casos Serginho e Reinaldo — o jogador do SPFC foi punido por um ano, enquanto o alvinegro por três partidas (uma já cumprida automaticamente, no jogo imediatamente posterior à sua expulsão).

Serginho está indiciado no artigo 110 do Código Disciplinar, que prevê pena de um a dois anos para o jogador que “agredir o árbitro ou auxiliar”. [...] Na partida Atlético 2 x 1 Fast, em Manaus, o atleticano Reinaldo agrediu o zagueiro Edgar com um soco. Segundo o Código Disciplinar, êle está sujeito à suspensão de duas a dez partidas (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/02/1978, p. 34).

BRASILEIRO DE 1980: CAMPEÃO, FLAMENGO-RJ; VICE, ATLÉTICO-MG

O Campeonato Brasileiro de 1980, como esperado, foi mais uma demonstração de desacertos e conchavos na confecção do regulamento. Em um primeiro momento, definiu-se que o número de participantes seria menor do que o de 1979 (94) e que seriam utilizados critérios *técnicos* na definição dos mesmos. Nada disso funcionou, efetivamente, e o resultado foi ainda pior: o regulamento foi alterado após o início da competição. A chamada Taça de Ouro (1ª divisão) teria quarenta e quatro equipes e a Taça de Prata (2ª divisão) sessenta e quatro. Contudo, ao longo da competição, acertou-se que alguns clubes mais bem colocados na Taça de Prata ganhariam também o acesso à Taça de Ouro e no mesmo ano. Desta forma, podemos dizer que o Campeonato de 1980 teve um total de 108 participantes (SANTIAGO JR, 2006). Os tais *critérios técnicos* para participação na 1ª divisão, em geral, se resumiam a boas campanhas dos clubes nos campeonatos estaduais do ano anterior, mas isso não era absoluto, já que a CBF, por sua conta e risco (aceitando, evidentemente, pressões políticas) poderia convidar quem ela bem entendesse (Santos-SP em 1983 e Vasco-RJ em 1984, respectivamente, oitava e sétima colocação em seus campeonatos estaduais). Apenas Rio e São Paulo, juntos, tinham 15 participantes na 1ª divisão. O restante do país ficava com uma a três vagas no campeonato, com predominância de apenas uma vaga por estado.

Entretanto, uma modificação estratégica no regulamento foi decisiva para a definição dos rumos da competição. Ela se deu exatamente após a definição dos semifinalistas: Atlético-MG, Flamengo, Internacional-RS e Coritiba. Modificar a regra durante uma competição, quando se trata de uma competição de futebol, quando não atende aos interesses de todos e, sobretudo, quando não é resultado de um desejo de todos, pode não parecer ser uma iniciativa acertada, correta, ética e justa: pode parecer exatamente o contrário. O regulamento dizia que o clube/equipe com melhor aproveitamento ao longo da competição levaria a vantagem na final; e que esta vantagem seria poder jogar por dois resultados iguais, com o saldo de gols idêntico, ou seja, por dois empates ou por derrota e vitória cujo saldo de gols fosse igual a zero. Além disso, a segunda partida da decisão seria jogada sob o mando de campo do clube/equipe com melhor aproveitamento ao longo da competição. Esta equipe era o Atlético-MG. Entretanto, o regulamento foi alterado nos seguintes termos: jogaria com a vantagem o clube/equipe com melhor aproveitamento apenas nas semifinais, apagando o que dizia o regulamento antes da competição e, simultaneamente, a trajetória do clube de melhor campanha. Os confrontos das semifinais: Atlético-MG x Internacional; Flamengo x Coritiba. Em Belo Horizonte, a partida terminou empatada: 1x1. Em Porto Alegre, o Atlético-MG derrotou o Internacional por 3x0. No outro confronto, em Coritiba, o Flamengo derrotou os paranaenses por 2x0 e, na partida de volta, no Rio de Janeiro, os cariocas também venceram: 4x3. Diante das modificações do regulamento, o Flamengo reverteu a sua posição de desvantagem e jogaria com a vantagem dos resultados e fazendo a segunda e decisiva partida no Rio de Janeiro. Por razões históricas, a imprensa mineira sempre foi local e, naquele momento da história da mídia brasileira, pouco ultrapassava os limites de Belo Horizonte. A imprensa mineira não deixou de se mostrar indignada. A imprensa nacional, feita de Rio e de São Paulo, apenas ignorou. Nessas condições, Atlético-MG e Flamengo foram para as duas partidas decisivas.

A primeira partida se deu em Belo Horizonte, realizada em 28 de maio de 1980. O árbitro escolhido: Romualdo Arppi Filho que, pela imprensa nacional, recebeu o codinome OXO, pois era tido como contemporizador e grande parte dos jogos que arbitrava terminava empatado. Romualdo Filho amarrou o jogo, como se diz na gíria do futebol. Mas o Atlético venceu a partida sem maiores dificuldades, a despeito do placar

apertado: 1x0, gol de Reinaldo. Conforme depoimento do goleiro do Flamengo, Raul, em entrevista ao SPORTV — Especial: jogos para sempre —, os jogadores cariocas, após a partida, estavam abatidos e descrentes da possibilidade de reversão do placar. Entretanto, aos flamenguistas bastava apenas uma vitória pela mesma diferença de gols. O estado de abatimento bem mostrava que muito haveria de ser feito para que o título escapasse dos mineiros.

Na segunda e decisiva partida, a arbitragem foi extremamente tendenciosa em favor do Flamengo, principalmente no sentido de intimidação dos jogadores mineiros, inversão de faltas e pressão psicológica sobre os jogadores. No dia 11/06/1980, apenas alguns dias após a última partida ser disputada, a revista *Veja*, em suas páginas amarelas, trouxe o jogador Reinaldo, do Atlético, que fez importantes declarações a respeito daquela tumultuada partida, que teve três expulsões, todas do Atlético: Reinaldo, Palhinha e Chicão. A reportagem da revista assim se referiu ao atleta, concordando com a tese de que o árbitro da partida — José de Assis Aragão — contribuiu para o resultado: “Domingo passado, durante a disputa do título de campeão do Brasil com o Flamengo, Reinaldo machucou-se, mas foi vítima de outro tipo de violência que se está tornando comum em nossos estádios: a ditadura do juiz, que o expulsou de campo sem motivo” (VEJA, 11/05/1980, p. 03).

No decorrer da entrevista, Reinaldo assim descrevia a partida final:

Não poderiam ter escalado juiz pior. A gente sentia que o homem estava nervoso, intranquilo. Antes de começar o jogo, ele disse a Palhinha [jogador do Atlético] que o conhecia do futebol paulista e, para botar ordem na casa, iria expulsá-lo logo de cara. A partir daí foi o que se viu: ele irritou nossos jogadores, mandou Zico [jogador do Flamengo] repetir faltas na entrada da área, passou a trancar nossas jogadas. É preciso entender que o juiz, hoje, prejudica o time de maneira diferente. Antigamente, quando não havia televisão, o juiz arranjava pênaltis, anulava gols por qualquer motivo. Atualmente, quando o juiz quer prejudicar, apita como o Aragão apitou a final: deu meia dúzia de faltas técnicas contra nós (algumas, quando nossa jogada já estava no campo adversário), irritou os jogadores, ameaçou alguns, prendeu o jogo do Atlético. Chegou a dizer a Luizinho [do Atlético] que ia ‘entregá-lo’ ao Telê [Santana, técnico da Seleção Brasileira à época]; e quando me expulsou, disse que ia me pegar depois do jogo. [...] A gente sentia que o homem estava mal intencionado, não tinha a menor condição de apitar

uma partida final de campeonato; até parece que foi colocado ali de propósito... (VEJA, 11/05/1980, p. 03)³⁰.

A Folha de São Paulo do dia 02/06/1980, trouxe extensa reportagem sobre a partida, destacando, além do próprio Flamengo, o descontentamento dos jogadores e diretoria do Atlético com a arbitragem. Segundo a reportagem:

O presidente do Atlético Mineiro [Elias Kalil] procurava justificar a perda do título acusando a CBF, o diretor da Comissão de Arbitragens, Áulio Nazareno e o juiz José Assis Aragão. Irritado, afirmava que tudo tinha sido planejado para o Flamengo ganhar. Áulio Nazareno prejudicou o Atlético com a escalação de Aragão. Ele expulsou o Reinaldo, errou em muitos lances e foi o principal responsável pela nossa derrota. Há muito estavam tramando para dar o campeonato ao Flamengo (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/1980, p. 18).

Até fins da década de 1970, o Flamengo-RJ amargava uma série de anos ruins em relação às conquistas, mesmo contando com jogadores renomados, como Zico, Raul Plasmann, Adílio, Cláudio Adão e Carpeggiani. Politicamente, esta agremiação estava dividida em dois grupos que disputaram a eleição de 1977, que culminou com a vitória de Márcio Braga, pela Frente Ampla pelo Flamengo. Esta chapa também contava com Walter Clark, recém saído da TV (o mesmo que durante duas décadas comandou os rumos da Rede Globo e a levou ao primeiro lugar em audiência no Brasil), como diretor de futebol. Esta Frente levou o rubro-negro carioca a conquistar diversos títulos a partir de 1978, inclusive o Campeonato Brasileiro de 1980, lançando de vez o Flamengo no cenário esportivo nacional como um clube vencedor. Nessas condições é que se consolidava a

³⁰ Em alguns momentos de suas entrevistas, sejam as do passado ou do presente, Reinaldo insinua perseguição política, por parte da Ditadura Militar, em sua carreira de jogador, inclusive no sentido de prejudicá-lo por suas posições políticas. No jornal Folha de São Paulo, do dia 02/06/1980, há uma reportagem sobre uma coluna escrita por ele no Jornal do Shopping (publicação gratuita dos Diários Associados) que, de uma maneira ou de outra, remete a essa perseguição: “[Reinaldo] disse ontem que o Atlético, ao vencer o Internacional, dia 28, ‘de uma forma desportiva-revolucionária, contrariou a vontade do presidente João Batista de Figueiredo’. Explicou que o presidente, apesar de ser carioca e gremista, havia afirmado que torceria para o Inter como ‘um gaúcho bairrista’. O Atlético, por sua vez, ganhou um torcedor que trouxe a fé, a esperança e um ideal: Frei Beto. [...] Reinaldo disse que Frei Beto havia ido ao vestiário após o jogo contra o Internacional, no Mineirão, levar também ‘um abraço de Lula e de todos os metalúrgicos do ABC, que agora eram os nossos aliados. [...] ‘A Taça de Ouro chegou à final e foi muito pesado esse torneio. Mas agora é o momento da gente vibrar com gols fantásticos, que dividem a alegria desse povo dopado por futebol (que até esqueceu que do poço da Petrobrás, no Amapá, saiu só água, que a gasolina subiu e que o pique da inflação aumentou)’. (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/1980, p. 18).

marca que, por sua vez, já não precisava de divulgação, haja vista o enorme papel desempenhado pelo rádio e TV no processo de nacionalização deste time a partir do seu lugar de origem. Por isto, consideramos muito importante uma fala dele, aparentemente despreziosa, mas que nos ajuda na compreensão dos subterrâneos do futebol no país, sobre a época em que atuou como diretor de futebol daquela agremiação:

Foi aí que eu fiquei conhecendo em detalhes as mais fantásticas experiências. Como, por exemplo, as mumunhas [sic] da arbitragem, os acertos com os juízes, o suborno. Todo mundo jura de pé de junto que não existe, que são fatos isolados, mas na verdade acontece, quase às claras, para quem quiser ver. Havia, por exemplo, um meritíssimo juiz que tomava dinheiro dos dois lados. Ficamos sabendo dessa sua condição de 'agente duplo' um dia em que apareceu no Flamengo uma determinada pessoa, ligada ao clube, dizendo que ia dar uma grana a esse juiz para ele amolecer as coisas para o nosso lado. Só que, com dois minutos de jogo, um centroavante nosso, o Tião, fez uma jogada sensacional, entrou na área driblando dois beques e fez aquele golaço, mas o juiz anulou. Marcou impedimento. Uma coisa inacreditável, o gol tinha sido limpíssimo. Na apuração dos 'porquês', descobrimos que ele também estava a soldo do outro lado. Havia também um juiz que se especializava em fazer o leva-e-traz para os seus colegas. Era ele que levava os pacotes de dinheiro para molhar a mão dos árbitros (CLARK, 1991, p. 356-357).³¹

Entretanto, curiosamente, tão importante quanto esse depoimento são os comentários do narrador, Solera, e do comentarista de esportes da Rede Bandeirantes de Televisão ao longo da transmissão da partida. Márcio Guedes, comentarista carioca, sobre as faltas a favor do Atlético, cuja distância entre a bola e a barreira não foi considerada pelo árbitro: "é um absurdo que se deixe cobrar uma falta com uma distância tão pequena entre a bola e a barreira. O Éder reclamava com toda a razão."³² Quando a partida estava empatada em 2x2, já caminhando para o seu final, com o placar assegurando o título para o Atlético, o narrador se espanta ao ver o terceiro gol dos mineiros ser absurdamente impedido pelo bandeirinha: "[...] quando há a marcação de um impedimento que não

³¹ Na decisão do Campeonato Brasileiro de 1982, Grêmio/RS e Flamengo/RJ disputaram a decisão: um dos lances mais reclamados pelos gaúchos trata-se daquele em que o centroavante Baltazar, do Grêmio, cabeceia a bola em direção ao gol do time carioca. O lateral Júnior, do Flamengo, utiliza-se da mão para impedir o gol, mas o juiz Oscar Scolfaro nada assinalou. Em sua defesa o árbitro alegou que a mão era do goleiro do Flamengo, Raul Plassmann, que no momento do lance estava caído ao chão.

³² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vNwfrmgTv0>. Acesso em: 05 de março de 2014.

havia. O que é isso?”³³ O comentarista Márcio Guedes emenda: “um absurdo, uma coisa impressionante essa marcação de impedimento, prejudicando demais o time do Atlético Mineiro porque era uma jogada com 80% [de sair o gol que decretava o título em favor dos alvinegros]”.³⁴ No mesmo lance, o árbitro, escandalosamente, expulsa Reinaldo que já havia marcado os dois gols do Atlético. O narrador: “cartão vermelho para Reinaldo, logo após a marcação de um absurdo impedimento marcado pelo senhor Carlos Rosa Martins.”³⁵ Mais adiante, Palhinha e Chicão, ambos atleticanos, seriam, também, expulsos.

BRASILEIRO DE 1986: CAMPEÃO, SÃO PAULO-SP; VICE, GUARANI/CAMPINAS

Este Campeonato também ficou marcado pela alteração das regras com a competição em andamento e que favoreceu sobremaneira o Vasco-RJ e o Botafogo-RJ. Foi disputado por 80 equipes, considerando a 1ª e a 2ª divisão — já que as mais bem colocadas da 2ª obtinham acesso à 1ª divisão, no mesmo ano. Inicialmente, porém, o Conselho Nacional do Desporto — CND — em conjunto com a CBF definiram que o Campeonato de 1986 seria disputado por 44 Clubes — e mais 4 que deveriam ascender da 2ª divisão no decorrer da disputa — e funcionaria como classificatório para o de 1987, que contaria com 24 equipes³⁶. De um modo geral, os críticos — alguns dirigentes, parte da população envolvida, parte dos atletas e parte da imprensa — adjetivam os regulamentos e os critérios de definição das competições nacionais — como a de 1986 — apenas como “confusos”. Ainda que possam confundir — e a confusão é um trunfo da corrupção e da impunidade —, os regulamentos e os critérios, para os melhores críticos, deveriam ser pensados a partir da política que os estabelece em favor de interesses alheios à própria

³³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vNwfrmugTv0>. Acesso em: 05 de março de 2014.

³⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vNwfrmugTv0>. Acesso em: 05 de março de 2014.

³⁵ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vNwfrmugTv0>. Acesso em: 05 de março de 2014.

³⁶ “O regulamento original de 1986 estabelecia que da primeira para a segunda fase 32 equipes se classificariam. - As 6 primeiras colocadas de cada um dos 4 grupos formados por 11 equipes. (24) - As 4 com melhores campanhas, entre as eliminadas. (4) - A campeã de cada um dos 4 grupos do Torneio Paralelo, Segunda Divisão (4) Na Segunda Fase, as 24 melhores colocadas fariam parte da primeira divisão do Brasileiro de 1987”. Fonte: <http://blogdopaulinho.wordpress.com/2013/12/16/o-maior-caso-de-virada-de-mesa-do-futebol-brasileiro-19861987/>. Acesso em 19/06/2014.

lisura da competição. O que há de confuso é apenas um efeito colateral da ausência de mérito e de justiça na concepção das regras, dos critérios e dos regulamentos.

O regulamento do Campeonato de 1986 determinava a classificação de um total de 32 equipes para a 2ª fase da competição. Todavia, o Vasco-RJ não obteve os pontos necessários para avançar e moveu um processo na Justiça Comum para anular a decisão do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) que havia punido o Sergipe-AL com a perda de dois pontos em favor do Joinville-SC (classificado), por comprovado caso de *doping*. Movimentando-se nos bastidores, a CBF retirou os pontos do Joinville-SC e tentou a eliminação da Portuguesa de Desportos-SP, por supostas irregularidades na venda de ingressos (SANTIAGO JR, 2006). Muitos dos clubes paulistas ameaçaram abandonar a competição em solidariedade à agremiação de origem lusitana. A CBF, acuada, cedeu a todas as pressões, de todos os lados e classificou 33 times à 2ª fase. Por razões óbvias, a dificuldade e a incompetência em organizar uma tabela com um número ímpar de participantes, ainda fez com que a Confederação classificasse mais três clubes para a fase seguinte. Com a mudança do regulamento, a Segunda Fase da competição teve 36 participantes e definiu-se também que o Campeonato de 1987 teria 28 Clubes, um aumento de quatro equipes.

Para melhor entendimento, uma recapitulação: o CND e a CBF resolveram agregar todas as divisões existentes em 1986 — Taça de Ouro, Taça de Prata e Taça de Bronze — em um único Campeonato, repartido em duas divisões, simultâneas e intercambiantes: a Copa Brasil e o Torneio Paralelo. Neste último, existiam 4 grupos com 9 times cada e os campeões de cada grupo se juntariam aos demais classificados da Copa Brasil, na 2ª Fase. Estes times foram: Criciúma-SC, Central-PE, Treze-PB e a Inter de Limeira-SP. Esta agregação deveria servir — antes das manobras para mudança de regulamento — para diminuir o número de participantes a partir do Campeonato seguinte e transformar o Brasileiro de 1986 em uma espécie de classificatório para 1987, dando, de certa forma, oportunidades a todos os clubes da época³⁷. É importante ressaltar que se o regulamento

³⁷ “Se esta segunda versão do regulamento tivesse sido obedecida, as 28 equipes que disputariam a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro [de 1987] seriam: Atlético-GO, Atlético-MG, Atlético-PR, América-RJ, Bahia, Bangu, Ceará, Corinthians, Criciúma, Cruzeiro, CSA, Goiás, Grêmio, Guarani, Flamengo, Fluminense, Internacional-RS, Internacional-SP, Joinville, Náutico, Palmeiras, Portuguesa, Rio Branco-ES, Santa Cruz, Santos, São Paulo, Treze e Vasco da Gama. No entanto, em 1987, a criação do Clube dos 13 e a realização da

original fosse mantido, tanto o Vasco quanto o Botafogo deveriam disputar a 2ª Divisão em 1987, o que não ocorreu. A partida final disputada por Guarani e São Paulo teve arbitragem de José de Assis Aragão — o mesmo árbitro do último jogo da decisão de 1980, envolvendo Atlético-MG e Flamengo-RJ — e muitos o culpam pela não marcação de uma penalidade máxima a favor do time de Campinas. Ao término, a equipe da capital venceu a decisão nos pênaltis. Segundo o site *Chance de Gol*, muitos rebaixamentos ocorreram no período 1986-1988, mas jamais foram consumados, tendo em vista as mudanças de regulamento e ao poder de bastidores das equipes formadoras do Clube dos 13, em especial, de São Paulo e Rio de Janeiro:

Em 1986, novamente os "12 gigantes" tiveram seus lugares assegurados por convite, mas o regulamento daquele ano previa, pela primeira vez, a formação de uma Primeira e uma Segunda Divisões no ano seguinte. Em 1987, o Clube dos 13 ignorou esse regulamento e criou a Copa União. Para contemplar os clubes excluídos da competição, a CBF criou o Módulo Amarelo, encampou a Copa União e inseriu as duas competições no seu Campeonato Brasileiro cujo regulamento, ao contrário do que usualmente se divulga, previa, sim, acesso e descenso para as divisões de 1988. Nesse período, mais alguns "gigantes" deveriam ter disputado a Segunda Divisão mas, graças aos acordos políticos que reinavam naquela época, nenhum desses rebaixamentos acabou sendo consumado: 1987 - Vasco deveria ter sido eliminado na Primeira Fase do Campeonato Brasileiro de 1986 e conseqüentemente (pelo regulamento original de 1986) rebaixado para a Segunda Divisão de 1987. [...] 1987 - Botafogo deveria ter disputado a Segunda Divisão em função de sua classificação final no Campeonato Brasileiro de 1986 [...] mas foi salvo pela criação da Copa União. 1988 - Corinthians e Santos deveriam ter sido rebaixados para a Segunda Divisão [...] mas a CBF e o C13 acabaram costurando uma nova Primeira Divisão e ninguém acabou rebaixado. 1988 - Flamengo e Internacional cometeram W.O. em seus jogos contra Guarani e Sport pelo quadrangular final do Campeonato Brasileiro de 1987 e, de acordo com o código disciplinar da época, deveriam ser punidos com o rebaixamento à Segunda Divisão (exatamente a mesma punição aplicada ao Coritiba em 1989/90). [...] seguem abaixo as referências que comprovam que, de acordo com as regras vigentes na época, os rebaixamentos citados

Copa União, tiraram da principal competição nacional de 1987 as seguintes equipes, no meu entendimento, as maiores prejudicadas. Atlético-GO, Atlético-PR, América-RJ, Bangu, Ceará, Criciúma, CSA, Guarani, Internacional-SP, Joinville, Náutico, Portuguesa, Rio Branco-ES e Treze. Dentre estas 14 equipes, apenas o América-RJ, por se sentir prejudicado, se recusou a participar do campeonato organizado pela CBF em 1987, o chamado Módulo Amarelo. O Clube dos Treze resgatou, em 1987, duas equipes que deveriam participar da Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro daquele ano, no caso, as maiores beneficiadas: Botafogo-RJ e Coritiba". Fonte: <http://blogdopaulinho.wordpress.com/2013/12/16/o-maior-caso-de-virada-de-mesa-do-futebol-brasileiro-19861987/>. Acesso em 19/06/2014.

realmente deveriam ter acontecido: Rebaixamento dos dois últimos colocados do Módulo Verde de 1987 para a Segunda Divisão de 1988: *Jornal do Brasil* (09/09/1987, pg. 24), *Diário de Pernambuco* (10/09/1987), *O Estado de São Paulo* (13/09/1987, pg. 35). Rebaixamento dos times que cometerem W.O.: *Jornal do Commercio-PE* (23/01/1988, p. 20)³⁸.

Outro ponto a se destacar foi o fato da Rede Manchete de Televisão ter transmitido os dois jogos finais, ao oferecer um valor de quatro milhões de cruzados (pouco mais de 80 mil dólares americanos da época) contra três milhões de cruzados ofertados pelo *pool* Globo-Bandeirantes-Record³⁹, que historicamente transmitiam as partidas finais dos campeonatos até então⁴⁰. Este é um elemento fundamental para a compreensão do papel da Rede Globo na organização do campeonato do ano seguinte, investindo forte e apoiando a iniciativa dos clubes em organizar o próprio campeonato. A partir de 1987 essa emissora passaria, cada vez mais, ano após ano, a interferir nos rumos do futebol brasileiro, com vistas a adequá-lo à realidade de sua própria programação e interesses privados e, não apenas ocasionalmente, difundindo os clubes de Rio de Janeiro e de São Paulo em detrimento dos demais.

BRASILEIRO DE 1987: CAMPEÃO, FLAMENGO-RJ (SPORT/PE); VICE, INTERNACIONAL-RS (GUARANI-CAMPINAS)

Esta competição foi bastante pródiga em confusões: alegando não ter condições financeiras de organizar o Campeonato Brasileiro daquele ano (no sentido de financiar as viagens e hospedagem das delegações dos clubes ao longo de todo o campeonato. Nesta época, a sua principal fonte de receita eram recursos da chamada Loteria Esportiva), a CBF deixou os clubes a sua própria sorte. Liderados por São Paulo e Flamengo, os grandes clubes do Brasil fundaram o chamado Clube dos 13 que, por sua vez, tratou de viabilizar o campeonato. Obtiveram o apoio da Rede Globo de Televisão, que pagaria

³⁸ Disponível em: <http://chancedegol.uol.com.br/gigantes.htm>. Acesso em 19/06/2014.

³⁹ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/brasileiro/materias/no-ar-a-guerra-pelo-esporte.html>. Acesso em 17/03/2011. Matéria originalmente publicada na edição 878 – 30/03/1987.

⁴⁰ Importante ressaltar que à época não se negociavam os direitos exclusivos de transmissão de todo o campeonato, como hoje, mas apenas alguns jogos – principalmente as finais – de interesse da TV.

pelos direitos de imagem e transmissão e o patrocínio da Coca-Cola, naquela competição que foi batizada de Copa União. Essa competição teria 16 participantes: os integrantes do Clube dos 13 e mais Goiás, Coritiba e Santa Cruz; e os resultados da competição de 1986 não seriam levados em consideração na definição dos integrantes da nova Copa, reproduzindo os mesmos critérios políticos aplicados pela CBF nas edições anteriores e criticados pelos dirigentes das agremiações⁴¹.

Na medida em que a CBF vislumbrava a perda de parte de seu poder e a generosa entrada de capital por parte de patrocinadores (em especial a televisão), volta atrás e decide obrigar os clubes a aceitar as suas próprias condições de organizadora do evento. Entretanto, o Clube dos 13 irá se manter firme em seu propósito de ditar os rumos daquela competição (e das próximas), o que gerou uma ruptura e um impasse entre a entidade e as agremiações. Na edição número 902, de 14/09/1987, a revista Placar se referiu à questão:

No entanto, a Copa União está aí. Gerada da rebelião do Grupo dos 13, ela ganhou mais três integrantes (Coritiba, Goiás e Santa Cruz). Tirada a fórceps, veio à luz bela e viçosa, reunindo a nata do futebol tricampeão do mundo. É bem diferente daquele monstrengo espúrio e inchado que, em 1979, por exemplo, chegou a aglomerar 94 clubes. Agora são dezesseis times de chegada. E de torcida. Não foi fácil. A Copa quase não sai. A última semana foi permeada por reuniões, impasses, vozes radicais e conciliatórias. Para que se compreenda melhor essa história, convém voltar a julho, quando Márcio Braga, do Flamengo, Carlos Miguel Aidar, do São Paulo, e mais onze presidentes de clubes resolveram peitar a CBF, exigindo qualidade, e não quantidade no campeonato nacional. Ali surgiu o Grupo dos 13 e ideia da Copa União. Prepararam-se, então, para o duelo, que aconteceu quinta-feira passada, no eixo CBF-Copacabana Palace-Gávea, no Rio de Janeiro⁴².

Entre idas e vindas, ficou acertado que o dinheiro oriundo da TV seria repassado integralmente ao Clube dos 13, ao passo que a CBF impôs a criação de quatro módulos para a Copa União: Verde, Amarelo, Azul e Branco. Pela primeira vez, tentou-se

⁴¹ O Clube dos 13 era composto por São Paulo, Santos, Palmeiras e Corinthians (São Paulo); Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo (Rio); Grêmio e Internacional (RS); Atlético e Cruzeiro (MG) e Bahia (BA). Sem outro critério que não seja o seu próprio espelho, os integrantes do Clube dos 13 se auto intitularam como “os maiores clubes do Brasil”.

⁴² Disponível em: <http://placar.abril.com.br/brasileiro/santa-cruz/materias/copa-uniao-viva-o-futebol.html>. Acesso em 23/03/2011.

implantar um certo *profissionalismo* à competição, desde a busca de parceiros e patrocinadores, até o montante de dinheiro arrecadado: cerca de três milhões e meio de dólares americanos da época, para a transmissão das quarenta e duas partidas do módulo verde, em um contrato de cinco anos, renovado anualmente.

A Globo entra firme na parada, televisionando três jogos por semana. O primeiro, toda sexta-feira, às 21h30, em sua nova Sexta-Super. O segundo no sábado, às 16 horas. E o terceiro aos domingos, quando serão realizadas as outras partidas restantes, também às 16 horas. Para que os demais jogos dominicais não sofram concorrência, um sorteio definirá o encontro a ser transmitido, entre quatro previamente escolhidos, 15 minutos antes de seu início. A estratégia não para aí. A Copa União irá faturar em cima de tudo: da bola utilizada nas partidas às camisetas de gandulas e maqueiros, além de buscar um acordo com a Varig e a Cadeia Othon de hotéis, visando transporte e acomodação. E, na sexta-feira à noite, diversas marcas importantes começavam a brigar para ficar com a parte forte do patrocínio, cerca de 1,3 milhão de dólares em espaços de 15 segundos na Globo. “Vamos associar a ‘marca’ futebol a marcas poderosas, para resgatar sua credibilidade”⁴³.

Como o Campeonato de 1986 já havia sido complicado do ponto de vista de sua temerária organização e não respeito aos regulamentos e fórmulas de disputa; agravado com o fato de o Botafogo-RJ não ter se classificado para a 2ª fase e que sua posição na classificação final o levaria a disputa da 2ª divisão em 1987; e, por fim, a entrada de muito dinheiro referente à cota de TV a ser paga pela Globo, deixou os presidentes dos grandes clubes bastante animados com a possibilidade de gerirem sozinhos o futebol no país e, de certa forma, afastando a CBF. Estamos falando de uma grande disputa de poder entre a CBF e o Clube dos 13, e as demais agremiações irão vincular-se a um dos lados, de acordo com o benefício ou o prejuízo causado pelo posicionamento do outro. De uma maneira ou de outra, ficou claro que o Clube dos 13 reuniu em seu entorno os maiores clubes do Brasil e, de maneira autoritária, impôs sua vontade frente aos times aliados da associação, e que esses, evidentemente, se refugiaram sob a CBF e sua postura legalista. Percebe-se que a viabilização do Clube dos 13 dependeria de clubes fora do eixo Rio/São Paulo. A presença dos clubes de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul foi preponderante para a

⁴³ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/brasileiro/santa-cruz/materias/copa-uniao-viva-o-futebol.html>. Acesso em 23/03/2011.

construção, no papel — e na própria competição dela tributária: a Copa União —, de uma competição nacional que, hipoteticamente, se libertaria das influências da CBF. Nos gramados, até o fechamento da Copa União, foram animadores: excelentes partidas, média de público excepcional. As quatro equipes mais bem colocadas se enfrentariam nas semifinais: Atlético-MG (invicto), Flamengo-RJ, Cruzeiro-MG e Internacional-RS. Do confronto, sairiam os vencedores, aptos a disputar as finais. Entretanto, o futuro mostraria que os poderes do eixo Rio/São Paulo permaneceriam fortes.

Toda a problemática envolvendo o Clube dos 13 x CBF foi empobrecida ao longo dos anos, e passou a se resumir a disputa entre Flamengo-RJ e Sport-PE pelo título de campeão brasileiro de 1987. A quantidade de textos, matérias jornalísticas e até mesmo despachos Judiciais sobre o tema é variada, vasta e também enfadonha. Mas para dar o devido relevo ao que é importante para a presente pesquisa, minimamente faz-se necessário um resumo dos acontecimentos daquela época, que precederam o início da nova competição.

Talvez pressionado pelo patrocínio da TV — mais preocupada com a sua audiência —, em 1987, o Clube dos 13 desejava um Campeonato com transformações. A primeira delas: máximo de 16 clubes. A segunda: a não aplicação das regras do Campeonato de 1986 que obrigaria o Botafogo-RJ a disputar a 2ª divisão, já que a classificação em um ano determinava os participantes do ano seguinte. A CBF lutava por um campeonato com 28 a 30 participantes (suponho que isso se deva ao fato desta entidade precisar agradar os dirigentes das federações estaduais, principalmente porque são eles que elegem o presidente da CBF e ficavam, sem sombra de dúvidas, bastante contentes em ver seus federados disputando a maior competição do Brasil) e a aplicação dos critérios definidos um ano antes. Neste regulamento, estava prevista a participação de 24 equipes (ou 28, haja vista que, mesmo consultando dezenas de reportagens da época — praticamente as únicas fontes disponíveis para tal — nunca houve consenso) na 1ª Divisão do Campeonato Brasileiro de 1987⁴⁴, atendendo a uma normatização do Conselho Nacional do Desporto – CND, que também previa a diminuição de participantes para 20, a partir do ano seguinte, em 1988.

⁴⁴ O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/09/1986, p. 14; O ESTADO DE SÃO PAULO, 21/10/1986, p. 20.

Para garantir sua presença na 1ª Divisão de 1987, o Botafogo-RJ ingressou na Justiça Desportiva, obtendo parecer favorável do Superior Tribunal de Justiça Desportiva — STJD — que, por outro lado, não indicou a forma como isso deveria ocorrer — se pela troca de Clubes ou se simplesmente pela inclusão do time carioca. Além disso, o STJD declarou que os atos do CND eram “abusivos, ilegais e autoritários” e interferiam nos assuntos da CBF e do próprio Tribunal, sem a devida competência, já que se tratava de um órgão meramente normativo (O ESTADO DE SÃO PAULO, 05/06/1987, p. 16). Na esteira dessa decisão, outros clubes sinalizaram a possibilidade de também ingressar com ações na Justiça Comum, casos do Coritiba-PR e do Sobradinho-CE. Esta decisão favorável ao Botafogo-RJ ajudou o Clube dos 13 a justificar a escolha de seus eleitos, já que, se o STJD ignorou o regulamento anterior, isso implicava, na visão de seus representantes, que nenhum Clube teria vaga garantida na 1ª Divisão de 1987, nem mesmo o Campeão e o Vice (São Paulo-SP e Guarani-SP).

O impasse vai se tornando cada vez mais intransponível ao longo do tempo e os clubes preteridos pelo Clube dos 13 (que já havia sinalizado fortemente o seu desejo de não mais aceitar as regras da CBF) buscam o apoio da CBF, qualificando as ações do C13 como “traição, deselegância, afronta à CBF, desrespeito aos demais”; “cambalacho contra as equipes do interior”; “liga-pirata” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 14/07/1987, p. 14). Com a aproximação da data do início do Campeonato, apurou-se que o Clube dos 13 e a CBF chegaram a um meio termo: haveria quatro módulos (Verde, Amarelo, Azul e Branco), com 16 participantes em cada um. O grande pomo da discórdia, e que ainda perdura, é que para a CBF os módulos Verde e Amarelo faziam parte da 1ª divisão (como grupos de uma mesma competição). Entretanto, o módulo Verde contava com os integrantes do Clube dos 13 e mais os três citados anteriormente, ao passo que o módulo Amarelo, a despeito de algumas distorções — como o Guarani-SP, vice-campeão no ano anterior e a Portuguesa-SP, 11ª colocada, ambos em posições melhores do que o Botafogo-RJ, por exemplo, que permaneceu no Verde — reunia equipes mais modestas do futebol nacional⁴⁵. Para o C13, o módulo Verde se tratava da 1ª divisão e o Amarelo da 2ª divisão,

⁴⁵ O Módulo Amarelo era formado por: América-RJ, Atlético-PR, Atlético-GO, Bangu-RJ, Ceará-CE, Criciúma-SC, CSA-AL, Guarani-SP, Internacional-SP, Joinville-SC, Náutico-PE, Portuguesa-SP, Rio Branco-ES, Sport-PE, Treze-PB e Vitória-BA.

e diversos jornais publicaram as Tabelas da Copa União e do Campeonato Brasileiro de 1987, que divergiam, já que um foi elaborado pelo C13 e o outro pela CBF. Desta maneira, pelo regulamento da Confederação, os campeões e vices do Módulo Verde e do Amarelo deveriam realizar um quadrangular final, para decidir o Campeão Brasileiro e os participantes da Copa Libertadores, competição sul-americana. Esta ideia era claramente favorável aos participantes do Módulo Amarelo, que poderiam chegar ao quadrangular final sem terem enfrentado os times do Módulo Verde e o C13, desde então, já se recusava a tal imposição: no máximo, dizia-se, poderiam realizar o quadrangular para definir os participantes na competição sul-americana, mas nunca o Campeão Brasileiro que seria o vencedor da Copa União — ou Módulo Verde, para a CBF (JORNAL DO BRASIL, 04/09/1987, p. 25). Ao final das competições, tanto o Flamengo-RJ quanto o Internacional-RS (Vencedores do Módulo Verde)⁴⁶ não disputaram o quadrangular final e Sport-PE e Guarani-SP (que venceram o Módulo Amarelo) foram declarados Campeão e Vice de 1987, homologados pela CBF e participaram da Taça Libertadores da América, em 1988, como os representantes do futebol brasileiro.

Desde então, a CBF reconhece o Sport-PE como Campeão de 1987 ao passo que a grande maioria da crônica esportiva elegeu o Flamengo-RJ como o vencedor. Recentemente, entretanto, mais precisamente em 2011, a entidade declarou que ambos os Clubes foram os legítimos campeões daquele ano: isto pode ser explicado, talvez, pelo contexto político e econômico vivenciado pela Confederação nos últimos anos. O seu presidente, à época, Ricardo Teixeira, era alvo de um sem número de denúncias de corrupção e desvio de dinheiro, principalmente na gestão das receitas da Seleção Brasileira. Além disso, aproximava-se o momento da renovação do contrato de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro e a TV Globo — desde algum tempo, forte aliada — esperava o apoio de Ricardo Teixeira no enfraquecimento do C13, que

⁴⁶ Outra contradição deste regulamento, muito pouco comentada, é o fato de que previa-se que os clubes seriam divididos em dois grupos de oito participantes, jogando entre si e entre grupos, em dois turnos. O campeão do primeiro turno decidiria o título com o campeão do segundo turno mais os segundos colocados. O Atlético-MG foi o campeão dos dois turnos, o que, em teoria, já o qualificava como o vencedor da competição, mas classificaram-se quatro equipes para a disputa das semifinais: Atlético-MG; Internacional-RS; Cruzeiro-MG e Flamengo-RJ; fazendo com que o time mineiro disputasse novamente — e perdesse! — um título que já deveria ser seu.

desejava aumentar substancialmente os valores recebidos e vantagens no novo contrato⁴⁷. Desta maneira, não é surpresa que ela tenha agido assim, depois de tanto tempo. Por seu lado, o Sport-PE acionou novamente a Justiça Comum e a 10ª Vara da Justiça Federal de Primeira Instância da Seção Judiciária de Pernambuco publicou despacho obrigando a CBF a voltar atrás e reconhecer apenas o time pernambucano como o legítimo campeão de 1987⁴⁸.

BRASILEIRO DE 1993: CAMPEÃO, PALMEIRAS-SP; VICE, VITÓRIA-BA

Neste ano, o Palmeiras-SP contava com um forte patrocínio, que injetou milhões de dólares no Clube para a contratação de jogadores renomados: a Parmalat, multinacional de origem italiana, que se envolveu em escândalos no futebol da Itália. A Parmalat não só patrocinava o time do Palmeiras, como, também, era co-gestora, o que significava que os jogadores contratados por ela não pertenciam ao Clube, que não poderia dispô-los segundo seus interesses, apenas com a autorização da empresa. Além disso, essa empresa também participava ativamente da gestão e manutenção de outras agremiações, como o Bragantino-SP e Juventude-RS. Outro ponto importante a ser recolhido deste campeonato foi o fato do regulamento ter sido montado para beneficiar claramente as maiores equipes do futebol nacional. Eram 32 participantes, divididos em quatro grupos de 8 equipes, sendo que, em dois deles, foram alocadas as equipes grandes

⁴⁷ As manobras não se limitaram a isso: com vistas a agradar alguns clubes, individualmente, prejudicando o C13 coletivamente, numa decisão estapafúrdia e grotesca, a CBF resolveu, na caneta, reconhecer que os títulos nacionais obtidos pelas agremiações na Taça Brasil (1959-1968) e Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1967-1970) eram também *Campeonatos Brasileiros*. Como no futebol, o interesse pessoal e momentâneo é sempre mais importante do que a ética, os clubes beneficiados pela decisão de gabinete mostraram-se mais condescendentes com as mazelas da CBF e mais propensos a aceitar seus *conselhos* na renovação do contrato com a TV. Nestes momentos, na visão de torcedores e dirigentes de clubes, a entidade deixa de lado suas suspeições e passa a ser um paladino da justiça e da ética, no mesmo instante em que o reconhecimento por parte da CBF vale mais do que os fatos.

⁴⁸ O atual presidente da CBF, José Maria Marin foi presidente da FPF de 1983 a 1988. Também em 1987, o Campeonato Paulista previa o rebaixamento para a 2ª divisão das quatro últimas colocadas. Como o Corinthians terminou a primeira fase na última colocação, Marin cedeu às pressões e alterou o regulamento no meio da competição, passando para somente duas as equipes a serem rebaixadas. Fonte: <http://blog.chicomaiia.com.br/2012/03/29/as-semelhancas-e-diferencas-entre-o-atual-e-o-ex-comandante-do-nosso-futebol/>. Acesso em 30/03/2012.

e que não estariam sujeitas ao rebaixamento de divisão, independentemente de sua colocação final. Nos outros dois grupos, cinquenta por cento dos times seriam rebaixados a 2ª divisão no seguinte, ou oito equipes. Esta assimetria no regulamento fez com que Sport-PE, Bahia-BA, Fluminense-RJ, Botafogo-RJ e Atlético-MG, dentre outros, fossem beneficiados com a permanência na 1ª divisão do ano seguinte, mesmo obtendo classificações inferiores a equipes que foram rebaixadas, tais como: América-MG, Ceará-CE, Coritiba-PR, Santa Cruz-PE e Atlético-PR, dentre outras⁴⁹. O que se percebe, aqui, também, já no início dos anos de 1990, é que os poderes do eixo Rio/São Paulo já passam a ser recolhidos, em determinadas circunstâncias — muito específicas e convenientes para os próprios clubes de Rio e de São Paulo — por clubes exteriores ao referido eixo. Por não concordar com esta regra, mesmo tendo sido um de seus signatários, o América-MG ingressou na Justiça Comum contra o seu rebaixamento e foi punido pela CBF com a proibição de disputar Campeonatos Brasileiros, de qualquer divisão, por um período de 14 meses, acarretando graves prejuízos financeiros àquela agremiação esportiva. Aliás, este é um posicionamento padrão estabelecido entre a FIFA e a CBF: quando algum clube ou federação impetra ação na Justiça Comum, automaticamente é punido. Essa punição, em geral, é a suspensão da agremiação de quaisquer campeonatos, torneios e jogos que, de alguma maneira, tenham a oficialidade da CBF ou da FIFA. A nosso ver isso apenas denota o caráter autoritário e despótico pelo qual a FIFA e suas afiliadas controlam o futebol no mundo.

A associação entre Palmeiras-SP e Parmalat foi talvez a pioneira de uma parceria que, de certa forma, irá se tornar menos rara nos anos seguintes, envolvendo outros clubes no Brasil e diversas empresas *patrocinadoras* do futebol. Mais tarde, praticamente todas essas parcerias resultaram em desastres financeiros para os clubes (após a saída da empresa gestora) e também foram alvos de diversas investigações na esfera criminal, por

⁴⁹ Algo semelhante já havia ocorrido anteriormente. Segundo Santiago Jr (2006, p. 45): “Na última rodada do 1º turno do Campeonato Brasileiro de 1989 havia uma grande expectativa em relação não apenas aos classificados para a 2ª fase, mas também aqueles times que seriam desclassificados e disputariam um inédito Grupo da Morte, que indicaria os rebaixados para a 2ª divisão. O Coritiba, um dos que lutavam para escapar da ‘degola’, solicitou à CBF que todos os jogos da última rodada fossem realizados no mesmo horário. Não atendido, o clube do Paraná decidiu não comparecer ao jogo contra o Santos [SP]. O resultado dessa atitude foi a salvação do Santos (que estava na corda-bamba e ganhou os dois pontos) e a punição do Coxa Branca [Como também é conhecido o time paranista] em 5 pontos, sua imediata exclusão do campeonato e o rebaixamento para a 2ª divisão”.

suspeita de lavagem de dinheiro e evasão de divisas, principalmente pela obscuridade com que os contratos eram mantidos e, por vezes, o envolvimento dessas empresas com máfias organizadas em outros países.

O “Esquema Parmalat”, conforme foi descrito nos anos seguintes, proporcionou ao Palmeiras-SP a conquista de diversos títulos estaduais e nacionais, através da contratação vultosa de grandes e caros jogadores de futebol profissional. Após a saída da empresa, a Parmalat ficou conhecida internacionalmente por diversas irregularidades, com destaque para a questão fiscal, em diversos países do mundo. Diante dos escândalos que abalaram o prestígio de sua marca, a empresa deixou de atuar em diversos continentes e, no Brasil, após um grande processo de expansão nos anos 1990, vendeu as suas fábricas de laticínios para as empresas concorrentes, com destaque para a Nestlé), o Palmeiras-SP voltou a enfrentar as mesmas dificuldades financeiras vivenciadas antes da parceria — talvez, até mesmo, em uma situação pior⁵⁰. Contudo, o que nos interessa, de fato, é que a parceria suscitava também um problema ético, já que a Parmalat patrocinava mais de um time da mesma competição. O jornalista Juca Kfourri (2009, p. 63) fazia o seguinte comentário, publicado originalmente na Folha de São Paulo do dia 08/10/1995, a respeito deste problema:

Responda rápido: você tem uma empresa que patrocina dois clubes que vão se enfrentar. Um, se vencer, estará classificado para as semifinais do Campeonato Brasileiro, expondo sua marca no momento principal. O outro está fazendo apenas figuração. Qual seria sua decisão: influencia para que o time que pode se classificar vença ou prefere mostrar que sua empresa é tão ética que não haverá influência nenhuma? Qualquer que seja a sua resposta — e 99% da humanidade, infelizmente, ficaria com a primeira opção —, o jogo em Caxias do Sul (RS), entre Palmeiras e Juventude, não lançará um novo produto Parmalat no mercado, a marmelada.

Para o jornalista, o simples fato de haver um mesmo patrocinador para duas equipes diferentes, no mesmo campeonato, não representaria perigo para a ética se as pessoas envolvidas — em especial, os jogadores e comissão técnica de ambas as equipes — fossem de reputação ilibada. É curiosa esta percepção, porque ainda que ela possa ser

⁵⁰ A equipe foi rebaixada a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro em 2002 e 2012.

verdadeira — até mesmo na maioria dos casos, diga-se! — não pode ser provada e nem confirmada, da mesma forma que não seria possível, na maioria das vezes, provar coisa alguma em relação a esquemas fraudulentos. Todavia, a manipulação de resultados nem sempre é o objetivo maior de um determinado esquema de fraudes e não se pode ter uma visão meramente maniqueísta das coisas. Conforme o próprio jornalista diz adiante: “E se você está surpreso porque supunha que aqui encontraria exatamente o raciocínio inverso, fique tranqüilo: as grandes trapaças do futebol são feitas com mais sutileza, não são tão óbvias” (KFOURI, 2009, p. 64).

No caso da Parmalat-Palmeiras, anos depois se descobriu que o poder da empresa era muito grande e as suspeitas sobre as arbitragens ganharam relevo. Em um artigo para a revista Placar, em 2005, André Rizek assim se referiu ao chamado Esquema Parmalat no Palmeiras e o favorecimento da equipe:

A decisão de 1993 entre Corinthians e Palmeiras voltou à tona por conta das investigações do Ministério Público e da Polícia Federal. Convictos de que os dirigentes dos clubes, e sobretudo das federações, fazem pressão para que juízes protejam algumas equipes, eles tentam agora transformar “pressão em árbitros” em crime. [...] Aparecido era um dos principais árbitros da FPF desde 1990, quando apitou a decisão do Brasileiro entre São Paulo x Corinthians. Mas, em 1993, ele vinha de uma arbitragem muito contestada num jogo “semifinal” entre São Paulo x Corinthians. [...] Mas por que ele “favoreceu” o Corinthians, que seria “prejudicado” teoricamente por ele mesmo dias depois contra o Palmeiras? O que diabos a semifinal São Paulo x Corinthians teria com o Palmeiras e o suposto Esquema-Parmalat? [...] A teoria é que Aparecido teria feito o serviço: tirou o São Paulo da parada (já interessado no sucesso do Palmeiras) e completou o trabalho na decisão contra o Corinthians⁵¹.

O fato é que posteriormente, como dito, outros clubes firmaram parcerias semelhantes com grandes empresas multinacionais — com destaque para o Corinthians e a MSI —, mas as suspeitas sobre estas articulações nunca arrefeceram.

⁵¹ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/estaduais/paulistao/corinthians/materias/a-volta-de-um-velho-fantasma.html>. Acesso em 17/03/2011.

BRASILEIRO DE 1996: CAMPEÃO, GRÊMIO-RS; VICE, PORTUGUESA-SP

Neste ano, as irregularidades não se deram na definição dos vencedores da competição, mas beneficiaram, mais uma vez, um time carioca: o Fluminense-RJ, que deveria ser — mas não foi! — rebaixado à 2ª divisão do campeonato nacional, ao ficar em penúltimo lugar entre os 24 participantes. A CBF alegou a existência de problemas relacionados à arbitragem e cancelou o rebaixamento, salvando também o Bragantino-SP, presidido por Nabi Abi Chedid, que tinha amplas e antigas relações com a entidade, tendo sido vice-presidente à época da Copa União, em 1987. Este episódio — conhecido como “virada de mesa” ou “caso Ivens Mendes” — foi bastante contestado durante muito tempo, principalmente por aqueles que se diziam defensores da moralidade no futebol nacional. Mas nada foi alterado.

Em reportagem exibida pela TV Globo, em maio de 1997, havia gravações em que supostamente Ivens Mendes solicitava dinheiro a Mário Celso Petraglia, presidente do Atlético-PR, para favorecê-lo em alguns jogos também da Copa do Brasil. Outra gravação apontava o presidente do Corinthians-SP, Alberto Dualib, como mais uma pessoa da qual se solicitavam recursos para a campanha de Mendes à Deputado Federal, em troca de favores das arbitragens. A repercussão foi tão grande que até mesmo a Câmara Federal criou uma Subcomissão Especial — dentro da Comissão de Educação, Cultura e Desporto — para investigar o caso, que também contava com o Deputado e presidente do Vasco-RJ, Eurico Miranda, tão conhecido por suas práticas tão avessas à ética e à lisura. A Subcomissão realizou oito audiências públicas, mas seus trabalhos jamais foram finalizados e nenhum resultado foi divulgado. Somente o STJD tomou alguma providência, banindo Ivens Mendes do futebol nacional e impedindo que Petraglia e Dualib representassem seus clubes junto à CBF.

No ano de 2008, o juiz Wilson Marcelo Kozlowski Junior, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, condenou os dois clubes e a CBF a pagar 2% do valor arrecadado no Brasileirão de 1996 a título de reparação moral:

Em despacho a partir de ação movida pelo Ministério Público Federal, o juiz afirma que a decisão de cancelar a queda dos dois clubes para a Série

B foi uma "violação ao correto desenvolvimento do futebol, uma ofensa direta ao patrimônio cultural brasileiro". — A decisão de não submeter o Fluminense e o Bragantino ao rebaixamento manchou a imagem do futebol nacional - afirma o juiz em sua sentença. Wilson Marcelo Kozlowski Junior lembra ainda a cena do presidente do Fluminense na época, Álvaro Barcellos, celebrando a manutenção da equipe na Série A com uma garrafa de champanhe, classificando-a "como clímax de um filme de terror"⁵².

Para não rebaixar os dois clubes, a CBF usou como argumento as escutas telefônicas entre o diretor da CONAF e dirigentes do Atlético-PR e Corinthians-SP. Praticamente a única punição realmente aplicada foi contra o time do Paraná, que iniciou o Campeonato de 1997 com cinco pontos negativos. Segundo o Jornal "O Tempo":

Envolto em dívidas sem fim, o Fluminense amargou uma das piores crises de sua história e [...] não conseguiu escapar da segundona. [...] Em maio de 1997, o Jornal Nacional [...] denunciou um esquema de corrupção dentro da CBF envolvendo a venda de resultados de jogos e financiamentos de campanhas políticas. As denúncias apontavam para o presidente da Comissão Nacional de Arbitragem, que à época era Ivens Mendes. [...] O cartola então pediu afastamento de seu cargo na Comissão Nacional de Arbitragem e a CBF resolveu agir. [...] A entidade máxima do futebol nacional resolveu cancelar o rebaixamento de todas as equipes da elite. Desta maneira, Fluminense e Bragantino escaparam do descenso, feito muito comemorado pelo presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Eduardo Vianna, o famoso Caixa D'Água. Para se ter ideia, dirigentes da equipe tricolor comemoraram o retorno à elite com champanhe e fogos de artifício⁵³.

As questões que se colocam aqui são muito simples: se, de fato, a CBF considerou que houve manipulação de resultados de Corinthians-SP e Atlético-PR, prejudicando drasticamente a lisura do Campeonato, por que a simples decisão de cancelar o rebaixamento de Fluminense-RJ e Bragantino-SP resolveria, por si só, o problema? Por que o Atlético-PR foi o único punido e, ainda assim, com uma pena branda em relação ao

⁵² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Fluminense/0,,MUL363148-4284,00.html>. Acesso em 18/05/2008. E conclui: "a confiança na seriedade das instituições terminou por ser abalada com o **golpe perpetrado pela ré CBF**, terminando por ser um desserviço à formação do caráter nacional, prestigiando o jogo de interesses frente à legalidade da competição". Grifo nosso. http://www.conjur.com.br/2008-mar-31/cbf_clubes_sao_condenados_virada_mesa_1996. Acesso em 19/06/2014.

⁵³ Fonte: <http://www.otempo.com.br/superfc/futebol/relembre-as-viradas-de-mesa-que-beneficiaram-o-fluminense-1.761861>. Acesso em 19/06/2014.

delito? De nossa parte, pensamos que, se um campeonato está comprovadamente comprometido, o correto seria a sua anulação e os responsáveis por sua organização deveriam assumir o ônus de indenizar a quem de direito. Mais: os dois clubes envolvidos deveriam ser rebaixados à 2ª Divisão, uma punição condizente com a gravidade do delito e, inclusive, já aplicada em outros países, como a Itália. Qual o propósito de se cancelar apenas o rebaixamento e não a anulação do Campeonato, já que a justificativa era a suspeição que pairou sobre ele? A nosso ver, esta acrobática solução — que, em vez de solucionar, ainda potencializa o que há de mal nas competições relacionadas ao futebol brasileiro — para uma competição corrompida passou pelo salvamento do Fluminense-RJ e do Corinthians-SP, haja vista que ambos deveriam ser penalizados com o rebaixamento à 2ª Divisão: o primeiro pelo desempenho medíocre em campo e o segundo pela *comprovada* manipulação de jogos⁵⁴. A Revista Placar, em sua edição de número 1128, em junho de 1997, assim se referiu ao escândalo:

Numa série de reportagens, o Jornal Nacional, da Rede Globo, **mostrou o que todos sempre suspeitaram: havia um esquema de juizes para beneficiar certos clubes.** [...] Ivens passou as semanas seguintes desaparecido, enquanto era demonizado por todos, sem exceção. [...] Os cartolas envolvidos posaram de vítimas, enquanto uma subcomissão era montada na Câmara dos Deputados, sob as mais estrepitosas promessas, para logo em seguida, mostrar uma grande vocação de pizzeria. **A ordem parecia ser: toda a culpa sobre Ivens Mendes e não se fala mais nisso** (PLACAR, 1997, p. 80-81).

Esta reportagem, escrita por Paulo Vinícius Coelho — hoje comentarista do Canal ESPN — e Sérgio Ruiz Luz, é pródiga em revelar, ainda que nas entrelinhas, aquilo que insistimos em realçar: a manipulação de jogos e/ou compra de arbitragens existe, é recorrente e, em função do poder político e econômico de Rio e São Paulo, na maioria das

⁵⁴ Digo comprovada porque houve um clube punido e uma punição: o Atlético-PR com a perda de cinco pontos. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva também eliminou do futebol o presidente do Atlético-PR, Mário Celso Petraglia, e suspendeu o do Corinthians, Alberto Dualib, por dois anos. Ivens Mendes foi o único integrante da CBF punido pelo Tribunal. O presidente da entidade à época, Ricardo Teixeira, e o secretário-geral, Marco Antônio Teixeira, não foram a julgamento. Por outro lado, essas gravações são oriundas, supostamente, de grampo telefônico ilegal: “A pedido de Ivens Mendes, a Polícia Federal abriu inquérito para apurar os responsáveis pela escuta telefônica do ex-dirigente. [...] O advogado de Ivens Mendes, Luís Guilherme Vieira, entrou no Tribunal Regional Federal com três pedidos de habeas corpus em favor de seu cliente. Vieira quer que sejam invalidadas todas as provas derivadas da gravação clandestina, ilegal”. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/9/03/esporte/3.html>. Acesso em 20/06/2014.

vezes favorece seus clubes. A matéria trata especificamente do caso Ivens Mendes e do Campeonato Brasileiro de 1996, mas, em diversas passagens, refere-se a casos esparsos e pontuais que não obtiveram destaque na mídia, mas, igualmente, ofuscam e mancham diversos campeonatos já realizados⁵⁵. O esquema não atuou somente no Brasil, mas também foi negociado pela CBF com a Associação de Futebol Argentino — AFA —, nas eliminatórias para a Copa do Mundo, em 1993. Segundo a reportagem, através do depoimento do próprio árbitro envolvido, José Aparecido de Oliveira, deveria arranjar o jogo da Argentina *versus* Colômbia, enquanto o árbitro argentino Juan Carlos Lostau daria o serviço no jogo do Brasil contra Equador. Como ele não fez o solicitado, foi excluído do quadro de árbitros da FIFA e não atuou mais em jogos internacionais. O sistema de arranjo de resultados é, contudo, complicado:

[...] a observação atenta das conversas de Ivens Mendes mostra o complexo mecanismo que há por trás das atuações suspeitas dos árbitros. Primeiro, vende-se à vontade, de acordo com a ocasião, mas a “compra” não garante a entrega do produto. Fora casos absurdos e cada vez mais perigosos num mundo de jogos transmitidos a rodo [sic] pelas TVs, os times também devem colaborar com o juiz, jogando bola. Não há como fazer um Olaria ser campeão carioca, se o clube não montar um time que preste. (PLACAR, 1997, p. 85).

Em outras palavras, com o desenvolvimento da tecnologia, da internet, da transmissão de praticamente todas as partidas disputadas pelos times profissionais do Brasil ao longo do ano, as armações tornam-se mais complexas, mas, nem por isso, tornaram-se raras. A diferença é que nos dias atuais, qualquer um pode ter acesso aos vídeos das partidas — através de canais como o Youtube — e ver, por si mesmo, sem a edição proporcionada pelos meios de comunicação. Além disso, através da web é possível encontrar notícias, comentários, resenhas em sítios diversos, o que torna a manipulação mais difícil de ocultar: não por outra razão, ela tornou-se mais inteligente e difícil de

⁵⁵ A reportagem fala em manipulação contra o Remo no Campeonato Brasileiro de 1993; em jogos do Botafogo de Ribeirão Preto no Paulista de 1995 e da Francana-SP (time de Ivens Mendes). No Campeonato Carioca: “[...] a desfaçatez é tamanha que na partida entre Vasco x Volta Redonda, em abril passado [de 1997], a torcida cruz-maltina gritava ‘marmelada’ diante do juiz Carlos Alberto Duque, que insistia em não terminar o jogo enquanto os donos da casa não fizessem o gol da vitória” (PLACAR, 1997, p. 84).

detectar, sem que isso pareça apenas *mais um choro de perdedor* contra uma arbitragem tendenciosa ou regulamentos distorcidos.

BRASILEIRO DE 1997: CAMPEÃO, VASCO-RJ; VICE, PALMEIRAS-SP

No ano de 1997, várias irregularidades foram cometidas, principalmente através da corrupção nas arbitragens, envolvendo o Presidente da Comissão Nacional de Arbitragem de Futebol – CONAF – Ivens Mendes e a venda de resultados de jogos e financiamento de campanhas políticas. Ivens Mendes era presidente do órgão desde 1988, que era o responsável pela escalação dos árbitros para as partidas organizadas pela CBF.

Já se fez referência à reportagem exibida pela TV Globo em maio de 1997, com o envolvimento de dirigentes do Atlético-PR e de Corinthians-SP. Reforça-se, aqui, mais uma vez, que os trabalhos da Subcomissão Especial — incumbida da investigação dos casos — jamais foram finalizados e, passado todo esse tempo, qualquer resultado obtido veio a ser divulgado.

No Campeonato Brasileiro de 1997, o Fluminense-RJ repetiu a fraca campanha do ano anterior e, desta vez, foi rebaixado à 2ª divisão (e novamente rebaixado à 3ª divisão no ano seguinte, vencendo a Série C em 1999). Outro fato relevante a se considerar refere-se ao primeiro jogo da final entre Vasco-RJ e Palmeiras-SP: o grande jogador da equipe carioca, Edmundo, recebeu cartão amarelo, o que, de acordo com o regulamento inicial, o tiraria da segunda e decisiva partida, já que acumulava três cartões amarelos e, para esses casos, a suspensão no jogo seguinte era automática. Claramente instruído por representantes do Vasco-RJ que se encontravam fora de campo, o jogador forçou a sua expulsão, ao agredir o zagueiro adversário, Cleber. Esta manobra possibilitava ao departamento jurídico do Clube agir, pressionando a CBF por um julgamento (nesta competição, toda expulsão de um jogador deveria ser julgada pelo Tribunal Desportivo, para que se definisse a punição). Era — e continua sendo — tão explícita a força das equipes cariocas junto à CBF, que a mesma deu expediente no final de semana, reunindo o Tribunal e efetuando o *julgamento* do jogador, que acabou *absolvido* e pôde participar do último jogo (SANTIAGO JR, 2006).

BRASILEIRO DE 1999: CAMPEÃO, CORINTHIANS-SP; VICE, ATLÉTICO-MG

Neste Campeonato participaram 22 equipes e a CBF inovou no critério para o rebaixamento, que seria uma média de pontos conquistados em 1998/1999: por si só já beneficiaria aqueles que participaram dos dois anos, pois os que disputaram a 2ª divisão um ano antes estariam claramente em desvantagem, necessitando realizar uma excelente campanha para se manterem na divisão principal. Mesmo assim, o Botafogo-RJ estava em vias de rebaixamento: como que por mágica, *descobriu-se* que um jogador do São Paulo, Sandro Hiroshi, havia sido registrado na CBF com documentos falsificados (a despeito do São Paulo-SP ter recebido a autorização formal da entidade para a escalação do jogador). Hiroshi havia participado da partida na qual o São Paulo-SP venceu o Botafogo-RJ por 6 x 1: desta forma, a Confederação puniu o clube paulista com a perda dos pontos deste jogo, atribuindo-os ao time carioca. Esta manobra possibilitou que o time escapasse do rebaixamento, pela média dos pontos, e o Gama-DF, foi rebaixado em seu lugar⁵⁶. Posteriormente, atendendo um despacho da Justiça, o Gama foi mantido na 1ª divisão do ano seguinte, aumentando ainda mais a desorganização do Campeonato de 2000.

As partidas finais entre Corinthians/SP e Atlético/MG também são citadas como exemplos de favorecimento ao time paulista. O técnico da equipe mineira, Humberto Ramos, deu a seguinte entrevista para o portal Superesportes, dos Diários Associados, em 2011:

Estivemos muito próximos da conquista em 1999. Tivemos uma perda muito importante. O Marques representava 40% do elenco. O elenco era restrito, não tinha substitutos à altura. Além disso, tivemos um pênalti

⁵⁶ O critério para o rebaixamento à Série B em 1999 era a média dos pontos obtidos no campeonato atual e no anterior. Seriam rebaixados os clubes com as 4 menores médias. Mas, como o número de jogos na primeira fase baixou de 23 para 21 entre 1998 e 1999, era necessário fazer uma média ponderada entre as duas pontuações. A fórmula definida pela CBF para a média de pontos (MP) era: $MP = ((P98/23) + (P99/21)) / 2$; sendo P98 a pontuação em 1998 e P99 a pontuação em 1999. No caso de Gama-DF e Botafogo-SP, que não disputaram o Campeonato de 1998 (já que haviam subido da Série B), a fórmula se reduzia a: $MP = P99/21$.

não marcado pelo Márcio Rezende [de Freitas, mineiro, que apitou a partida], no segundo jogo que poderia ser decisivo⁵⁷.

Na mesma reportagem, o atacante Guilherme tinha opinião semelhante ao seu treinador, apesar de admitir uma suposta superioridade corintiana:

Nós começamos a perder o campeonato quando o Marques se machucou. Eu já sabia disso, mas mesmo assim nós pressionamos. Tivemos um pênalti claro não marcado e prejudicou também. Mas, sendo bem sincero, o Corinthians era muito superior ao Atlético⁵⁸.

São bastante questionáveis os registros feitos por Humberto Ramos e por Guilherme, paulista da cidade de Marília. Diante do que se viu nas três partidas decisivas, não se pode afirmar o que afirmaram e, sobretudo, na última partida em São Paulo que definiria o campeão. Entretanto, não foram essas apenas as partidas envolvendo Atlético-MG e Corinthians-SP no Brasileiro de 1999. Antes das finais, as equipes deveriam se enfrentar em campo neutro e isso se realizou no Rio de Janeiro, no Maracanã. A partida, assim como os jogos decisivos, não demonstrou a superioridade dita por Guilherme, que, após encerrar a carreira de jogador, iniciou a de técnico com a intenção de abrir as portas do mercado. Pelo contrário, naquela tarde de domingo carioca, o que se viu foi um massacre dos atleticanos sobre os paulistas no Maracanã: 4x0! Nas finais da competição, antes da última partida decisiva, o Atlético venceu a primeira em Belo Horizonte por 3x2, mas perdeu a segunda por 2x0 em São Paulo e, aqui, nessa segunda partida, o árbitro interferiu no resultado, conforme as imagens disponíveis e vários depoimentos da crônica desportiva brasileira. As equipes foram para a derradeira partida, mas, em função do saldo de gols — e, aqui, está o resultado da interferência da arbitragem —, decorrente dos dois primeiros jogos, o Atlético estaria na obrigação de vencer. O Corinthians jogaria pelo empate.

⁵⁷ Disponível em: http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2011/12/19/noticia_atletico_mg,204689/diagnostico-dos-vices-desfalques-importantes-arbitragem-e-incertezas.shtml. Acesso em 19/12/2011.

⁵⁸ Disponível em: http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2011/12/19/noticia_atletico_mg,204689/diagnostico-dos-vices-desfalques-importantes-arbitragem-e-incertezas.shtml. Acesso em 19/12/2011.

A partida final seria jogada também em São Paulo. O Atlético foi superior o suficiente para sair vencedor, mas o empate terminou por acontecer. Na transmissão da Rede Globo, aos 15 minutos do segundo tempo, dada a pressão dos alvinegros de Minas Gerais, diz Galvão Bueno: “o título está completamente em aberto, sendo disputado aqui e agora no Morumbi”.⁵⁹ Aos 24 minutos do segundo tempo, o comentarista da Rede Globo, ex-jogador e ex-treinador da Seleção Brasileira, Paulo Roberto Falcão, comenta a necessidade de substituição a se fazer pelo técnico do Corinthians, Oswaldo de Oliveira que, naquele momento, não conseguia equilibrar a partida: “está na hora de mexer. O Atlético é o dono do jogo.”⁶⁰ Foram várias as chances de gol perdidas pelos mineiros e foi grande a atuação do goleiro Dida do Corinthians. Aos 30 minutos, mais uma vez Galvão Bueno solta a voz: “Dida salva o Corinthians”.⁶¹ Aos 38 minutos, o Atlético teve Beletti expulso e terminou o jogo com dez em campo. No encerramento da partida, com o empate em 0x0, diz Galvão Bueno: “faz a festa o Corinthians, jogando contra o Atlético, valente, lutador que cresceu mesmo com um homem a menos [...]”.⁶²

Um pênalti não marcado que define resultados de partidas e títulos: o que temos visto, na maioria das vezes, é o árbitro errando a favor do time da casa, mais ainda se a *casa* for o Rio ou São Paulo. Conforme apontado pelo árbitro José Aparecido à revista Placar, em 2011, ao se referir a sua participação no caso Ivens Mendes, todos os juízes sofrem pressão por parte de dirigentes e até mesmo das Federações estaduais, para favorecer este ou aquele time. Em suas palavras, nos jogos do Campeonato Paulista: “Juiz nenhum, em começo de carreira, tem coragem de dar um pênalti contra o Corinthians no Pacaembu. Se fizer isso, não apita nunca mais.”⁶³ Aquela partida não foi apitada por um juiz em início de carreira; e, tampouco, se tratava de um jogo do Campeonato Paulista. Era a final do Campeonato Brasileiro, em São Paulo, no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. Entretanto, o pior dessa história de desfecho feliz para os paulistas em 1999, é a participação provinciana dos próprios mineiros no arranjo feito pelos

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=280KAjadJGE>. Acesso em 24/11/2012.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=280KAjadJGE>. Acesso em 24/11/2012.

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=280KAjadJGE>. Acesso em 24/11/2012.

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=280KAjadJGE>. Acesso em 24/11/2012.

⁶³ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/estaduais/paulistao/corinthians/materias/a-volta-de-um-velho-fantasma.html>. Acesso em 17/03/2011.

poderes do centro e da própria CBF. A estratégia na escala de árbitros para as duas primeiras partidas foi a seguinte: um árbitro paulista apita em Minas; um árbitro mineiro apita em São Paulo. Diante do exposto, inclusive diante do depoimento do árbitro José Aparecido à Revista Placar em 2011, em nada direcionado para o segundo jogo da decisão de 1999, o árbitro mineiro, Márcio Rezende de Freitas, seria muito mais pressionado em São Paulo: como, de fato, foi; e agiu atendendo aos interesses de São Paulo. Por outro lado, em momento algum, na primeira partida, o árbitro paulista foi pressionado em Minas Gerais. A terceira e derradeira partida, apitada por Carlos Eugênio Simon, também no estádio paulista, ainda foi alvo de críticas, principalmente por lances duvidosos e a marcação de um impedimento inexistente do ataque atleticano, que poderia resultar em gol.

Coincidência ou não, estes dois árbitros — Márcio Rezende de Freitas e Carlos Eugênio Simon — protagonizariam, anos depois, mais cenas que reforçam nosso argumento, como veremos com mais detalhes ao longo dos textos que aqui se apresentam. O primeiro deixou de marcar pênalti claro — e reclamado por todo o Brasil — no jogador Tinga do Internacional-RS, por parte do goleiro do Corinthians-SP, Fábio Costa, na partida decisiva do Campeonato Brasileiro daquele ano de 2005 (talvez o mais contestado dos últimos anos), disputada em São Paulo, e que levou o time paulista a mais uma conquista. O segundo, também não assinalou o pênalti cometido pelo jogador do Botafogo-RJ sobre o meia atacante Tchô, do Atlético-MG, pelas quartas-de-final da Copa do Brasil, no Maracanã, classificando o time carioca no ano de 2007 à fase seguinte da competição⁶⁴. Além disso, Simon protagonizou uma das mais extravagantes semifinais do Campeonato Brasileiro — edição 2001 — de toda a história da competição, nas quais, também, envolvia o Atlético-MG na cidade de São Caetano-SP completamente alagada.

⁶⁴ “Eu não marquei [o pênalti] porque não tive a convicção clara da penalidade e a bola ainda sobrou para o companheiro do atacante, que errou na finalização. Agora, revendo pela televisão, eu vi que houve pênalti e errei, disse o atual comentarista de arbitragem da *Fox Sports*, à época. Simon errou em não marcar pênalti do zagueiro botafoguense Alex no atacante Tchô, do Atlético-MG, na partida de volta. O primeiro jogo, no Mineirão, terminou 0 a 0, e o clube de Belo Horizonte se classificaria caso convertesse o pênalti — o duelo acabou 2 a 1 para a equipe carioca”. Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/08/torcedor-que-processou-cbf-por-erro-de-arbitragem-tem-recurso-negado.htm>. Acesso em 21/11/2013.

Na leitura que aqui se faz, portanto, os títulos importam menos. O propósito é apresentar informações e discutir como os títulos foram encaminhados e conquistados.

BRASILEIRO DE 2000, COPA J. HAVELANGE: CAMPEÃO, VASCO-RS; VICE, SÃO CAETANO-SP

Em razão do polêmico rebaixamento do Gama-DF na edição de 1999, a CBF, acionada na Justiça Comum pela equipe brasiliense e com prazos a cumprir junto à emissora de TV detentora dos direitos de transmissão, precisou recorrer ao artifício de repassar a organização do campeonato para o Clube dos 13. Assim, impossibilitado de organizar o Campeonato Brasileiro, a competição foi rebatizada de Copa João Havelange (nome bastante apropriado para uma competição cheia de vícios jurídicos, irregularidades administrativas e politicagem explícita). Tal qual em 1987, foram criados quatro módulos e um total de 114 participantes. O chamado Módulo Azul era composto por 25 clubes: os 17 mais bem colocados no Campeonato Brasileiro de 1999; Santa Cruz-PE e Goiás-GO (que disputaram a Série B de 1999 e foram os mais bem classificados); Botafogo-RJ (que não foi rebaixado no ano anterior por força da decisão do STJD: no caso Sandro Hiroshi); Fluminense-RJ (que havia disputado a 3ª Divisão em 1999 e competiria na Segunda Divisão de 2000, mas foi *convidado* pelo Clube dos 13); Gama-DF e Juventude-RS (que entraram com processos na Justiça Comum e obtiveram a permanência na Série A em troca da retirada das ações); Bahia-BA e América-MG (que disputaram a segunda divisão de 1999 e, tal qual o Fluminense-RJ, foram convidados).

Ao término das diversas fases da competição, Vasco-RJ e São Caetano-SP se enfrentaram na decisão: a equipe do interior paulista, por conta do regulamento, jogou o seu jogo como mandante no Parque Antártica, estádio do Palmeiras-SP. A segunda partida deveria ser disputada no Maracanã. Contudo, a força política do presidente do Vasco-RJ, junto à CBF e ao Clube dos 13, o Deputado Federal (à época) Eurico Miranda, garantiu que o jogo acontecesse em seu estádio, São Januário, no dia 30/12/2000, que não reunia as condições que se exigia para um evento deste porte. São Januário era tão

precário quanto o estádio do São Caetano — o Anacleto Campanela — que, naquela decisão, fora considerado inapto para a disputa da 1ª partida. A manobra feita pelo Vasco da Gama foi bastante parecida com a decisão do Brasileiro de 1974, envolvendo o Cruzeiro. Entretanto, as consequências foram trágicas.

Infelizmente, em razão da superlotação do estádio vascaíno, aproximadamente aos 23 minutos do 1º tempo, parte da arquibancada cedeu, ferindo cerca de 170 pessoas. O jogo foi interrompido (apesar dos protestos de Eurico Miranda, que desejava o seu reinício, assim que os feridos foram atendidos) e as cenas do acidente e das pessoas recebendo atendimento médico no gramado de São Januário foram bastante comoventes. O Vasco-RJ — mandante da partida e responsável pela organização e segurança do evento — não foi punido pelo acidente e nova partida foi marcada para o Maracanã, no dia 18/01/2001, vencida pela equipe cruzmaltina por 3 x 1. Entretanto, o título, conforme o regulamento, não deveria ficar com os cariocas.

Depois de toda a bagunça, os desmandos, as decisões judiciais, mudanças de tabela e até mesmo queda de alambrado com mais de 200 feridos, finalmente acabou a Copa João Havelange. De fato não deu nada certo o campeonato brasileiro sair das mãos da CBF e ficar nas mãos dos dirigentes dos clubes, que claramente não querem organizar as coisas com correção. Querem, sim, é tirar proveito em benefício próprio. O maior expoente é Eurico Miranda, presidente do Vasco. Com muita força nos bastidores e junto à Justiça Desportiva, Eurico conseguiu forçar a realização de uma terceira partida na final contra o São Caetano. Mesmo tendo sido a torcida do Vasco a responsável pela confusão em São Januário, no dia 31 de dezembro de 2000, o título não ficou com o São Caetano, como previa o regulamento⁶⁵.

Há ainda um fato a ser mencionado: na 3ª e decisiva partida, a equipe do Vasco entrou em campo com o logotipo da TV SBT estampado em sua camisa, numa provocação clara a TV Globo, que realizava a transmissão da partida. À época, Eurico Miranda disse que se tratava apenas de uma homenagem àquela emissora, mas depois confirmou que era um troco a ser dado, já que não havia gostado do tom da cobertura, feita pela TV Globo, da tragédia em São Januário.

⁶⁵ Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/brasileiro2000/>. Acesso em 20/06/2014.

A provocação vascaína foi mais um episódio da briga que se arrasta desde o início do ano entre a Globo e o presidente eleito do clube, Eurico Miranda. O dirigente acusa a emissora de ter manipulado as informações sobre a queda de parte do alambrado de São Januário, no último dia 30 [de janeiro de 2000], que deixou 210 torcedores feridos. Com a decisão da diretoria do Vasco, a marca do SBT foi veiculada pela Globo durante o jogo. Alheia a tudo isso, a torcida vascaína apoiou a provocação. Logo após o gol de Juninho Pernambucano, torcedores gritavam o nome da emissora paulista. Durante o jogo, integrantes da Força Jovem, a maior torcida organizada do clube, cantavam músicas hostilizando a TV Globo. "Fora Globo. Fora do Brasil", cantavam⁶⁶.

O curioso é que a partir daquele ano, o Vasco da Gama-RJ passou a enfrentar muitas dificuldades, dentro e fora de campo: atolado em dívidas milionárias, o Clube foi rebaixado por duas vezes à 2ª divisão em cinco anos — 2008/2013 — e, com exceção do vice-campeonato em 2011, tem tido participações bem modestas no Campeonato Brasileiro, figurando sempre em posições inferiores, muito aquém da sua grandeza e do que já havia apresentado anteriormente, até este ano de 2000. O clube deixou de ser presidido por Eurico Miranda e atualmente ocupa a presidência Roberto *Dinamite*, um dos maiores ídolos vascaínos, mas que não tem se dado muito bem na função de gestor.

BRASILEIRO DE 2001: CAMPEÃO, ATLÉTICO-PR; VICE, SÃO CAETANO-SP

O Campeonato Brasileiro de 2001 voltou a ser organizado pela CBF e contou com um total de vinte e oito participantes, sendo que os oito mais bem colocados da 1ª fase classificavam-se para as quartas de final, em sistema eliminatório. Todavia, os jogos das quartas e semifinal eram decididos em partida única, no campo do time de melhor campanha que, ainda, teria a vantagem do empate para seguir adiante.

Todas as [25] equipes do módulo principal da Copa João Havelange foram mantidas [favorecendo amplamente o Fluminense que pulou da 3ª Divisão para a 1ª, sem disputar a 2ª]⁶⁷ e incluíram-se as equipes

⁶⁶ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1901200109.htm>. Acesso em 20/06/2014.

⁶⁷ Vale ainda ressaltar que a participação do Fluminense na Terceira Divisão e a sua posterior classificação para a 2ª (não disputada) em 2000, também é cercada de insinuações por parte de alguns jornalistas

rebaixadas em 1999 (o Paraná/PR e o Botafogo/SP) e o São Caetano (vice-campeão da Copa João Havelange). O curioso é que a mesma decisão não foi tomada nas 2ª e 3ª divisões, onde não foi utilizado critério técnico algum para definir os participantes, o que mostrou evidências da ajuda bionica a algumas equipes que não tinham conquistado suas vagas dentro do campo (SANTIAGO JR, 2006, p. 57).

Nas semifinais, restaram: Atlético-PR e Fluminense-RJ; Atlético-MG e São Caetano-SP. Esta foi a ordem dos confrontos. O time do Paraná venceu o Fluminense-RJ por 3 x 2 em Curitiba e o São Caetano derrotou o time mineiro por 2 x 1 em São Caetano do Sul — no mesmo estádio interdito na decisão do Campeonato do ano anterior. Desta vez, entretanto, o São Caetano tirou proveito. A partida foi disputada, a partir dos 20 minutos do primeiro tempo, sob forte chuva e em um campo absurdamente alagado — enormes poças d'água cobriam quase todo o gramado inundado — que não oferecia as menores condições de jogo. O árbitro da partida, Carlos Eugênio Simon⁶⁸ não interrompeu a partida, talvez também pressionado pelo fato de um cancelamento complicar ainda mais a crônica falta de datas disponíveis para a disputa das partidas finais do Campeonato, sob o ponto de vista da detentora dos direitos de transmissão. Naquela mesma noite, críticas

esportivos: “No quadrangular final, na segunda rodada, a equipe carioca ganhou os pontos do jogo contra o São Raimundo, que havia acabado empatado, sob a alegação de irregularidades com o jogador da equipe amazonense. O Fluminense era novamente beneficiado por decisões extra campo. O Serra, outra equipe que ainda estava na disputa pelo acesso, perdeu os pontos da vitória frente ao Náutico, em jogo válido pela penúltima rodada. Este resultado também beneficiou o tricolor carioca”. Fonte: <http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2008/07/15/o-fluminense-e-as-decisoes-extra-campo/>. Acesso em 15/11/2013.

⁶⁸ Este agora ex-árbitro coleciona participações polêmicas e desastrosas em sua carreira. Em entrevista ao Portal R7, da Rede Record, ele toca, sutilmente, em alguns pontos que, abertamente, dificilmente teria coragem para expor: “Por que o nível dos árbitros brasileiros atuais é tão fraco? Quando vai acontecer a profissionalização no país? Simon: ‘Não concordo que o juiz brasileiro seja fraco, não. Pelo contrário, acho que é um dos melhores do mundo, se não for o melhor. Apitar aqui com toda a pressão dos clubes e as manhas do jogador brasileiro é terrível. As condições que são dadas não ajudam. Não há como a pessoa só se dedicar a arbitragem. O que deveria acontecer, concordo com você, é a profissionalização. Há um processo tramitando pelo Congresso Nacional pedindo a nossa profissionalização há anos. Mas está parado. No Brasil não querem que os árbitros sejam profissionais independentes. Não há interesse. Não me pergunte de quem...’ Vou perguntar: o interesse é das Federações, dos clubes, para que os árbitros sejam sempre vulneráveis a pressões e dependentes? Simon: ‘Olha... É mais ou menos por aí. Não há mesmo interesse na independência total dos árbitros no Brasil. Por isso não somos profissionalizados. Está tudo amarrado. Não podemos levar toda a nossa vida para nos dedicarmos apenas ao jogo de futebol. Como todos os outros personagens da partida. Somos amadores. Não deixam os árbitros virarem profissionais no Brasil. Não deixam. Trabalhar no Brasil como árbitro exige sacrifícios pessoais que ninguém tem ideia. É pressão por todo o lado. Nós deveríamos ser muito mais valorizados e em todos os sentidos’”. Fonte: <http://esportes.r7.com/blogs/cosmerimoli/aposentado-e-com-um-pe-na-bandeirantes-simon-admite-no-brasil-nao-querem-que-os-arbitros-sejam-profissionais-independentes-08122010/>. Acesso em 19/06/2014.

de toda a imprensa fizeram com que o árbitro, presente em um programa de televisão da Rede Globo, admitisse que, talvez, não tenha tomado a decisão correta. No dia seguinte, muitas críticas ao árbitro surgiram em diversos veículos de imprensa, atestando, no mínimo, a sua falta de bom senso:

Interessante ontem foi o dilúvio que caiu em São Caetano do Sul. Se o Simon queria que o jogo terminasse a qualquer custo (certamente por razões obscuras que ultrapassam nossa vã filosofia), então por que não obrigou os jogadores a vestirem pés-de-pato? Uma coisa é certa: o São Caetano deu muita sorte ao empatar a partida antes de a chuva tornar o campo impraticável. É verdade que, em circunstâncias normais, a água teria atrapalhado tanto a equipe do ABC como o Atlético-MG (que gostam de tocar a bola), mas, em semifinal de Campeonato Brasileiro, a coisa muda. O Galo precisava da vitória e começou bem a partida. Fez o gol e parecia sólido, quando o São Caetano empatou já sob chuva fina (ou nem tanto). O Azulão soube acalmar-se após o empate e chegou a ameaçar a meta mineira antes do intervalo, porém o rival continuava bem. Depois disso, só chuva. Ela destruiu o espetáculo, furtando aos jogadores a capacidade de criar, de dar um passe de três metros com precisão. Foi um festival de chutões e escorregões. E o Simon achando que estava tudo normal...⁶⁹

A diretoria do Clube mineiro, bem como seus jogadores, apontou a decisão equivocada do árbitro como um dos motivos da derrota, já que, segundo eles, o estádio não oferecia condições de jogo nem mesmo se não houvesse ocorrido a chuva: "Além de não ter capacidade nem para 20 mil torcedores, o estádio não tem drenagem. Fomos prejudicados, afirmou Alexandre Kalil, presidente do Conselho Deliberativo do Atlético [à época]"⁷⁰. Na ausência dos clubes das cidades do Rio e São Paulo e como uma forma de compensar o prejuízo do ano anterior, quando foi explicitamente prejudicado, o São Caetano, a despeito de seus méritos enquanto equipe, foi favorecido para chegar à disputa de sua segunda final, pelo segundo ano consecutivo. Vale dizer que, a partir de 2003, quando o Campeonato passou a ser disputado no sistema de pontos corridos, as manipulações aconteceram, em geral, desta maneira: o clube prejudicado hoje, em favor de outro, do eixo Rio/SP, pode ser beneficiado amanhã. Porém, o time do eixo Rio/SP beneficiado hoje continuará favorecido amanhã e é assim que se fabricam campeões, na

⁶⁹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u30845.shtml>. Acesso em 19/06/2014.

⁷⁰ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u30822.shtml>. Acesso em 19/06/2014.

sombra da ilusão de que os juízes *erram pra todos os lados*: eles não erram contra todos, seus erros são bastante seletivos e isso fica claro quando analisamos tudo em séries históricas, como fazemos aqui.

BRASILEIRO DE 2005: CAMPEÃO: CORINTHIANS-SP; VICE, INTERNACIONAL-RS

Este Campeonato ficou bastante conhecido pela descoberta de um amplo esquema de corrupção de árbitros e manipulação de resultados das partidas para favorecer quadrilhas de apostadores em sites do gênero. O juiz Edilson Pereira de Carvalho — considerado um dos mais qualificados do Brasil, à época, pertencente ao quadro da FIFA — foi pego através de escutas telefônicas montadas pelo Ministério Público de São Paulo em conjunto com a Polícia Federal. A chamada “Máfia do Apito” seria responsável por vender os resultados de 25 partidas apitadas pelo juiz nos Campeonatos Paulista, Brasileiro, Copa Libertadores e Sul-Americana (mais de 40 partidas se considerados todos os envolvidos).

No caso do Brasileiro, Edilson e outro juiz, Paulo José Danelon, vendiam os resultados das partidas nas quais trabalhavam por valores entre 10 e 15 mil reais para Nagib Fayad, de Piracicaba, interior paulista. Nagib tratava diretamente com os juízes e depois acionava seus três sócios, donos de casas de bingo em São Paulo, a fim de combinar o placar e o valor das apostas. Essas eram feitas principalmente nos sites Aebet e Futbet, especializados neste tipo de jogatina, registrados em outros países, para burlar as leis brasileiras, que proíbem esta atividade. Em algumas das escutas telefônicas, dentre outras coisas, o que chama a atenção é a maneira como o árbitro agia em campo, para conseguir fazer o resultado desejado pela quadrilha:

Na véspera do jogo [Figueirense/SC x Vasco/RJ], Fayad liga para Edilson e reclama que o árbitro falhou nos últimos jogos (entre eles, Juventude 1 x 4 Figueirense e Santos 4 x 2 Corinthians). Edilson se defende, culpando a boa performance do atacante Edmundo, do Figueirense, na partida contra o Juventude. O árbitro tenta animar o empresário a dar seguimento ao esquema: Edilson: Amanhã eu faço Vasco e Figueirense.

Fayad: Qualquer coisa eu ligo pra você. Estou desanimado. Edilson: O Figueirense joga sem cinco titulares. E o Vasco tem de ganhar de qualquer jeito [...]. Vou marcar falta no meio-de-campo. Se o cara reclamar, meto pra fora [...]. Pode jogar até os carros que você tem, porque amanhã eu saio de escolta (do jogo) do Figueirense (VEJA, 28/09/2005, p. 74).

Em outras palavras, o apitador garantia o lucro da quadrilha na medida em que se comprometia a ter uma atuação desastrosa, dentro do ponto de vista técnico, e iria favorecer, neste caso, o Vasco-RJ: amarraria o jogo do Figueirense-SC no meio de campo, irritaria os jogadores, marcaria pênaltis e impedimentos inexistentes, enfim, teria uma parcela extremamente considerável no resultado do jogo. Se não podemos dizer que o árbitro tem o poder absoluto de fazer o resultado, podemos afirmar que sua parcela de responsabilidade chega próximo disso, já que o próprio Edilson sugeria ao seu comparsa apostar até os carros que ele possuísse, pois garantia o sucesso. Neste caso particular, a corrupção e a manipulação de resultados não se dava segundo os interesses dos clubes do centro em detrimento dos demais, como exaustivamente tratado nesta pesquisa, mas em acordo com as necessidades da quadrilha. Contudo, o que este caso ensina é que a manipulação de resultados é algo que existe no futebol e, inclusive, admitido pela própria FIFA na Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014. Entretanto, para a presente pesquisa, nos ensina mais que isso. O caso nos faz aprender que há um jogo mais amplo, invisível, que está fora do campo coberto de grama. O que acontece nos gramados pode ser apenas um pequeno detalhe de um jogo maior, *completamente fora de controle*, como diz Jérôme Valcke⁷¹ — francês, Secretário Geral da FIFA — em Programa que foi ar no dia 02 de julho de 2014, no canal de televisão SPORTV/GLOBOSAT.⁷² O caso nos faz refletir sobre as várias decisões de campeonato sobre as quais pairam suspeitas. O caso nos faz

⁷¹ Jérôme Valcke: “A manipulação de resultados acontece no nosso esporte e não acho que um dia iremos conseguir eliminar 100% essa manipulação. Acho que infelizmente a manipulação dos resultados é um grande negócio organizado em diferentes partes do mundo. Não tem mais a ver com futebol, é apenas para ganhar dinheiro. Temos duas empresas que verificam todas as apostas do mundo. Temos um acordo com todos os países e empresas oficiais na área de apostas. Mas o que é feito debaixo do pano é muito difícil controlar. Temos que ter apoio das polícias, das autoridades de diferentes países e da Justiça para ter certeza de que tenhamos sanções. As sanções hoje não são suficientes para se ter certeza de que possamos lutar de forma certa contra essas manipulações - afirmou o dirigente.” <http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2014/07/valcke-admite-ser-impossivel-acabar-com-manipulacao-de-resultados.html>. Acesso em 03/07/2014.

⁷² Seleção Sportv, 02 de julho de 2014.

pensar, sobretudo, nas opiniões da imprensa de Rio e de São Paulo a respeito de decisões “equivocadas” dos árbitros em favor dos clubes paulistas e cariocas. Erros. Equívocos. Uma tarde infeliz da arbitragem. O escandaloso caso do árbitro brasileiro, entretanto, já foi esquecido. Apesar da sua magnitude, até mesmo este absurdo exemplo foi tratado sistematicamente pela imprensa, mesmo na época, como um fato isolado.

Ainda há mais a dizer: o STJD, presidido por Luiz Zveiter, em 2005, tomou a decisão de anular as 11 partidas apitadas por Edilson no Campeonato Brasileiro daquele ano, mas não de anular todo o Campeonato — o que, a nosso ver, seria o mais correto a fazer, tendo em vista que não se sabia e ainda não se sabe a extensão da corrupção — que estava sob suspeição. Junte-se a isso o fato de que as partidas apitadas por Paulo José Danelon, na Série B, não foram anuladas e nenhuma atitude foi tomada pelo STJD o que evidencia não apenas a contradição, mas a conivência cúmplice com a corrupção confessa. Na medida em que os fatos se desenrolavam, ao longo de setembro e outubro de 2005, Edilson Pereira de Carvalho acusa o Presidente da Comissão Nacional de Arbitragem Armando Marques (aquele mesmo do jogo entre Vasco-RJ e Cruzeiro-MG em 1974) de pressioná-lo para ajudar o Flamengo-RJ contra o Juventude-RS, pela Copa do Brasil de 1991⁷³. Não era uma confissão qualquer, mas foi ignorada e abafada no contexto de todas as confissões que o identificaram como corrupto. Não era uma confissão qualquer, pois, ali, estava um fio de meada a partir do qual se poderia investigar e refletir sobre a manipulação de resultados também originária não de jogos de aposta, mas, ainda, de interesses originários de poderes localizados nas entidades gestoras do futebol e, certamente, de poderes do eixo Rio/São Paulo.

Ainda no que diz respeito ao Campeonato Brasileiro de 2005, é fácil inferir que os times que venceram as 11 partidas apitadas por ele não aceitaram passivamente a anulação e remarcação de seus jogos: isso poderia implicar na reversão do resultado, o que de fato acabou acontecendo em algumas das partidas. O Corinthians-SP foi o clube que mais se beneficiou com a remarcação das partidas, já que conquistou 4 pontos que

⁷³ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/corruptcaonofutebol/interna/0,,OI692247-EI5477,00.html>. Acesso em 23/06/2009.

havia perdido nas partidas originais⁷⁴. Por outro lado, o Cruzeiro-MG foi o que teve o maior prejuízo. Fato é que o time paulista foi o campeão obtendo 3 pontos de vantagem para o 2º colocado, o Internacional-RS, evidenciando o quanto a remarcação dos jogos o favoreceu. Por fim, este ano de 2005 ainda ficou marcado pelo erro mais grosseiro da arbitragem pós Edilson: o árbitro Márcio Rezende Freitas, na partida entre Corinthians-SP x Internacional-RS, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, não marcou o pênalti cometido pelo goleiro paulista sobre o jogador colorado. Ademais, deu-lhe um cartão amarelo e o expulsou em seguida, já que o mesmo já havia recebido cartão amarelo anteriormente, por *simulação*. Este erro crasso foi admitido por ele, posteriormente, alegando ter sido o pior erro em sua carreira como árbitro⁷⁵.

⁷⁴ **3ª rodada - Vasco 0 x 1 Botafogo:** Romário deixa Alex Dias na cara do gol, mas o árbitro erra e marca impedimento. O gol da vitória sai de pênalti marcado do goleiro Everton em Rafael Marques. "Ele sabe que se jogou. Ele fez certo, errado foi o juiz, que caiu na dele", disse Everton. **10ª rodada - Ponte 1 x 0 São Paulo:** Vitória deixa o time de Campinas na liderança. São Paulo teve chance de empatar aos 37min, em pênalti que Ceni cobrou e Lauro defendeu. **12ª rodada - Paysandu 1 x 2 Cruzeiro:** Time mineiro não vencia fora de casa desde 7 de setembro de 2004. O técnico do Paysandu, Paulo Campos, foi demitido. **14ª rodada - Juventude 1 x 4 Figueirense:** Jogo citado na gravação usada por 'Veja'. Edmundo faz três e arma jogada do quarto gol. Quando estava 2 a 1, Zé Carlos perdeu pênalti para o Juventude que, se vencesse, ficaria próximo da zona de classificação para a Libertadores. **16ª rodada - Santos 4 x 2 Corinthians:** Volta de Robinho ao Santos. Corinthians vinha de cinco vitórias. Último gol santista, feito por Wendell, gerou polêmica por possível impedimento. **18ª rodada - Vasco 2 x 1 Figueirense:** Vitória tira o time do Rio da zona de descenso e mantém catarinenses entre os rebaixados. Primeiro do Vasco foi de pênalti, marcado por Romário. Com 1min do segundo tempo, Michel Bastos, também de pênalti, marcou. **19ª rodada - Cruzeiro 4 x 1 Botafogo:** Mineiros venciam por 3 a 0 e, aos 53min do 1º tempo (houve queda de energia), Botafogo teve gol legítimo de Alex Alves anulado. **20ª rodada - Juventude 2 x 0 Fluminense:** Com derrota, Flu segue sem vencer em Caxias, com nove derrotas e três empates. Se vencesse, chegaria ao topo. Aos 11min do segundo tempo, Milton do Ó foi expulso e deixou o Flu com 10. Lances duvidosos: Zé Carlos caiu na área e pediu pênalti, não marcado; 14min depois, juiz deu toque de mão dentro da área de Gabriel Santos, resultando no 1º do Juventude. "É diferente apitar na casa dos caras e apitar na nossa casa", reclamou Leandro. **21ª rodada - Internacional 3 x 2 Coritiba:** Time colorado quebra jejum de seis jogos sem vitória. Coritiba não perdia há três partidas. Quando estava 1 a 1, o árbitro deu pênalti de Alexandre Luz em Michel, que Jorge Wagner converteu. **24ª rodada - São Paulo 3 x 2 Corinthians:** Alvinegro marca no início, com Nilmar, em lance que gera discussão por suposto impedimento de Tevez. No final, aos 43min, Souza é derrubado por Marcelo Mattos e Betão. Amoroso converte pênalti e dá a vitória ao tricolor. Sebá e Tevez, argentinos do Corinthians, reclamam de ofensas racistas do árbitro. Uma acareação vai resolver o caso. **25ª rodada - Fluminense 3 x 0 Brasiliense:** Time tricolor inicia rodada em 1º. Com 2ª derrota seguida, Brasiliense ficava próximo da zona de risco". Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/09/27/ult59u96568.jhtm>. Acesso em 23/06/2009.

⁷⁵ "Envolto pelo típico clima de decisão, com direito a tensão, provocações e pressões extracampo durante a semana, o confronto entre os dois primeiros colocados ressuscitou uma 'final' de Brasileiro, disputado desde 2003 no sistema de pontos corridos. E, além dos atacantes Tevez e Rafael Sobis, Márcio Rezende de Freitas foi determinante no resultado. No segundo tempo, o árbitro [filiado à Federação] catarinense deixou de marcar um pênalti para o time gaúcho e ainda expulsou Tinga, entendendo que o meio-campista simulou a falta dentro da área. 'Ele prejudicou nossa equipe, era nossa oportunidade de decidir o campeonato. Empatamos, mas é muita infelicidade para uma pessoa só. O Márcio já pecou várias vezes e o problema é que ele continua apitando', reclamou o atacante Rafael Sobis". Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/11/20/ult59u97902.jhtm> Acesso em 23/06/2009. Na decisão do

O presidente do Corinthians-SP à época, Alberto Dualib, admite o fato de que o seu time foi amplamente favorecido: como era investigado por lavagem de dinheiro por conta da parceria com a MSI, teve os telefones grampeados pela Polícia Federal. Em uma das conversas gravadas com Renato Duprat, intermediário entre o clube e o parceiro comercial, o ex-presidente diz: “Nos últimos cinco jogos, nós tínhamos 14 pontos na frente e chegamos, entendeu, [com] um ponto só. Roubado [referência ao jogo contra o Internacional-RS]. [...]. Se não tivesse a anulação de 11 jogos, nós estávamos fora. Porque campeão de fato e de direito seria o Internacional”⁷⁶.

Em 02/02/2011, o juiz de direito José Paulo Camargo Magano, atendendo denúncia do Ministério Público do Estado de São Paulo, sobre o caso Edilson Pereira de Carvalho, condenou a Federação Paulista de Futebol e a Confederação Brasileira de Futebol a pagarem uma indenização de 180 milhões de reais por danos morais aos seus consumidores. Longe de entrarmos aqui no debate jurídico, queremos dar destaque a algumas peças da defesa da CBF, constante dos autos, quando se refere ao esporte em geral e ao futebol em particular.

Em parte da contestação, a CBF afirma que ‘medidas como a presente ação, que querem emprestar ao futebol uma dimensão que um esporte não tem nem pode ter, contribuem para a desinformação do povo, já de si mal aparelhado intelectualmente, sabendo-se que, segundo o IBGE, no Brasil cerca de 70% (setenta por cento) da população é formada por analfabetos funcionais, ou seja, pessoas incapazes de entender o que leem [...] O futebol é o ópio do povo, o demandante pretende dar uma importância ao esporte que o mesmo não tem, a fraude nos jogos não dá lugar a danos morais. Eventual condenação implicará em sua insolvência e desfiliação da Fifa’⁷⁷.

É sintomático que a gestora do futebol nacional, que foi utilizada durante a ditadura militar como forma de aproximar o povo da nação brasileira, através de sua seleção de jogadores, e que até hoje se caracteriza por uma entidade privada, com sede no

Brasileiro de 1995, esse mesmo árbitro prejudicou o Santos/SP contra o Botafogo/RJ, quando o time carioca tornou-se o campeão daquele ano.

⁷⁶ Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/09/24/ult59u131531.jhtm>. Acesso em 21/11/2013.

⁷⁷ Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/2011/03/1,14967,ANALFABETISMO+FUNCIONAL+A+ATUACAO+DA+CBF+NA+DISPUTA+JUDICIAL+DA+MAFIA+DO+APITO+E+A+RELACAO+DA+ENTIDA.aspx?p=2>. Acesso em 16/03/2011.

Rio de Janeiro e que movimentam milhões de dólares anualmente, assim se refira ao futebol. O Juiz, em parte de seu despacho, assim desqualificou a defesa da CBF:

Como considerar que a fraude em dois dos principais campeonatos esportivos do país, responsáveis por movimentar milhões de reais por ano, senão mais, considerando-se todas as atividades a eles relacionadas, não possui interesse social relevante? Há uma verdadeira indústria do futebol, que movimentam quantias incalculáveis de dinheiro. Some-se o valor movimentado pelos empregos gerados direta ou indiretamente pelo futebol; pela venda de ingressos; pelos gastos efetuados com transporte (público, automóveis privados, passagens de avião, etc.), alimentação, venda de artigos (como camisas, bandeiras, uniformes, cornetas entre outros), redes hoteleiras; pelas emissoras de televisão e de radiodifusão, inserindo-se até mesmo o mercado informal, como as atividades exercidas por cambista e camelôs. Inquestionável a relevância social do presente tema, não só por ser de suma importância para todo brasileiro, mas, também, pela enorme relevância econômica que possui⁷⁸.

É difícil pensar o torcedor, em sua paixão. No âmbito da multidão que ovaciona, apaixonada, é inadmissível a atitude do roubo. Não faz parte do jogo. O jogo está ali, diante de todos, desenhado no gramado. Há manipulação das massas. Entretanto, mesmo na sua condição de oprimidos, analfabetos funcionais, sabem que estão sendo roubados, quando estão.

BRASILEIRO DE 2012: CAMPEÃO: FLUMINENSE-RJ; VICE, ATLÉTICO-MG

Este ano ficou marcado pela atuação desastrosa da arbitragem ao longo de toda a competição: raramente houve uma rodada sequer em que algum clube não tenha reclamado da atuação do juiz ou de seus auxiliares.⁷⁹ Os erros foram tantos, e tão

⁷⁸ Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/2011/03/1,14967,ANALFABETISMO+FUNCIONAL+A+ATUACAO+DA+CBF+NA+DISPUTA+JUDICIAL+DA+MAFIA+DO+APITO+E+A+RELACAO+DA+ENTIDA.aspx?p=2>. Acesso em 16/03/2011.

⁷⁹ Nos campeonatos de 2010 e 2012, Corinthians-SP e Fluminense-RJ foram beneficiados por erros de arbitragem contra Cruzeiro-MG e Atlético-MG, respectivamente. No primeiro caso, as principais reclamações da equipe azul se referiram a um jogo entre as equipes em que a arbitragem foi desastrosa para o time mineiro: “Cuca, técnico do Cruzeiro — O Fluminense que abra o olho, está muito estranho o negócio. Estas coisas fazem a gente pensar em continuar ou não na profissão. Isso aí não foi um erro comum. Ele estava de frente para o lance. Zezé Perrela, presidente do Cruzeiro — Não acho que o Andres Sanches [presidente do

frequentes, que a CBF demitiu o Presidente da Comissão Nacional de Arbitragem de Futebol — CONAF — Sérgio Corrêa. A demissão ocorreu após um jogo entre Santos-SP e Corinthians-SP, vencido pelo time do litoral por 3 x 2, em que o assistente Emerson Augusto de Carvalho não assinalou três impedimentos consecutivos do ataque santista, resultando em seu segundo gol e contribuindo decisivamente para o placar final da partida⁸⁰. Neste caso, a revolta da diretoria do Corinthians surtiu efeito, pois, além da mudança no comando da arbitragem, o assistente foi afastado por tempo indeterminado. Contudo, a reclamação de outros times, ao longo do Campeonato, não resultou em medidas tão enérgicas — mesmo que inócuas — por parte da CBF, como no jogo relatado: no mais das vezes, o trio de arbitragem contestado não sofreu nenhum tipo de punição, limitando-se, às vezes, a se submeter a uma *reciclagem*, que ninguém sabe se realmente o fazem e nem como a realizam. A propósito, sobre a referida reciclagem, a despeito de não se saber como se faz — ou mesmo se é feita —, o que se tem a questionar, sobretudo, de

Corinthians] tenha pagado o juiz, mas alguém pagou por ele. Com certeza o árbitro levou dinheiro para fazer o que fez hoje. Este cara é um safado e incompetente. Andres Sanches, presidente do Corinthians - Acho que ele [Zezé Perrela] perdeu um pouco o controle. Eu abro aqui para qualquer um ver que não existe esquema. Pelo contrário, não temos caixa 2, como muitos clubes por aí. Roger, meia do Cruzeiro — Já estive lá em 2005 e sei como as coisas funcionam no Corinthians. Naquela época não reclamei e agora também não posso reclamar. Thiago Ribeiro, atacante do Cruzeiro - É sempre a favor do Corinthians. Não sai da minha cabeça o que também aconteceu aqui em 2005". Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,personagens-de-corinthians-x-cruzeiro-falam-sobre-polemico-penalti-no-pacaembu,639836,0.htm>. Acesso em 21/11/2103. Em 2012, os erros foram tantos e em variadas partidas, que motivaram a torcida alvinegra a protestar nas redes sociais e montar um grande mosaico, na partida contra o tricolor carioca (que terminou com a vitória do Atlético por 3 x 2), no Independência, com os dizeres: CBFlu e nas cores do Fluminense. Este caso gerou tamanha repercussão que o STJD chegou a ameaçar o clube pela conduta de seus torcedores. Na mesma competição, em vésperas de um jogo contra o Flamengo, o jogador Ronaldinho Gaúcho, do Atlético/MG foi punido com a suspensão dessa partida por um integrante do STJD declaradamente torcedor do time rubro-negro. O auditor, inclusive, tinha diversas montagens de fotografias em redes sociais, em que espancava o jogador por ter deixado o seu time de maneira conflituosa.

⁸⁰ No mês de agosto de 2012, o site do Globo Esporte listou dez jogos, além do citado, de diversos clubes, em que a arbitragem interferiu no resultado da partida. São eles: Flamengo-RJ 3 x 3 Internacional-RS, 2ª rodada – pênalti não marcado a favor da equipe carioca; São Paulo-SP 1 x 0 Santos-SP, 4ª rodada – impedimento não existente assinalado do ataque são-paulino; Palmeiras-SP 0 x 1 Atlético-MG, 4ª rodada – anulação equivocada de dois gols da equipe mineira; Bahia 2 x 1 Sport, 5ª rodada – impedimento não assinalado do jogador do Bahia, que resultou em gol; Botafogo 3 x 0 Bahia, 8ª rodada – não expulsão de um jogador do Bahia e falta inexistente assinalada no goleiro baiano, em lance de gol da equipe carioca; Atlético-MG 2 x 0 Santos-SP, 12ª rodada – dois gols anulados por força de marcação de impedimentos inexistentes do ataque mineiro; São Paulo-SP 1 x 0 Sport-PE, 14ª rodada – impedimento não existente do ataque paulista assinalado em lance que resultou em gol; Botafogo-RJ 1 x 2 Palmeiras-SP, 15ª rodada – impedimento inexistente do ataque paulista, em lance de gol; Vasco-RJ 2 x 2 Coritiba-PR, 17ª rodada – o gol de empate da equipe carioca ocorreu após a não marcação de um toque de mão de seu atacante. Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2012/08/veja-lances-polemicos-que-levaram-troca-de-comando-na-arbitragem.html>. Acesso em 30/05/2014.

antemão, é o próprio princípio da reciclagem de árbitros. Ela assume um caráter passível de ser ridicularizada — por parte dos clubes, torcedores e imprensa —, pois em poucas semanas não há como realizar uma reciclagem que dê plenas condições ao trabalho de qualidade de árbitros que sequer são profissionais. Além disso, sem a utilização de tecnologias já disponíveis, os erros continuarão a existir e, conseqüentemente, se misturarão aos intencionais equívocos já tão discutidos por todos ao longo da história. Do mesmo modo, a punição de um árbitro nos parece inócua, assim como a demissão de um presidente da Comissão de Arbitragem. Reciclagens, punições e demissões servem mais para encaminhar alguma satisfação para o público em geral, que, a partir de algum tempo, já se torna consumidor e, sobretudo, com o imenso movimento de dinheiro envolvido com o *pay-per-view*. Em todas as rodadas do Brasileiro, aconteceram erros e tal frequência, sem uma avaliação de detalhe, não nos levaria a compreender como é que se dá, no conjunto de 38 rodadas, o grande prejuízo e o grande benefício para os clubes e, do mesmo modo, para os torcedores apaixonados; sem contar o prejuízo maior: para a credibilidade das competições.

Como houve erros de arbitragem em praticamente todas as rodadas, envolvendo quase todos os times do Campeonato, seria aparentemente lógico supor que nenhuma equipe se beneficiou de tais erros, ou seja, o apito da incompetência teria atuado indiscriminadamente, tanto a favor como contra as equipes. Entretanto, não é o que revela um olhar mais apurado: caso estivéssemos convictos de que os erros ocasionassem uma simetria — sem benefício ou prejuízo — nas interferências para as equipes envolvidas na competição, nós seríamos apanhados de surpresa. Aqueles erros mais determinantes e capitais, incluindo o próprio conjunto de erros — inclusive para a classificação final do Campeonato —, beneficiaram claramente o campeão daquela edição, o Fluminense-RJ, bem como o Flamengo-RJ, que escapou de um rebaixamento certo⁸¹. Como em outros

⁸¹ “De acordo com o site ‘Placar Real’ — que reavalia lances duvidosos e estabelece uma nova classificação com os erros consertados —, até a 29ª rodada, em 42 dos 290 jogos (15%) os erros de arbitragem interferiram no resultado, decretando vitórias ou empates ‘injustos’. Na contagem de falhas do portal, o Fluminense é o segundo clube mais beneficiado, em pontos ganhos. Na classificação do ‘Placar Real’, o Tricolor estaria com 60 pontos, enquanto o Atlético-MG já seria líder na 29ª rodada, com 61 pontos. Já entre os prejudicados, o Corinthians sobra, com oito pontos a menos por causa de erros de arbitragem. Melhor para o Flamengo — que, pelos cálculos do portal, estaria na zona de rebaixamento no lugar do Palmeiras”. Fonte:

Campeonatos, a ideia de uma arbitragem ruim, que erra para todos os lados, é o jargão batido utilizado para que não se veja o que está diante dos olhos: na dúvida ou sob pressão, erra-se muito mais — e decisivamente — a favor do Rio ou de São Paulo.

Outras manobras — fora de campo — chamaram a atenção: o adiamento do jogo entre Flamengo x Atlético-MG e a suspensão do jogador Ronaldinho pelo STJD, por falta cometida pelo atleta e não marcada pelo árbitro, em uma partida contra o Grêmio-RS. No primeiro, o time mineiro vinha de oito jogos de invencibilidade e a equipe carioca vivia um momento delicado na competição, com muitas derrotas e ambiente interno conturbado: o adiamento da partida beneficiou sobremaneira o Flamengo-RJ, pois evitou que enfrentasse o líder da competição naquele momento, em uma situação de evidente inferioridade técnica. O adiamento deveu-se a um pedido feito, surpreendentemente, pelo Botafogo-RJ à CBF, para suspensão das partidas no estádio Engenhão, sob a alegação de que o excesso de partidas disputadas no estádio estava prejudicando sensivelmente o gramado do campo de jogo. Vale dizer que o Botafogo-RJ administrava o estádio que estava recebendo, em 2012, diversas partidas dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro: em função da interdição do Maracanã para as obras de reforma visando a Copa do Mundo. O que causou estranhamento, inclusive na Comissão Técnica do time mineiro, foi o adiamento da partida ao invés de um remanejamento simples, para outro estádio, como por exemplo, para o estádio na cidade de Volta Redonda — amplamente utilizado pelos times do Rio, e o *agradecimento* à CBF, por parte do Flamengo-RJ. Confira a avaliação do técnico do Atlético-MG:

A gente entende, se assim acontecer, de o Engenhão ficar parado. Foi um pedido do Botafogo. O que me causa uma certa estranheza é um agradecimento no site do Flamengo à CBF. Aí já entra em conflito o nosso pensamento. O Flamengo agradece uma situação criada pelo Botafogo? Aí eu já saio de cena e deixo para vocês avaliarem, analisou o treinador do Galo. É um assunto delicado que não gosto de tocar. Não gosto de polêmica, mas a gente fica meio perplexo. É um pedido do Botafogo. Se tiver falando besteira, o pessoal que me perdoa. Mas, se é um pedido do

Botafogo, como que tem um agradecimento do outro clube? A gente fica meio balançado, complementou⁸².

Roberto Assaf, jornalista carioca — e flamenguista, autor de obra acerca da história do rubro-negro —, avaliou, na oportunidade, o adiamento da partida. Conforme a sua leitura, “o Atlético Mineiro foi extremamente prejudicado” e o Flamengo muito beneficiado.⁸³ As palavras do carioca e flamenguista Assaf:

Esse adiamento do jogo entre Flamengo e Atlético Mineiro, que estava previsto para esse sábado no Engenhão, é extremamente prejudicial para o Galo e extremamente favorável para o Flamengo porque, pelo menos nesse fim de semana, o Flamengo não perde. Além disso, ele terá mais tempo para [...] começar a arrumar a casa. [...] Quanto ao Atlético Mineiro, terrível. [...] De qualquer forma, o grande prejudicado nesse adiamento é o Atlético Mineiro porque o time vinha embalado, com a possibilidade de vencer o Flamengo no Rio [...] e com a possibilidade de manter a liderança [...]. E o Flamengo foi o grande beneficiado porque não perderá nesse fim de semana — e eu não estou brincando, estou falando sério [...].⁸⁴

É interessante observar como a abertura da mídia para outros canais minou, de alguma maneira, a homogeneização do discurso aberto — sem qualquer constrangimento — em prol dos clubes do eixo Rio/São Paulo. A publicação de absolutamente tudo, em diversos canais, produziu certa cautela nas vozes de Rio de Janeiro e de São Paulo que, agora, de qualquer modo, procuram restabelecer, com alguma dificuldade, a sua credibilidade. Mas a prática do cinismo sem constrangimentos ainda convive com a referida e forçada abertura. Apenas esse jogo envolvendo o Flamengo-RJ foi adiado e o Engenhão voltou a receber as partidas do Brasileiro de 2012.

⁸² Fonte: http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2012/08/01/noticia_atletico_mg,224218/cuca-desaprova-adiamento-de-jogo-e-estranha-agradecimento-do-flamengo.shtml. Acesso em 02/08/2012. Em outra reportagem, o Diretor de Futebol do Atlético, Eduardo Maluf, se refere desta maneira ao ocorrido: “Ninguém é bobo. É uma palhaçada danada, feita sem critério nenhum. O jogo só foi adiado para beneficiar o Flamengo. (...) Não temos muito o que fazer. Temos que mostrar que não somos bobos. O que foi feito foi uma manobra para beneficiar o Flamengo. A gente fica triste em ver esse tipo de coisa no futebol”. Fonte: http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2012/09/04/noticia_atletico_mg,227835/apesar-de-adiamento-engenhao-teve-pouco-descanso-antes-de-flamengo-x-galo.shtml. Acesso em 04/09/2012.

⁸³ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=3FRg-X_J3Ps. Acesso em 10/08/2012.

⁸⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3FRg-X_J3Ps. Acesso em: 10/08/2012.

Ainda sobre esta partida, muita coisa ainda aconteceu no campo de jogo. Observa o ex-árbitro Márcio Rezende de Freitas, comentarista de arbitragem da Rede Globo de Televisão:

Você se lembra de quem ia apitar o jogo: Wilson Luís Seleme, de São Paulo. Mas ele está em Zurique, fazendo os testes físicos da FIFA. [...] O Jailson de Freitas apitou o jogo. [...] Já começa com um erro do assistente. Veja que ele leva a bandeirinha para a direita [em um ataque do Flamengo-RJ] para mostrar ao árbitro que foi escanteio e não foi. O árbitro é induzido ao erro pelo assistente [...]. Quem toca a bola para fora é o jogador do Flamengo. Então, o gol [que nasce do escanteio inexistente] é irregular porque desse escanteio resultou o gol do Flamengo. [...] [Além disso, há um pênalti não marcado pelo árbitro em favor do Atlético-MG]. Veja o Cáceres. Ele está segurando o Rever e a bola está em jogo. Isso é pênalti.⁸⁵

É a partir de todos os comentários de arbitragem que o site Placar Real encaminha as modificações nos resultados, computando benefícios e prejuízos para as equipes. No caso dessa partida — que gerou enormes discussões na imprensa brasileira, pois o benefício do adiamento era muito favorável ao Flamengo-RJ e muito prejudicial ao Atlético-MG — o referido site encaminha o seu placar que contradiz o placar do jogo: 2x2 em vez de 2x1 para o Flamengo. É assim que, passo a passo, times vão sendo prejudicados e times vão sendo beneficiados ao longo de 38 rodadas. No caso desses dois times, há, em 2012, uma radical distinção: o Atlético-MG perderá o título e o Flamengo-RJ se salvará do rebaixamento para a Série B.

No outro caso, a suspensão de Ronaldinho Gaúcho foi considerada um ato de represália ao jogador, por parte do relator do processo ao STJD, o auditor Jonas L. Carvalho Neto. As suspeitas recaem no fato do relator ser declaradamente torcedor do Flamengo⁸⁶ e que a suposta *falta* que causou a suspensão sequer ter sido assinalada. Não é

⁸⁵ Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/globo-esporte-mg/t/edicoes/v/marcio-rezende-freitas-comenta-as-polemicas-de-atletico-mg-x-flamengo/2160237/>. Acesso em 20/10/2012.

⁸⁶ É óbvio que o simples fato de torcer por um time ou outro de futebol não transforma as pessoas em seres vingativos, principalmente auditores do STJD. Contudo, neste episódio em particular, o relator do processo mantinha páginas pessoais do Facebook com montagens infantis e ofensas gratuitas ao jogador. É importante frisar que Ronaldinho Gaúcho deixou o Clube da Gávea em meados de 2012 de maneira conturbada, pelo não cumprimento do contrato de trabalho por parte do clube, que atrasou o pagamento de salários sob a alegação de que o jogador não cumpria seus compromissos. Este desgaste entre o Clube e o jogador deixou evidentes cicatrizes nos torcedores flamenguistas, que, nesses termos, passaram a referir-se a ele: “mercenário”. Desta

incomum que lances das partidas sejam julgados posteriormente pelo Tribunal, mesmo os não marcados pelos árbitros, principalmente aqueles considerados extremamente violentos e em casos de jogadores reincidentes: porém, nenhum se encaixa nesta condição:

Ronaldinho Gaúcho foi suspenso por um jogo por conta de um lance agressivo em Kléber do Grêmio em jogo realizado pela 26ª rodada do Brasileiro. [...] Na ocasião, o árbitro Heber Roberto Lopes nada marcou e sequer advertiu o jogador do Galo. No entanto, o [...] STJD não concordou com a decisão e aplicou a punição na última terça-feira. [...] Sob qualquer aspecto que eu penso que essa suspensão é vergonhosa e não tem o menor sentido. Fosse um lance capital ou uma agressão grave até faria sentido. Do modo como foi é feio e suspeito. Afinal, o STJD tirou Ronaldinho Gaúcho de um jogo fundamental para o Galo contra o Inter de Porto Alegre. Não precisa ser nenhum gênio para entender que uma decisão como essa pode mudar o rumo do Campeonato Brasileiro. [...] No papel de relator, Lopes de Carvalho enquadrou R49 no artigo 254 do Código Brasileiro de Justiça desportiva por 'jogada violenta' e pediu duas partidas de suspensão do jogador. [...] Uma grande bobagem já que o meia do Galo tem a pífia média de faltas de 1,5 por jogo. [...] Do jeito que foi tomada a decisão, a suspensão de Ronaldinho é das mais controversas e coloca dúvidas sobre todo Campeonato Brasileiro⁸⁷.

O caso repercutiu tanto que o presidente do STJD, Flávio Sveiter se pronunciou sobre o assunto, afirmando que a Corregedoria do Tribunal iria averiguar a atuação do relator e, caso houvesse indícios de má conduta, ele poderia ser advertido ou até mesmo banido do Tribunal. Entretanto, segundo ele, a maioria do Tribunal condenou o jogador e não somente o relator, o que comprovaria a isenção da decisão⁸⁸. Além disso, a Associação Nacional de Árbitros de Futebol — ANAF — se pronunciou afirmando que o STJD extrapolou seus limites de atuação e interferiu na arbitragem, já que o árbitro do jogo não marcou a falta e muito menos a relatou em súmula, mesmo considerando que esta ação do Tribunal tem se tornado rotineira. Para o procurador do Tribunal, Paulo Schimitt: “É uma

forma, também, é óbvio que o auditor em questão poderia repassar o processo a outro membro do Tribunal, o que suprimiria qualquer suspeita.

⁸⁷ Disponível em: <http://www.leianoticias.com.br/noticias/index.php/noticias/esporte/10751-punicao-a-ronaldinho-gaucha-coloca-stjd-sob-suspeita>. Acesso em 04/09/2012.

⁸⁸ Disponível em: <http://m.globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2012/10/presidente-do-stjd-diz-que-relator-que-suspendeu-ronaldinho-foi-infantil.html>. Acesso em 04/09/2012.

situação absolutamente normal. Temos que cuidar das ações disciplinares. O árbitro aplica as regras do jogo. Não houve interferência que não seja de competência do STJD”.⁸⁹

E os eternos “espertos” do Rio seguem agindo contra “o resto do Brasil”. Ontem “na calada da noite” conseguiram tirar o doce Ronaldinho Gaúcho do jogo capital desta quarta-feira em Porto Alegre. Resolveram ver uma entrada desleal do não expulso R. Gaúcho no “puro, leal e suave” Kléber do Grêmio e ainda absolveram o árbitro. Que bela incoerência! É que o Fluminense – aquele que só ganha na sorte e no apito (Vasco, Portuguesa, Náutico e etc...) -, mesmo com 6 pontos de vantagem, tem que ser blindado ao máximo. E os eternos “espertos” do Rio seguem agindo contra “o resto do Brasil. [...] O Rio não tem jeito! Agora tiraram Ronaldinho Gaúcho do jogo de amanhã “para ajudar o Fluminense”. Vergonha! Já fizeram algo parecido dois meses atrás quando transferiram de forma asquerosa o jogo Flamengo x Galo porque “o gramado do Engenhão inexistia”. Dois meses depois fizeram o jogo no mesmo Engenhão e não em Volta Redonda. Foi apenas uma desculpinha. Na época prevista pela tabela o Fla estava caído, praticamente não tinha time para entrar em campo e o Galo estava voando. Quando a partida aconteceu a situação estava invertida. Realmente assim não dá! Uma pouca vergonha”!⁹⁰

Nesta outra partida, em Belo Horizonte, também envolvendo os cariocas do Flamengo e os mineiros do Atlético, afora a imensa discussão que envolvia a suspensão de Ronaldinho, há também o que dizer sobre o próprio resultado do jogo que terminou 1x1. A Rede Globo de Televisão transmitia a partida para todo o Brasil. O narrador, Luís Roberto, em um lance de ataque do Atlético-MG, na área do Flamengo-RJ:

Ronaldinho [com a bola], Amaral na marcação. Ronaldinho levou Amaral, tocou para o Guilherme [que tocou, dentro da área], para Ronaldinho [!!!] Foi para o chão!!! Na dividida com Ibson! Sandro Meira Ricci estava a dois metros do lance e mandou seguir!!! [A torcida vaia vigorosamente!] A jogada é esta [reprisando para o comentarista de arbitragem].⁹¹

⁸⁹ Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2012/10/10/punicaoa-ronaldinho-aquece-debate-sobre-limites-da-atuacao-do-stjd-anaf-ve-interferencia.htm>. Acesso: 11/10/2012.

⁹⁰ Fonte: <http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br/blog/2012/10/09/clube-atletico-mineiro-o-time-mais-operado-do-futebol-do-mundo-cariocas-do-stjd-do-flu-e-do-fla-armam-de-novo-contra-o-galo/>. Acesso em 10/10/2012.

⁹¹ Disponível em: <http://globo.com/brasileirao/v/melhores-momentos-atletico-mg-1-x-1-flamengo-pela-33a-rodada-do-brasileirao-2012/2219112/> Acesso: 09/06/2014

Renato Marsiglia, comentarista de arbitragem da Rede Globo de Televisão, após o lance de pênalti em Ronaldinho: “Pênalti. Pênalti. Ronaldinho tinha a frente da jogada. Só ele podia chegar na bola. O Ibson chegou por trás. Fez a carga com o corpo e ainda empurrou com o braço esquerda as costas do atacante do Atlético Mineiro.”⁹²

Ao longo de todas as rodadas, o site Placar Real, publicava os erros de arbitragem — observados e explicados pelos comentaristas da Rede Globo de Televisão — como fizera ao longo do Campeonato Brasileiro de 2011. O título, em 2011, conforme o Placar Real, após avaliação “jogo a jogo”, deveria ter ido para o Vasco-RJ, não para o Corinthians-SP; e por uma considerável margem de diferença. O mais curioso é que o VascoRJ, naquele mesmo ano, já havia conquistado a Copa do Brasil nas partidas decisivas contra o Coritiba-PR em que foi vigorosamente beneficiado. Em 2011, prejudicado. Agora, em 2012, seria a vez do Fluminense-RJ. É o que nos mostram todos os comentários de arbitragem ao longo de todas as rodadas do Campeonato Brasileiro de 2012.

Os critérios utilizados pelo Placar Real para se construir essa *nova* Classificação são muitos e variados: para se ter uma ideia de seu alcance, o autor elaborou 77 itens em sua tipologia de critérios, utilizados para alterar ou manter o resultado de cada uma das partidas analisadas. Todos os jogos de cada uma das 38 rodadas do Campeonato de 2012 estão lá: desde aquelas partidas em que não houve contestação do resultado até lances de jogos em que o resultado final foi alterado em função de erros de arbitragem. Cabe ressaltar que o autor disponibiliza *links* para vídeos das partidas em discussão, bem como os comentários e análises das jogadas, por parte dos *profissionais da TV* envolvidos com o Campeonato: em geral, são ex-juízes que assistem e discutem os lances, dando o seu parecer. Com base nestes comentários, fundamentados e divulgados, em sua maioria, pela TV Globo em seus programas esportivos, o autor mantém ou altera o resultado de determinado jogo. Em outras palavras, ainda que alguns de seus critérios possam ser questionados⁹³, o trabalho, no geral, é muito bom e reforça nossos argumentos: na maioria

⁹² Disponível em: <http://globo.com/brasileirao/v/melhores-momentos-atletico-mg-1-x-1-flamengo-pela-33a-rodada-do-brasileirao-2012/2219112/>. Acesso: 09/06/2014

⁹³ Os 77 critérios utilizados pelo autor vão desde a atribuição de um gol para a equipe prejudicada pela marcação de um impedimento inexistente e que resultou em gol, até a subtração de um gol em casos de tento irregular. Porém há pelo menos dois critérios que caberiam uma reconsideração do autor: os critérios 31 e o

dos casos, erra-se a favor do Rio e de São Paulo e isto implica em um inequívoco favorecimento ao longo da história do Campeonato Brasileiro.

O site chamado “Placar Real” publicou, ao final do Campeonato, uma tabela de classificação em que todos os erros de arbitragem foram computados. Ao longo da competição, era perceptível a alteração passo a passo, assim como eram perceptíveis as manobras, passo a passo. Ao término da competição, temos a tabela final, computadas todas as interferências de arbitragem: passo a passo. A nova ordem classificatória serve como um bom exercício de imaginação e de reflexão, mas não causa surpresa quando observamos quais foram as equipes mais beneficiadas ao longo do Campeonato. Repare que na Figura 2, a primeira coluna é o resultado *Oficial*, da CBF. A segunda coluna apresenta a classificação com os erros de arbitragem “suprimidos”.

40. De acordo com o site: “31 - O Juiz ERROU ao NÃO marcar o PENALTI, e o lance NÃO resultou em GOL. [Alteração] - Somar 1 GOL ao time analisado. 40 - O Juiz ERROU ao NÃO marcar o ESCANTEIO, e a jogada da cobrança do tiro de meta resultou em GOL do adversário. [Alteração] - Subtrair 1 GOL do time adversário”. Fonte: www.placarreal.com.br No primeiro exemplo, a não marcação do pênalti prejudica sensivelmente qualquer equipe: contudo, nem todas as cobranças de pênalti resultam em gol, logo, não há uma relação direta de causa e efeito. No segundo, a não marcação de um escanteio, que se torna tiro de meta, e após o reinício da partida o time beneficiado marca um gol também não configura uma relação direta: entre a reposição de bola do goleiro e a efetiva marcação de um gol na sequência da jogada é preciso que muita coisa aconteça e o erro, em si mesmo, não resulta em um gol, automaticamente. No entanto, mesmo se não considerarmos esses lances, no cômputo geral, praticamente em nada se alteraria a sua *Classificação Real*.

FIGURA 2– CLASSIFICAÇÃO FINAL: BRASILEIRO 2012, SEGUNDO CBF E PLACAR REAL⁹⁴

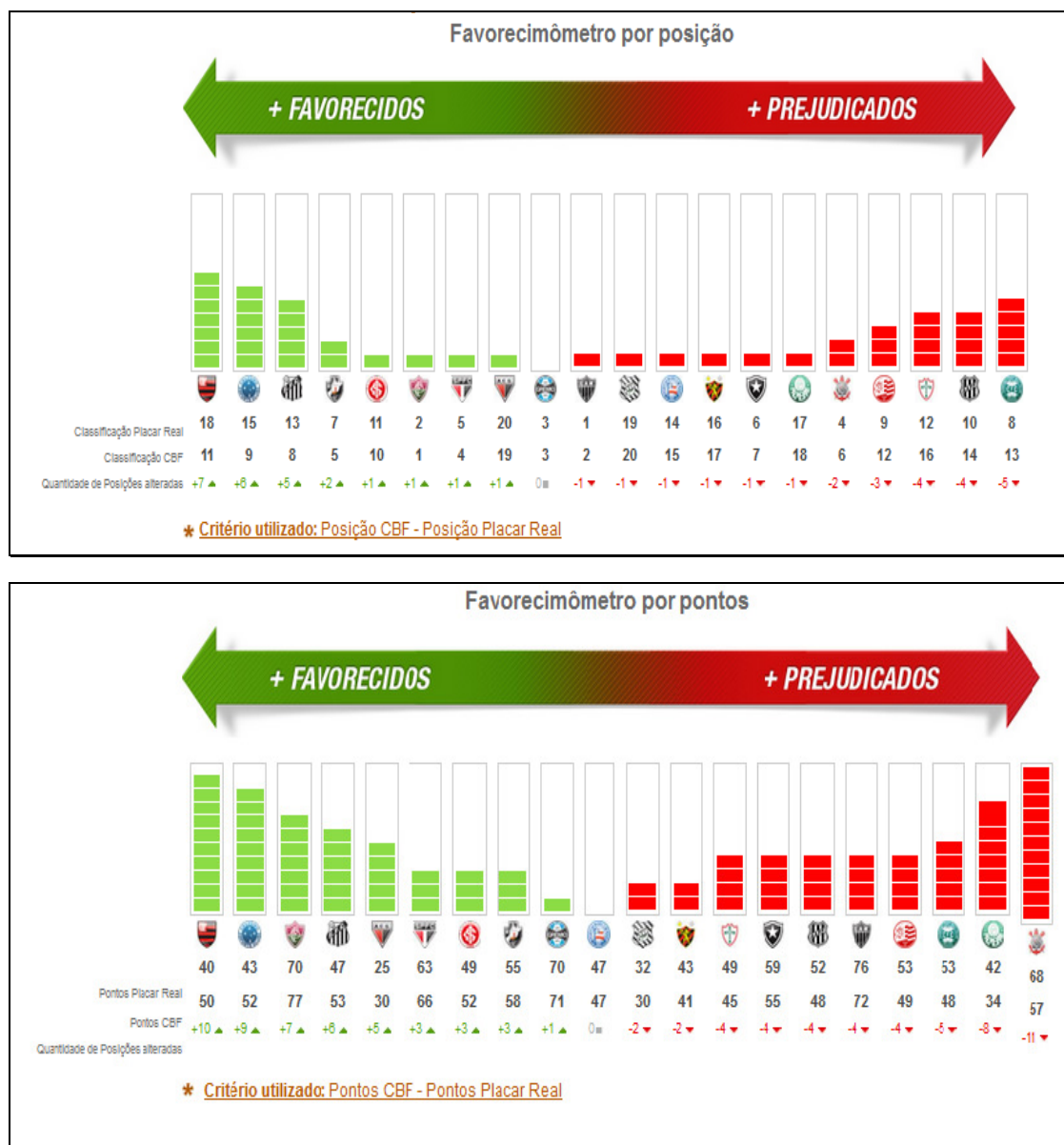
Clique no seu time e confira a análise de todos os jogos

CLASSIFICAÇÃO ★ CBF ★											CLASSIFICAÇÃO ★ PLACAR REAL ★												
	P	J	V	E	D	GP	GC	SG	%		▲▼	P	J	V	E	D	GP	GC	SG	%			
1	Fluminense	77	38	22	11	5	61	33	28	67		1	Atlético-MG	+1▲	76	38	22	10	6	73	42	31	66
2	Atlético-MG	72	38	20	12	6	64	37	27	63		2	Fluminense	-1▼	70	38	19	13	6	65	38	27	61
3	Grêmio	71	38	20	11	7	56	33	23	62		3	Grêmio	0=	70	38	19	13	6	58	35	23	61
4	São Paulo	66	38	20	6	12	59	37	22	57		4	Corinthians	-2▲	68	38	20	8	10	61	39	22	59
5	Vasco	58	38	16	10	12	45	44	1	50		5	São Paulo	-1▼	63	38	18	9	11	61	39	22	55
6	Corinthians	57	38	15	12	11	51	39	12	50		6	Botafogo	+1▲	59	38	16	11	11	66	53	13	51
7	Botafogo	55	38	15	10	13	60	50	10	48		7	Vasco	-2▼	55	38	15	10	13	49	48	1	48
8	Santos	53	38	13	14	11	50	44	6	46		8	Coritiba	+5▲	53	38	16	5	17	58	60	-2	46
9	Cruzeiro	52	38	15	7	16	47	51	-4	45		9	Náutico	+3▲	53	38	15	8	15	50	52	-2	46
10	Internacional	52	38	13	13	12	44	40	4	45		10	Ponte Preta	+4▲	52	38	14	10	14	39	44	-5	45
11	Flamengo	50	38	12	14	12	38	46	-8	43		11	Internacional	-1▼	49	38	13	10	15	48	45	3	42
12	Náutico	49	38	14	7	17	44	51	-7	42		12	Portuguesa	+4▲	49	38	12	13	13	42	46	-4	42
13	Coritiba	48	38	14	6	18	53	60	-7	42		13	Santos	-5▼	47	38	11	14	13	48	51	-3	41
14	Ponte Preta	48	38	12	12	14	37	44	-7	42		14	Bahia	+1▲	47	38	11	14	13	39	43	-4	41
15	Bahia	47	38	11	14	13	37	41	-4	41		15	Cruzeiro	-8▼	43	38	13	4	21	43	53	-10	37
16	Portuguesa	45	38	10	15	13	39	41	-2	39		16	Sport	+1▲	43	38	10	13	15	42	59	-17	37
17	Sport	41	38	10	11	17	39	56	-17	35		17	Palmeiras	+1▲	42	38	11	9	18	45	59	-14	36
18	Palmeiras	34	38	9	7	22	39	54	-15	29		18	Flamengo	-7▼	40	38	8	16	14	36	52	-16	35
19	Atlético-GO	30	38	7	9	22	37	67	-30	26		19	Figueirense	+1▲	32	38	8	8	22	43	74	-31	28
20	Figueirense	30	38	7	9	22	39	71	-32	26		20	Atlético-GO	-1▼	25	38	5	10	23	37	71	-34	21

★ veja os critérios utilizados na classificação Placar Real

⁹⁴ Disponível em: <http://www.placarreal.com.br/index2012.asp>. Acesso em 09/06/2014.

FIGURA 3 - MAIORES FAVORECIDOS E PREJUDICADOS EM NÚMERO DE PONTOS E POR POSIÇÃO: BRASILEIRO DE 2012⁹⁵



O time mais beneficiado pelos erros nas arbitragens, em número de pontos, foi o Flamengo-RJ, seguido de Cruzeiro-MG, Fluminense-RJ e Santos-SP. Tiveram pontos além do que deveriam, a partir da avaliação dos comentaristas de arbitragem — todos eles ex-árbitros e, muitos deles, árbitros de Copa do Mundo: Flamengo-RJ, 10 pontos; Cruzeiro-

⁹⁵ Disponível em: <http://www.placarreal.com.br/index2012.asp>. Acesso em 09/06/2014.

MG, 08 pontos; Fluminense-RJ, 07 pontos; Santos-SP, 05 pontos. A lista dos mais prejudicados: Corinthians-SP, Palmeiras-SP, Coritiba-PR, Náutico-PE e Atlético-MG. Pontos subtraídos desses clubes: Corinthians-SP, 11; Palmeiras-SP, 08; Coritiba-PR, 05; Náutico-PE, 04; Atlético-MG, 04. Nessa lista de prejuízos, dois destaques: Corinthians-SP e Atlético-MG. O Corinthians-SP havia sido beneficiado largamente no ano anterior — assim como em vários outros anos e competições. Está, aí, novamente, em 2012, uma compensação às avessas. Uma coincidência, mais uma, talvez, como poderão dizer os paulistas e a imprensa mais resistente do eixo Rio/São Paulo. O Atlético-MG, tendo sido prejudicado com a supressão de apenas 04 pontos, conforme os analistas de arbitragem, ainda assim perdeu o título para o Fluminense-RJ, conquistando apenas o vice-campeonato, mais uma vez. Entretanto, esses 04 pontos subtraídos do conjunto de pontos obtidos pelo Atlético-MG somam-se aos 07 pontos que o Fluminense-RJ obteve a partir dos erros de arbitragem. Portanto, a leitura a ser feita é exatamente esta: o Corinthians-SP perdeu duas posições: terminou em 6º lugar, quando deveria terminar em 4º. O Atlético-MG perdeu apenas uma posição: em vez de campeão, comemorou, ironicamente, o vice-campeonato. Repare que os erros de arbitragem — incluindo os escandalosos erros que geraram imensa desconfiança — foram fundamentais para que o Flamengo-RJ escapasse do rebaixamento — uma obviedade — e o Fluminense — um escândalo — se sagrasse campeão⁹⁶. O ano de 2013, portanto, também será marcante no que se refere às ações com o propósito de salvar o Flamengo-RJ da Série B.

Quase ao final das 38 rodadas, Atlético-MG e Fluminense-RJ enfrentaram-se em Belo Horizonte. Um verdadeiro massacre, diziam os comentaristas do Sportv. Somente no primeiro tempo, foram 15 finalizações do Atlético-MG contra apenas 01 do Fluminense-RJ. Um gol anulado do Atlético-MG. Três bolas na trave! Sobre as bolas na trave, Luis Roberto, narrador, para o Brasil, da Rede Globo de Televisão: “é a terceira bola na trave,

⁹⁶ O favorecimento aos times do Rio e São Paulo, em geral, e ao Fluminense-RJ em particular, nesta edição do Campeonato Brasileiro, foi tão explícito que gerou um protesto indignado, mas muito irônico e divertido, da torcida do Atlético/MG: em uma das partidas, contra o próprio Fluminense, um grande mosaico foi montado com as cores do tricolor carioca e os dizeres “CBFlu”. Cogitou-se posteriormente se o Clube Atlético Mineiro deveria ser punido pelo protesto de seus torcedores, numa tentativa clara de coibir a livre manifestação do pensamento e da crítica.

ou é a quarta, Júnior?”⁹⁷ Cuca, treinador do Atlético-MG: “vão se passar muitos anos e vão se lembrar dessa vitória.”⁹⁸ Como não se lembrar? Como não se lembrar de uma partida que mostrou a imensa superioridade dos mineiros que, ali, em Belo Horizonte, ratificaria a sua posição de melhor equipe do Campeonato de 2012 e que, mais adiante, com o título continental — e com a eliminação do Fluminense na competição continental —, deixava tudo ainda mais claro: não se trata apenas de uma coincidência; jamais se tratou de uma simples coincidência.

Nos últimos tempos e em especial em 2012, tudo ficou mais nítido, pois a internet favorece sobremaneira a comprovação ou refutação daquilo que se afirmou anteriormente: uma busca rápida pela WEB permite a qualquer um rever as partidas, integralmente ou em partes, e analisar cada caso suspeito, ao longo de décadas. Ainda que se possa apontar o dedo e dizer que tal e qual lance, em particular, tenha favorecido um ou outro time, fora do Rio/SP, é notório que esses lances — pontuais e escassos — não se configuram como tendência. Ao contrário, o que historicamente se aponta como tendência e é exposto nesta pesquisa, é o favorecimento, a facilitação das coisas para determinados clubes em detrimento de outros. É desta maneira que se observa, também aqui, a fabricação e cristalização do centro do futebol brasileiro na cultura nacional⁹⁹.

BRASILEIRO DE 2013: CAMPEÃO: CRUZEIRO-MG; VICE, GRÊMIO-RS

Neste Campeonato, participaram vinte equipes e, como em outras edições a partir de 2003, o título seria conquistado pela equipe que terminasse a competição com o maior número de pontos. As quatro últimas colocadas seriam rebaixadas à Série B de 2014. Igualmente, as arbitragens tendenciosas ou desastrosas se revelaram ao longo da competição.

⁹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Gj3yNeDrAQ>. Acesso em: 29/10/2012.

⁹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Gj3yNeDrAQ>. Acesso em: 29/10/2012.

⁹⁹ No Brasileiro de 2013, e ainda de acordo com o Placar Real, os maiores favorecidos, em posições, foram: São Paulo-SP, Corinthians-SP, Criciúma-SC e Atlético-MG. Os maiores prejudicados foram: Bahia-BA, Portuguesa-SP, Vasco-RJ e Coritiba-PR.

O Cruzeiro-MG se sagrou campeão e, nessa edição do Brasileiro, praticamente não houve um concorrente que ameaçasse, seriamente, a referida conquista. Muitos, em toda a imprensa de âmbito nacional, afirmaram que o Cruzeiro-MG estava acima dos seus rivais. Os mesmos, entretanto, jamais deixaram de afirmar que os clubes mais fortes — e que poderiam ameaçar a conquista mineira e mesmo levar o título — estavam mais preocupados com a mais importante competição continental: Libertadores da América. Seriam estes: Corinthians-SP, Fluminense-RJ, Palmeiras-SP, Atlético-MG (que se sagrou campeão das Américas), Grêmio-RS e São Paulo-SP. Os olhos estiveram muito mais voltados para a zona de rebaixamento do que, propriamente, para as possibilidades de conquista de título. Com isso, voltou-se, novamente, a se discutir a fórmula da competição por pontos corridos.

Porém, o que mais chamou a atenção nesta competição ocorreu após o seu encerramento, com a Justiça Desportiva alterando a classificação final. Conforme se observa no Quadro 4, em acordo com os resultados obtidos dentro de campo, Fluminense-RJ, Vasco-RJ, Ponte Preta-SP e Náutico-PE seriam rebaixados à 2ª Divisão de 2014. Entretanto, houve uma reviravolta na classificação do Campeonato a partir do julgamento realizado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva, o STJD. Acatando denúncia da Promotoria, o STJD condenou a Portuguesa-SP a multa e perda de 4 pontos (1 ponto obtido na partida, que terminou empatada, e mais 3 pontos) pela escalação irregular de um jogador. Esta mesma punição foi aplicada ao Flamengo-RJ, pelo mesmo motivo. Assim, o Fluminense-RJ, rebaixado em campo, ultrapassa as duas equipes punidas, redundando no rebaixamento da equipe paulista. Vejamos os detalhes dos fatos para que se observe, com clareza, a grande manobra jurídica — e, para todos os efeitos, legal! — que beneficiou sobremaneira a equipe carioca.

Na última rodada do Campeonato, no jogo Portuguesa-SP e Grêmio-RS, aos 37 minutos do segundo tempo, entra em campo — pelo time paulista — o jogador Héverton, que fica em campo por 10 minutos, e, portanto, até o final da partida. Este jogador havia sido julgado no STJD na quinta-feira anterior ao jogo e foi punido com a suspensão de duas partidas. Como ele já havia cumprido 01 partida de suspensão, ainda não poderia ter sido escalado no domingo, configurando claro desrespeito ao julgamento: este foi o fato gerador da denúncia da Promotoria, encaminhada e aceita pelo Tribunal.

Mas nada é tão simples quanto parece ser: para justificar a escalação irregular, em um primeiro momento, a Portuguesa-SP alegou não ter sido informada da punição ao jogador por seu advogado Osvaldo Sestário Filho. Evidentemente, o advogado negou a omissão e comprovou, posteriormente, ter avisado, por telefone, à diretoria do clube lusitano. Conforme as notícias foram se desenrolando na mídia, outros clubes interessadíssimos na questão solicitaram o direito de participar da audiência, que ocorreria no dia 27/12/2013, para julgar o recurso impetrado pela Portuguesa-SP: é o caso do Fluminense-RJ, que permaneceria rebaixado caso o STJD acatasse o recurso; o Flamengo-RJ, que tinha uma chance de rebaixamento; e o Vasco da Gama-RJ, rebaixado em função de seus resultados em campo, procurando alguma possível brecha para evitar o seu descenso, no decorrer do julgamento.

QUADRO 4 - BRASILEIRO DE 2013: CLASSIFICAÇÃO ALTERADA

	CLASSIFICAÇÃO EM CAMPO	PONTUAÇÃO EM CAMPO	CLASSIFICAÇÃO OBTIDA NO STJD	PONTUAÇÃO OBTIDA NO STJD
11	Flamengo-RJ	49	Coritiba-PR	48
12	Coritiba-PR	48	Bahia-BA	48
13	Bahia-BA	48	Internacional-RS	48
14	Internacional-RS	48	Criciúma – SC	46
15	Portuguesa-SP	48	Fluminense-RJ	46
16	Criciúma-SC	46	Flamengo-RJ	45
17	Fluminense-RJ	46	Portuguesa-SP	44
18	Vasco-RJ	44	Vasco-RJ	44
19	Ponte Preta-SP	37	Ponte Preta-SP	37
20	Náutico-PE	20	Náutico-PE	20

Foram duas as principais linhas de defesa adotadas pela Portuguesa-SP, em seu recurso, com amplo destaque na mídia: 1º) Assumia o erro da escalação do jogador; entretanto, se apegava a um entendimento sobre o Estatuto do Torcedor — Lei Federal, hierarquicamente superior a quaisquer regulamentos da CBF —, que diz que as decisões do STJD devem ser publicadas com antecedência mínima de 48 horas, no site da Confederação; 2º) A desproporcionalidade da pena diante da falta: um jogador que atuou

por apenas 10 minutos, em um jogo que nada decidia em benefício da ré, gerar uma punição tão grande, a perda de quatro pontos — mais do que os 3 pontos que valeram a partida! — e que implicava no rebaixamento da equipe para a Segunda Divisão, com grave prejuízo financeiro. Não obstante, o julgamento do STJD, ocorrido no dia 27/12/2013, decidiu, por unanimidade, manter a punição imposta à Portuguesa-SP e rejeitar os argumentos da ré¹⁰⁰.

Os membros do STJD se empenharam em refutar a questão da publicação da punição, bem como proferiram discursos midiáticos e que respondiam, no mais das vezes, às diversas notícias e aos jornalistas que divulgavam a quão pesada seria a punição da Portuguesa-SP. Vale dizer que todo o julgamento do recurso foi transmitido ao vivo, para todo o Brasil, pelos canais Sportv e Fox Sports, que contavam com especialistas jurídicos, comentando os votos de cada um dos membros do Tribunal. O pastelão protagonizado pelo advogado do Fluminense-RJ — que participou do julgamento, com direito a uma longa fala, muito mais próxima de um Promotor do que de um defensor, principalmente por que compareceu ao Tribunal meramente na condição de “parte interessada” e não

¹⁰⁰ Replicar aqui o cipoal jurídico utilizado por cada uma das partes interessadas no processo seria desgastante e pouco acrescentaria ao entendimento da questão. Contudo, reproduzo trecho bastante esclarecedor, de autoria de Lenio Luiz Streck, Procurador de Justiça no Rio Grande do Sul, que publicou comentário no site da Revista Consultoria Jurídica — CONJUR: “[...] o regulamento da CBF tem de obedecer a lei maior (aliás, uma lei). Se a lei estabelece que uma decisão do STJD deve ser publicada para só depois valer, é porque a decisão-só-vale-depois-que-for-publicada! Simplíssimo. Só para deixar claro, vamos ao que diz o artigo 35 do Estatuto [do Torcedor]: As decisões proferidas pelos órgãos da Justiça Desportiva devem ser, em qualquer hipótese, motivadas e ter a mesma publicidade que as decisões dos tribunais federais. Já o artigo 36 diz que a decisão que não observar o disposto acima é... nula! Mais: o parágrafo 2º acentua que as decisões, sempre motivadas, devam obrigatoriamente serem disponibilizadas no site! [...] Logo, pouco importa que pretensamente a Lusa ou o Flamengo tenham sido intimados, citados ou informados na ocasião do julgamento na sexta-feira (o jogo foi no domingo). Não houve publicidade da decisão. Ela não foi posta em tempo hábil no site. [...] Ou seja, a intimação no julgamento não vale contra a exigência da Lei Federal. Até porque o “intimado” é um advogado ou dirigente, que pode esquecer de avisar [...]. E nada fica provado ou não provado. Ora, a garantia é em favor do futebol, questão social abarcada pela própria Constituição. Se o futebol não fosse coisa séria, não haveria uma Lei Federal tratando da matéria. Essa lei pretende preservar o torcedor, *inclusivamente* contra desídias de dirigentes que esquecem de avisar o clube acerca da suspensão de um atleta. Esse me parece um ponto fulcral. A formalidade é a garantia contra desídias genéricas”. Fonte: <http://www.conjur.com.br/2014-jan-16/senso-incomum-regulamento-cbf-ta-la-corpo-estendido-chao>. Acesso em 17/01/2014. Mesma interpretação dada por Carlos Eduardo Ambiel, advogado e Mestre em Direito do Trabalho pela USP e Professor de graduação e pós-graduação da FAAP e Coordenador do Curso de Especialização em Direito Esportivo da Escola Superior da Advocacia da OAB/SP, como pode ser visto aqui: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/12/artigo-que-condenou-a-lusa-e-ilegal/>. Acesso em 20/12/2013.

como réu — teve seu ápice cômico na citação do livro *Pequeno Príncipe*, numa interpretação, a meu ver, totalmente equivocada da passagem utilizada¹⁰¹.

Diante da postura do STJD frente a esta questão, punindo a agremiação paulista e favorecendo, por tabela, o Fluminense-RJ, praticamente tornou-se consenso de que a única alternativa para a Portuguesa-SP seria o ingresso na Justiça Comum: com exceção do STJD e da equipe carioca, não havia quase ninguém que concordasse com o resultado daquele julgamento. É curioso que o mesmo Tribunal tenha tomado decisão diversa, quando confrontado com casos semelhantes, mas envolvendo outros clubes: nestes processos, a recomendação adotada pelo Tribunal era a de que se preservasse o *resultado de campo*. São os casos do jogador Leandro Chaves que, atuando pelo Ipatinga-MG, em 2010, recebeu um cartão amarelo. Em seguida transferiu-se para o Duque de Caxias-RJ e recebeu mais dois amarelos, o que implicava na sua suspensão automática da partida seguinte. Contudo, não cumpriu esta suspensão e a alegação dos advogados do Duque de Caxias-RJ — e aceita sem ressalvas pelo STJD — era o desconhecimento sobre o cartão amarelo que o jogador já possuía antes de atuar pelo clube carioca. Apesar de incluído no Art. 214 da Justiça Desportiva “Incluir no time, súmula ou documento equivalente, atleta em situação irregular para participar de partida, prova ou equivalente”, o Duque de Caxias foi absolvido por unanimidade pelos auditores do STJD, sob o argumento de *ausência de dolo*¹⁰².

Todavia, o exemplo mais utilizado pela imprensa para contrapor a decisão do STJD é o do jogador Tartá, que, de maneira supostamente análoga ao caso anterior, foi escalado de maneira irregular pelo Fluminense-RJ, no Campeonato Brasileiro de 2010, por confusão do Departamento Jurídico tricolor e que, se o Tribunal atuasse da maneira como

¹⁰¹ O advogado do Fluminense fez um discurso inflamado em relação à necessidade do cumprimento do regulamento, haja vista que todas as outras equipes seriam prejudicadas, caso a Portuguesa não fosse exemplarmente punida, pois seria a única a descumpri-lo. Neste sentido, afirmava que não se devia, naquele momento, discutir se o regulamento era bom ou ruim, mas tratava-se, simplesmente, de acatá-lo. O trecho utilizado do livro de Antoine de Saint-Exupéry (2008 [1946], p. 47-48) foi esse: “Quando alcançou o planeta, saudou respeitosamente o acendedor: / - Bom dia. Por que acabas de apagar teu lampião? / - É o regulamento – respondeu o acendedor. – Bom dia. / - Qual é o regulamento? / - É apagar meu lampião. Boa noite. / E tornou a acender. / - Mas porque acabas de acendê-lo de novo? / - É o regulamento – respondeu o acendedor. / - Eu não compreendo – disse o Príncipe. / - Não é para compreender, disse o acendedor. Regulamento é regulamento. Bom dia”.

¹⁰² Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/fluminense/em-2010-stjd-adotou-posturas-diferentes-sobre-casos-de-suspensao,6626401d0bfd2410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em 14/01/2014.

agiu no processo da Portuguesa, poderia significar a perda do título de campeão brasileiro, conquistado pelo Clube das Laranjeiras:

Na ocasião, no entanto, o procurador-geral do STJD, Paulo Schmitt disse que não havia “condição moral” para punir o Flu. “Não acredito que haja condição moral, disciplinar, até (de tirar os pontos do Fluminense). Pode ter (condição) técnica. Técnica, jurídica, com base em uma jurisprudência. Mas moralidade... discutir o título que foi conquistado no campo de jogo, da forma como foi, agora, abrindo um precedente... Essa decisão poderia ser em algum momento revista, mas isso seria um caos”, declarou Schmitt em entrevista ao Sportv.¹⁰³

Estas contradições também foram publicadas pelo site do Sportv¹⁰⁴, reafirmando que Tartá jogou uma partida na qual estava suspenso e que o Tribunal não aplicou nenhuma punição ao Clube. Entretanto, há que se dizer que outros jornalistas, de igual modo, publicaram matérias afirmando que o jogador Tartá não atuou suspenso e que a não formulação da denúncia, por parte do Procurador, não caracterizou contradição com o caso da Portuguesa-SP, considerados como processos distintos. Meramente apontaram incoerência do STJD, que no caso do Duque de Caxias-RJ, na Série B, absolveu-o por não enxergar dolo, mas puniu severamente a Portuguesa-SP, na Série A. É o que afirmou, por exemplo, o jornalista Paulo Vinícius Coelho, do canal ESPN:

¹⁰³ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/fluminense/em-2010-stjd-adotou-posturas-diferentes-sobre-casos-de-suspensao,6626401d0bfd2410VgnCLD200000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em 14/01/2014. Este mesmo procurador foi o responsável pela formulação da denúncia contra a Portuguesa. Em sua defesa, ele publicou a seguinte mensagem em sua página pessoal do Facebook(!): "Amigos, e a quem interessar possa! Existem várias inverdades circulando na WEB. [...] Quanto ao vídeo que circula sobre minha declaração em referência ao atleta Tartá do Fluminense em 2010, trata-se de uma fala descontextualizada, mais se assemelhando a algo montado ridículo. E sobre minha fala na defesa do critério técnico e resultado de campo, como fica? Lógico que deve prevalecer resultado de campo que, vale registrar, também é obtido com o cumprimento de penas, doa a quem doer e em qualquer fase da competição. O jogador em referência, do Fluminense (Tartá) coincidentemente, à época foi julgado, punido pelo tribunal e não cumpriu, como no caso da Portuguesa em 2013? Não e não! E como ficam dezenas de atletas nesse campeonato que desfalcarem suas equipes apenas pelo fato de terem cumprido a lei e suas penalidades? Apenas Flamengo e Portuguesa não cumpriram na série A desse ano lembre-se. Lamentável. Isso é que é critério técnico que qualquer um deveria defender. Cumprir sua pena. Ah mas a Portuguesa não precisa, afinal ela vai salvar o Fluminense! Sejam os críticos mais criativos, por favor... Não é assim que vão convencer quem julga, pois eu não julgo!!! Paulo Marcos Schmitt Procurador-Geral / General Prosecutor SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA DESPORTIVA DO FUTEBOL - STJD Superior Court of Sports Soccer". <http://esportes.terra.com.br/fluminense/em-2010-stjd-adotou-posturas-diferentes-sobre-casos-de-suspensao,6626401d0bfd2410VgnCLD200000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em 14/01/2014.

¹⁰⁴ Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2013/12/em-2010-procurador-do-stjd-teve-opiniao-diferente-sobre-irregularidade.html>. Acesso em 14/01/2014.

Que Paulo Schmitt seja um poço de contradição, que tenha dito em 2010 em primeira análise que deveria se manter o resultado do campo, enquanto agora faz a acusação à Portuguesa, tudo bem. Mas se produz uma incrível confusão de informações quando se trata do assunto. O procurador se contradiz. Queria o resultado do campo mantido em 2010 e agora leva a Lusa ao tribunal. [...] Que o Fluminense seja rebaixado como mandam os resultados do campo. E que a Portuguesa escape. Mas o único jeito de fazer isso é argumentando no tribunal neste momento. A Portuguesa errou. O melhor argumento é o de Antero Greco: não houve dolo. Perfeito, nesse caso que o tribunal aceite o argumento e que o Fluminense dê seu depoimento a favor de que se mantenham os resultados do campo. [...] O caso Duque de Caxias não cria jurisprudência na Série A de 2010. O Duque de Caxias admitiu o erro, foi a julgamento e foi absolvido por não haver dolo. Esse é o ponto!¹⁰⁵

Essa grande confusão de informações obscurece o que está claro: a condenação da Portuguesa-SP foi muito mais política do que técnica; e a punição desequilibrada em relação ao erro cometido pela agremiação serviu apenas para favorecer as grandes equipes do eixo Rio/São Paulo, no caso, Flamengo-RJ¹⁰⁶ e Fluminense-RJ, que, de outra maneira, uma ou outra, teriam graves prejuízos financeiros ao serem rebaixadas para a 2ª divisão nacional.

Com tanto material disponível, com tantos indícios de manobras políticas no julgamento, com tamanha repercussão em todas as mídias nacionais, o caminho mais lógico para a Portuguesa-SP seria mesmo o rompimento com a CBF e o ingresso na Justiça Comum, na tentativa de preservar os seus direitos. Contudo, nada disso ocorreu pelo menos da maneira como se imaginava. Conforme determina a FIFA, todo clube que ingressa na Justiça Comum contra as suas filiadas — no caso, a CBF — é punido com a proibição de participação em quaisquer competições organizadas por essas entidades, a não ser, obviamente, se a mesma Justiça Comum der parecer favorável ao clube impetrante. Mas, até que se julgue o mérito, para todos os efeitos, a FIFA impede a participação da agremiação nas suas competições o que impacta direta e negativamente

¹⁰⁵ Disponível em: http://www.espn.com.br/post/376182_pelo-bem-da-verdade-podemos-apontar-contradicao-de-schmidt-mas-tarta-nao-jogou-suspenso-em-2010. Acesso em 13/12/2013.

¹⁰⁶ O Flamengo-RJ escalou de maneira irregular o atleta André Santos, no sábado, um dia antes da Portuguesa-SP cometer a mesma irregularidade. Com a sua atitude, a Lusa salvou o rubro negro carioca de ser punido sozinho, implicando em sua queda para a Série B. Apenas não será possível saber se o STJD agiria da mesma maneira exemplar se o acusado fosse tão somente o Flamengo-RJ.

em suas finanças. Esta proibição, que pode ser vista como chantagem, faz com que muitos clubes desistam destas ações por correrem um grande risco de perderem na Justiça Comum e ficarem afastados das competições esportivas oficiais, o que poderia significar, até mesmo, o seu próprio fim enquanto clubes de futebol. No caso da Portuguesa-SP, com o passar das semanas, o tom das declarações de seus dirigentes foi se tornando cada vez mais ameno: passou de uma revolta inicial, com ameaças de processos na Justiça, até a resignação com o acontecido, ao cabo de alguns meses. Esta mudança de comportamento deveu-se, principalmente, ao medo da agremiação de perder suas cotas de participação no Campeonato da Série A ou B, o que a deixaria em situação calamitosa, haja vista que já enfrentava, ao fim de 2013, problemas graves de insolvência, atrasando até mesmo os salários dos jogadores.

Mas ainda há mais a ser dito e o emaranhado de suposições e suspeitas continua a aumentar:

O Ministério Público do Estado de São Paulo decidiu repassar as investigações da relação entre a Portuguesa e o banco Banif para o Gaeco — Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado. [...] O MP tenta entender se existe relação entre as dívidas contraídas com o Banif e a escalação irregular de Héverton na última rodada do Campeonato Brasileiro de 2013, o que acarretou no rebaixamento da Lusa nos tribunais à Série B. [...]. O MP tem indícios de que o Banif fazia depósitos casados a inúmeras empresas e também à Portuguesa, causando um prejuízo de R\$ 600 milhões ao banco e/ou ao sistema financeiro brasileiro. [...] Investiga-se se o ex-presidente [Manoel da Lupa] teria aceitado dinheiro para pagar as dívidas com o Banif em troca da escalação irregular de Héverton e do consequente rebaixamento do time paulista à Série B do Brasileirão. Há indícios de que houve pagamento de suborno por pessoas de fora do clube durante a disputa da competição¹⁰⁷.

Em resumo, a escalação irregular de um jogador suspenso, nos minutos finais da última partida do Campeonato; o fato ter acontecido um dia depois da equipe do Flamengo cometer o mesmo erro: e é claro que não se trata do mesmo erro: o Flamengo-RJ, talvez, tenha errado, mas, a suposição de que tenha sido premeditado ganha força:

¹⁰⁷ Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/396324_grupo-de-elite-vai-investigar-elo-entre-fraude-em-banco-e-caso-lusa. Acesso em 14/03/2014.

diante da expectativa de o Fluminense perder a partida, na Bahia, e ser rebaixado; a Portuguesa-SP, intencionalmente, escalou o jogador sem condições de jogo; a denúncia do Procurador do STJD e a acolhida por um Tribunal que já havia decidido de maneira diferente em casos semelhantes; a rejeição do recurso e a aplicação de uma pena desproporcional à falta cometida; o salvamento de Flamengo-RJ e Fluminense-RJ; a resignação da Portuguesa e a ameaça não cumprida de ingressar na Justiça Comum; as dívidas contraídas junto ao Banco BANIF e a suspeita do Ministério Público de que, para além do ato ilícito cometido, existe relação direta com o caso da escalação do jogador Héverton. Tudo isso nos deixa com uma conclusão possível: houve, de fato, uma grande costura política e econômica, envolvendo diversos atores com o fim único de favorecer pelo menos uma equipe carioca — ou as duas equipes do Rio de Janeiro: Fluminense e Flamengo — em detrimento da Portuguesa-SP e com a conivência de seus dirigentes. Ao final, as poucas ações na Justiça Comum foram impetradas por torcedores da equipe paulista, que conseguiram liminares favoráveis, mas que eram cassadas poucas horas depois e não tiveram nenhum efeito prático: em 2014, a Portuguesa-SP disputa a Série B e Flamengo-RJ e Fluminense-RJ a Série A — isso até a paralisação do Brasileiro para os jogos da Copa do Mundo no País.

Se observarmos pelo lado da comercialização dos jogos do Campeonato Brasileiro, fica óbvio perceber que a Portuguesa-SP faz bem menos falta na Série A do que Fluminense-RJ ou Flamengo-RJ. Mais ainda se imaginarmos que, caso o time paulista não tivesse escalado o jogador irregular no domingo, da mesma maneira como fez o Flamengo-RJ no sábado, e o STJD agisse com todo o rigor e diligência conforme atuou contra a Lusa, em defesa do Regulamento, dois clubes cariocas estariam na 2ª Divisão Nacional: Vasco e Flamengo. Ou ainda: se Flamengo-RJ (no sábado, equivocada ou intencionalmente) e Portuguesa-SP (no domingo, intencionalmente) não tivessem, juntos, cometido tal afronta, de igual modo teríamos dois clubes do Rio rebaixados por mediocridade técnica, figurando nas últimas posições do Campeonato: Vasco-RJ e Fluminense-RJ. Isso é uma obviedade, mas, entretanto, enquanto muitos viam — pela TV, pelo rádio ou nas arquibancadas — a eliminação dos cariocas, pouquíssimos sabiam que o jogo era de cartas marcadas. Pouquíssimos sabiam que o Flamengo-RJ havia escalado um atleta em condições irregulares no dia anterior e pouquíssimos sabiam o que viria a fazer

a Portuguesa-SP naquela tarde de domingo: escalar, também, nos últimos minutos da partida contra o Grêmio, um atleta também em condições irregulares. Outra coincidência? A única conclusão possível não passa de uma hipótese, entretanto: não sejamos ingênuos: caso tenha sido intencional a escalação irregular do jogador flamenguista, já se sabia que a Portuguesa-SP faria o que fez. Uma suposição: a Portuguesa-SP, talvez, tenha superestimado os seus poderes, na expectativa de que pudesse se livrar da queda ao fazer o arranjo com os cariocas. Entretanto, isso não é uma suposição: os clubes grandes de São Paulo não fariam um acordo dessa natureza com os cariocas. Por todos os lados que se esquadrinha a questão percebe-se que o erro da Portuguesa-SP foi crucial para salvar do rebaixamento ao menos uma das três equipes do Rio. Do ponto de vista comercial, um campeonato sem a presença de Flamengo-RJ e Fluminense-RJ gera muito mais impacto negativo do que um sem a presença da Portuguesa-SP: são milhões e milhões de dólares envolvidos, conforme já vimos, no *negócio* futebol.¹⁰⁸ Em uma declaração de efeito, um dirigente da Portuguesa-SP chegou a dizer que os paulistas da Lusa disputariam a Série-B com o uniforme do Fluminense. Mas quem garante que, naquela última partida do Campeonato, a Portuguesa-SP já não jogava como se fosse um esquadrão de salvamento dos grandes cariocas? Um negócio, uma troca, mas não se sabe o que ganhou ou ganhará, no futuro, a Portuguesa-SP. Também não se sabe o que ganharão ou perderão Flamengo-

¹⁰⁸ No início do ano de 2013, o jornalista Juca Kfoury apontava um grave conflito de interesses na diretoria do Flamengo: “[...] [o] vice-presidente de marketing do Fla, Luiz Eduardo Baptista, é [...] presidente da Sky, a segunda maior operadora de TV por assinatura no país e que tem no futebol seu principal produto [...]. Difícil encontrar um profissional da área, seja do grupo que for, incluindo a própria Sky, que não estranhe a situação. [...] RESPOSTA DA SKY: A atual lei da TV paga impede que a SKY ou qualquer outra distribuidora de TV por assinatura explore diretamente eventos esportivos brasileiros. [...] Desta forma, não faz sentido afirmar que há conflito de interesses uma vez que a distribuidora não pode nem produzir nem explorar conteúdos brasileiros, que são atividades exclusivas das produtoras e programadoras. [...] Tréplica do blog: A Sky, de fato, não pode comprar diretamente, mas faz parte (importante) da cadeia de valor, já que ela vai negociar os direitos com a Globosat. Portanto, o fato de a Sky controlar as negociações do lado do Flamengo a coloca em vantagem em uma negociação entre Globosat e Sky onde ela poderia, em tese, ajudar (ou não) a Globosat na aquisição dos direitos em troca de obtenção de vantagens negociais para a Sky em relação a Globosat (por exemplo com menores preços de programação e aumento da participação da Sky na receita de PPV; ou vantagens nas condições comerciais da Sky em relação à concorrência. [...] O fato é que a posição ocupada pelo seu presidente na diretoria do Flamengo dá a Sky poder de barganha, acesso a informação privilegiada e vantagens injustas em relação aos compradores de direitos; com a Globosat; e em relação aos outros concorrentes. No fundo, a questão permanece de que a Sky é impactada diretamente pelas condições comerciais na venda dos direitos do Flamengo. [...] É, ao menos, o que o blog ouviu de especialistas de empresas diferentes da área, sem que nenhum deles tenha posto em dúvida as intenções e as atitudes do vice-presidente de marketing do Flamengo e presidente da Sky”. Fonte: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/03/flamengo-um-conflito-de-interesses-que-merece-explicacao/>. Acesso em 26/03/2013.

RJ e Fluminense-RJ. O que os olhos vêem quase nunca é tudo o que está a se passar e, particularmente, no mundo do futebol.

COPA DO BRASIL: 1989-2013

Esta competição apresenta casos que, inclusive, em parte, parecem confrontar nossa argumentação sobre a formação do centro e de suas margens: desde sua primeira edição, os maiores vencedores são Cruzeiro-MG e Grêmio-RS — desbancando os clubes de Rio e de São Paulo. Entretanto, o mais surpreendente é que clubes de menor expressão nacional foram também campeões: Criciúma-SC (1991), Juventude-RS (1999), Santo André-SP (2004), Paulista-SP (2005) e Sport-PE (2008). Esses quatro últimos, inclusive, venceram nas finais os times do eixo Rio/São Paulo: Botafogo-RJ, Flamengo-RJ, Fluminense-RJ e Corinthians-SP, respectivamente. Entretanto, a partir do ano de 2006, apenas cariocas e paulistanos foram campeões, ressaltando o Sport-PE — campeão em 2008, conforme a Tabela 02. Por que afirmamos que apenas parcial e aparentemente tais resultados confrontam as argumentações aqui trabalhadas? Em primeiro lugar, porque, aqui, não estão sendo discutidos apenas os resultados, mas, sobretudo, como foram construídos. Em segundo lugar, porque Grêmio-RS e Cruzeiro-RS são dois dos maiores clubes brasileiros: fazem parte dos 12 gigantes. Em terceiro lugar, porque em competições em formato de copa, e, sobretudo, quando todos os jogos são eliminatórios — como é o caso da Copa do Brasil — grandes surpresas podem acontecer e, inclusive, nas duas partidas decisivas. No caso dos títulos de Criciúma-SC (1991), Juventude-RS (1999), Santo André-SP (2004), Paulista-SP (2005) e Sport-PE (2008), ainda há algo importante a dizer. Todas essas equipes eram formadas por bons atletas, faziam um bom conjunto e jogaram as finais praticamente como franco/atiradoras, com um peso muito menor, pois, de longe, os favoritismos estavam, respectivamente, com Grêmio-RS, Botafogo-RJ, Flamengo-RJ, Fluminense-RJ e Corinthians-SP. Em quarto lugar, uma observação que sempre deve ser considerada na Copa do Brasil e, sobretudo, antes de 2006: todos os jogos de mata-mata são decisivos, eliminatórios, e é nesse formato de competição que os pequenos podem

levar alguma vantagem em algumas circunstâncias muito especiais. Entretanto, em competições longas, por pontos corridos, com turno e retorno, é muito difícil que os pequenos levem alguma vantagem: como no Campeonato Brasileiro. Em quinto lugar, o mais importante: foi a partir dos dois anos seguidos de grandes surpresas, quando Santo André-SP e Paulista-SP conquistaram a competição, que algo fundamental mudou. Os grandes clubes estiveram mais atentos à importância da competição e, sobretudo, em razão de ser um caminho alternativo — dito por todos como o mais rápido ou o mais curto — para se obter uma vaga na maior competição continental: Libertadores da América. Não parece ser apenas uma coincidência: a partir de 2005, fato inédito passa a acontecer com os clubes brasileiros na competição continental. Durante o período 2005-2013, grandes clubes brasileiros passam a protagonizar a Libertadores, sendo campeões em 2005 (São Paulo-SP), 2006 (Internacional-RS), 2010 (Internacional-RS), 2011 (Santos-SP), 2012 (Corinthians-SP), 2013 (Atlético-MG). Pela primeira vez, os clubes brasileiros conquistam a Copa Libertadores durante 04 anos consecutivos, fato ocorrido no período 2010-2013, igualando o feito dos clubes argentinos no período 1967-1970. A competição continental passou a ser uma obsessão dos grandes clubes brasileiros e, portanto, não apenas o Campeonato Brasileiro é valorizado como rota de acesso à Libertadores, mas, também, no mesmo nível, a Copa do Brasil. Junto a isso, outros fatores intervenientes fizeram com que as transformações pudessem ocorrer: a) o grande hiato financeiro entre os 12 grandes clubes brasileiros — que, com isso, puderam estruturar grandes equipes — e os demais; b) as arbitragens influenciando resultados em jogos decisivos.

Entretanto, ainda existem alguns pontos que não podem ser suprimidos das conquistas de Criciúma-SC, Juventude-RS, Santo André-SP, Paulista-SP e Sport-PE. O Criciúma-SC foi um campeão invicto e treinado, naquele ano, pelo conhecido treinador copeiro — como se diz na gíria do futebol — Luiz Felipe Scolari, de vários títulos e, inclusive, pela Seleção Brasileira. O Juventude-RS foi campeão com o patrocínio da Parmalat que, inclusive, naquela edição da Copa do Brasil, patrocinava dois clubes: o Palmeiras-SP (semifinalista, derrotado pelo Botafogo-RJ) e o próprio Juventude-RS. O Santo André-SP também foi um caso excepcional. Além disso, o Sport-PE, a despeito de não ser considerado um dos gigantes do futebol brasileiro, não pode ser compreendido

como um pequeno. Em todos os cinco casos, a arbitragem não favoreceu os gigantes envolvidos.

O regulamento desta competição foi, ao longo dos anos, sofrendo importantes alterações, desde o número de participantes, formas de classificação e participação dos clubes de Rio e de São Paulo, mas também, dos clubes do Sul e de Minas Gerais: o que não se alterou é o formato de copa, ou seja, partidas eliminatórias desde o início, até a consagração do vencedor.

Na primeira edição, em 1989, o critério para participação era o desempenho nos campeonatos estaduais: os campeões e vice-campeões de quase todos os estados participaram da competição, que teve 22 participantes. Os campeões dos estados do Acre, Amapá, Rondônia, Tocantins e Roraima foram sendo incorporados gradativamente até 1996. Entretanto, a CBF passou a *convidar* clubes, mesmo que não houvessem vencido em seus estados: desta maneira, além dos campeões estaduais, a partir de 1995 a participação na Copa do Brasil não tinha critério técnico definido e servia para a Confederação agraciar diversas pequenas federações estaduais com um número maior de participantes na Copa. Conforme muitos, o aumento do número de participantes era resultante de certa troca de favores e isso repercutia nas constantes reeleições de Ricardo Teixeira — presidente da CBF —, já que votam clubes e federações. Por outro lado, possibilitava que todas as forças do futebol nacional se enfrentassem, aumentando o poder de atração da competição para o público e para a televisão.

QUADRO 5: CAMPEÕES E VICE-CAMPEÕES DA COPA DO BRASIL – 1989/2013

ANO	CAMPEÃO	VICE
1989	Grêmio-RS	Sport-PE
1990	Flamengo-RJ	Goiás-GO
1991	Criciúma-SC	Grêmio-RS
1992	Internacional-RS	Fluminense/RJ
1993	Cruzeiro-MG	Grêmio-RS
1994	Grêmio-RS	Ceará-CE
1995	Corinthians-SP	Grêmio-RS
1996	Cruzeiro-MG	Palmeiras-SP
1997	Grêmio-RS	Flamengo-RJ
1998	Palmeiras-SP	Cruzeiro-MG
1999	Juventude-RS	Botafogo-RJ
2000	Cruzeiro-MG	São Paulo-SP
2001	Grêmio-RS	Corinthians-SP
2002	Corinthians-SP	Brasiliense-DF
2003	Cruzeiro-MG	Flamengo-RJ
2004	Santo André-SP	Flamengo-RJ
2005	Paulista-SP	Fluminense-RJ
2006	Flamengo-RJ	Vasco-RJ
2007	Fluminense-RJ	Figueirense-SC
2008	Sport-PE	Corinthians-SP
2009	Corinthians-SP	Internacional-RS
2010	Santos-SP	Vitória-BA
2011	Vasco-RJ	Coritiba-PR
2012	Palmeiras-SP	Coritiba-PR
2013	Flamengo-RJ	Atlético-PR

Em 2000, 69 clubes iniciaram o torneio¹⁰⁹ e, em 2003, passou-se a utilizar o ranking da entidade também como parâmetro. Como as primeiras fases contam, às vezes, com clubes quase nada estruturados e de estados com fraca representação no futebol nacional (Acre, Amazonas, Tocantins, Piauí, Maranhão, Roraima, Rondônia, Amapá, dentre outros), instituiu-se que a primeira partida entre as equipes (sempre duas, em formato de ida e volta)



fosse disputada na casa do time considerado mais fraco. Em caso de vitória do visitante por uma diferença de dois ou mais gols, a segunda partida estaria dispensada de ocorrer, classificando-se automaticamente o vencedor. Este dispositivo do regulamento possibilita que os times grandes diminuam o número de jogos ao longo da competição (ainda que o critério não valha a partir das oitavas de final), já que são jogos pouco atrativos dentro do ponto de vista comercial. Mas quando o clube grande — com o seu time repleto de jogadores conhecidos — realiza o seu jogo em estados mais distantes do sul e do sudeste brasileiros, a partida torna-se um grande acontecimento: os estádios, em geral, ficam lotados e a torcida se agita nos gols de quaisquer dos times, já que muitos também torcem pelo time local, mas se orgulham em vestir a camisa dos times do centro (em especial, mas não só) e se alegram com a possibilidade — raríssima! — de assistir a uma partida do seu time (do *coração*) eleito — como se fosse do seu coração —, só possível através da TV¹¹⁰.

¹⁰⁹ Em 2002, o Bragantino-SP, que tem como presidente Nabi Abi Chedid (que foi vice-presidente da CBF em 1987), foi convidado a participar da Copa do Brasil, a despeito de ter sido rebaixado para a 3ª divisão do Campeonato Brasileiro.

¹¹⁰ Nestes casos fica ainda mais evidente a força da TV na formação de ilhas de simpatizantes — computados como torcedores pelas enquetes — dos times do centro em todas as partes do Brasil, conforme já discutido anteriormente. Não raro observamos que o número de adeptos do time *estrangeiro* é consideravelmente maior do que o número de torcedores do próprio time da casa, o que possibilita uma visão *sui generis* deste tipo de espetáculo.

A partir de 2001, o regulamento excluía da competição todos os clubes brasileiros que estivessem participando da Copa Libertadores naquele ano (algo que perdurou até 2012). A partir de 2013 em diante, a pedido dos próprios clubes, interessados no retorno financeiro, os participantes da competição internacional já estariam automaticamente classificados para as oitavas de final. Isto talvez ajude a explicar o fato de que, no período 2001-2013, 12 clubes exteriores ao eixo Rio/São Paulo participaram de finais, vencendo 05 delas. Em comparação, de 1989 a 2000, clubes exteriores a Rio e São Paulo chegaram a dezesseis finais, vencendo nove delas. Durante esse período, entretanto, ressalta-se que, em 04 oportunidades, clubes fora de Rio e de São Paulo fizeram as finais. De 1989 a 2000, apenas Grêmio-RS e Cruzeiro-MG venceram seis vezes: as outras três foram vencidas por Internacional-RS, Criciúma-SC e Juventude-RS. Os times do eixo Rio/São Paulo chegaram a oito finais, mas venceram apenas três vezes, com Flamengo-RJ, Corinthians-SP e Palmeiras-SP. No período de 2001 a 2012 nada menos do que dez times diferentes, de fora do centro, alcançaram as finais e tivemos cinco campeões distintos. Isso significa que, no período de 2001 a 2012, tivemos mais participações dos times de fora do centro Rio/São Paulo, o que coincide com o lapso de tempo em que não era permitido participar, simultaneamente, da Copa Libertadores e da Copa do Brasil. Apesar de no período 1989 a 2000, os clubes fora de Rio e de São Paulo tenham alcançado e vencido mais vezes, as conquistas concentravam-se em apenas dois clubes, Grêmio-RS e Cruzeiro-MG. Junte-se a isso o fato da final ter sido disputada somente por clubes das margens em quatro oportunidades.¹¹¹ Logo, na disputa entre Rio/São Paulo e clubes fora do referido eixo, estes levaram vantagem em cinco decisões contra três. Por fim, se considerarmos todo o período de disputa — 1989-2013 — os clubes de Rio/São Paulo venceram onze vezes contra catorze conquistas de clubes exteriores ao suposto centro. Porém, se considerarmos apenas os anos em que a decisão era entre um clube do centro versus um da periferia, o placar mostraria 10 x 10, ou seja, empate técnico. Ainda assim, vale a pena observar com um pouco mais de atenção algumas destas finais.

¹¹¹ Nos primeiros anos da Copa do Brasil, muitos clubes brasileiros e seus torcedores não se interessaram pela disputa. Retrato disso é o fato de que em 1990, o Flamengo-RJ eliminou os seguintes adversários: Capelense-AL; Taguatinga-DF; Bahia-BA e Náutico-PE. A final foi disputada contra o Goiás-GO, sendo que a primeira partida foi jogada em Juiz de Fora-MG com um público de pouco mais de 2 mil torcedores (SANTIAGO JR, 2006, p. 317-318).

A final de 2002 foi disputada entre Corinthians-SP e Brasiliense-DF e o time de Brasília pertencia ao senador Luiz Estevão, que se envolveu em diversas denúncias de corrupção na Câmara Federal. Ao longo de sua campanha, eliminou o Fluminense-RJ e, na semifinal, o Atlético-MG, credenciando-se para a final. O primeiro jogo aconteceu no Morumbi e o time paulista venceu por 2 x 1 numa partida em que, mais uma vez, os erros de arbitragem pesaram no resultado final: A atuação de Carlos Eugênio Simon favoreceu amplamente o Corinthians. Na primeira partida: aos 44 minutos do primeiro tempo, o narrador paulista, Cleber Machado, da Rede Globo, em transmissão do Morumbi (São Paulo) para todo o Brasil: “vem [...] o time do Brasiliense, agora a chegada é boa, mas o impedimento foi marcado. [O jogador do Brasiliense] deu uma olhada para o bandeira e reclamou, educadamente, mas... [...]”.¹¹² O comentarista de arbitragem da Rede Globo de Televisão, Arnaldo César Coelho: “não houve impedimento.”¹¹³ Logo no início do primeiro tempo, em condição de jogo, novo impedimento marcado contra a equipe do Brasiliense. Aos 08 minutos do segundo tempo, o Corinthians faz 1x0, mas, antes dos 10 minutos, o Brasiliense empata e pressionou até que veio o gol da vitória dos paulistas, completamente irregular. Após uma clara falta no zagueiro do Brasiliense ficou livre o atacante do Corinthians, antes dos 35 minutos do segundo tempo. O narrador Cleber Machado: “e reclamações, no atacado, do Brasiliense.”¹¹⁴

E essa partida gera polêmica até hoje. Tudo por conta da participação decisiva do árbitro Carlos Eugênio Simon. Com uma atuação muito ruim do gaúcho — ele não viu a falta do atacante Gil no zagueiro Thiago, na origem do segundo gol paulista, e ainda ignorou um pênalti claro após empurrão do zagueiro Anderson no volante Carioca —, o Corinthians venceu o Brasiliense por 2 x 1, dois gols de Deivid [...] e Maurício descontando para os candangos. Procurado pelo Correio [Brasiliense] para comentar as falhas e relembrar a partida, Simon optou pelo silêncio. Por meio de sua assessoria de imprensa, o hoje comentarista de arbitragem em um canal por assinatura preferiu não falar. Mas na época, o ex-juiz deu inúmeras entrevistas e nunca admitiu os erros. “Ali naquele jogo não houve nada. Vários comentaristas disseram a mesma coisa”, defendeu-se¹¹⁵.

¹¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFbx65JHkVw>. Acesso em 22/11/2012.

¹¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFbx65JHkVw>. Acesso em 22/11/2012.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFbx65JHkVw>. Acesso em 22/11/2012.

¹¹⁵ Disponível em: http://www.mg.superesportes.com.br/app/19,79/2012/05/08/noticia_brasiliense,31480/brasiliense-completa-10-anos-da-final-da-copa-do-brasil-2002.shtml. Acesso em 21/11/2013.

Em 2012, o Palmeiras-SP ficou com o título após vencer em casa e empatar em Curitiba: neste mesmo ano, a equipe paulista acabaria rebaixada para a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro. Os dois jogos são bastante contestados e a arbitragem prejudicou sobremaneira o time do Alto da Glória, na medida em que beneficiava a equipe paulista com seus equívocos. Apesar dos equívocos da arbitragem em prol dos paulistas, não se pode dizer que se tratou de um dos maiores escândalos do futebol brasileiro. Longe disso, pois foram tantos — e quase todos em prol dos clubes de Rio e de São Paulo — que seria mesmo difícil até mesmo uma classificação dessa natureza. Além disso, há dois pontos que necessitam de ênfase. O primeiro deles: os cuidados de hoje, com os erros de arbitragem, são muito maiores do que antigamente; ou seja, mesmo que se percebam os erros apenas em favor de determinada equipe, isso se dá, na atualidade, de forma mais sutil; ou seja, os equívocos são mais abertos ao longo dos anos anteriores à internet, às mídias novas, à integração do esporte em nível nacional e global. O segundo deles: infelizmente, há, já, certa naturalização dos erros de arbitragem, como se fizessem parte do jogo. Na edição de 2012 da Copa do Brasil, a equipe do Palmeiras-SP era inferior à equipe do Coritiba-PR. Mesmo na Copa do Brasil do ano anterior, em 05 de maio de 2011, a equipe do Palmeiras-SP havia sido derrotada pelos mesmos paranaenses, em Curitiba, por 6x0! O Coritiba, naquela edição, ficou com o vice-campeonato. Contudo, em 2012, com uma equipe ainda mais forte, o Coritiba novamente caiu nas finais para o Palmeiras.

A Copa do Brasil é do Palmeiras. O empate no Paraná, 1 a 1, garantiu o título. Do lado da taça, no museu do clube, os árbitros das finais, o goiano Wilton Pereira Sampaio e o mineiro Sandro Meira Ricci, radicado em Goiás, merecem um lugar especial, um retrato, um busto, uma lembrança, um mimo, uma faixa verde de campeão. Eles foram decisivos. Ajudaram os paulistas, sempre eles, nos dois jogos — mesmo sem desejo, quero crer. Eles fazem parte da renovação da arbitragem brasileira promovida pela CBF, agora dominada por dirigentes paulistas. Os árbitros fracassaram nas decisões. [...] Mas quem viu os dois jogos sabe e pode repetir. O Palmeiras só venceu porque os árbitros erraram nas decisões. Pode contar. Espalhar. Os árbitros erraram duas vezes e sempre contra o Coritiba, que não tem força política na CBF¹¹⁶.

¹¹⁶ Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/boladividida/2012/07/12/arbitros-erram-nas-duas-finis-e-palmeiras-e-campeao/>. Acesso em 21/11/2013.

Há, evidentemente, outros casos de partidas suspeitas, campeonatos sob suspeição, corrupção de árbitros para atuarem com parcialidade explícita a favor dos clubes de Rio e de São Paulo. Muitos se lembrarão de um jogo ou outro que, aqui, não foi mencionado e os que lerem com os óculos da paixão por algum time poderão negar o que aqui se produziu, principalmente, apontando para outras partidas em que algum clube do Rio e de São Paulo foi prejudicado: é fato que elas existem, até mesmo porque não se pode dizer que todas as partidas, de todos os campeonatos foram manipuladas e que todos os árbitros, em todas as ocasiões, prejudicaram os clubes exteriores ao eixo Rio/São Paulo. O que, aqui, procuramos desenvolver: discutir o caráter das conquistas, das derrotas e a força do centro constituído por Rio/São Paulo, bem como o poder de influenciar e gerar um processo, de certo modo, *civilizatório* no país, ao longo do tempo, por parte da imprensa em geral. De igual maneira, ela é refém de interesses políticos e econômicos advindos do futebol e, mais ainda, de modo mais constrangedor, a imprensa esportiva, conivente na maior parte das vezes, com as mazelas deste esporte e fenômeno social. Em entrevista à Revista do Brasil, em 2008, o jornalista Juca Kfourri assim se referiu ao papel da imprensa no Brasil:

Ela não é tímida [com as mazelas]. É promíscua, é cúmplice. A imprensa esportiva, principalmente de TV aberta, não existe. [...] Mas porque não muda? Alguém ganha com isso. Porque você acha que o Eurico Miranda mandou tantos anos no Vasco? E o Ricardo Teixeira na CBF? E o Dualib no Corinthians, e o Mustafá do Palmeiras? (REVISTA DO BRASIL, 01/07/2008, p. 24).

Ainda em 1982, esse mesmo jornalista denunciava um milionário escândalo da Loteria Esportiva, na Revista Placar. De acordo com a reportagem, existiam pelo menos três grandes quadrilhas — no Rio, em Santos e na Bahia — que atuavam comprando os resultados de diversas partidas incluídas no jogo¹¹⁷. O grande esquema de corrupção descoberto envolveu “[...] 125 nomes de árbitros, dirigentes, técnicos, personalidades

¹¹⁷ A Loteria Esportiva, atual Loteca, é um jogo de azar da Caixa, onde são listados 13 jogos, de campeonatos profissionais diversos, do Brasil e fora dele. O apostador deve marcar entre as três possibilidades: vitória do time 1; empate; vitória do time 2. Quem acerta os vencedores dos 13 jogos é o vencedor.

nacionais e jogadores — entre os quais, infelizmente, figuram ídolos da torcida e dois campeões do mundo” (PLACAR, 22/10/1982, p. 19) que ficou conhecido como a *Máfia da Loteria Esportiva*¹¹⁸. Apesar de sua complexidade e da quantidade de dinheiro e de pessoas envolvidas, o esquema era bem simples: comprar juízes e/ou jogadores de determinadas partidas, “arranjando” o resultado das mesmas, com vistas a realizar os jogos na Loteria e acertar os pontos necessários para levar o prêmio, semanalmente. De acordo com a revista, o esquema se desenvolvia pelo menos desde 1969 no Brasil e, à época da publicação da reportagem, já contava com treze anos. Este esquema não visava o favorecimento de uma ou mais equipes em particular, mas apenas determinados jogos que eram relevantes para as quadrilhas. O fato de mencionarmos este esquema fraudulento serve apenas para reforçarmos, ainda mais, o fato de que o futebol é muito mais do que aparenta ser e que árbitros (bem como jogadores e dirigentes) podem ser comprados: ontem e hoje.

Em 2012, o árbitro Gutemberg de Paula Fonseca acusou de corrupção o presidente da Comissão Nacional de Arbitragem (CONAF) Sérgio Corrêa. Gutemberg afirmou que os juízes recebem pressão da CONAF para favorecer certos clubes, em algumas partidas, inclusive porque seriam obrigados a ligar para Sérgio Corrêa antes dos jogos para colher “recomendações”.

Fui fazer um jogo entre Corinthians e Goiás, que o Corinthians ganhou por 5 a 1. Antes do jogo, ele disse para mim: "vai lá, boa sorte. Vai apitar o jogo do Timão, hein?" O que eu posso entender disso? Que, se o Corinthians não ganha, eu podia, para o resto da vida, não ser mais

¹¹⁸ “A Revista Placar, em outubro de 1982, apresentou uma matéria especial que teve repercussão semelhante a que promete o novo escândalo da arbitragem, agora divulgada pela Revista Veja, ambas da Editora Abril [refere-se ao caso de 2005]. A base, era a mesma. A manipulação de jogos que estavam em loterias. Na época, não existia a INTERNET e as apostas eram apenas as convencionais, feitas em Casas Lotéricas. Na ocasião, a Revista Placar denunciou uma armação de resultados para favorecer aqueles que jogavam na Loteria Esportiva, então a principal loteria do Brasil, que pagava prêmios milionários. No final, muitos dos citados pela Revista Placar acabaram processando a própria revista por acusações infundadas e foram indenizados judicialmente, já que Placar tomou por base depoimento de um radialista cearense, Flávio Moreira, sem que houvesse maiores provas. Com a matéria publicada, a Loteria Esportiva ficou desmoralizada e hoje não representa nada do que representou nos anos 70. A Revista Placar, que era o principal veículo da comunicação esportiva do Brasil, com concorridas edições semanais, hoje tem apenas edições mensais, com repercussão pequena”. Fonte: <http://inforum.insite.com.br/aboloteca-loteria-esportiva/3141051.html>. Acesso em 23/06/2009.

escalado — disse, em entrevista à rádio Jovem Pan, citando partida do Brasileirão de 2010¹¹⁹.

Por outro lado, a Folha de São Paulo, no dia 14/01/2012 informava que o juiz não tinha documentos capazes de incriminar ninguém, apenas um dossiê com denúncias antigas e já reveladas pela imprensa em outras oportunidades, além do seu próprio testemunho.

E o que se viu foi uma compilação de reproduções de reportagens publicadas em sites sobre casos que envolveram Corrêa e outro membro da comissão de arbitragem. Todos eles amplamente divulgados à época e que foram arquivados por Ministério Público ou STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva)¹²⁰.

E desta maneira, praticamente todos os casos que envolvem corrupção no futebol nacional acabam arquivados por falta de provas¹²¹ ou esquecidos pela imprensa que, como já dito, é amplamente interessada no *negócio futebol*. Muitos dos próprios atletas que acusavam as arbitragens de corruptas deixam ou deixaram de fazê-lo após o encerramento de suas carreiras. Muitos podem até, em seus círculos de amizade mais íntima, relatar casos escandalosos; entretanto, como não possuem provas juridicamente aceitas, os relatos se restringem às conversas informais. São poucos os atletas que, por iniciativa própria, quando entrevistados, dizem o que pensam sobre o que presenciaram. Diversas foram as CPIs iniciadas no Congresso Nacional para investigar as denúncias de corrupção, principalmente na CBF, mas todas acabaram arquivadas, já que diversos

¹¹⁹ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/futebol-general/Gutemberg-Paula-denuncia-corrupcao-arbitragem_0_622737833.html. Acesso em 06/01/2012.

¹²⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/19939-gutemberg-mostra-internet-como-prova.shtml>. Acesso em 14/01/2012.

¹²¹ Em decorrência das diversas suspeitas e, do mesmo modo, de alguns casos de escândalos com dolo comprovado — como se deu, por exemplo, em 2005, no caso *Edílson*, contextualizados pela corrupção disseminada e pela magnitude de capital envolvido, cabe dizer, sem quaisquer constrangimentos: ignorar a existência da prova, de modo a deixar tudo como está, e, inclusive, deixar os imensos lucros e os indiscutíveis poderes com quem — com a mesma estrutura, apenas com ligeiras e estratégicas mudanças de nome e de comando — sempre estiveram não parece ser algo descabido. Pelo contrário: quem tem o poder de deixar como está é quem tem a poderosa prova e, com isso, já faz parte da estrutura. A prova é sempre um papel, uma testemunha — a ser corrompida —, ou uma fita de gravação à procura do lixo mais próximo. Para o poder, dizer algo acerca da inexistência da prova é uma atitude tão insignificante quanto a voz do torcedor que sabe que está sendo roubado; pelo menos por enquanto.

deputados federais e também senadores têm algum tipo de envolvimento com o futebol (como dirigentes de clubes, por exemplo) e não desejam investigações deste tipo.

O pedido de CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para investigar a CBF e os negócios da Copa do Mundo de 2014, protocolado pelo senador Mario Couto (PSDB-PA), não sobreviveu nem uma semana no Senado. Nesta terça-feira (5), Renan Calheiros (PMDB-AL), presidente da Casa, anunciou a queda do requerimento de CPI. Ao falar sobre o assunto, Calheiros disse que nove das 34 assinaturas foram retiradas e por isso a CPI estava cancelada. Para ser aberta, a comissão necessitava do apoio de pelo menos 27 senadores. Mostrando indignação, Couto pediu os nomes dos colegas que haviam desistido e Zezé Perrela (PDT-MG), ex-presidente do Cruzeiro, assumiu ter trabalhado para a queda. Os nomes dos senadores que desistiram da investigação sobre a CBF não foram divulgados. Apesar disso, Couto disse que irá requisitar à Mesa Diretora os nomes e que irá divulgá-los para a imprensa. "Até hoje eu tinha respeito pelo senhor", disse o senador ao se dirigir ao colega Perrela. "Mas vejo que o senhor, ligado a um grande clube de futebol, tem interesses escusos e quer proteger a CBF", afirmou¹²².

Por fim, entendo que, no caso do futebol brasileiro, praticamente todos os envolvidos com o esporte tem algo a omitir ou encobrir, o que faz com que não se investigue coisa alguma, pois atingiria a muitos interessados. Desta maneira, as denúncias vazias são misturadas àquelas com potencial de verdade. No caso de arbitragens, os juízes são, em geral, tão mal preparados, tão incompetentes e erram tanto, tantas vezes, que os erros propositais ficam praticamente impossíveis de serem isolados — e provados — no contexto de tanta mediocridade, corrupção, e muito dinheiro envolvido. A rejeição à utilização de recursos eletrônicos para diminuir as margens de dúvidas são, quase todas, sumariamente rejeitadas pela FIFA — o que, a meu ver, já é um mau indício. A importância do árbitro no jogo é diretamente proporcional ao seu despotismo: a não ser que haja provas cabais de manipulação de resultados, nenhuma partida tem seu placar alterado posteriormente ou se obriga a nova realização do jogo. Por pior que tenha sido a atuação de determinado juiz, em lances capitais da partida, o resultado é mantido, pouco importando as consequências disso para o time prejudicado. O máximo que ocorre é a punição ao árbitro, que fica impedido de apitar por um determinado período de tempo.

¹²² Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/11/05/ex-presidente-do-cruzeiro-e-outros-senadores-derrubam-cpi-da-cbf.htm>. Acesso em 07/11/2013.

Sob o cobertor do discurso da incompetência — que também existe — da arbitragem, reina silenciosa e intocável a má fé, a parcialidade comprada ao juiz por interesses escusos. É repugnante que a mediocridade dos juízes seja utilizada para esconder os casos mais explícitos de favorecimento a determinadas equipes, principalmente, no futebol brasileiro, àquelas de Rio e de São Paulo. Ouvir que os juízes “erram pra todo lado” é a frase mais difícil de aceitar porque sabemos que isso não é verdade: pelo menos não o tempo todo, pois não seria estratégico.

PASSO A PASSO: ENTRE OS OITO, ENTRE OS QUATRO, ENTRE OS DOIS: A FABRICAÇÃO DE CAMPEÕES EM UMA ESTRUTURA VICIADA

Sempre se diz que o futebol é uma *caixinha de surpresas* e que o imponderável sempre há de dar as caras. É surpreendente que isso aconteça mesmo no futebol: uma bola cruzada para área que, repentinamente, faz uma inesperada curva e encontra as redes; uma bola chutada pelo atacante que, sem ângulo, mal vê que a bola vaza o goleiro; uma falha inesperada de um zagueiro ótimo ao final da partida que resulta em derrota do seu time; um frango de um bom goleiro. Entretanto, existem presenças no campo de jogo que, inesperadamente, interferem para a surpresa de muitos: um pênalti maroto, um impedimento mal marcado, um gol em impedimento, expulsões descabidas. Tudo isso poderá contribuir para que um time mais fraco vença um outro sabidamente superior. Mas, também, poderá contribuir para que os mais fortes ratifiquem a sua condição de favoritos. Talvez, isso possa valer para uma ou outra partida, no mais das vezes quando ela não seja decisiva e não envolva interesses maiores: na maior parte dos casos, nas partidas decisivas e, principalmente, no panteão das equipes campeãs, dificilmente figuram presenças inesperadas de equipes. Isso significa que, em geral, sobretudo em competições de grande porte como o Campeonato Brasileiro, chegam para decidir os melhores times.

Quando olhamos detidamente para o Campeonato Brasileiro, percebemos que desde o seu início são praticamente sempre os mesmos clubes que chegaram para decidir e se tornarem campeões. Mais do que isso, em todas as suas edições, os quatro mais bem classificados quase nunca variam e, curiosa ou suspeitamente, alguns clubes quase sempre são os campeões quando chegam entre os quatro mais bem colocados. Sorte de campeão? Sorte eterna de campeão? Sina de vencedor? Peso e tradição da Camisa? Espírito de vitória? Se concordarmos com qualquer uma dessas falas tolas, nós também deveremos concordar que determinados times são *azarados*, que sua torcida é *pé frio* ou que um time tenha *vocação* para a derrota. Nada poderia ser mais falso e, no entanto, nada disso soa incoerente aos ouvidos de uma cultura do futebol nacional, mitificado, pasteurizado e distribuído, pronto para o consumo das massas, através do espetáculo futebol e tudo o que gira ao seu redor; nada disso soa incoerente aos ouvidos massificados pelas ideologias originárias do centro disseminador do modo de ser das coisas.

Até 2013 foram disputadas 43 edições do Brasileiro e, em todas elas, tivemos a presença de um clube do eixo Rio/São Paulo entre os quatro mais bem colocados. Em nada menos que em 37 edições algum time do Rio/SP foi um dos finalistas. Dessas, os times do Rio/SP levaram a melhor em 32 oportunidades, considerando também as oportunidades em que ambos os times eram cariocas/paulistas¹²³. Mas ainda há muito mais o que dizer: existem alguns clubes no Brasil que são recordistas em figurar entre os primeiros ou entre os que chegam para decidir. O São Paulo, que terminou o Campeonato entre os quatro melhores por 17 vezes, é seguido pelo Atlético-MG, com 15 presenças, e o Internacional, 14 vezes. Dos doze maiores clubes do Brasil, Flamengo-RJ e Botafogo-RJ — 8 e 7 vezes, respectivamente — são aqueles que menos aparições fizeram entre os quatro melhores.

Caso modifiquemos o critério e expandirmos para oito o número de clubes que chegam para decidir, os números são ainda mais desafiadores: São Paulo, 25 vezes; Atlético-MG e Grêmio-RS, 24, Internacional-RS e Cruzeiro-MG, 23. Os números desafiam a compreensão daquilo que, de fato, se deu em campo e fora de campo com mineiros e

¹²³ Somente a partir de 2003 o Campeonato Brasileiro passou a ser disputado por pontos corridos, ou seja, todos os participantes jogam entre si, em turno e retorno, e ao final, a equipe com maior número de pontos é a vencedora. De lá para cá, somente em 2013 um Clube do Rio/SP não foi o Campeão ou o Vice.

gaúchos. Trata-se de uma *estatística do absurdo*. O que se quer dizer? Os números já dizem: o que não deixa de chamar a atenção é a relação entre a constante presença para decidir — entre os quatro ou entre os oito — e conquistar o título: o Atlético-MG venceu apenas uma vez ante 15 presenças entre os quatro melhores — 24 vezes chegando entre os 8! — e sendo ainda vice-campeão por quatro vezes. O Flamengo-RJ chega apenas oito vezes e conquista seis taças: nunca foi, por exemplo, vice-campeão: mesmo caso do Fluminense-RJ, que nunca terminou na 2ª posição. Os dados seriam reveladores de algo sobre o que, em princípio, se poderia dizer que não se sabe bem do que se trata. Mas a própria potência do discurso ideológico reforça a desconfiança: quando o Flamengo-RJ chega é para ser campeão! Entretanto, atualmente, muitas das referidas conquistas são mais do que questionadas por todo o Brasil, pela sociedade, pelas populações fora do eixo Rio/São Paulo e, até mesmo, eventualmente, pela crônica do eixo, mas, sobretudo, pela imprensa de todo o País. Em todos os anos em que o Campeonato foi disputado no sistema de copa, ou seja, com partidas finais para definir o vencedor, o Flamengo chegou entre os quatro apenas em cinco oportunidades e, surpreendentemente, venceu todas elas¹²⁴. O jornalista paulista, Juca Kfourri apela para o “critério justiça” para uma avaliação das aberrações. Ele observa que se os Campeonatos terminassem antes dos mata-matas, os campeões teriam sido outros — de 1971 a 2002:

Inter e Vasco teriam vencido quatro vezes. Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Galo e Guarani três vezes. Grêmio e Cruzeiro, duas. E Sport, Fluminense, Botafogo, Santos e São Caetano uma vez cada. Chama atenção o tri do Guarani e a ausência de títulos do Flamengo¹²⁵.

A lista de Juca Kfourri, entretanto, não é constituída por qualquer critério, ressalvando a supressão dos jogos eliminatórios das fases finais; o que nos concede a liberdade de pensar, obviamente, na manipulação dos resultados diretamente pelos árbitros e, indiretamente, pelos patrocinadores e pela própria CBF. De todos os listados por Juca Kfourri, o Atlético-MG, à custa de regulamentos mal trabalhados, de

¹²⁴ A partir de 2003 o Flamengo chegou — entre os quatro mais bem colocados — 3 vezes, tendo obtido um título, um terceiro e um quarto lugares, já no sistema de pontos corridos. Nas 17 oportunidades em que o São Paulo chegou entre os quatro mais bem colocados, foi campeão em seis e vice em cinco edições.

¹²⁵ Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2009/10/veja-so/>. Acesso em 28/10/2009.

regulamentos adulterados durante a competição e de arbitragens equivocadas ou pressionadas pelos poderes do eixo Rio/São Paulo, é o que mais contribui para a fabricação da *estatística do absurdo*. A Revista Placar, na edição de março de 2003, lança uma edição em que avalia e questiona os formatos anteriores. Segundo o critério da Revista Placar — média de pontos obtidos por partida disputada —, o Atlético-MG, ao final de 2002, já teria sido pentacampeão. Portanto, teria sido outra a lista de campeões, conforme a Revista Placar, a partir de tais critérios — que confere prioridade ao desempenho dos clubes —, até o início da “era dos pontos corridos”. Entretanto, foram poucas as edições do Campeonato Brasileiro em que os critérios para a definição do campeão foram a performance em campo, o desempenho, o mérito, a justiça. Os critérios foram outros, evidentemente. Portanto, tais avaliações, feitas por Juca Kfourri e a Revista Placar — dentre tantas avaliações — devem ser consideradas apenas críticas à cultura do futebol no Brasil.

TABELA 3 - CAMPEÕES DO BRASILEIRÃO 1971/2002: CRITÉRIO APROVEITAMENTO

CAMPEÃO	Número de vezes	Edições
Atlético-MG	05	1971, 1977, 1980, 1983, 1987
Internacional-RS	04	1975, 1976, 1978, 1979
Palmeiras-SP	04	1972, 1973, 1993, 1994
Vasco da Gama-RJ	04	1981, 1988, 1989, 1997
Corinthians-SP	03	1990, 1998, 1999
São Paulo-SP	02	1991, 2002
São Caetano-SP	02	2000, 2001
Grêmio-RS	01	1974,
Flamengo-RJ	01	1982
Fluminense-RJ	01	1984
Sport-PE	01	1985
Guarani-SP	01	1986
Bragantino-SP	01	1992
Botafogo-RJ	01	1995
Cruzeiro-MG	01	1996

Fonte: Revista Placar, março de 2003.

Existem disponíveis algumas informações que, também, merecem ser trabalhadas de modo a fortalecer argumentos. São considerados clubes grandes no Brasil, a partir da primeira edição do Campeonato Brasileiro: São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Santos, no estado de São Paulo; Flamengo, Vasco da Gama, Fluminense e Botafogo, no estado do Rio de Janeiro; Atlético e Cruzeiro, no estado de Minas Gerais; Internacional e Grêmio, no estado do Rio Grande do Sul. Portanto, são 04 os clubes grandes do Brasil fora do eixo Rio/São Paulo. Estes quatro grandes clubes — do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais — chegaram entre os 08 melhores no período 1971-2002. Apresenta-se a pequena lista de grandes clubes mineiros e gaúchos, conforme o número de oportunidades em que chegaram entre os 08 no período anterior à denominada “era dos pontos corridos”: Atlético-MG, 20; Grêmio-RS, 17; Cruzeiro-MG, 16; Internacional-RS, 15. Há um equilíbrio que nos convida à reflexão. A soma das presenças de gaúchos e de mineiros nas fases decisivas, entre 1971 e 2002: 68 em 22 edições. As informações são um convite à reflexão, quando selecionamos, não por acaso, a presença do Flamengo-RJ em fases decisivas e comparemos com o conjunto exterior ao eixo Rio/São Paulo. O Flamengo-RJ esteve presente por 13 vezes, mas foi campeão em 5 oportunidades.¹²⁶ Somadas as presenças dos 04 clubes fora do eixo — Atlético-MG, Cruzeiro-MG, Internacional-RS e Grêmio-RS — nas fases decisivas e somados os títulos: 68 presenças e apenas 7 títulos de campeão; ou seja, todos juntos, mineiros e gaúchos, ao longo do período 1971-2002, necessitaram chegar — às fases mais decisivas — 68 vezes para conquistar o título apenas sete vezes! O Flamengo-RJ, somente um clube, necessitou apenas de 13 presenças para conquistar expressivos 5 títulos de campeão. A leitura da questão pode ser ainda mais refinada. Pensemos, por exemplo, apenas nos jogos referentes ou equivalentes às semifinais; e isso significa pensar a chegada dos clubes entre os 04 mais bem colocados. A presença somada dos clubes gaúchos e mineiros entre os 04 mais bem colocados, ao longo do período 1971-2002, totaliza 41: Atlético-MG, 14; Internacional-RS, 11; Grêmio-RS, 8; Cruzeiro-MG, 8. Resultado: 41 presenças e 7 títulos de mineiros e gaúchos: 17,07% de aproveitamento. A presença do Flamengo-RJ entre os 04 mais bem colocados e o número de títulos: 5

¹²⁶ Desconsidera-se, aqui, a Copa União de 1987. Caso contrário, seriam seis títulos em 13 presenças nos jogos decisivos.

presenças e 5 títulos, nenhum vice-campeonato, nenhum 3º lugar, nenhum 4º lugar: 100% de aproveitamento! Não são indícios, mas informações que nos conduzem a refletir sobre a importância e o significado das probabilidades estatísticas no futebol. Há quem diga que futebol é diferente de vôlei ou de tênis. No futebol, nem sempre vence o melhor. É certo. Entretanto, as informações nos mostram que existem limites para isso. A presença dos clubes grandes e poderosos nas fases decisivas do Campeonato Brasileiro é a regra, não a ressalva ou a exceção. Entretanto, jamais se poderá dizer que o Flamengo-RJ é o maior e o mais poderoso clube de futebol do Brasil, dentro e fora dos gramados; mas se pode refletir sobre os privilégios com os quais contou dos órgãos diretivos do esporte, dos patrocinadores e da mídia. O que dizer dos clubes paulistas?

No período anterior aos pontos corridos, com turno e retorno, o São Paulo-SP chegou em 18 oportunidades entre os 08 mais bem colocados e foi campeão em 03 oportunidades. O Corinthians-SP: chegou em 18 oportunidades, foi campeão em 03. O Palmeiras-SP: chegou em 18 vezes, foi campeão em 04. Santos: chegou em 14, foi campeão em 01. Ressalvando os santistas, todos os paulistas chegaram em 18 oportunidades e o número de conquistas é praticamente o mesmo. O único que ultrapassou as 03 conquistas: Palmeiras-SP, com 04. Todos eles foram vice-campeões, além de ter ficado em 3º e em 4º lugares. Parece ser este o percentual mais razoável: 18,5% de aproveitamento a partir da fase equivalente às oitavas de final. O aproveitamento do Flamengo-RJ a partir da fase equivalente da competição: chegou em 13 oportunidades, sendo campeão em 05 delas: 38,46% de aproveitamento. A distância é imensa, em termos de aproveitamento, entre o Flamengo-RJ e todos os demais grandes.

A comparação entre paulistas e rubro-negros cariocas, a partir da fase equivalente às semifinais, é ainda mais surpreendente ou absurda. Enquanto o Flamengo-RJ, como já se observou, tem um aproveitamento de 100% — ou seja, chegou às semifinais e venceu a competição em todas as 05 oportunidades —, o mesmo esteve muito distante de acontecer com qualquer outro paulista. São Paulo-SP: chegou em 10 oportunidades, foi campeão em 03 delas: 30% de aproveitamento. Corinthians-SP: chegou em 11 oportunidades, foi campeão em 03 delas: 27,28% de aproveitamento. Palmeiras-SP: chegou em 07 oportunidades, foi campeão em 04 delas, sendo que os 02 últimos títulos coincidem com a chegada da interrogada — juridicamente, inclusive, por corrupção e lavagem de dinheiro,

pelo Banco Central — PARMALAT como patrocinadora do clube: 57% de aproveitamento.¹²⁷ Santos-SP: chegou em 05 oportunidades, foi campeão em 01 delas: 20% de aproveitamento.

A comparação entre mineiros, gaúchos e os clubes do eixo Rio/São Paulo, por sua vez, nos mostra uma distância imensa em termos de aproveitamento. O que se propôs, até aqui, nesta pesquisa, considerou apenas o período 1971-2002, compreendido como anterior às edições que se seguiram orientadas por um critério supostamente mais justo. O propósito da adoção dos pontos corridos, com turno e retorno, era o de evitar injustiças e o caso do Atlético-MG é emblemático. Entretanto, a questão não é apenas de justiça, pois outros fatores intervenientes contribuíram decisivamente para que não apenas o Atlético-MG fosse extremamente prejudicado, mas, também, o Cruzeiro-MG, assim como o Internacional-RS e o Grêmio-RS. Por qual motivo separamos as edições? Há um principal motivo. No período 1971-2002, as arbitragens se equivocavam escandalosamente em prol de clubes do eixo Rio/São Paulo nas fases decisivas. Foram nessas fases, a partir das denominadas oitavas de final — ou etapa equivalente —, que foram construídas as discrepâncias já observadas. Os árbitros interferiram em muitas partidas decisivas. Já que tomamos o caso do Atlético-MG como emblemático, cabe a pergunta: por qual motivo, então, o Atlético-MG se sagrou campeão na primeira edição do Brasileirão? A resposta à questão não passará de uma breve reflexão que poderá, inclusive, ser objeto de pesquisa à parte.

Após as primeiras fases, classificaram-se 03 clubes para um triangular decisivo: Botafogo-RJ, São Paulo-SP e Atlético-MG. A rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo

¹²⁷ Conforme matéria publicada no Site UOL, “[...] no dia 07 de abril de 1992, o Palmeiras selava o acordo com a Parmalat. [...] Tudo começou porque o Palmeiras buscava, naquela época, acabar com um jejum de títulos que incomodou seus torcedores durante a década de 1980. Por outro lado, a Parmalat queria exposição no Brasil.” <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/04/07/ha-20-anos-palmeiras-acertava-acordo-de-co-gestao-com-parmalat-que-o-tiraria-da-fila.htm>. Acesso: 18/11/2013. Pouco tempo depois do acordo com a Parmalat, algumas desconfianças eram expressas, também pela imprensa paulista, sob a forma de ironia. Pela Copa do Brasil, no dia 03 de abril de 1996, o Palmeiras enfrentaria o Atlético no Estádio Independência, em Belo Horizonte, onde dificilmente perdia e quase sempre vencia. Juca Kfourri, em uma atitude que ainda repercute pelo Brasil, afirmou em rede nacional de televisão, no Programa Cartão Verde: “corto o meu braço esquerdo, se o Palmeiras perder para o Atlético.” O Atlético fez 1x0. O árbitro — Wilson de Souza Mendonça — anulou um gol legítimo dos mineiros, feito por Fábio Augusto, e o Palmeiras acabou virando o placar: 2x1. Mais adiante, na década seguinte, o Banco Central já investigaria a parceria entre o clube e a empresa italiana, após denúncias de corrupção e lavagem de dinheiro. O próprio árbitro daquela partida em Belo Horizonte foi acusado de esquemas de suborno com o envolvimento da Parmalat.

repercutia também no futebol. Os poderes do esporte, entretanto, naquele período, estavam muito mais concentrados no Rio. A primeira partida do triangular foi realizada em Belo Horizonte, no Mineirão, no dia 12 de dezembro de 1971, envolvendo Atlético-MG e São Paulo-SP. O Atlético-MG venceu por 1x0, naquele domingo. Na quarta-feira à noite, dia 15 de dezembro, o São Paulo-SP receberia o Botafogo-RJ. Os paulistas venceram por 4x1, sem qualquer chance para os cariocas. Restava a última partida, a ser realizada no Rio de Janeiro, no Maracanã, envolvendo o Botafogo-RJ e o Atlético-MG. Ao Atlético-MG, bastava um empate para a conquista do título. Quais eram as chances do Botafogo-RJ? Elas se amesquinharam após a goleada sofrida diante do São Paulo-SP, e se tornaram praticamente insignificantes.

QUADRO 6 - CLASSIFICAÇÃO DO TRIANGULAR ANTES DE BOTAFOGO X ATLÉTICO EM 1971

Classificação	CLUBES	N.º jogos	Saldo de gols
1º	São Paulo-SP	02	2
2º	Atlético-MG	01	1
3º	Botafogo-RJ	01	-3

O Botafogo necessitava de uma vitória sobre o Atlético-MG. Entretanto, uma vitória por 1x0 dava o título ao São Paulo. Caso o Botafogo vencesse o Atlético por 2x0, o título também iria para o São Paulo-SP. Mesmo com uma vitória por 3x0, os paulistas seriam campeões. O Botafogo-RJ precisava vencer o Atlético-MG por um placar igual ou superior a 4x0. A rivalidade entre os clubes não incluía o Atlético-MG. Tratava-se de uma rivalidade histórica entre a cidade do Rio de Janeiro, onde se daria a partida, e a cidade de São Paulo. Mesmo com todas as condições adversas, os cariocas não deixavam de se sentir protagonistas, assim como os paulistas. Ao longo da competição, o Atlético-MG se mostrou uma equipe fortíssima e, naquele instante, ao se credenciar para a disputa do triangular decisivo, viu-se no meio daqueles representantes de estados e de grandes cidades que se consideravam os gigantes do País e, inclusive, no mundo do futebol

brasileiro. As três equipes se equivaliam, mas São Paulo-SP e Botafogo-RJ reuniam jogadores conhecidos do Brasil inteiro, de seleção brasileira, vencedores da Copa do Mundo de 1970, no México. O time do Atlético-MG tinha um ótimo espírito de grupo e se tratava de uma equipe aguerrida, com Telê Santana à frente, como técnico. Ainda se sublinha: no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, a rivalidade entre paulistas e cariocas era ainda mais provinciana do que a rivalidade que permanece no século XXI. Faz-se, aqui, uma pergunta: diante das dificuldades de se fazer um placar elástico contra o Atlético-MG, a arbitragem da CBD, sediada no Rio de Janeiro e representada por Armando Marques, interferiria de que modo em favor dos cariocas? Interferiria em favor dos paulistas? A arbitragem de Armando Marques não tendeu para qualquer lado. O Botafogo-RJ pressionou, mas terminou derrotado por 1x0 e viu a festa mineira nas arquibancadas do Maracanã. Atlético-MG, primeiro campeão brasileiro. Foi surpreendente a revolta dos botafoguenses e, sobretudo, a do diretor de futebol, o ex-lateral esquerdo campeão das Copas do Mundo de 1958 e 1962, Nilton Santos. Ao final da partida, ele agride o árbitro que rola as escadarias do túnel central do Maracanã. O que poderia ter passado na mente do grande ex-jogador? O que ele esperava? Qual seria, de fato, o motivo de sua revolta? Nas palavras do próprio Nilton Santos (1998, p. 135):

No domingo seguinte, foi o jogo contra o Atlético Mineiro, no Maracanã. Só que o Botafogo praticamente não tinha chances. Precisava ganhar com uma diferença de quatro gols. Era, teoricamente, impossível e, realmente, não aconteceu. O Galo ganhou de 1x0. Eu estava no banco de reservas do Botafogo, tinha ido para o Maracanã naquele dia com a idéia de esquecer o episódio do Pacaembu. Mas, novamente, ele apitou mal e perdi a cabeça. Achei um absurdo. Um clube gasta dinheiro com o plantel, com o treinador, se prepara e, na hora do jogo, vem um juizinho qualquer e acaba com o espetáculo. Após o apito final, Zequinha e Fischer correram em direção ao Armando. Fui mais rápido e impedi a passagem deles. Dei um empurrão no juiz que, para sorte minha, caiu no túnel deles, mas não se machucou. Senão eu ainda poderia ter me complicado.

A imagem da agressão, capturada por um fotógrafo, circulou pelo Brasil afora. O mais curioso é que a fotografia foi premiada: Prêmio Esso de FOTOJORNALISMO, 1972.



Nilton Santos agride Armando Marques após Botafogo-RJ 0x1 Atlético-MG

Não se quer dizer, com isso, que a conquista do Atlético-MG, no primeiro Campeonato Brasileiro, se deu por acaso. O que houve foi um jogo, fora e dentro do campo, difícil de se jogar para paulistas e cariocas. Portanto, não se pode desconsiderar que a vitória sobre o São Paulo-SP, em Belo Horizonte, e a goleada sofrida pelo Botafogo-RJ, em São Paulo, foram, de alguma maneira, relativamente neutralizantes das ações do eixo Rio/São Paulo; pois, como em um jogo de xadrez, São Paulo e Rio de Janeiro se cotovelaram enquanto Belo Horizonte passou ileso. O mesmo não aconteceria em 1974, com o mesmo Armando Marques no apito. Uma pergunta final, sobre os jogos decisivos do primeiro Campeonato Brasileiro: caso o Botafogo-RJ estivesse com um saldo de gols próximo ao do Atlético-MG — e, portanto, em condições de conquista da competição naquela partida —, pode-se imaginar que a arbitragem, ao final do jogo no Maracanã, mereceria alguma atitude de revolta de Nilton Santos? Se fossem equivalentes as condições de título, Armando Marques não teria errado em algum lance de jogo? Algum atleticano derrubaria Armando Marques escadaria abaixo? Algum cruzeirense derrubou Armando Marques, no Maracanã, em 1974? Algum gaúcho colorado derrubou Márcio Rezende de Freitas, em 2005, em São Paulo? Algum atleticano derrubou José de Assis Aragão, no Maracanã, em 1980? As perguntas poderiam ser muitas. Entretanto, em sua profusão, elas não serviriam mais de reforço do argumento; elas apenas se repetiriam.

Em geral, quando se fala em futebol no Brasil quase sempre o assunto recai sobre corrupção, desvios de dinheiro, operações fraudulentas, sonegação: mas é extremamente paradoxal perceber que quando se fala em *favorecimento* a alguns clubes, mormente os do Rio/SP, é como se nada disso realmente existisse. Jornalistas, em especial, tornam-se agressivos e dispostos a desqualificar os argumentos — e até quem os utiliza — com base em manifestações típicas de torcedores no botequim: são falas carregadas de parcialidade e, principalmente, de arrogância e prepotência, pois não se apresentam argumentos contrários consistentes. O que se vê é uma salada de ataques, que invariavelmente falam de *invoencionices*, *teoria da conspiração*, *choro de perdedor*, *bairrismo clubístico*, ou o supra-sumo da verdade fabricada: *o juiz erra para todos os lados!* De certa forma, nada poderia ser mais falso, conforme percebemos ao longo da presente pesquisa, ainda que não seja tão somente pela ajuda de arbitragens que se fabricam vencedores.

O estudo de toda a competição — e não mais o estudo restrito ao período 1971-2002 — nos dá um bom retrato das participações no Brasileiro ao longo do tempo: o que fica claro é que quando um clube do eixo Rio/SP tem um bom time e consegue chegar para disputar o título, quase sempre ele é o vencedor, e, nas fases e partidas decisivas, dificilmente este time é derrotado. O São Paulo-SP é o clube com maior número de participações entre os quatro primeiros colocados ao longo da história do Campeonato Brasileiro, com 17 vezes, seguido do Atlético-MG, com 15. Vasco-RJ, Flamengo-RJ e Botafogo-RJ são os clubes que menos vezes figuraram entre os quatro mais bem colocados. Entretanto, se dividirmos o número de vezes em que um determinado clube foi campeão pela quantidade de vezes em que ele figurou entre os quatro primeiros, chegaremos a um resultado que chamarei de *Razão de Campeão*, ou seja, quanto mais próximo de 1, mais *eficaz* determinado clube se tornou, dentro do ponto de vista *estatístico*. Desta forma, com exceção do Botafogo-RJ, todos os times do eixo Rio/SP obtiveram uma razão superior a quaisquer outros times.

O Flamengo-RJ obteve a maior razão em nossa escala de eficácia, 0,75, enquanto o Atlético-MG obteve a menor, 0,07. Os demais grandes do futebol brasileiro: Vasco-RJ, 0,44; Palmeiras-SP 0,40; Corinthians-SP, 0,36; São Paulo-SP, 0,35; Fluminense-RJ, 0,25; Santos-SP, 0,22; Internacional-RS, 0,21; Grêmio-RS e Cruzeiro-MG, 0,15; Botafogo-RJ, 0,14. Dos doze times listados, o Flamengo-RJ é aquele que obteve o penúltimo lugar em

número de participações entre os quatro mais bem colocados: contudo, obteve a maior *Razão de Campeão* entre todos eles, seguido do Vasco, com apenas nove participações, mas com quatro títulos conquistados.

Já que estamos nos referindo aos números, às quantidades, às estatísticas, como não recorrer aos rankings? O absurdo estatístico também está lá, presente, pelo menos até o ano de 2003 — quando, mais uma vez, a Revista Placar publica os seus números históricos e os da CBF. Nos dois rankings, o Atlético-MG “[...] continua líder dos dois rankings mais tradicionais do Brasil.” (PLACAR, 2003, p. 163). Até 2003, quando a Revista Placar ainda publicava as suas séries de estatística histórica, o Atlético-MG ocupava o 1º lugar, enquanto o Flamengo-RJ, com a melhor *Razão de Campeão*, ocupava apenas o 9º lugar. “No ranking de pontos (antigo ranking da CBF, que não é atualizado pela entidade há algum tempo; missão encampada por PLACAR), o time mineiro também continua líder.” (PLACAR, 2003, p. 162). Neste ranking da CBF, em 2003, enquanto o Atlético-MG continuava líder, o Flamengo-RJ ocupava o 8º lugar — nos dois rankings, a localização dos clubes era muito parecida, a despeito de os critérios serem diferentes. A estatística não diz por qual motivo o disparate existe, mas ela nos indica a existência do disparate, além de nos fornecer pistas para pesquisas mais aprofundadas. Como poderá ser construída a compreensão mais plausível acerca das estatísticas absurdas em competições nacionais, envolvendo os casos extremos: entre Atlético e Flamengo? No período 1971-2002, enquanto o Flamengo-RJ era campeão 5 vezes, ao disputar o título, no topo da tabela de classificação, 05 vezes, o Atlético-MG era campeão apenas 01 vez, ao disputar o título, no topo da tabela, por 14 vezes: como construir uma compreensão plausível sobre tais estatísticas? Além das várias referências a partir das quais a questão pôde ser refletida e discutida, outra referência pode emergir como uma das mais importantes; uma referência a questionar as estatísticas do absurdo no futebol brasileiro. Fora do Brasil, o Flamengo-RJ conquistou apenas 01 título internacional reconhecido como oficial pela FIFA: Libertadores de 1981, conquista questionada desde então até a atualidade. Os cariocas disputavam com o Atlético-MG uma vaga para as fases decisivas da maior competição continental. Em Belo Horizonte, o Atlético-MG vencia por 2x0, quando sofreu o empate. No Rio de Janeiro, no jogo da volta, o Flamengo-RJ vencia por 2x1, quando sofreu o empate. Necessitou-se de um terceiro jogo, em campo neutro: Serra Dourada, em Goiânia,

em 21 de agosto de 1981. Nesta partida decisiva, o Atlético-MG teve 05 jogadores expulsos pelo árbitro carioca José Roberto Wright e, até hoje, o absurdo é discutido em âmbito internacional. Passados 33 anos, o jogador Zico, do Flamengo-RJ, ainda é entrevistado — dentre tantos outros — sobre o ocorrido. Ele diz, em junho de 2014:

[...] com o Atlético, tivemos mais confrontos. Naqueles anos de 1980, eram dois timaços e eu acho que, se não fosse o Flamengo [o campeão], seria o Atlético, não é? Eram os dois realmente com muita qualidade. [...] Os mineiros sempre foram respeitados por nós, aqui, principalmente os grandes times do Atlético e do Cruzeiro. Então, eles, lá [em Minas Gerais], respeitam a gente também.¹²⁸

Trata-se de uma fala que, dentre tantas, não diz muita coisa e não poderia ser diferente. Jogadores do Flamengo jamais diriam que o árbitro decidiu a partida e a competição continental. Jogadores do Atlético, por sua vez, diriam o que sentiram e o que viram, além do que sofreram. Não são testemunhas: são sujeitos antagônicos e rivais de uma experiência marcante no âmbito do esporte sul-americano. Entretanto, os vídeos estão disponíveis na internet, assim como as observações de narradores, jornalistas e comentaristas. Em vídeo — intitulado “A verdade que a Globo nunca mostra” — postado na internet em 17 de julho de 2013, já visto por quase meio milhão de pessoas, está o registro daquela partida que, praticamente, decidia a maior competição sul-americana. Por volta dos 10 minutos do primeiro tempo, Reinaldo, atacante do Atlético, faz falta normal em Zico, jogador do Flamengo. Para a surpresa de todos, José Roberto Wright corre em sua direção com o cartão vermelho em punho e o expulsa, sem direito a cartão amarelo. A voz é de Luciano do Vale, narrador da Rede Globo de Televisão: “Cartão Vermelho! Está expulso Reinaldo do gramado!”¹²⁹ O comentarista da Rede Globo, convidado para a transmissão, nada mais era do que o excelente Telê Santana, técnico de uma das melhores seleções nacionais de todos os tempos: a seleção brasileira de 1982. Ele observa: “eu achei que o José Roberto está mais nervoso que os jogadores, quando deveria

¹²⁸ Disponível em: http://www.superesportes.com.br/app/1,9/2014/06/17/noticia_atletico_mg,286765/video-zico-fala-da-rivalidade-entre-galo-e-fla.shtml. Acesso: 17 de junho de 2014.

¹²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVETYCRPwIs>. Acesso: 17 de junho de 2014.

ser o homem de maior tranquilidade em campo.”¹³⁰ Telê completa: “[...] nós vamos acompanhar o final do jogo e vamos ver [...] faltas desse tipo da defesa do Atlético, da defesa do Flamengo e vamos ver se ele usa o mesmo critério.”¹³¹ Na sequência, Éder foi expulso, aparentemente apenas por esbarrar no árbitro, às pressas, para pegar a bola e cobrar uma infração. Logo depois, também foram expulsos Palhinha e Chicão. Após o reinício do jogo, uma falta gravíssima feita por jogador do Flamengo em contra-ataque do Atlético — mesmo com 04 jogadores a menos — não merece, por parte do árbitro, sequer o cartão amarelo. Luciano do Vale: “falta feia, falta feia. Tem que expulsar também.”¹³² Com o jogador do Atlético se contorcendo, o narrador acrescenta: “Tinha que expulsar. Foi uma falta feia. Realmente foi uma falta feia.” Quando a partida estava prestes a ser encerrada, por número insuficiente de atletas do Atlético, Luciano do Vale acrescenta: “Não é fácil, não é fácil. [...] José Roberto Wright, ele mesmo, estragou um espetáculo maravilhoso e agora não tem jeito.”¹³³ Esta é a imagem que passa o centro difusor de ideologias: o espetáculo foi estragado. Entretanto, o Atlético, antes do término do primeiro tempo, estava fora da competição. Faltava apenas mais uma expulsão para que isso acontecesse. Telê Santana observa: “basta um jogador sair de campo que ele não pode continuar [a partida].” Na sequência, o árbitro expulsa mais um e dá por encerrado o jogo, terminado em 0x0, mas com vitória do Flamengo por WO. Libertadores de 1981: o único título internacional, oficial, reconhecido pela FIFA, vencido pelo Flamengo; mas contestado por vários em todos os cantos do Brasil. O Atlético, ao contrário, é líder do ranking da competição embrionária da atual Copa Sul-Americana: a Copa Conmebol. Foi campeão em 1992 e em 1997. Além disso, o Atlético conquistou, em emocionante competição, a Libertadores das Américas — com a inclusão de clubes mexicanos —, no ano de 2013. Portanto, são três títulos internacionais sem a interferência dos órgãos desportivos do seu próprio país.

Ao reunirmos os títulos internacionais dos mineiros aos dos gaúchos, comparando-os com os títulos internacionais dos clubes do eixo Rio/São Paulo,

¹³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVETYCRPwIs>. Acesso: 17 de junho de 2014.

¹³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVETYCRPwIs>. Acesso: 17 de junho de 2014.

¹³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVETYCRPwIs>. Acesso: 17 de junho de 2014.

¹³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVETYCRPwIs>. Acesso: 17 de junho de 2014.

perceberemos que as distorções explícitas nas competições nacionais ficarão ainda mais evidentes. Libertadores da América: Minas e Rio Grande do Sul reúnem 07 títulos continentais, enquanto Rio de Janeiro e São Paulo reúnem 10, com uma participação muito superior dos clubes do eixo Rio/São Paulo. Está aqui mais uma referência que serve de balizamento; para que obtenhamos clareza ainda maior das absurdas e inexplicáveis — a não ser pela via da corrupção, do suborno, da má fé, sem contar com erros normais de arbitragem que, ao se ajuntarem aos injustificáveis erros, potencializam as perdas de clubes exteriores a Rio/São Paulo — desproporcionalidades nos resultados das competições brasileiras e, sobretudo, no Campeonato Brasileiro.

TABELA 4 - OS CAMPEÕES SÃO OS MELHORES?

Clubes	Total de vezes entre os 4	Total de vezes entre os 8	Campeão	Vice	3o	4o
São Paulo-SP	17	25	6	5	3	3
Atlético-MG	15	24	1	4	6	4
Internacional-RS	14	23	3	5	4	2
Corinthians-SP	14	22	5	3	2	4
Grêmio-RS	13	24	2	3	5	3
Cruzeiro-MG	13	23	2	4	5	2
Fluminense-RJ	12	16	3	0	4	5
Palmeiras-SP	10	23	4	2	0	4
Santos-SP	9	21	2	4	2	1
Vasco-RJ	9	17	4	3	1	1
Flamengo-RJ	8	18	6	0	1	1
Botafogo-RJ	7	12	1	2	1	3

Depois de tantos exemplos de campeonatos suspeitos (,) trazidos para esta pesquisa, torna-se muito difícil acreditar que tudo seja mera *coincidência* ou, ainda, torna-se muito difícil crer na chamada *tradição* e *peso de camisa* para justificar estes números: o centro fabricado foi, enfim, cristalizado na cultura do futebol brasileiro. No mundo do futebol, também, cada vez mais, as negociações e os arranjos são discutidos à maneira de

*gângsteres*¹³⁴. Ou como disse o ex-vice-presidente do Internacional, Roberto Siegmann em entrevista ao Portal Sul21:

O futebol é uma máfia. Não tem nada mais parecido com a máfia do que o futebol. O futebol funciona, aqui e em nível internacional, em cima da troca de favores. Como a máfia funciona pela troca de favores. Então como é que as pessoas se elegem? Os presidentes das federações se elegem como? Ora, botando um gramado num campo do interior, abrigando as delegações em um hotel quando vão jogar fora de casa. Então, mediante pequenos favores, eles obtêm os votos tornando-se figuras absolutamente imbatíveis dentro de uma estrutura que não é nada democrática. [...] Todas as federações têm um Tribunal de Justiça Desportiva e quem indica seus membros? O presidente da Federação. Eu, quando bati de frente com o Noveletto (Francisco Noveletto, presidente da Federação Gaúcha de Futebol), quase levei seis meses de gancho. E junto com isso vêm as ameaças ao clube que poderia ficar sem disputar competições. Foi o que ocorreu em 2005. Fomos roubados e a estrutura do futebol não permitia que o Inter questionasse o ocorrido porque ficaria fora das principais competições. É uma estrutura mafiosa que pisa na democracia e no direito individual e ainda implica em malversação de verbas. O futebol move muito dinheiro e é algo sem controle nenhum¹³⁵.

Se existem tantos indícios de corrupção e desmandos nos bastidores do futebol, por que não suspeitar que, no decorrer dos campeonatos e das partidas —, tendo em vista interesses milionários, que não se coadunam com a prática esportiva e, tampouco com o ideal dos clubes envolvidos — o favorecimento ocorra, explícita ou implicitamente, obedecendo a uma lógica perversa conhecida, mas difícil de rastrear? A fabricação do centro do futebol brasileiro vem de longe: desde os primórdios do futebol no Brasil, passando pela evolução gradativa da importância do jogo nos meios de comunicação — imprensa escrita, rádio, TV — até os dias atuais, quando, sabidamente, move bilhões de dólares anualmente.

A estrutura quase *monárquica* das federações e confederações, o valor alcançado pela venda de direitos de transmissão dos maiores campeonatos e copas além dos

¹³⁴ O presidente do Corinthians, em 2011, durante uma reunião do Clube dos 13 que tratava da negociação dos direitos de transmissão, afirmou: “Sou amigo do Ricardo Teixeira mesmo, sou amigo da [Rede] Globo mesmo, apesar de ser gangster”. Fonte: <http://blogdojuca.uol.com.br/2011/05/a-mancada-de-andres-sanchez/#comments>. Acesso em 18/05/2011.

¹³⁵ Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2011/08/uma-entrevista-explosiva/>. Acesso em 30/08/2011.

injustificáveis valores pagos pela aquisição de um jogador¹³⁶ de futebol e os seus absurdamente imensos vencimentos mensais são motivos suficientes para duvidar da lisura das partidas¹³⁷. Como compreender os motivos pelos quais a FIFA é tão refratária à adoção de ferramentas tecnológicas capazes de dirimir os chamados lances duvidosos? Como entender a insistente história de erros e equívocos nas fórmulas dos campeonatos, bem como dos árbitros ao longo de tantas e tantas partidas, que, grotescamente, geraram tantos campeões e vencedores absolutamente questionados? Vamos continuar adiando a decência e culpando, meramente, uma incompetência no exercício da profissão de juiz de futebol?¹³⁸ Nas palavras do jornalista Chico Maia:

Tenho comigo que o futebol funciona como uma lavanderia gigante de dinheiro mundial, daí a resistência da Fifa em evitar que “erros” deixem de existir. Da mais humilde liga amadora do interior, passando pelas federações, chegando às confederações, cada entidade dessas tem o seu micro poder; nada respeitado, porém temido, que garante ao titular da cadeira um poder inacreditável. Esses cartolas e sub cartolas sabem muito bem utilizá-lo em proveito próprio. Muitos clubes temem ser prejudicados por algum esquema extra-campo, cuja existência não tem 100% de certeza, mas também não ousam desafiar. Os clubes são a razão de ser do futebol, mas são os que menos mandam. Formam e bancam os

¹³⁶ Estamos, aqui, evidentemente, nos referindo aos jogadores considerados de alto nível e, portanto, estamos excluindo a maioria que estão em clubes de menor expressão nacional.

¹³⁷As maiores transações do futebol brasileiro, segundo o ESPN, em milhões de Euros: Paulinho, 2012: Corinthians para Tottenham - €20 M; Geovanni, 2001: Cruzeiro para Barcelona - €21 M; Pato, 2007: Internacional para Milan - €22 M; Robinho, 2005: Santos para Real Madrid - €24 M; Bernard, 2013: Atlético/MG para Shakhtar Donetsk - €25 M; Denilson, 1998: São Paulo para Bétis - €31,5 M; Oscar, 2012: Internacional para Chelsea: €31,9 M; Lucas, 2012: São Paulo para PSG - €43 M. Existem controvérsias nos valores de praticamente todos os jogadores apresentados. Fonte: http://espn.uol.com.br/fotos/331890_top-10-espn-as-maiiores-transferencias-de-jogadores-brasileiros-para-o-futebol-europeu. Acesso em 17/06/2014.

¹³⁸ Considero um contra-senso ver tantos árbitros brasileiros — do passado e do presente, duramente criticados por atuações desastrosas, que prejudicaram e arruinaram planejamentos inteiros de clubes fora do eixo Rio/SP — serem tão elogiados e participarem de tantas competições internacionais, inclusive de finais de Copa do Mundo. Por que atuam tão bem nestas partidas? Por que se tornam *comentaristas* de arbitragem na TV tão logo se aposentam? Como exemplo, observa Juca Kfour: “Depois de ter errado demais no Maracanã, depois de ter sido ameaçado e humilhado pelo presidente do Palmeiras, eis que o árbitro Carlos Simon foi eliminado do restante do Brasileirão pela CBF. Justiça feita? Só se for para inglês ver. Porque faltam apenas quatro rodadas para o campeonato acabar e punição mesmo teria sido a CBF comunicar que ele não será mais o árbitro brasileiro na Copa do Mundo da África do Sul. O presidente do Palmeiras, Luiz Gonzaga Belluzzo [...] mostrou como não são sérias as decisões do STJD, ao relatar a gracinha de um auditor bobinho que deu dois jogos de suspensão a Vagner Love depois de ter dito que preferiria vê-lo com trancinhas rubro-negras no cabelo e não verdes. [...] Belluzzo sente na pele aquilo que os mais experientes estão cansados de saber: duas das maneiras mais sórdidas de se exercer o poder no futebol estão exatamente no controle da arbitragem e da justiça esportiva. Enquanto as duas não forem independentes, assim será: um árbitro fraco, um auditor leviano, e um título de campeão pode se esvaír por caprichos de capachos”. Fonte: <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/juca-kfour/JUCA-KFOURI.htm>. Acesso em 10/09/2009.

jogadores. Não é estranho isso? Vejam o exemplo da CBF: a maioria dos clubes critica, mas na hora de eleger o presidente, faz acordos com os donos do poder, para não correr risco de serem “perseguidos” lá dentro. Ou, levar alguma vantagem. São contidos na base de mimos ou pressão subliminar¹³⁹.

Chico Maia é jornalista mineiro — não está incorporado pela imprensa de Rio/São Paulo —, mas, atualmente, diante de tudo o que acontece nos campos de futebol, todos da imprensa desportiva que estão voltados para o futebol geram quase uma unanimidade em torno do uso da já disponível tecnologia. É incompreensível — e gerador de muitas suspeitas fortes — que as tecnologias estejam à disposição, praticamente construídas para tal fim, e não sejam utilizadas. Também é bastante suspeita a palavra geral da imprensa que gira apenas em torno da incompreensão. É muito mais do que incompreensível; ou muito menos.

¹³⁹ Disponível em: <http://blog.chicomaia.com.br/2014/06/13/a-resistencia-da-fifa-em-tornar-o-futebol-mais-justo/>. Acesso em 13/06/2014.

PARTE 5



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver uma pesquisa tendo o futebol como tema envolve a compreensão de alguns aspectos que, dentre eles, destaco: Primeiro: É, aparentemente, muito fácil *falar* de futebol; mas é apenas aparentemente fácil falar de futebol: em qualquer parte, há sempre interlocutores interessados em conversar, em comentar os lances do final de semana; os gols históricos; jogadores e times importantes; títulos e taças; a seleção brasileira e a peladinha com os amigos. O papo é quase sempre bom e, invariavelmente, todos têm algo a dizer, ou quase todos. Entretanto, para que eu me refira ao que quase todos dizem, é sempre bom, considerar que o que se tem sempre a dizer quase nunca incorpora a crítica e, na maioria dos dizeres, há repetição de jargões e de lugares comuns. Mesmo assim, reforço a ideia: basta, por outro lado, ouvir o rádio ou ligar a TV, ou ainda acessar os sites de notícias para ter, a um clique, todo o universo do futebol nas mãos. Isso causa a errônea impressão que se tem bastante material para desenvolver a pesquisa e que o tema, além de agradabilíssimo, contém elementos óbvios que permitam a sua investigação, a sua leitura crítica, a sua interpretação. Entretanto, a maioria dessas conversas revela-se, aos olhares mais cuidadosos, exatamente o que elas sempre foram: papo descompromissado — e, repetindo: nem sempre bom —, e, em diversas circunstâncias, ingênuo e desprovido de crítica.

Segundo aspecto: a universidade, de um modo geral, ainda parece acolher muito mal as pesquisas em cujo centro temático está o futebol, apesar de uma positiva e substancial mudança na última década. Excetuando-se as pesquisas iniciadas em departamentos de educação física; pesquisas iniciais na antropologia, sociologia e história; e, no caso da UFMG, os estudos linguísticos dos hinos dos clubes, as outras áreas ainda permanecem tímidas ou pouco convencidas da importância social deste esporte. No âmbito da geografia, uma disciplina já fraturada em suas aparentemente insolúveis contradições, uma pesquisa desta natureza pode, talvez, bem se inserir no interior das rachaduras. Entretanto, ao mesmo tempo, corre-se o risco — enorme, por sinal! — de ser percebido apenas e meramente como mais um assunto, que, tributário de discussões sobre a urbanização ou produção do espaço capitalista que já foram cuidadosamente debatidos, a despeito de sempre merecerem interpretações progressivamente mais abertas e aprofundadas.

Terceiro aspecto: as pesquisas que exaustivamente levantamos, no processo de construção e delimitação desta tese, giravam no mais das vezes em torno da estética do jogo; de uma formação de identidade nacional pelo e através do futebol; da violência das torcidas organizadas. A tentação por buscar esta rota, de certa forma já trilhada e com as migalhas de pão espalhadas pelo caminho, bastando para isso seguir as pistas, foi minha sombra, olhando por cima do ombro, principalmente nas solitárias horas de escrita, quando os obstáculos maiores dificultavam-me olhar à frente. Desejei o fio de Ariadne, que poderia me levar para longe do Minotauro e dos caminhos aparentemente sem saída do labirinto da pesquisa.

Quarto e último aspecto: transformar, através do verbo, da palavra, processos perceptíveis por quase todos em problemas de pesquisa, em questões substancialmente fortes, que justificassem o investimento de tempo, de trabalho e demais recursos, na construção de uma tese de doutoramento, foi uma batalha diária. Busquei o problema de pesquisa e construí minha metodologia: até a minha descoberta de que, tal qual Gonçalo Tavares (2006, p. 11) ensina: “Tu és a metodologia que usas”; e o entendimento que o olho que vê enxerga a si próprio no mundo, porque também tu és mundo, corpo do mundo que vê; e muitos anos precisaram iniciar e se acabar.

Desta forma, com muitas limitações e fragilidades, chegou-se a este fim — que não termina, mas convida a começar — e que, quando terminamos de ler, construímos a sensação de que é preciso mais. A nossa ideia original, de encaminhar uma leitura acerca da formação de lugares e territórios no Brasil, através da formação de centros e periferias na cultura do futebol nacional, parece ter sido acertada e frutífera: pudemos, talvez, trazer novas possibilidades de estudos geográficos, bem como demos um passo para além da mera discussão do futebol enquanto assunto corriqueiro, banalizado por sua dimensão mais visível, expressa em programas esportivos e papel jornal.

O futebol, mais do que outras formas de manifestação cultural, deixou marcas profundas na formação social de nosso país: é quase impossível estar imune a ele, mesmo que não seja do interesse de todos. De prática esportiva de elite, exercitado no mais das vezes por trabalhadores ingleses, de início, nos portos e entrepostos comerciais britânicos, o futebol se transformou em traço distintivo de toda uma nação, formador de identidades, tal qual a língua e a religião. Já se tornou clichê afirmar que o futebol é praticado por

todos: negros, pobres, imigrantes, mulheres, clérigos, ricos, no norte, no sul, por árabes e judeus. Na compreensão dos fatores em que esta identidade foi sendo formada, iniciamos pelo entendimento do futebol no Brasil de início do século XX: da fundação da maioria dos grandes clubes brasileiros, as suas características agregativas, a sua ligação com o lugar.

O falso amadorismo presente até os anos de 1930 — característica existente desde que se disputou a primeira competição — e a inevitabilidade do profissionalismo revelaram também parte de um processo histórico brasileiro, que deixava para trás os marcos da República Velha e buscava uma nova mentalidade e perspectiva para os rumos da nação: se antes a presença do homem negro nos selecionados do País enchia os donos do poder de vergonha, empenhados que já estavam na *purificação* da raça, a partir de meados de 1933 a hipocrisia explícita não poderia mais ser sustentada e o bom jogador negro se transformava em branco — na construção de uma hipocrisia ainda mais poderosa, sutil, quase invisível —, pelos olhos de quem torcia. A rápida popularização do esporte e o surgimento de diversos bons atletas em quaisquer estratos sociais opunham o jogador-sócio do clube ao jogador-empregado do clube. Passamos da negação do direito do negro jogar bola para uma relação semi-escravocrata, onde os jogadores *pertenciam* ao time¹, ao cartola: a infame *lei do passe*, que vigorou em nosso país até fins do século passado.

A transferência do poder político e econômico do nordeste para o sudeste, em especial para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, efetivada no século XIX, ganhava musculatura: tanto o Rio quanto São Paulo já eram centrais em uma jovem república de um país continental, com numerosos pontos de desenvolvimento econômico, espalhados por quase todo o espaço brasileiro, com pouquíssimas ligações entre si. Ainda nas décadas de 1920 e 1930, o sul do Rio Grande do Sul mantinha muito mais relações com os países da Bacia do Prata do que sua própria capital, Porto Alegre. No norte do País, mesmo ainda sofrendo com o fim da era mais pujante da borracha, cidades como Manaus

¹ Entretanto, esta condição ainda poderia ser discutida e aprofundada, pois, quando não é dono do próprio passe, configurando uma situação de ressalva, todos os jogadores são pertencentes a alguém: ao empresário, aos grupos de investimento e, em determinadas circunstâncias, ao próprio clube; mesmo com a extinção da antiga lei do passe.

e Belém mantinham relações de proximidade maior com a Europa do que o centro sul brasileiro. Quase o mesmo caso do Nordeste, em especial algumas cidades exportadoras de cacau e açúcar, das ainda ricas, mas bem menos prósperas regiões de Ilhéus, Salvador e Recife. O centro oeste praticamente inexplorado ainda era um grande desconhecido, tanto das políticas públicas, quanto do capital.

O café do Vale do Paraíba, em especial, mas não só, e a produção do espaço no interior paulista, na abertura de estradas, cidades, os trilhos do trem que chegaram até o sul de Goiás e Mato Grosso irão levar, em décadas posteriores, a atividade mercantil para o interior dos sertões. O fim da República Velha, mas não de seus oligarcas, que passaram a buscar novas possibilidades de realização do capital acumulado nas exportações do café, deixou, a nosso ver, o caminho aberto para a Locomotiva do Progresso, da inovação tecnológica, da modernidade, enfim. A busca empreendida pelo capital, já iniciada com a substituição das importações no período da 2ª Guerra, para a criação de um grande mercado nacional consumidor, enxergou no rádio o parceiro ideal para os seus propósitos junto a uma população majoritariamente rural e iletrada, nos quatro cantos do país.

Mas ainda havia a necessidade de se criar uma nação, um traço distintivo que pudesse unir a todos nós: os grandes debates das décadas de 1930, de 1940 e talvez até os anos de 1960, giravam em torno do homem brasileiro, de suas características próprias e singulares, se é que elas existissem. O *jeito mulato* (se é que se pode assim se referir a toda uma gente), duramente criticado pelos donos da seleção nacional em seus primeiros anos, transmutado num futebol gingado, envolvente, praticado nas ruas, nos becos, no *jeito acapoeirado*, no dizer de Gilberto Freyre, impõe-se na mesma medida em que se tornava impossível competir e vencer sem eles. O Brasil dos anos de 1940 em diante já podia ser alcançado pelo mercado: o rádio foi o instrumento e as propagandas o meio pelo qual se atingiu o coração do país. Mas o caboclo precisava ser domado, o Jeca Tatu precisava comprar botas e o sertão colonizado: o poder estava no centro, as empresas de rádio estavam no centro e as características que passariam a ser definidoras do gosto homogeneizado levavam em consideração o modelo de Brasil que começava na Rua Oscar Freire e terminava na Av. Nossa Sra. de Copacabana. Fora destes limites, tudo o mais era o resto, ou, em nossa concepção, eram periferias que, quase invariavelmente, eram forjadas pela própria ideologia de construção do que se torna centro.

Os programas de rádio e, obviamente, as transmissões das partidas de futebol (e, mais ainda, o gosto pelo futebol do Rio) para todo o Brasil iniciaram o processo de integração nacional. Isso se deu muito antes das conhecidas migrações NE-SE, rural-urbano. Por sua vez, a Copa do Mundo de 1950 servirá, em grande medida, para marcar a capacidade do brasileiro em ser protagonista no mundo moderno, mesmo que fosse apenas através do futebol. O Brasil perderia bem mais do que a final para o Uruguai no Maracanã, já que novamente entrou em cena a famigerada discussão sobre a fraqueza da *raça* brasileira: ante o capitão uruguaio que brigou, xingou e incentivou seus companheiros, os jogadores brasileiros, negros e mulatos, murcharam e um dos maiores goleiros da história do Vasco da Gama, Barbosa, carregou o fardo da culpa pelo gol de Giggia enquanto viveu.

O brilhante Botafogo/RJ de Garrincha e Nilton Santos, nos anos de 1950 e o fantástico Santos/SP de Pelé e Coutinho nos anos de 1960 redimiriam, talvez, a *raça* brasileira², já que se tornaram a base das seleções brasileiras campeãs mundiais de 1958 e 1962. E, mais do que nunca, a primazia do centro forjado sobre as periferias se fortalecia, assim como a rivalidade entre Rio e São Paulo pelo poder na Seleção e na CBD. Tudo isso contextualiza a condução e a criação do Torneio Rio/São Paulo em 1950 e a Taça Brasil em 1959³. Todavia, outros clubes já se aventuravam fora do país, como o Vasco/RJ em 1949 em um torneio sul americano, o Flamengo-RJ e até mesmo clubes exteriores ao eixo Rio/São Paulo, como o Atlético-MG, no início da década de 1950, pela Europa.

A televisão, surgida nos anos de 1950, mas fortalecida a partir de meados de 1965, ajuda a localizar o poder do futebol no Rio e em São Paulo e a cristalizá-lo, como centro, nos anos e décadas subsequentes, na cultura do futebol brasileiro. Com a sua absurda força de iludir e de transformar tudo em um espetáculo, pronto para o consumo, o futebol e os clubes, mais do que nunca, se transformaram em mercadorias. A televisão elegeu os clubes do eixo Rio/São Paulo como aqueles capazes de se transmutar de clubes do lugar

² Para que retomemos, novamente, a famigerada discussão acerca da fraqueza da denominada “raça brasileira”.

³ Um dos primeiros Campeonatos Brasileiros de Clubes ocorreu em 1937, ainda sob os auspícios da FBF, mas não teve continuidade, principalmente em virtude do momento beligerante vivido pelo futebol profissional do Rio e de São Paulo e nas disputas pelo poder entre as entidades CBD e FBF. Em 1938, através de um acordo, a CBD incorporou a FBF e selou, por um tempo, a paz no futebol profissional do Brasil.

para clubes nacionais, até mesmo de alcance internacional.⁴ É perfeitamente compreensível — ainda que inaceitável — que tenha sido assim e que, na contemporaneidade, tudo continue relativamente como sempre foi, a despeito das fortíssimas resistências mais presentes na atualidade. Afinal, a localização das matrizes de disseminação ideológica está sobreposta espacialmente aos territórios dos referidos clubes: de Rio e de São Paulo. A ideologia presente na programação da TV, ainda que camuflada, sugere mesmo a unificação de ideias e a pasteurização de hábitos e costumes.

[...] suspeito muito do uso que se faz em grande escala da televisão, na medida em que creio que em grande parte das formas em que se apresenta, ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores (ADORNO, 1963)⁵.

É sob esta perspectiva que afirmamos que o centro foi o gerador de suas periferias, na medida em que naturaliza artificialmente um processo social, no qual os meios de comunicação, em especial a TV, têm destacado papel: é através dela que alguns clubes se tornaram o que aparentemente são: entidades nacionais, aparentemente, em determinadas circunstâncias, fora de lugar. Se as múltiplas possíveis razões para *torcer* por um clube são difíceis de rastrear, é fato que uma relação de pertencimento, mediada pelo lugar de origem (do clube e do cidadão que torce) é uma das mais contundentes. Entretanto, sobre tal contundência é preciso sublinhar algumas particularidades que podem escapar das avaliações menos cuidadosas e, aqui, podem ser incluídas, inclusive, as próprias estatísticas envolvendo as dimensões demográficas de uma torcida de futebol.

Na medida em que se pasteurizam os gostos e se define qual é o padrão de beleza, de progresso, de bem estar, de sucesso (que, como não poderia deixar de ser, baseia-se no

⁴ Entretanto, acredito que esta escolha deu-se também por razões mercadológicas. Ao se considerar a lógica de mercado, há que se supor que as empresas e corporações não são brasileiras ou norte americanas, não torcem para o Flamengo ou o Bayern München. Elas trabalham para si mesmas e todas as suas escolhas são efetuadas de maneira pragmática, numa racionalidade meramente de mercado, com o propósito de aproveitar as janelas de oportunidade. Neste caso em particular, optou-se pelos times existentes nas suas próprias cidades-sede: times esses que já contavam com expressiva preferência local e que puderam ser conhecidos em outras praças, em momentos anteriores, através do jornal e do rádio que, do próprio centro mercadológico, disseminaram a ideologia do centro. É fato, por exemplo, que até mesmo o América/RJ e o Bangu/RJ, times que hoje perderam muito de seu brilho, eram bastante conhecidos fora do Rio de Janeiro, o mesmo podendo ser dito para a Portuguesa de Desportos e o Juventus, em São Paulo.

⁵ Disponível em: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno11.htm>.

consumo) as razões tornam-se outras, menos palpáveis e menos pautadas em pertencimentos como o lugar: simpatiza-se com um determinado clube, mesmo sem nunca vê-lo jogar ao vivo, sem conhecer sua história, seus mais caros símbolos, sem saber se, de fato, eles significam algo para aquele que diz torcer. Estes clubes estão fora de lugar porque se tornaram produtos de mídia, empacotados e envelopados para presente: tudo gira em torno deles, os telejornais, os programas, as novelas. Em torno de seus atletas, todo um mundo mercantil avassalador; e assiste-se aos jogos bebendo a cerveja do patrocinador, no sistema *pay per view*: todos assim podemos fazer parte da grande festa, de se sentir parte de alguma coisa maior do que nós mesmos.

Torcer pelo clube da minha rua, da minha cidade: nos tempos da extremada competição como regra, resta evidente que as escolhas dos torcedores recairão sobre os times mais vencedores: mais do que isso, identificar-se com aquele que não vence é sinônimo de perdedor, de sofredor, de cabeça baixa. Isso que se diz aqui, entretanto, valerá mais para os territórios do País mais afastados do eixo produtor da ideologia que se dissemina, não apenas do ponto de vista espacial, mas, sobretudo, do ponto de vista de suas capacidades de produção de suas próprias ideologias. Assim, não será incomum, a milhares de quilômetros de Rio ou de São Paulo, encontrar milhões de sujeitos que desprezam os clubes dos lugares onde vivem e se identificam com os clubes dos centros disseminadores da ideia mais poderosa que, de forma subliminar, é propagada em todos os sentidos: “torça pelo Flamengo, Corinthians, Santos, Fluminense, Palmeiras, São Paulo, Vasco, Botafogo”; ou, em outros termos, “seja um vencedor”.

O que não se explica — e é evidente que não se pode explicar! — é que as competições são forjadas para servirem a um determinado propósito e que se fabricam os times campeões, dentro e fora de campo: uma representação de mundo mediada pela mídia, o espetáculo enfim, das competições que se sucedem, com a enorme vantagem de serem repetidas, ano após ano, a exaustão, renovando-se as rivalidades e realimentando as esperanças de vencer *desta vez*.

No espetáculo, uma parte do mundo se representa diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível

com o próprio centro que os mantêm isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado (DEBORD, 1997, p. 23).

Os clubes dos lugares e territórios que não os do eixo Rio/São Paulo põem à mostra as ideologias e as farsas; e isso se dá, vez por outra, quando eles alcançam o posto mais alto desta ou daquela competição. Mas o atingem, na maioria das vezes, no vácuo de entressafas de formação de grandes times do centro ou de más administrações que culminam em péssimas campanhas, sob risco de rebaixamento para divisões inferiores. Nestes casos, as operações extracampo tornam-se mais urgentes para salvaguardar os interesses dos patrocinadores, que não podem perder visibilidade com a queda de seus favoritos: a conquista do título torna-se secundária e as energias concentram-se nos arranjos para a permanência de determinado time nas principais competições. É curioso, inclusive, observar com bastante clareza que os *dramas* dos times do centro para escaparem de situações adversas ganham muito mais destaque na programação do que a conquista do título por parte de um clube tomado como menos importante. Assim, criam-se novas características para os torcedores, que *acreditam, não desistem* e torcem por times de *guerreiros*, que por sua vez são incorporadas no imaginário coletivo, já que amplamente difundidas Brasil afora, por horas e horas de programação esportiva⁶.

Mas as conquistas dos clubes fora de Rio e de São Paulo são sempre mais difíceis se a situação de entressafa descrita acima não acontece: as decisões dos árbitros em campo (quando não convenientemente seduzidos antes do próprio jogo), naquele átimo de segundo, entre marcar ou não marcar o pênalti, assinalar ou não o impedimento, são feitas sob a pressão invisível do olho eletrônico da TV. O ser parcial que se deseja imparcial (mais uma vítima desse espetáculo) julga e decide num instante, sem chance do replay ou do melhor ângulo da câmera: as suas escolhas são verdadeiramente sábias, pois ele tem ciência de que o erro a favor do Flamengo é sempre menor do que um erro contra. Ele compreende que o Corinthians precisa da vitória no Pacaembu e já se imagina sendo absolvido nos tribunais das mesas redondas dos programas esportivos de domingo à

⁶ São vários os exemplos que podem ser tomados como referência para o debate. Mais recentemente, entretanto, os casos de Vasco da Gama, Palmeiras, Corinthians tornaram-se emblemáticos. Mais importância se deu à luta desses clubes contra o rebaixamento — que se consumou — do que propriamente à luta pelo título de campeão.

noite. Todavia, ao errar contra, mesmo um erro que todos cometeriam em condições equivalentes ou idênticas pode significar o fim da carreira, o afastamento, a associação do seu nome com a infâmia, já que estes mesmos tribunais o condenarão sumariamente.

Não é teoria da conspiração, não se trata de complô e muito menos de se culpar os juízes. O que fizemos foi dar a compreender que o mesmo processo social que criou o centro e transformou o restante em sub centros ou periferias, tanto do ponto de vista da produção do espaço mercantil brasileiro, quanto do ponto de vista do futebol, seqüestrou há muito tempo esse esporte e tudo o que gira em torno dele foi transformado em um espetáculo. Além do mais, há um exercício de poder pelo centro que se transforma em força, em imposição que, se não impossibilita o sucesso das periferias, ao menos as atrasa, deprime, para que assim permaneçam, como tributárias, afluentes do centro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Televisão e formação*, 1963. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno11.htm>>. Acesso em : 29 jan. 2005.

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AGUIAR, Ronaldo C. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ALMEIDA, A. D.; MICELLI, M. *Rádio e futebol: gritos de gol de Norte a Sul*. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. Disponível em: <<http://www.locutor.info/Biblioteca/Futebol%20e%20Locutores.doc>>. Acesso em: 02 de abr. 2012.

ANDERSON, Chris.; SALLY, David. *Os números do jogo: por que tudo o que você sabe sobre futebol está errado*. São Paulo: Paralela, 2013.

ANJOS, José L. O “popular” no futebol do interior de São Paulo. *Revista Conexões – FEF/UNICAMP*, Campinas, v. 2, n. 2., 2004, p. 60-74.

ANTUNES, Fátima M. R. F. *Com o brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.

ARCHETTI, Eduardo P. El potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, jul./dez. 2008.

AZEVEDO, Lia C. D. A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960). *Revista Ciência & Opinião*, Curitiba, v. 1, p. 69-76, dez. 2004.

BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. *Televisão brasileira: uma (re)visão*. *Revista de História e Estudos Culturais*, Curitiba, ano IV, v. 4, n. 2, 2007.

BARBOSA, Marialva Carlos. *Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil*. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-35.

BARRETO, Plínio; BARRETO, Luiz Otávio T. *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*. Belo Horizonte [s.n.], 2000.

- BECKER, Bertha. Modernidade e gestão do território no Brasil: da integração nacional à integração competitiva. *Espaço & Debates*, São Paulo, n. 32, p. 47-56, 1991.
- BRANDÃO, C.; LINS, F.; MAIA, A. Itacolomi: uma TV para Minas Gerais. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2011, p. 877-893.
- BRANDÃO, Cristina. As primeiras produções teleficcionais. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 37-55.
- BRAUNE, Bia; RIXA. *Almanaque da TV*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CANO, W. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930-1970*. São Paulo: Global; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1985.
- CANO, Wilson. *Soberania e política econômica na América Latina*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.
- CASTRO, A. B. de. *7 ensaios sobre a economia brasileira*. 3. ed. 2 v. Rio de Janeiro: Forense, 1977.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2012 [1992].
- CLARK, Walter. *O campeão de audiência*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, n. 2, v. 22, p. 59-61, maio/ago. 2012.
- CREPALDI, Daniel D. *A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 1940*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOUGAN, Andy. *Futebol & guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FELIPE, José Mauriene Araújo. *EMBRATEL, história e cultura: efeitos da política nacional de telecomunicações no desenvolvimento socioeconômico do Espírito Santo (1980-1989)*. Dissertação (Mestrado) - CCHN, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30. *Revista Lecturas: Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 3, n. 10, Maio 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/anos30.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2012.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GALUPPO, Ricardo. *Raça e amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*. São Paulo: DBA, 2003.

GASPAR, Lúcia. *Futebol em Pernambuco*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 01 dez. 2013.

GIESBRECHT, Alexandre. São Paulo: *campeão brasileiro 1977*. São Paulo [s.n.], 2012. [Texto em PDF.]

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GONÇALVES, J. M.; SILVA, A. B. O futebol na geografia: a difusão socioespacial do futebol em Goiânia. *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 31, n. 01., jan./jun. 2011, p. 165-172.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 453-480.

GURGUEIRA, Fernando L. *Integração nacional pelas ondas: o rádio no Estado Novo*. São Paulo: Hucitec, 2009.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. A escrita com os pés. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, n. 2, v. 22, p. 45-57, maio/ago. 2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Roberto Sanchez. *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 36-84.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JENNINGS, Andrew. *Tarjeta roja: el libro secreto de la FIFA: sobornos, manipulación de votos y escándalos con las entradas*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 2006.

KFOURI, Juca. *Por que não desisto: futebol, dinheiro e política*. Barueri: DISAL, 2009.

KLEIN, Marco Aurélio; AUDININO, Sérgio Alfredo. *O almanaque do futebol brasileiro*. São Paulo: Escala, 1996.

KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, televisão e história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KORNIS, Mônica Almeida. Ficção televisiva e identidade nacional: o caso da Rede Globo. In: CAPELATO, M. H. et al. (Org.) *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual*. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2011, p. 97-114.

KOWALSKI, Marizabel. *Por que Flamengo?* Rio de Janeiro: Gama Filho, 2003. Tese de Doutorado.

LIMA, Jairo Anatólio. *Estádio Independência*. Belo Horizonte: Conceito, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. *Narrativas televisivas e identidade nacional: o caso da telenovela brasileira*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador – BA. 2002.

LOREDO, João. *Era uma vez... a televisão*. São Paulo: Alegro, 2000.

MADRIGAL, Daniel Baptista. *Futebol narrado no rádio e na televisão: as vozes da paixão brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Revista Digital FDE Esportes*, Buenos Aires, out. 2000.

MASCARENHAS, Gilmar. Futebol e desenvolvimento econômico no RS. *Atlas do esporte no Brasil*, [s.d.]. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4013507.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira – 40 anos de história: 1950-1990*. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda. Capítulo Bahia: A Tarde, 1990.
- MELO, Victor Andrade de. Quando as paixões se encontram: o futebol em Irmãos Coragem (Janete Clair, 1970/1971). *Revista de Educação Física da UEM*, v. 23, n. 4, 2012.
- MYRDAL, G. *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro: Saga, 1965.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PEREIRA, L. C. B. *Desenvolvimento e crise no Brasil: 1930-1983*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRODANOV, Cleber C; MOSER, Vinicius. Estado Novo e futebol: a região italiana do Rio Grande do Sul. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 14, n. 140, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd140/futebol-a-regiao-italiana-do-rio-grande-do-sul.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2013.
- RIBEIRO, Ana Paula G.; SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 109-135.
- RIBEIRO, Raphael R. *A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ROCHA JÚNIOR, C. P.; ESPÍRITO SANTO, F. R. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 79-95, jul./set. 2011.
- RODRIGUES, Ernesto. *Jogo duro: a história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. *Revista Argumento*, Rio de Janeiro, p. 62-63, 1973.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe: com aquarelas do autor*. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2008 [1946].

- SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na república brasileira. In: NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 289-365.
- SANTIAGO Jr., José R. S. *Os arquivos dos campeonatos brasileiros*. São Paulo: Panda Books, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina / Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2009. p. 23-71.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-821.
- SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SANTOS, Nilton. *Minha bola, minha vida*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- SAROLDI, Luiz C; MOREIRA, Sônia V. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SAVENHAGO, Igor José Siquieri. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. *Revista Verso e Reverso*, v. XXV, n. 58, 2011, p. 22-31.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole*. Tese (Livre-docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 513-619.
- SHERMAN, A. *A história do futebol carioca*. Rio de Janeiro: Stúdio Alfa, 1958.
- SILVA, Daniela Alves. *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha: uma vida em jogo*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2007.

SUZIGAN, W. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

THÉRY, Hervé. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. *Revista Mercator*, Fortaleza, ano 5, n. 9, 2006.

WISNIKI, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JORNAIS

CORREIO DA MANHÃ, p. 11, 08 jan. 1937.

CORREIO PAULISTANO, p. 10, 07 jan. 1937.

FOLHA DE SÃO PAULO, p. 23, 21 fev. 1978.

FOLHA DE SÃO PAULO, p. 34, 28 fev. 1978.

FOLHA DE SÃO PAULO, p. 18, 02 jun. 1980.

JORNAL DO BRASIL, p. 25, 04 set. 1987.

O ESTADO DE SÃO PAULO, p. 14, 26 set. 1986.

O ESTADO DE SÃO PAULO, p. 20, 21 out. 1986.

O ESTADO DE SÃO PAULO, p. 14, 14 jul. 1987.

REVISTAS

PLACAR. *A máfia da Loteria Esportiva*, p. 19-30, 22 out. 1982.

PLACAR. *Cartão vermelho*, p. 80-86, 01 jun. 1997.

PLACAR. *Paulista não é brasileiro?* p. 03-04, 01 jul. 1970.

PLACAR ESPECIAL. *Guia do Brasileirão – 2003*. São Paulo: Abril Cultural, março de 2003.

REVISTA DO BRASIL. *A espinha ereta do guerrilheiro*, p. 22-25, 01 jul. 2008.

VEJA. *A força nas redes*, p. 103-104, 31 out. 1973.

VEJA. *Jogo sujo*, p. 72-80, 28 set. 2005.

VEJA. *Metade homem, metade TV*, p. 56-62, 24 mar. 1971.

VEJA. *Não acredito que haja o mal absoluto*, p. 29, 08 mar. 2000.

VEJA. *No fim do abecedário*, p. 79-82, 15 mar. 1978.

VEJA. *O julgamento sumário*, p. 46-48, 29 dez. 1971.

VEJA. *O rei faz seu protesto*, p. 03-06, 11 jun. 1980.

SITES E BLOGS

<<http://acervo.folha.com.br>>.

<<http://blog.chicomaia.com.br/2012/03/29/as-semelhancas-e-diferencas-entre-o-atual-e-o-ex-comandante-do-nosso-futebol/>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

<<http://blog.chicomaia.com.br/2014/06/13/a-resistencia-da-fifa-em-tornar-o-futebol-maisjusto/>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

<<http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2008/03/28/os-times-beneficiados-pelas-viradas-de-mesa/>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

<<http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2008/07/15/o-fluminense-e-as-decisoes-extra-campo/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

<<http://blogdojuca.uol.com.br/2009/04/os-85-anos-da-resposta-historica/>>. Acesso em: 08 abr. 2009.

<<http://blogdojuca.uol.com.br/2009/10/veja-so/>>. Acesso em: 28 out. 2009.

<<http://blogdojuca.uol.com.br/2011/05/a-mancada-de-andres-sanchez/#comments>>. Acesso em: 18 maio 2011.

<<http://blogdojuca.uol.com.br/2011/08/uma-entrevista-explosiva/>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

<<http://blogdojuca.uol.com.br/2013/03/flamengo-um-conflito-de-interesses-que-merceexplicacao/>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<<http://blogdojuca.uol.com.br/2013/12/artigo-que-condenou-a-lusa-e-ilegal/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

<<http://blogdopaulinho.wordpress.com/2013/12/16/o-maior-caso-de-virada-de-mesa-dofutebol-brasileiro-19861987/>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

<<http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br/blog/2012/10/09/clube-atletico-mineiro-o-timemais-operado-do-futebol-do-mundo-cariocas-do-stjd-do-flu-e-do-fla-armam-de-novocontra-o-galo/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

<<http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br/blog/2013/05/20/qual-o-maior-escandalo-de-arbitragem-do-futebol-brasileiro-santos-x-portuguesa-em-1973-vasco-x-cruzeiro-em-1974-flamengo-x-atletico-mg-em-1981-santos-x-botafogo-em-1995-corinthians-x-internac/>>. Acesso em: 20 maio 2013.

<<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/juca-kfouri/JUCA-KFOURI.htm>>. Acesso em: 10 set. 2009.

<<http://chancedegol.uol.com.br/gigantes.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

<<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/11/05/ex-presidente-do-cruzeiro-e-outros-senadores-derrubam-cpi-da-cbf.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2013.

<<http://diplo.uol.com.br/2008-03,a2291>>. Acesso em: 8 mar. 2008.

<http://espn.uol.com.br/fotos/331890_top-10-espn-as-maiores-transferencias-dejogadores-brasileiros-para-o-futebol-europeu>. Acesso em: 17 jun. 2014.

<http://espn.uol.com.br/noticia/396324_grupo-de-elite-vai-investigar-elo-entre-fraudeem-banco-e-caso-lusa>. Acesso em: 14 mar. 2014.

<<http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/aposentado-e-com-um-pe-na-bandeirantessimon-admite-no-brasil-nao-querem-que-os-arbitros-sejam-profissionaisindependentes-08122010/>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

<<http://esportes.terra.com.br/fluminense/em-2010-stjd-adotou-posturas-diferentessobre-casos-de-suspensao,6626401d0bfd2410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

<<http://esportes.terra.com.br/futebol/corrupcaonofutebol/interna/0,,OI692247-EI5477,00.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

<<http://esporte.uol.com.br/futebol/brasileiro2000/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimasnoticias/2012/10/10/punicao-a-ronaldinho-aquece-debate-sobre-limites-da-tuacao-dostjd-anaf-ve-interferencia.htm>>. Acesso em: 11 out. 2012.

<<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/09/27/ult59u96568.jhtm>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

<<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/11/20/ult59u97902.jhtm>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

<<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/09/24/ult59u131531.jhtm>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

<<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/04/07/ha-20-anos-palmeiras-acertavaacordo-de-co-gestao-com-parmalat-que-o-tiraria-da-fila.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

<<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/08/torcedor-que-processou-cbf-por-erro-de-arbitragem-tem-recurso-negado.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

<<http://extra.globo.com/esporte/brasileiro/ate-29-rodada-do-brasileiro-resultados-de-42-jogos-foram-alterados-por-erros-de-arbitragem-6410652.html>>. Acesso em: 16 out. 2012.

<<http://ftt-futboldetodosostempos.blogspot.com/2010/09/o-craque-disse-e-eu-anotei-palhinha.html>>. Acesso em: 19 dez. 2011.

<<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Fluminense/0,,MUL363148-4284,00.html>>. Acesso em: 18 maio 2008.

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2012/08/veja-ancespolemicos-que-levaram-troca-de-comando-na-arbitragem.html>>. Acesso em: 30 maio 2014.

<<http://m.globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2012/10/presidentedo-stjd-diz-que-relator-que-suspendeu-ronaldinho-foi-infantil.html>>. Acesso em: 4 set. 2012.

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/eurozona/platb/2013/06/05/athletic-bilbao-iribar-e-a-tradicao-no-futebol/>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2012/06/presidente-do-galo-diz-que-ronaldinho-tem-grande-oportunidade.html>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

- <<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2010/12/15/por-que-reescrever-a-historia/comment-page-32/#comments>>. Acesso em: 16 dez. 2010.
- <<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/06/25/superclubes-o-brasil-pode-vir-a-ter-um-parte-ii/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.
- <<http://globo.com/brasileirao/v/melhores-momentos-atletico-mg-1-x-1-flamengo-pela-33a-rodada-do-brasileirao-2012/2219112/>>. Acesso em: 9 de jun. 2014.
- <<http://globo.com/rede-globo/globo-esporte-mg/t/edicoes/v/marcio-rezende-freitas-comenta-as-polemicas-de-atletico-mg-x-flamengo/2160237/>>. Acesso em: 20 out. 2012.
- <<http://inforum.insite.com.br/aboloteca-loteria-esportiva/3141051.html>>. Acesso em: 23 jun. 2009.
- <<http://jornalggn.com.br/noticia/a-eleicao-direta-para-presidente-no-esporte-clubes-bahia>>. Acesso em: 24 set. 2013.
- <<http://oglobo.globo.com/rio/tombamento-de-sede-livra-america-de-despejo-5497353#ixzz214ThM64C>>. Acesso em: 19 jul. 2012.
- <<http://placar.abril.com.br/brasileiro/atletico-mg/reinaldo/entrevistas/sem-meias-palavras-reinaldo-revela-magoa-o-atletico-so-me-explorou.html>>. Acesso em: 9 out. 2012.
- <<http://placar.abril.com.br/estaduais/paulistao/corinthians/materias/a-volta-de-um-velho-fantasma.html>>. Acesso em: 17 mar. 2011.
- <<http://placar.abril.com.br/brasileiro/materias/no-ar-a-guerra-pelo-esporte.html>>. Acesso em: 17 mar. 2011.
- <<http://placar.abril.com.br/brasileiro/santa-cruz/materias/copa-uniao-viva-o-futebol.html>>. Acesso em: 23 mar. 2011.
- <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-15/carta-da-inglaterra/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma>>. Acesso em: 9 fev. 2013.
- <<http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2014/07/valcke-admite-ser-impossivel-acabar-com-manipulacao-de-resultados.html>>. Acesso em: 3 jul. 2014.
- <<http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2013/12/em-2010-procurador-do-stjd-teve-opiniao-diferente-sobre-irregularidade.html>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

- <<http://universidadedofutebol.com.br/2011/03/1,14967,ANALFABETISMO+FUNCIONAL+A+ATUACAO+DA+CBF+NA+DISPUTA+JUDICIAL+DA+MAFIA+DO+APITO+E+A+RELACAO+DA+ENTIDA.aspx?p=2>>. Acesso em: 16 mar. 2011.
- <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.
- <<http://vejasp.abril.com.br/materia/corinthians-como-tudo-comecou>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- <<http://wap.noticias.uol.com.br/midiaglobal/derspiegel/2008/04/12/como-um-time-de-futebol-basco-esta-resistindo-a-globalizacao.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2008.
- <<http://wp.clicrbs.com.br/boladividida/2012/07/12/arbitros-erram-nas-duas-finais-e-palmeiras-e-campeao/>>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- <http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_parana.html>. Acesso em: 01 dez. 2013.
- <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-outono-de-joao-havelange-o-homem-que-negociou-o-futebol/>>. Acesso em: 6 dez. 2011.
- <http://www.conjur.com.br/2008-mar-31/cbf_clubes_sao_condenados_virada_mesa_1996>. Acesso em: 19 jun. 2014.
- <<http://www.conjur.com.br/2014-jan-16/senso-incomum-regulamento-cbf-ta-la-corpoestendido-chao>>. Acesso em: 17 jan. 2014.
- <<http://www.correiocidadania.com.br/content/view/3656/172/>>. Acesso em: 22 mar. 2011.
- <http://www.espn.com.br/post/376182_pelo-bem-da-verdade-podemos-apontarcontradicao-de-schmidt-mas-tarta-nao-jogou-suspenso-em-2010>. Acesso em: 13 dez. 2013.
- <http://www.lancenet.com.br/futebol-general/Gutemberg-Paula-denuncia-corrupcao-arbitragem_0_622737833.html>. Acesso em: 6 jan. 2012.
- <<http://www.leianoticias.com.br/noticias/index.php/noticias/esporte/10751-punicao-aronaldinho-gaucho-coloca-stjd-sob-suspeita>>. Acesso em: 4 set. 2012.
- <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/1043>>. Acesso em: 26 jun. 2012.
- <http://www.mg.superesportes.com.br/app/19,79/2012/05/08/noticia_brasiliense,31480/brasiliense-completa-10-anos-da-final-da-copa-do-brasil-2002.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2013.

<http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2011/12/19/noticia_atletico_mg,204689/diagnostico-dos-vices-desfalques-importantes-arbitragem-e-incertezas.shtml>. Acesso em: 19 dez. 2011.

<http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atleticomg/2012/08/01/noticia_atletico_mg,224218/cuca-desaprova-adiamento-de-jogo-eestranha-agradecimento-do-flamengo.shtml>. Acesso em: 02 ago. 2012.

<http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atleticomg/2012/09/04/noticia_atletico_mg,227835/apesar-de-adiamento-engenhao-teve-poucodescanso-antes-de-flamengo-x-galo.shtml>. Acesso em: 04 set. 2012.

<<http://www.otempo.com.br/superfc/futebol/relembre-as-viradas-de-mesa-quebeneficiaram-o-fluminense-1.761861>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

<<http://www.placarreal.com.br/index2012.asp>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-televisao/historia-da-televisao-no-brasil-9.php>>. Acesso em: 6 ago. 2013.

<http://www.superesportes.com.br/app/1,9/2014/06/17/noticia_atletico_mg,286765/video-zicofala-da-rivalidade-entre-galo-e-fla.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2014.

<http://www.willians.pro.br/frequencia/cap3_mo.htm>. Acesso em: 6 ago. 2013.

<http://www.youtube.com/watch?v=3FRg-X_J3Ps>. Acesso em: 10 ago. 2012.

<<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/883304-em-comunicado-record-responde-globo-e-elogia-formato-do-c13.shtml>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u30845.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u30822.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u459031.shtml>>. Acesso em: 22 out. 2008.

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/9/03/esporte/3.html>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/19939-gutemberg-mostra-internet-como-prova.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1901200109.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2502201107.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0406200607.htm>>. Acesso em: 30 set. 2013.

<http://www.youtube.com/watch?v=3FRg-X_J3Ps>. Acesso em: 10 ago. 2012.

<<http://www.youtube.com/watch?v=UUqWslpJGU#t=357>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

<<http://www.youtube.com/watch?v=vNwfrmugTv0>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

<<https://www.youtube.com/watch?v=0Gj3yNeDrAQ>>. Acesso em: 29 out. 2012.

<<https://www.youtube.com/watch?v=CabX30GYul0>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

<https://www.youtube.com/watch?v=FDCDLhmG_dM>. Acesso em: 15 abr. 2014.

<https://www.youtube.com/watch?v=FDCDLhmG_dM>. Acesso em: 15 abr. 2014.

<<https://www.youtube.com/watch?v=nVETYCRPwIs>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

<<https://www.youtube.com/watch?v=o7w1SpLkur4>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

<<https://www.youtube.com/watch?v=yFbx65JHkVw>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

DISCO

LP "Galo: Canto de amor mais alto", BEMOL. Ano provável: 1969. Cópia em Arquivo digital.